

Marília Ignatius Nogueira Carneiro



O capital cultural na interpretação de imagens por adultos surdos

MARÍLIA IGNATIUS NOGUEIRA CARNEIRO

O capital cultural na interpretação de imagens por adultos surdos

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

Araraquara-SP

2021

C289c Carneiro, Marília Ignatius Nogueira
O capital cultural na interpretação de imagens por adultos surdos / Marília Ignatius Nogueira Carneiro.
-- Araraquara, 2021
312 p. : il., tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Luci Regina Muzzeti

1. Surdez.. 2. Experiência Visual.. 3. Capital Cultural.. 4. Bourdieu. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Marília Ignatius Nogueira Carneiro

O capital cultural na interpretação de imagens por adultos surdos

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti

Data de Defesa: 20/12/2021

Membros componentes da Banca Examinadora

Presidente e orientador: Dra. LUCI REGINA MUZZETI (UNESP)

Membro Titular: Dr. RICARDO ERNANI SANDER (UTFPR)

Membro Titular: Dra. MARIA FERNANDA CELLI DE OLIVEIRA (UAB/UNESP)

Membro Titular: Dra. LUZIA MARTA BELINI (UEM)

Membro Titular: Dr. DARBI MASSON SUFICIER (UFMS)

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Antes de começar os meus agradecimentos, quero deixar claro que muitas pessoas não aparecem, porque são muitas que colaboraram para eu chegar até aqui. Mas, todas estão no meu coração e na minha mente. Vou falar sobre algumas, que representam todas as que foram e são importantes na minha vida.

Escrevo sobre minha mãe. Agradeço à minha mãe por me ajudar sempre, por apoiar a construção do meu futuro. Ela nunca me viu pelas minhas dificuldades como surda. Nunca achou que não escutar podia ser “desculpa” para “ficar parada” e sim, sempre incentivou a lutar, ter forças para realizar e almejar meu futuro e construir a minha carreira profissional.

Agilizei aqui, procurei fazer bem rápido porque meus pais ainda estão vivos e sempre sonhei que eles pudessem me ver no palco na defesa do doutorado. Obviamente quero junto meus amigos, cunhados, irmãos, sobrinhos e meu marido também, mas neste caso, meus pais são prioridades para mim, porque sonharam junto comigo.

Meus irmãos Raul, Lucas e Vitor são significativos para mim, quero eles também lá. Espero que os meus sobrinhos Gabriel, Jorge, Daniel, Laura, Guilherme e Theo sigam os exemplos de seus pais e avós, mas também o meu exemplo. Não desanimar nunca. Mesmo quando as coisas parecem muito difíceis. Como diz o Théo: um, dois, três e JÁ!. Vamos lutar.

À Beatriz, irmã surda trigêmea, você sempre esteve e continua ao meu lado. Que bom ter você. Com você aprendi a conversar em Libras, nossa língua pura, tivemos interação natural e a convivência com você são como “ouro” para mim. Tivemos e temos discussões, brigas, como todas as irmãs, mas esses problemas se tornaram experiências para nós.

Ao meu marido Marcelo, companheiro também de luta pelos direitos dos surdos, surdo como eu, alegre, simples e que sempre teve muito orgulho de mim. O seu amor dedicado e incondicional por mim me deu segurança para lutar, para ir em frente. Não tenho como agradecer a você, só posso amar você igual você

me ama. Pensando como formados em gastronomia, que nós dois estudamos juntos, os ingredientes e o modo de preparo dentro de você são completos para mim, suprem todas minhas necessidades, porque você faz tudo para me ajudar no que precisei desde que estamos juntos e continuo precisando.

Meus sogros Juçara e Rui, vocês são excelentes. Me acolheram com tanto amor que até dei o apelido carinhoso de “Estrela” para Juçara. À sobrinha Eliza, você está crescendo e nos alegrando sempre. Vocês também são minha família. É verdade, eu sou uma Ignatius Nogueira, mas eu também sou Meister Carneiro!

Agradeço aos tios Zezito e Aninha pela hospitalidade e carinho, quando eu viajava semanalmente para concluir os créditos de disciplinas obrigatórias na UNESP- Araraquara e ficava hospedada na casa deles em São Carlos.

À minha orientadora Luci, não tenho como agradecer por aceitar o desafio de me orientar, mesmo sem nunca ter tido nenhuma experiência com alguém surdo. Agora você faz parte da comunidade surda, o meu povo surdo está precisando mais de pesquisas científicas, projetos e investigações para a educação surda. Espero que você se anime e continue a orientar e desenvolver outros trabalhos com e para os surdos.

À minha orientadora do mestrado, Tânia. Aprendi muito com você. Aprendi o que é pesquisar, como é escrever textos acadêmicos. Se hoje estou escrevendo isso aqui, foi por sua causa. Se eu cheguei até esse doutorado, devo muito a você e à sua orientação brilhante, uma benção na minha vida.

A todas essas pessoas, que representam muitas outras, como minhas primeiras professoras, meus avós, tios, amigos e primos.

MUITO OBRIGADA!

As famílias confundem escolarização com educação. É preciso lembrar que a escolarização é apenas uma parte da educação. Educar é tarefa da família.

Mario Sergio Cortella

O conhecimento serve para encantar as pessoas, não para humilhá-las.

Mario Sergio Cortella

CARNEIRO, Marília Ignatius Nogueira. **O capital cultural na interpretação de imagens por adultos surdos** (312 folhas). Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara-SP. Orientadora Luci Regina Muzzeti

RESUMO

A educação de surdos é uma tarefa complexa cujos princípios vêm mudando radicalmente ao longo dos tempos. Entretanto, estas mudanças não são metodológicas dentro de um mesmo paradigma. O que está mudando são as concepções sobre o sujeito surdo. Atualmente, diversos autores como Skliar; Quadros, Ferreira- Brito, Botelho, Perlin, entre outros, entendem a surdez como uma experiência visual e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual o que demonstra a importância da imagem na comunicação e interação sociocultural dos surdos. Em investigação anterior (CARNEIRO, 2016), foi constatado que os surdos, ao interpretarem uma notícia de jornal escrita em Língua Portuguesa, ao se depararem com palavras que desconheciam, faziam inferências baseadas em suas experiências pessoais para dar sentido ao que liam, muitas vezes alterando o teor do que liam. Considerando este resultado e a concepção de surdez como experiência visual, esta tese pretendeu identificar se o capital cultural, no sentido de Bourdieu, influencia na interpretação de imagens por surdos escolarizados e não escolarizados. Os resultados encontrados apontam que a experiência visual é determinante para a percepção de imagens pelos surdos, possibilitando a análise dos signos, entretanto, esta interpretação é influenciada pelo capital cultural. Como contribuição teórica, como a principal recomendação para a educação de surdos é a utilização de apoio visual, a compreensão de como surdos escolarizados ou não interpretam imagens, poderá subsidiar o estabelecimento de estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem dos surdos.

Palavras – chave: Surdez. Experiência Visual. Capital Cultural. Bourdieu.

CARNEIRO, Marília Ignatius Nogueira. Cultural capital in the interpretation of images by deaf adults (312 pages). Doctoral dissertation (Doctoral degree in Education), Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara - SP. Supervisor: Luci Regina Muzzeti

ABSTRACT

Deaf education is a complex process whose principles have changed dramatically over time. However, these are not methodological changes within the same paradigm. Instead, what is changing are the notions people have of the deaf. Currently, several authors, such as Skliar, Quadros, Ferreira-Brito, Botelho, Perlin and others, understand deafness as a visual experience. This means that all information-processing mechanisms, as well as all ways of understanding the surrounding universe, are built as a visual experience, which indicates the importance of images for the communication and sociocultural interaction of deaf people. Carneiro (2016) found that deaf people, when interpreting a newspaper article written in Portuguese and coming across words they did not know, made inferences based on their personal experiences to make sense of what they were reading, often changing the content. Considering such finding and the concept of deafness as a visual experience, this work aimed to identify whether cultural capital (as understood by Bourdieu) influences the interpretation of images by educated and non-educated deaf people. The results show that visual experience is crucial for the perception of images by the deaf, for it allows them to analyze signs. Yet, this interpretation is influenced by cultural capital. As a theoretical contribution, since the main recommendation for deaf education is the use of visual support, the understanding of how deaf students, educated or not, interpret images, may result in pedagogical strategies capable of better assisting deaf people in their learning process.

Keywords: Deafness. Visual Experience. Cultural Capital. Bourdieu.

Lista de Figuras

Figura 1 - Árvore	18
Figura 2 - Universidade Gallaudet.....	31
Figura 3 – Casa.....	37
Figura 4 - G-A-T-O	40
Figura 5- Gato	40
Figura 6 - F e P	42
Figura 7 - Grau de Intensificador.....	44
Figura 8 - Cálculo mental	52
Figura 9 - Lucas e Maria Luzia	53
Figura 10 - Pierre Felix Bourdieu.....	65
Figura 11 - Casa - Bateria 1 Imagem 1	95
Figura 12 - Acidente de carro - Bateria 1 imagem 2.....	96
Figura 13 - Maçã - Bateria 1 Imagem 3.....	96
Figura 14 - Cachoeiras - Bateria 2 Imagem 1.....	97
Figura 15 - Desmoronamento de cidade mineira - Bateria 2 Imagem 2	97
Figura 16 - Astronauta - Bateria 3 Imagem 1	97
Figura 17 - Quarto na pintura - Bateria 3 Imagem 1	98
Figura 18 - Desenho Abstrato - Bateria 3 Imagem 2	98
Figura 19 - Rupestre _ Bateria 3 Imagem 3	99

Lista de Quadros

Quadro 1 – Composição	48
Quadro 2 – Transformação	49
Quadro 3 - Comparação.....	50
Quadro 4 - Capital Cultural.....	72
Quadro 5 - Pergunta de investigação.....	81
Quadro 6 - Nível de Escolarização e Classe Econômica	84
Quadro 7 - Questões relativas ao capital cultural incorporado	88
Quadro 8 - Capital Cultural Incorporado por nível	89
Quadro 9 - Questões relativas ao capital cultural objetivado.....	90
Quadro 10 - Capital Cultural Objetivado por nível	91
Quadro 11 - Questões relativas ao capital cultural institucionalizado.....	92
Quadro 12 - Capital cultural institucionalizado por nível.....	93
Quadro 13 - Capital Cultural Total por colaborador (a)	94

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Fração de Classe.....	84
Gráfico 2 - Capital Cultural Incorporado	89
Gráfico 3 - Capital Cultural Objetivado por nível	91
Gráfico 4 - Capital cultural institucionalizado por nível	92
Gráfico 5 - Capital Cultural por colaborador	93

Sumário

Introdução.....	16
1. As imbricações entre surdez, Libras, experiência visual e cultura surda	23
1.1. Libras: a língua do surdo brasileiro	24
1.2. Libras: da constituição, com Huet em 1855 ao reconhecimento como meio de comunicação legal em 2002	28
1.3. Compreendendo as línguas de sinais e a Libras	35
1.4. Libras: aspectos linguísticos	43
1.5. A experiência visual e a cultura surda	46
2. A noção de Capital Cultural em Pierre Bourdieu	64
3. A pesquisa	82
O primeiro instrumento: o capital cultural dos participantes	82
3.2. Os colaboradores e os cenários da investigação	83
3.2.1. Capital cultural institucionalizado e fração de classe	83
3.3. O primeiro instrumento – para identificar o capital cultural dos participantes	85
3.5. Roteiro para entrevistas com IMAGENS	95
3.5.1. Primeira Bateria	95
3.5.2. Segunda Bateria	96
3.5.3. Terceira Bateria	98
3.6. Análise das Entrevistas Agrupadas	100
3.7. Grupo 1: Características pessoais de Renê e Jorge	100
3.7.1. Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento	104
3.7.2. Bateria 1	104
Imagem 1: CASA.....	104
Imagem 2 – Acidente de carro.....	105
Imagem 3 - Maçã.....	107
3.7.3. Bateria 2	107
Imagem 1: Cachoeira	107
Imagem 2: Brumadinho	108
Imagem 3: Astronauta	109
3.7.4. Bateria 3	110
Imagem 1: Pintura	110

Imagem 2: Pintura Abstrata	111
Imagem 3: Pintura rupestre	112
Síntese das narrativas:	113
Grupo 2: Características pessoais de Felícia, Alfredo. e Francisca	114
Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento	124
Bateria 1	125
Imagem 1: CASA.....	125
Imagem 2: Acidente	126
Imagem 3: Maçã.....	129
Bateria 2	131
Imagem 1: Cachoeira	131
Imagem 2: Cidade Mineira destruída.....	132
Imagem 3: Astronauta no espaço.....	134
Bateria 3	136
Imagem 1: Pintura	136
Imagem 2: Abstrata	138
Imagem 3: Pintura Rupestre.....	140
Síntese das narrativas	142
Grupo 3 Silvano, Flora e Dirceu	143
Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento	156
Bateria 1	156
Imagem 1: CASA.....	156
Imagem 2: Acidente.....	158
Imagem 3: Maçã.....	161
Bateria 2	163
Imagem 1: Cachoeira	163
Imagem 2 Brumadinho	166
Imagem 3: astronauta.....	168
Bateria 3	171
Imagem 1: pintura.....	171
Imagem 2: pintura abstrata.....	174
Imagem 3: pintura rupestre.....	175
Síntese das Narrativas:	176
Grupo 4: Características de Breno e Anderson	177

Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento	179
Bateria 1	179
Imagem 1: CASA.....	179
Imagem 2 – Acidente de carro.....	181
Imagem 3: MAÇÃ	182
Bateria 2	183
Imagem 1: Cachoeira	183
Imagem 2 Brumadinho	185
Imagem 3: Astronauta	187
Bateria 3:	188
Imagem 1: pintura.....	188
Imagem 2: Pintura abstrata	189
Imagem 3: pintura rupestre.....	190
Síntese das narrativas:	192
Considerações finais	193
Referências	199
ANPEDICE	208
ANEXOS	220

Introdução

Me apresento: sou surda congênita bilateral profunda em razão da Síndrome de Waanderburg. Tenho três irmãos ouvintes (Raul, Vitor e Lucas) e uma irmã surda, Beatriz. Lucas, Beatriz e eu somos trigêmeos e filhos caçulas de João Dirceu e Clélia, ambos ouvintes.

Iniciei meus estudos em um Centro de Reabilitação Auditiva, da Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil – ANPACIN, que não oferecia escolaridade regular e, posteriormente, encaminhava seus educandos (quando estivessem preparados no que se refere à fala e leitura labial), para as escolas regulares comuns. A escola orientava a família a não utilizar nenhum gesto e minha mãe, que tem descendência italiana e “fala” com os braços, quando ia se dirigir a minha irmã e a mim, colocava os braços atrás do corpo. Além disso, aproveitava, literalmente, todos os momentos do dia para nos ensinar falar. Na hora do almoço, ela segurava a travessa com os bifés e ficava falando BI-FE e enquanto minha irmã e eu não repetíssemos, não nos servia. Isso irritava não só a gente, como também, meus irmãos ouvintes.

Seguindo a orientação da escola, minha mãe não nos deixava ter contato algum com surdos adultos, até que um dia, eu perguntei para ela se os surdos morriam antes de se tornarem adultos. Afinal, eu não conhecia nenhum surdo adulto! Essa pergunta fez com que minha mãe refletisse e, a partir daí, procurou estabelecer contato com os surdos adultos de Maringá, inclusive, buscando reuni-los em nossa casa, para atividades de lazer. Desses encontros, acabou surgindo a Associação dos Surdos de Maringá – ASUMAR, da qual fui presidente de 2009 a 2015.

Como já mencionado anteriormente, iniciei minha escolarização na ANPACIN e esta aproximação com os surdos adultos, desagradou a escola e assim, quando nossos colegas foram encaminhados para a escola regular comum, a direção chamou nossa mãe e avisou que Beatriz e eu precisaríamos ficar mais tempo, “Porque ela deixava a gente conviver com surdos que usavam a Língua de Sinais”. Ficamos mais um ano, porém, quando fomos para o ensino comum, alternávamos a escola privada com a pública. A partir do equivalente hoje ao sexto ano, minha irmã e eu nos separamos. Eu fui para a escola regular comum, sem intérprete e a Beatriz ficou na ANPACIN, que passou a ofertar

escolarização seriada até o Ensino Médio. Nos reencontramos, na mesma escola, somente no curso superior, embora cursássemos cursos diferentes: eu fazia Processamento de Dados e ela Educação Física. Como a escola não oferecia intérprete, minha mãe atuava como intérprete para nós. Mudamos de curso e finalizamos a nossa primeira graduação, eu em gastronomia e Beatriz em Artes Visuais, com muito sacrifício.

Em 2006 aconteceu o primeiro vestibular para a Licenciatura em Letras/Libras na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Beatriz e eu, prestamos. Ela foi aprovada e se formou pela primeira turma de licenciados em Letras/Libras do Brasil. Eu não fui classificada e, no ano seguinte, prestei vestibular e fui aprovada para o mesmo curso da UFSC, só que no polo da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, que conclui em 2012. Foi neste curso que eu, pela primeira vez me senti uma estudante autônoma, pois as aulas eram todas em Libras. Que sensação boa não precisar do auxílio da minha mãe para cumprir minhas obrigações acadêmicas. A formatura em Letras/Libras mudou completamente a minha vida.

Hoje sou professora concursada efetiva de Libras na Universidade Estadual de Maringá – UEM, fiz mestrado em Educação na mesma instituição. Sou pesquisadora na área de Educação Surda e de Linguística da Libras; propus e coordeno o Projeto de Extensão: Apoio de Difusão de Libras e fundei o grupo de Estudo e Pesquisa de Libras e a Educação de Surdos - GEPLÉS pelo *whatsapp*. Também participo do Programa Multidisciplinar de Pesquisa e Apoio à Pessoa com Deficiência e Necessidades Educativas Especiais (PROPÁE/UEM) e do Grupo de Estudos em Surdez e Ensino da Matemática – GEPSEM, sediado na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campo Mourão, certificado pelo CNPq.

Foi durante meu curso de graduação na UFGD que conheci a História da Educação de Surdos e ouvi falar, pela primeira vez em Cultura e Identidades Surdas. Nesses estudos uma coisa me chamou muito a atenção: descobri que a concepção sobre a surdez havia mudado. A surdez agora é concebida como “experiência visual” e o surdo não é mais considerado como a pessoa que tem falta ou deficiência de audição, mas alguém que possui uma diferença linguística.

Fiquei muito curiosa com o que realmente significa dizer que a surdez é “experiência visual” e muitas indagações surgiram: será que é por isso que os

surdos em geral desenham bem? Me lembrei de que antes de cursar Letras/Libras, eu me formei em Gastronomia e a maioria dos surdos que estudaram na mesma faculdade, cursaram Artes Visuais. Além disso, eu mesma, meu marido e muitos de meus amigos também possuímos facilidade com desenhos, sejam esses desenhos de reprodução da realidade ou abstratos.

O fato de atualmente, a surdez não ser mais entendida como uma doença ou como uma deficiência que torna o surdo alguém inferior ao ouvinte, refletiu na nossa vida escolar e social. Hoje, o surdo é entendido como diferente do ouvinte, porque todos os seus mecanismos de processamento da informação e todas as formas de compreender o mundo se constroem como experiência visual. Isso tem como consequência uma maneira especial de processamento cognitivo (como os surdos pensam, aprendem e assim por diante). Dito de outra forma, a compreensão do mundo do surdo passa pela relação que ele estabelece com as imagens.

Saussure (2006) explica que o signo não é objeto concreto, é objeto “imaginário” que interagindo com a palavra e a imagem dentro da mente humana, por exemplo, quando alguém lê a palavra “árvore”, o ouvinte “escuta” o som desta palavra; pensa na “imagem da árvore”. Agora, como se dá a situação contrária, isto é, o sujeito vê a imagem da árvore, com certeza ele primeiro “escuta” o som desta palavra antes de pensar em como ela é escrita. E o que acontece com o surdo?

Da mesma forma, para o surdo que conhece a escrita de sinais, ou mesmo se ele é letrado na Língua Portuguesa, caso ele veja a palavra “árvore” escrita (sinal registrado em *SignWriting*¹ ou escrita alfabética) ele primeiro pensa no sinal para a palavra “árvore” antes mesmo de pensar na imagem da árvore:



Figura 1 - Árvore
Fonte: arquivo da autora

¹ É a escrita simbólica da Libras. Representa diretamente os sinais e não utiliza o alfabeto romano ou a datilologia.

Santaella (1999), afirma que para o pensamento do ser humano acontecer, um signo representa outro signo, por exemplo, palavra para imagem, ou seja, cognitivamente acontece uma tradução biológica e mecânica entre os signos. Como os surdos são mais visão do que audição, seriam as imagens predominantes em seus pensamentos?

Exemplificando: se for apresentado para um surdo, uma pintura de Romero Britto², o que eles entenderiam desse quadro? Será que a interpretação de diferentes sujeitos seria a mesma? O mesmo aconteceria com ouvintes, pois esta é a função da Arte, fazer com que nossas emoções sejam despertadas. Mas, e em se tratando de uma fotografia, que revela, por exemplo, uma catástrofe ambiental como quando rompeu uma barragem de detritos de mineração, em janeiro de 2019, na cidade de Brumadinho, no estado de Minas Gerais ou, um avanço científico, como uma sonda espacial, as interpretações seriam as mesmas? Se fosse solicitado aos surdos fazer uma narrativa, em Libras, inspirada na foto apresentada, poderiam ser identificadas as influências de seu capital cultural³? E ainda mais, eu tinha como hipótese que saber como a experiência visual e as vivências do surdo interferem na interpretação de imagens, poderia constituir importante subsídio para a educação de surdo, ou pelo que alguns pesquisadores estão constituindo: uma Pedagogia Visual. Definido o que eu pretendia investigar em minha pesquisa de doutorado, faltava estabelecer a sustentação teórica.

Durante os anos de 2018 e 2019, quando cursei as disciplinas do doutorado em Educação Escolar, na Universidade Estadual Paulista- UNESP, Campus de Araraquara-SP, estudei a teoria estabelecida por Bourdieu e, pude compreender muita coisa que eu mesma vivi. Por exemplo, durante o período da minha escolarização, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, aproximadamente de 1988 a 2000, a abordagem educacional para os surdos

² Romero Britto é um pintor pernambucano, radicado nos Estados Unidos e conhecido internacionalmente

³ Segundo Bourdieu (2007), capital cultural pode ser compreendido como o conhecimento recebido como herança cultural se constituirá como capital cultural da criança, conforme orientação da família e da escola, instituições primárias na vida da criança. É abordado em detalhes, no Capítulo 2.

adotada no Brasil, era o oralismo⁴, em que a pessoa surda era obrigada a fazer exercícios muito cansativos para conseguir falar; em que as crianças surdas eram proibidas de conviver com surdos adultos sinalizantes, para não aprenderem a língua de sinais e desistirem de se esforçar para se expressar oralmente. Compreendi que sofri o que Bourdieu (2002) chama de violência simbólica. As atitudes da minha família, acatando o que o oralismo entendia como ser melhor para a minha educação, não me machucava fisicamente, mas doía na minha alma. Eu me identifiquei com os postulados de Bourdieu.

Outro aspecto fundamental para que eu fizesse a opção pela teoria de Bourdieu para fundamentar minha tese: dentre os meus pares surdos, meus contemporâneos que vivenciaram a transição do oralismo para o bilinguismo e que atualmente são, em sua maioria, professores de Libras, a presença, o apoio da família foi fundamental para que eles alcançassem este sucesso. Este fato, também pode ser explicado pela teoria bourdieusiana, com o conceito de capital cultural. Segundo Bourdieu (2002), a desigualdade social afeta a educação por causa do capital econômico e social que é determinante para a constituição do capital cultural.

Dito de outra forma, conhecendo a importância das imagens para a comunicação (signos), educação (capital) e desenvolvimento cognitivo dos surdos; compreender de que maneira a experiência visual e o capital cultural influenciam na maneira dos surdos interpretar imagens, seria um importante subsídio para construir estratégias para explorações de imagens em situações escolares.

Com esses pressupostos, o objetivo desta pesquisa foi identificar se o capital cultural do surdo é determinante na interpretação do significado de imagens, do qual resultaram os seguintes objetivos específicos:

- Identificar se é a descrição simples ou se vivências anteriores que prepondera na narrativa de surdos adultos escolarizados ou não criada a partir de uma imagem⁵

⁴ O oralismo é a abordagem educacional que preconiza que a única maneira do surdo se integrar no mundo ouvinte é mediante a oralização e assim, proíbe a utilização de sinais e gestos. No capítulo 1, aprofundamos os estudos sobre o oralismo.

⁵ Por imagem consideramos gravuras, fotos, pinturas, desenhos, ilustrações, *cartoons*, quadrinhos, etc...

- Identificar quais aspectos do capital cultural dos diferentes sujeitos colaboradores são relevantes para o estabelecimento da narrativa.

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa de cunho descritivo-interpretativo, uma vez que não é a quantidade de entrevistados que é determinante para a resposta à questão de pesquisa, mas a interpretação pelo pesquisador, dos dados produzidos, no caso da presente investigação, à luz da teoria de Bourdieu (1998; 2007). Uma característica fundamental desta investigação em particular é que, segundo Creswell (2007, p.209) as interpretações que os pesquisadores fazem “[...] não podem ser separadas de suas origens, histórias, contextos e entendimentos anteriores”, e, neste caso, trata-se de uma pesquisadora surda, interpretando narrativas de colaboradores da pesquisa que são dez surdos adultos, sendo que cinco deles cursam o Ensino Fundamental I ou Ensino Médio, no Centro de educação Básica de Jovens e Adultos e cinco surdos que concluíram o curso superior. Além de serem categorizados em relação à sua escolaridade, a partir das respostas a um questionário, estabelecemos uma estratificação, sustentada em Muzzeti (1997) e Cousin *et al* (2019) do capital cultural que possuem. A situação familiar, principalmente a que se refere à existência de outros membros surdos ou de ouvintes sinalizantes na família, para identificar o ambiente linguístico a que estão expostos também foi considerada neste questionário. Desta forma, o primeiro instrumento para a produção dos dados foi um questionário vídeo gravado, respondido em Libras pelos participantes.

Como se buscou investigar se narrativas ou composições literárias a partir de uma imagem (foto, pintura, gravura), produzidas por surdos escolarizados ou não apresentam diferenças significativas, foi então elaborado o segundo instrumento de produção de dados: uma sequência de imagens, composta por três baterias (grupo de imagens relacionadas a um tema), cada uma delas com três imagens. A primeira delas se refere ao cotidiano; a segunda a aspectos da natureza e da intervenção do homem nela e a terceira e última, considerando obras de arte. Em cada um dos casos, o participante foi convidado a relatar seus pensamentos, conhecimentos, sentimentos ou mesmo criar uma “história” a partir da gravura, se expressando em sua língua natural, a Libras.

O relatório da investigação realizada que constitui esta tese, se apresenta mediante esta Introdução, um primeiro capítulo em que estão expostas as imbricações entre surdez, Libras, experiência visual e cultura surda; o segundo capítulo em que é apresentada a teoria de Bourdieu; o terceiro capítulo, que descreve o percurso metodológico, se destina a estabelecer o capital cultural dos participantes a partir da análise das informações obtidas com a implementação do primeiro instrumento de pesquisa e a analisar as narrativas produzidas pelos participantes motivadas pela observação das imagens que constituíram o segundo instrumento. Finalizando, trago as considerações a respeito dos resultados obtidos a partir dos dados produzidos.

1. As imbricações entre surdez, Libras, experiência visual e cultura surda

A Língua em nossas veias
 Sabias? Na antiguidade nos matavam em Roma
 Éramos os idiotas nos jogos das aldeias
 Fomos encerrados nos asilos que vocês construíam
 Inclusive ai nossos Sinais penetraram.....
 Não te disseram?
 Onde foi nosso orgulho?
 Já não podíamos ler nem escrever.
 Então não te disseram. Agora sabes
 Portanto escuta nossa história
 Temos a língua em nossas veias
 Não nos iremos
 Temos o Direito em nossas veias
 Estamos aqui para ficar.

(Trechos de poesia publicada por Ladd⁶ 1988) Traduzido por Mariana Rossi Stumpf⁷

Este capítulo objetiva caracterizar surdez como experiência visual, caracterização esta fundamental para a investigação realizada, que objetiva identificar se como o capital cultural, entendido como conhecimento acumulado, sejam eles familiares, sociais, escolares, do indivíduo influencia a interpretação de imagens por surdos adultos.

Além dos teóricos da surdez, consideramos, também, Peirce⁸ (1999), que traz, dentre seus objetos de estudo, a comunicação não verbal, aqui entendida como o uso, por exemplo, de pintura, texto, imagem, televisão, música e outros, com exceção da fala de pessoa humana.

O pesquisador surdo Segala (2010) explica a influência da cultura surda e da comunicação da sociedade na vida cotidiana do surdo, considerando que as pessoas se comunicam, interagem e entram em contato com diferentes mídias. O surdo, imerso neste contexto, acaba por se tornar intersemiótico, ou seja, transita entre diferentes sistemas de representações, por causa da necessidade de interpretação das imagens e signos presentes nas diversas

⁶ P. Ladd: pesquisador surdo da Universidade de Bristol, que atua em conjunto com o pesquisador ouvinte Jim Kyle. LADD, P. Understanding Deaf Culture. **Search of Deafhood**, Londres: Channel View Publications. Edição do Kindle. 2003.

⁷ Pesquisadora surda, professora da Universidade Federal de Santa Catarina

⁸ Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi um pensador importante americano sobre semiótica, investigou a relação entre objetos e o pensamento e considerava que “nada é um signo, a menos que interpretado como um signo”.

mídias e interlingual porque precisa ler e escrever em Português e falar⁹ em Libras.

Desta forma, vamos abordar neste capítulo, a Libras, que por ser uma língua de natureza viso-motora (porque utiliza os movimentos na emissão mensagem e a visão na recepção de mensagens) influencia e é influenciada pela ‘experiência visual’ do surdo, relação que permanece entre Libras e cultura surda e entre ‘experiência visual’ e a constituição da cultura surda.

1.1. Libras: a língua do surdo brasileiro

No final desta segunda década do século XXI, estudos de Santaella (1999) apontam para o problema de se considerar, entre outras possibilidades, a língua como forma de comunicação principal do ser humano:

Cumprir notar que a ilusória exclusividade da língua, como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados, é muito intensamente devida a um condicionamento histórico que nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita. O saber analítico, que essa linguagem permite, conduziu à legitimação consensual (SANTAELLA 1999, p.2)

Desta forma, ao se considerar como “ilusória” a exclusividade da língua, abrem-se possibilidades de estudos sobre comunicação não verbal, que podem favorecer a interação entre surdo e ouvintes sem que, necessariamente, um conheça a língua utilizada pelo outro, como, por exemplo, utilizando comunicação não-verbal, conforme apontado por Peirce (1999).

As pessoas interagem na sociedade mediante a comunicação, o que acaba influenciando suas atitudes e comportamentos no seu dia a dia. Esta comunicação acontece pela língua falada ou escrita e mediante imagens que aparecem em *outdoors*, revistas, panfletos de propaganda e assim por diante.

Considerando que muitas das pessoas surdas que hoje são adultas foram educadas e socializadas segundo o oralismo - abordagem que privilegia a oralização e proíbe o uso de sinais-, a maioria das informações chegavam até elas por meio de imagens, que carregavam intencionalidades. Como a esmagadora maioria das imagens que permeiam a sociedade são produzidas por ouvintes, é legítimo indagar se os surdos interpretam as imagens que os

⁹ Utilizo o verbo falar, por que considero por “fala”, a capacidade de um indivíduo se expressar em sua língua, independente dela ser oral ou de sinais.

rodeiam, da mesma forma que os ouvintes, ou seja, se captam a intencionalidade que estas buscam representar.

Desde que começou a educação de surdos no final da Idade Média, até o final do século XX, com exceção do século XVIII, considerado o Século de Ouro¹⁰ da educação de surdos, o principal objetivo buscado era ensinar os surdos a se expressar oralmente, isto não é “educar”, consideramos que é “adestrá-los”. Quando os surdos conseguiam falar, as pessoas ouvintes se emocionavam e, durante muito tempo, acreditavam que era milagre. Nesse percurso de educação oralista, os surdos não podiam sinalizar, eram forçados a aprender a falar e escrever, eles não podiam escolher o que queriam. Era tudo muito difícil porque precisavam aprender a modular o som para codificar a sintaxe linear da língua oral. Isso acontecia porque as pessoas, incluídas aí os professores e a família, acreditavam que aprender falar oralmente era a única forma da pessoa surda – que, segundo o oralismo, é designado por deficiente auditivo – se integrar à sociedade.

No século XIX a surdez e a educação de surdos passaram a interessar também aos médicos, como o francês Jean Marc Gaspard Itard, que defendia que o surdo deveria ser educado exclusivamente pela fala e argumentava que seria possível restaurar a audição.

Itard praticou vários procedimentos médicos com os surdos, como aplicar eletricidade no ouvido de alguns alunos do Instituto de Surdos de Paris, colocar sanguessugas no pescoço dos surdos, esperando que o sangramento ajudasse de alguma forma, e fazer cortes na tuba auditiva de crianças. [...] nenhum dos experimentos de Itard teve resultados satisfatórios [...] (ele) concluiu que o ouvido dos surdos estava morto e que não havia nada que a medicina pudesse fazer a respeito (GUARINELLO, 2007, p.26,27).

A medicina, neste século XXI continua procurando a “cura” para a surdez, agora com os implantes cocleares:

Os implantes voltaram a fazer renascer as práticas oralistas que se julgavam ultrapassadas- exercícios de pronúncia ou leitura labial e instrução com recurso apenas à linguagem oral. As equipes encarregadas dos implantes pedem às escolas que sigam práticas oralistas, aos pais pede-se novamente que impeçam as crianças de usar gestos, de ter contato com outros surdos. O impensável volta a ser real (GOMES, 2010, p. 36).

¹⁰ Este século é considerado o Século de Ouro, porque surgiram as primeiras escolas coletivas para surdos e que tanto o método oralista, criado por Samuel Heinecke, na Alemanha e o Método Combinado, que permitia a utilização de sinais criado por Charles de L’Épée, na França, alcançaram resultados eficientes. Entretanto, o Método Combinado, passou a ser proibido, a partir de 1882, quando da realização do Congresso de Milão.

Ao serem inseridos no mundo sonoro por meio do implante coclear os surdos precisam se dedicar a aprender a ouvir e isso pode prejudicar o desenvolvimento de sua experiência visual.

Soares (2019), pesquisadora surda, afirma que exigência novamente do oralismo por causa do implante coclear faz com que pessoas surdas adultas se questionem se suas conquistas atuais, como, por exemplo, o direito de utilizar a língua de sinais, não estariam ameaçadas. Para pesquisadores surdos/ouvintes este retorno do oralismo pode ser considerado como “novo Congresso de Milão”¹¹. Soares (2019) também questiona se os pais têm direito de levarem seus filhos surdos para fazer o implante coclear, ainda bebês. Ela defende que essa decisão deveria ser do surdo e ainda pergunta se ela teria o direito de operar os filhos ouvintes para ficarem surdos iguais a ela:

Hoje, evoluímos muito, a tecnologia e a pesquisa avançaram no que se refere à medicina e às tecnologias assistivas¹², e isto, segundo Soares (2019) se deve à mudança que ocorreu, na concepção de surdez. Soares (2019, p. 24) considera que “[...] mudou a maneira de se entender a surdez, isto é, ‘mudou a concepção de surdez’ e o surdo passou a ser considerado não mais como um “deficiente auditivo”, isto é, uma pessoa que tem problemas para ouvir, mas uma pessoa que apenas se comunica de outra forma”.

Soares (2019), citando Skliar (1998, p.28) considera que agora se entende a surdez como uma “experiência visual”:

[...] o que significa que o surdo compreende tudo usando principalmente a visão – e se a visão é tão importante para o surdo, a visão também deve ser o principal canal de comunicação e então se passou a aceitar que a língua que os surdos usam deve ser também visual (SOARES, 2019, p. 25).

Com essa compreensão, no Brasil, em 2002, teve a Lei da Libras - Lei Federal nº 10.436 de 24/04/2002¹³, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação em nosso país. Então, depois de muita luta e muito sofrimento, os

¹¹ O Congresso de Milão foi realizado em 1880, em um período que havia discussões sobre qual seria a melhor metodologia para a educação de surdos: o oralismo, ou o que utilizava os sinais. Neste Congresso, em sua Assembleia final, na qual os professores surdos presentes foram impedidos de votar, ficou decidido que a partir daí a língua de sinais deveria ser banida das escolas de surdos.

¹² Tecnologias assistivas são recursos tecnológicos digitais ou não, criados ou adaptados para favorecer a atuação de pessoas com deficiência. No caso específico dos surdos, são as que favorecem a comunicação, como, por exemplo, celulares, computadores e legendas na TV.

¹³ Lei 10.436 de 2002, reconhece a Libras como meio legal de comunicação do surdo brasileiro.

surdos conseguiram o direito de poder utilizar a sua língua, a língua de sinais. Com esse reconhecimento, os surdos brasileiros conquistaram o direito de serem educados em sua língua (BRASIL, 2002).

Antes dessas leis, as crianças surdas que frequentavam a escola regular comum não tinham direito a profissionais intérpretes de Libras, não tinham acesso aos meios de comunicação e nem às informações que eram veiculadas na mídia. Sem direitos garantidos em lei, que considerassem sua diferença linguística, os surdos se apoiavam em sua experiência visual para simplesmente imitarem, sem maiores reflexões, o que lhes era apresentado na escola, sem construir conhecimento e nem se apropriar da cultura. Eles apenas copiavam o que estava escrito no quadro e nos livros, sendo até mesmo capazes de ler ou decifrar as palavras, mas sem nenhuma compreensão do significado delas. Por exemplo, copiava a palavra “EXIGIR” e a decifrava para decorar sua escrita e não para apreender os seus diferentes significados. Acontecia o que Fernandes (2006) chama de “simulação de aprendizagem”, ou seja, os surdos fingiam que tinham aprendido e os professores fingiam que acreditavam.

Mas, esta lei, considera também a surdez como “experiência visual” e também reconhece a existência da cultura e da comunidade surdas, aspectos que devem ser levados em conta quando se trata da educação de surdos. Quando se fala em **cultura surda**, se concebe a surdez como uma diferença linguística, o que significa considerar o surdo como pertencente a uma minoria linguística, que faz uso de outra língua – Língua de Sinais – e constituem uma **comunidade** específica, “a comunidade surda”. Dessa forma, junto com uma língua distinta para os surdos, surge também uma nova cultura, ou seja, o surdo é bicultural, pois tem contato com dois grupos culturais distintos, o ouvinte e o surdo. Mais adiante, aprofundo essa discussão.

Do acima exposto, conclui-se que a comunicação do surdo é visual, sua cultura é visual, sua compreensão de mundo se faz pela visão, sua primeira língua é Libras e a segunda é a Língua Portuguesa, de preferência na modalidade escrita. Entretanto, segundo Fernandes (2006), os surdos leem as palavras, mas, muitas vezes não compreendem o seu significado e assim, considerando-se a dicotomia saussuriana, Língua e Linguagem: significante e significado, a exploração das imagens, associadas às palavras escritas podem auxiliar na atribuição de significado aos significantes.

1.2. Libras: da constituição, com Huet em 1855 ao reconhecimento como meio de comunicação legal em 2002

Antes de 1855, a educação de surdos no Brasil era precária, praticamente não existia. Eles não eram cuidados, letrados, orientados, respeitados, enfim, não tinham direitos como cidadãos. Era como se eles fossem incapazes e assim, 'exilados da sociedade brasileira', que não atendia e nem acolhia as pessoas surdas.

A escolarização do surdo brasileiro teve princípio, naquele período imperial, quando o imperador Dom. Pedro II convidou o professor surdo francês Ernest Huet, para vir ao Brasil para criar uma escola para surdos (CICCONE, 1990)

Huet aceitou o convite e criou no Rio de Janeiro, no dia 26 de setembro de 1857, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (ISM). O ISM foi a primeira escola de surdos de toda América do Sul. Posteriormente, quando houve a Proclamação da República, o ISM passou a ser chamado de Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (INSM) e, atualmente é o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), escola referência para a educação dos surdos brasileiros, atendendo desde bebês, até pós-graduandos, passando por cursos profissionalizantes de curta duração e de nível médio (MAZZOTTA, 1996).

Ernest Huet foi uma figura importante para os surdos brasileiros, que até então, não eram escolarizados, pois mostrou aos familiares e à sociedade o potencial do surdo, passando a se constituir em modelo para os alunos do Instituto. Huet estudou no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos da França e trabalhou como professor do Instituto de Bourges (QUADROS, 2017).

A vinda de Huet, em 1855, trouxe muitas coisas boas, como o alfabeto manual francês e a Língua de Sinais Francesa. Como os alunos do INSM vieram de todas as partes do Brasil, os sinais por ele utilizados, embora sem constituir uma língua, foram misturados com o que Huet trouxe e desse hibridismo, teve origem a Língua de Sinais Brasileira, hoje denominada Libras (PEREIRA, 2011).

Huet trabalhou aproximadamente sete anos no Instituto, período em que a incipiente língua de sinais dos surdos brasileiros e a Língua de Sinais

Francesa foram misturadas, como em um liquidificador, se tornando uma “massa homogênea”, uma só língua de sinais, a Libras. Depois dos sete anos em que trabalhou no INSM, deixando aqui muitos ensinamentos e uma língua em construção, Huet mudou-se para o México e começou a trabalhar com a educação de surdos mexicanos em 1861 (HONORA e FRIZANCO, 2009).

Voltando um pouco no tempo, é preciso dizer que a Língua de Sinais Francesa foi desenvolvida a partir do trabalho do Abade francês Charles Michel de L’Epée, que criou a primeira escola pública coletiva para surdos na França, o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos da França, onde Huet estudou. De L’Epée criou um sistema de comunicação, baseado na forma de comunicação dos surdos de Paris e acrescentou novos sinais, para dar a este sistema, algumas regras gramaticais que se aproximassem do francês. Denominou esse sistema de “Sinais Metódicos” e foi daí que surgiu a primeira língua de sinais estruturada no mundo: A Língua de Sinais Francesa a LSF (PEREIRA *et al*, 2011).

Os alunos desse instituto criado por Charles L’Epée, educados segundo o que se denominava na época, no “gestualismo”, acabaram se tornando pessoas influentes na sociedade francesa, escreveram livros que chegaram até nossos dias, como o de Ferdinand Bérthier e muitos se tornaram professores, como Ernest Huet e Laurent Clerc. Laurent Clerc foi para os Estados Unidos trabalhar em uma escola de surdos e, da mesma forma como aconteceu com a Libras, a Língua Americana de Sinais, a ASL é um hibridismo da então simples língua de sinais utilizada pelos surdos americanos e a Língua de Sinais Francesa (PEREIRA, 2011).

Mas, na mesma época de L’Epée, na Europa, dois outros professores também criaram escolas coletivas para surdos: o alemão Samuel Heinecke e o inglês Thomas Braidwood. As escolas por ele criadas eram particulares, custavam caro e não divulgavam seus métodos. Heinecke é considerado o pai do oralismo, por ter criado um método que ficou conhecido como “Método Alemão” e Braidwood começava seus ensinamentos pelo alfabeto digital e a escrita das palavras, para então trabalhar com a oralização.

Essas maneiras de educar o surdo foram se desenvolvendo e formaram dois grupos: um que defendia o oralismo, seguindo o método de Heinecke e outro que defendia o gestualismo, baseado nos Sinais Metódicos de

L'Épée. Os oralistas eram radicalmente contra o uso de sinais, pois acreditavam que a Língua de Sinais prejudica a aprendizagem de fala. Para De L'Épée, o foco não era a língua oral e sim ensinar a Língua de Sinais para incentivar a aprender a escrever e ler (LACERDA, 1998).

Esse distanciamento entre oralistas e gestualistas ficou bem claro durante a realização do Congresso de Milão, acontecimento muito triste para a Educação de Surdos, pois a partir desse Congresso, a abordagem oralista passou a ser obrigatória nas escolas para surdos do mundo todo e as línguas de sinais foram proibidas. Os surdos que participavam do Congresso de Milão não puderam se manifestar e foram proibidos de votar.

Este congresso foi um marco na oficialização do método oral. (“método dito de articulação usando a leitura da fala pelos lábios”). As representações nacionais foram repartidas da maneira seguinte; de 254 inscritos, 156 delegados foram italianos, 66 eram franceses, 19 ingleses e norte americanos e 13 alemães, suíços, russos, suecos e noruegueses. Só três surdos participaram à este congresso: Theobald, professor em Paris, Forestier, diretor da Escola de Lyon, antigo aluno do Instituto de Paris, e Denison intendente da Kendall School, escola primaria na tutela do colégio de Washington. (INJS, 2007). Também, a escolha da Itália como país anfitrião não foi feita por acaso, considerando o método oral como o método predileto das escolas do reinado italiano.

[...] o ensino para surdos na França era assumido nessa época por quatro estabelecimentos nacionais e por escolas particulares católicas. As escolas publicas para surdos estavam sujeitadas pela autoridade do Ministério do Interior francês que era favorável a corrente oralista. O representante francês no segundo congresso de Milão admitiu ter recebido do seu ministério umas diretivas para apoiar o movimento oralista.

O único ponto de resistência em oposição ao movimento oralista foi dado pelos professores do Instituto de surdos mudos de Paris. Fora dos opositores franceses, só o representante da Suécia e os representantes norte-americanos Edward e Thomas Gallaudet lutaram contra a hegemonia oralista (BERNARAB, OLIVEIRA, 2007, s/p).

Depois da realização do Congresso de Milão, o mundo quase inteiro adotou a proposta oralista, menos uma escola dos Estados Unidos, o Colégio Gallaudet¹⁴, atualmente Universidade Gallaudet. Os quatro representantes desta escola que estavam em Milão e mais um professor de surdos da Inglaterra foram os únicos que votaram contra a proibição das línguas de sinais (BERNARAB, OLIVEIRA, 2007, s/p)

¹⁴ link



Figura 2 - Universidade Gallaudet
Fonte: Arquivo pessoal

Durante o período da hegemonia oralista, alguns surdos (como eu) não se sentiam como “educados pela escola” e sim “adestrados e usados como cobaias pela escola” porque eram obrigados a aprender a falar, a ter treinamentos auditivos, e a aprender a fazer a leitura labial. Com todo esforço da escola voltado para a oralização, pouco era ensinado de conteúdos como Matemática, Geografia, Biologia, etc.

Desde a década de 1950 até a de 1990, na maioria dos estados brasileiros (com exceção do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, que a partir da década de 1970, adotaram a Comunicação Total, que falaremos mais adiante), as escolas especializadas ou as classes especiais que atendiam os surdos adotavam o oralismo, eles se sentiam depreciados e “adestrados” fracassando na escola filantrópica ou pública. O assistencialismo era mais forte do que a ação educativa e quase não existiam pesquisas brasileiras voltadas para a educação de surdos.

Após quase 100 anos de proposta oralista, felizmente ela falhou. De acordo com Strobel (2009), como os surdos não eram considerados cidadãos úteis para a sociedade, as escolas não se preocupavam com a formação acadêmica ou profissional dos surdos e, assim, durante

[...] muitos anos, os professores estabeleceram, de forma absurda, objetivos de baixo nível para as crianças surdas, não lhes possibilitando por isso grandes expectativas escolares e profissionais (GOMES, 2010, p.29).

Com a constatação de que o oralismo havia fracassado, surgiu uma outra abordagem denominada de Comunicação Total que, basicamente mantinha a língua oral como o objetivo essencial da educação de surdos, os

gestos convencionados no próprio grupo, língua de sinais como provisória e não oficial, leitura orofacial, alfabeto manual, leitura e escrita etc. Essa abordagem ganhou mais espaço a partir da década de 1970, nos estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro (CICCONI, 1990).

A filosofia da Comunicação Total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes. Essa filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por esse motivo, esta filosofia defende a utilização de recursos espaço-visuais como facilitadores da comunicação (GOLDFELD, 1997, p. 35).

Infelizmente, essa abordagem não ajudou muito nos avanços acadêmicos dos surdos e não desenvolveu a pesquisa linguística sobre a Libras. Os professores não focalizavam a Libras e a cultura surda e sim continuavam incentivando os surdos a aprenderem a falar, e se aproximarem do modelo ouvinte.

A diferença é que a Comunicação Total permitia o uso de sinais para ajudar a aprender a falar. Não era ensinado a Libras, mas o que é chamado de Português Sinalizado que é o uso da Língua Portuguesa oral e dos sinais, mas obedecendo às regras gramaticais da Língua Portuguesa. Isso foi muito complicado porque é impossível usar duas línguas tão diferentes ao mesmo tempo. Então, a língua de sinais era desprezada e se tornava vulnerável. Não se ensinava e não se seguia suas regras gramaticais.

Apesar de ter sido importante porque tirou as línguas de sinais da clandestinidade, a Comunicação Total também falhou, porque ao final, os surdos ficavam sem nenhuma língua, nem a oficial do país, e nem a sua língua natural, a de sinais.

[...] o que a comunicação total favoreceu de maneira efetiva foi o contato com sinais, que era proibido pelo oralismo, e esse contato propiciou que os surdos se dispusessem à aprendizagem das línguas de sinais, externamente ao trabalho escolar. Essas línguas são frequentemente usadas entre os alunos, enquanto na relação com o professor é usado um misto de língua oral com sinais (LACERDA, 1998, p.76).

Em função desse fracasso, surgiu uma nova proposta, a do Bilinguismo, que é a que é adotada nas escolas Bilíngues para Surdos e nas escolas inclusivas.

A abordagem bilíngue tem como ponto de partida que os surdos podem desenvolver uma língua que permite uma comunicação eficiente. Essa língua, apoiada na visão e utilizando as mãos - a Língua de Sinais - é, para os bilinguistas, a primeira língua dos surdos, que a aprendem com naturalidade e rapidez.

O bilinguismo começou a ganhar força a partir da década de 1980 e, no Brasil, a partir de 1990. Na Suécia, essa filosofia já é adotada há bastante tempo. No Uruguai e na Venezuela, o bilinguismo é adotado de maneira oficial, ou seja, nas instituições públicas, a exemplo do que está ocorrendo atualmente no Brasil. Todavia, assim como a inclusão, a adoção do bilinguismo nas escolas públicas brasileiras ainda é incipiente, apesar dos esforços governamentais.

De acordo com essa filosofia, a criança surda deve adquirir, o mais cedo possível e inicialmente, a língua de sinais, considerada a sua língua natural. Essa aquisição deve ser feita com a comunidade surda. Somente como segunda língua deveria ser ensinada, na escola, a língua oficial do país, de preferência em sua forma escrita. Apenas quando as condições forem favoráveis deve ser ensinada a língua portuguesa na modalidade oral.

Para alguns estudiosos do bilinguismo, a criança surda deve adquirir a língua de sinais e aprender a língua falada, de maneira separada (com pessoas e em locais diferentes), o mais cedo possível e, só depois, deve aprender a língua escrita. Para outros, o que importa é o desenvolvimento cognitivo, social e emocional do surdo, o que só seria possível mediante a consolidação da língua de sinais. Assim, nesse último caso, a criança deve adquirir inicialmente a língua de sinais e depois, no momento adequado, ser alfabetizada, não se ensinando a língua falada.

O bilinguismo entende a surdez como diferença linguística, e não como uma deficiência a ser normalizada pela reabilitação como no oralismo. E assim, os surdos constituem uma comunidade particular, com cultura e língua próprias.

Para os bilinguistas a “problemática global do surdo” é “intimamente dependente de seu desenvolvimento linguístico” e “só mesmo o respeito à língua de sinais conduzirá a um maior sucesso educacional e social do surdo” (BRITO, 1995, p.16)

O bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país (GOLDFELD, 1997, p. 39).

Tornar-se letrado numa abordagem bilíngue pressupõe a utilização de língua de sinais para o ensino de todas as disciplinas. [...]. Faz também parte do projeto bilíngue que todo o corpo de funcionários da escola, surdos e ouvintes, e os pais, aprendam e utilizem a língua de sinais (BOTELHO, 2002, p. 112).

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino das crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita (QUADROS, 1997, p.27).

Ainda segundo Quadros (1997), a preocupação do bilinguismo é respeitar a autonomia das línguas de sinais organizando-se um plano educacional que respeite a experiência psicossocial e linguística da criança com surdez.

É por essas razões que, atualmente, dá-se tanta importância ao fato de o professor ouvinte conhecer e usar a Língua de Sinais, no caso do Brasil, a Libras. A comunicação adequada entre professores ouvintes e alunos surdos é a condição primeira para uma escola realmente inclusiva

Com a proposta bilíngue a educação dos surdos avançou muito, surgiram os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras, e os surdos também conseguiram avançar em seus estudos acadêmicos, porque agora, sendo educados em sua língua, eles não perdiam os conteúdos de cada disciplina da escola, o que não acontecia durante o oralismo, quando eles perdiam quase todos os conteúdos porque eram obrigados aprender primeiro a falar e depois conteúdos de disciplinas. Grande prejuízo e praticamente inútil.

A adoção da abordagem bilíngue na educação dos surdos é um avanço importante pois, a possibilidade de estudar utilizando sua língua elimina um grande obstáculo à sua aprendizagem. Entretanto, ainda é preciso avançar mais, por exemplo, criar formas para os surdos aprenderem o mais cedo possível a língua de sinais. [...] Com a adoção do bilinguismo, os surdos passaram a conviver em Comunidades e, a partir daí, surge também, o biculturalismo, ou seja, passou-se a perceber a existência de uma cultura surda e das identidades surdas [...] (NOGUEIRA, 2019, p. 48).

A adoção do bilinguismo só foi possível, por causa da Lei da Libras, a Lei 10.436, promulgada em 2002, que garantiu ao surdo, o direito de ser educado em sua língua.

Em sua dissertação de mestrado, concluído em 2018, pela Universidade Federal do Paraná, com o título “Enfim posso falar: relatos de surdos paranaenses que vivenciaram a transição do oralismo ao bilinguismo”, a pesquisadora surda Beatriz Ignatius Nogueira Soares, concluiu, a partir de depoimentos de seus colaboradores que o bilinguismo, apesar de ser uma abordagem educacional e de ter proporcionado que os surdos avançassem em seus estudos, a maior conquista para os surdos foi que eles, finalmente “podiam falar”, podiam frequentar suas associações, constituir a Comunidade Surda, construir identidades surdas e compartilhar a cultura surda.

Afinal, segundo Vigotski (1984) o mais importante para o ser humano é interagir em sociedade, compartilhando a língua, a cultura, os costumes e conviver em comunidade.

Nesta terceira década do século XXI, a comunidade surda, a Libras, a cultura surda existe e resiste entre a hegemonia ouvinte, muitas vezes encarada como se fosse estrangeira em seu próprio país, mesmo assim, buscando espaço, da mesma forma que as diferentes comunidades étnicas ouvintes fazem, para preservar seus hábitos e sua cultura.

1.3. Compreendendo as línguas de sinais e a Libras

Mesmo com a Lei da Libras, ainda é grande o desconhecimento acerca desta realidade linguística. Por exemplo, jornalistas, médicos e até professores falam em “Linguagem” de sinais ao invés de Língua de Sinais. É preciso compreender que existem diferenças entre linguagem, língua e fala.

Nogueira, Carneiro e Soares (2018), sustentadas em Bastos e Candiotto (2007), apresentam as diferenças entre linguagem, língua e fala, considerando que a linguagem é mais ampla, geral, isto é “[...] o sistema abstrato, articulado, fenômeno universal, independentemente da situação cultural, que diferencia o ser humano das demais espécies” e, restringindo a linguagem a um determinado grupo que utiliza o “sistema abstrato” para se comunicar, as autoras, ainda sustentadas em Bastos e Candiotto (2007) especificam que língua é o “[...] sistema abstrato, articulado utilizado por um grupo ou uma comunidade específica, por exemplo, a Língua Portuguesa” (NOGUEIRA, CARNEIRO e SOARES, 2018, p.82);

Ao particularizar a língua no caso de um único indivíduo, as autoras, ainda considerando o mesmo referencial, estabelecem o que é fala. “A fala é o exercício material da língua levado a cabo por este ou aquele indivíduo pertencente a uma comunidade linguística específica” e a linguagem é a capacidade do ser humano de comunicar-se com os semelhantes por meio de signos. É ao mesmo tempo física, psicológica e social e é realizada sempre dentro do âmbito de uma língua, “inseparável de um contexto cultural específico, particular, de uma comunidade linguística” (BASTOS e CANDIOTTO, 2007, p.15).

Como foi explicitado no tópico anterior foram necessários muitos estudos linguísticos para se aceitar que a Libras é uma língua e ela foi reconhecida como meio de comunicação legal do surdo brasileiro em 2002, mas muitos ouvintes, como já mencionamos antes, envolvidos ou não com a educação de surdos, ainda não conhecem a Libras, a Língua Brasileira de Sinais.

Um exemplo disso é que antes usávamos LIBRAS, com todas as letras maiúsculas, como sigla de Língua Brasileira de Sinais. Escrever LIBRAS com todas as letras maiúsculas é inadequado tanto pelas regras da ABNT (Associação brasileira de Normas Técnicas) que recomenda que somente as iniciais das palavras devem constar em maiúscula e, daí teríamos LiBraS, quanto pelas regras da Língua Portuguesa que estabelece que siglas que podem ser pronunciadas como uma palavra, deve ser grafada apenas com a inicial maiúsculas, como por exemplo, Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), o que já garantiria que deveríamos escrever Libras. Entretanto, foi somente após a Lei nº10436/2002, a “Lei da Libras” (BRASIL, 2002), que a sigla LIBRAS foi substantivada no âmbito da Educação de Surdos, passando a ser grafada somente com a inicial maiúscula. Mas, ainda é comum, encontrarmos, até mesmo em documentos oficiais a grafia LIBRAS. Penso que vamos precisar insistir muito para que se passe a escrever corretamente o nome da língua dos surdos brasileiros.

Com a Libras sendo reconhecida como meio de comunicação legal no Brasil, os surdos conquistaram o direito de serem educados em sua língua e, assim, o Decreto 5626/2005 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei da Libras torna obrigatório a presença dessa componente curricular nos cursos de Licenciatura, de Pedagogia e de Fonoaudiologia e optativo para os demais cursos. O Decreto 5626/2005 também determina a adoção da abordagem

educacional bilíngue nas escolas inclusivas para surdos, com a presença de intérpretes de Libras, garantidos anteriormente pela “Lei da Acessibilidade”, a Lei 10 098 de 2000 (BRASIL, 2000).

Essas leis e suas consequências deram bastante visibilidade para os surdos e a Libras, que chamaram a atenção da sociedade ouvinte, que começou a tomar contato com essa língua, para eles tão diferente. Afinal, é uma língua sem som!

Com a garantia dos direitos dos surdos de serem educados em sua língua, foi necessário formar professores de Libras, tanto para ouvintes, como para os próprios surdos e foi criado, em 2006 o primeiro curso de Licenciatura em Letras/Libras¹⁵, na modalidade EAD, pela Universidade Federal de Santa Catarina, com vagas destinadas especialmente para surdos. Também a Libras, que é uma língua viva, ainda em construção em função dos anos em que esteve proibida, mesmo tendo sido estudada pelas pesquisas realizadas em cursos de pós graduação, com estudos divulgados em publicações científicas, apresentadas e debatidas na mídia cotidiana, ainda assim, infelizmente, ainda permanece o desconhecimento acerca dessa realidade linguística tanto daqueles que convivem de perto com a surdez, quanto da sociedade ouvinte em geral que não entendem, ignoram e acham não é importante dar espaço a esta língua. Esse desconhecimento está explicitamente expresso em textos como os de Gesser (2009), Reily (2004) e Pereira *et al* (2011), quando essas autoras abordam mitos e crenças sobre as línguas de sinais.

De acordo com Gesser (2009), um desconhecimento bastante comum das pessoas ouvintes e que não convivem na comunidade surda e não têm contato com as pessoas surdas é pensar que a Libras é constituída por gestos comuns, ou seja, gestos simples e icônicos, isto é, que se parecem com o que se quer representar, como por exemplo, o sinal para casa (em Libras):



Figura 3 – Casa
Fonte: Arquivo da autora

¹⁵ A primeira turma foi 2006, primeiro curso pela UFSC da nossa história

Ainda de acordo com Gesser (2009), as pessoas não têm conhecimento de que a Libras é uma língua estruturada, com sintaxe própria e que os sinais não são gestos. De maneira geral, os gestos acompanham a fala e podem ser considerados elementos “paralinguísticos” que reforçam o que se está anunciado.

De acordo com Knapp e Hall (1999) existem gestos que são “independentes da fala”, são “gestos emblemas” ou “autônomos”, como por exemplo, o da “[...] banana representada pelo antebraço dobrado para cima”, com a outra mão sendo pressionada pelo antebraço e que é facilmente reconhecido como “dane - se” (KNAPP; HALL, 1999, p.192). Outros gestos considerados pelos autores, como autônomos, são o menear da cabeça para indicar “sim” ou “não”.

Sinais não são gestos. Eles obedecem a regras de formação e não são autônomos, isto é, carregam significado que apenas são compreendidos pelos usuários das línguas de sinais em particular.

Considerar as línguas de sinais como composta somente por gestos, sem considerar a estruturação de um sinal, seria o equivalente, de acordo com Pereira *et al* (2001, p.18), a descrever uma língua oral como “ruídos” feitos com a boca.

Outra concepção errada que as pessoas possuem é de considerar a Libras (e as demais línguas de sinais) como icônicas (o que poderia significar que a língua de sinais não seria arbitrária e resultante de convenção, como as línguas orais, em que não existe uma relação de semelhança entre a palavra e o conceito que representa). Existem sim, sinais icônicos na Libras, como também existem “palavras icônicas” na Língua Portuguesa, como ping-pong; piuí; miau, etc, ou seja, o que é chamado de onomatopéias (PEREIRA *et al*, 2009).

A Libras não é icônica, porque a relação não é apenas direta, quase transparente entre um sinal e o conceito que este representa, além disso, como ela ainda está sendo estruturada, muitos sinais que antes eram icônicos vêm sofrendo modificações ao longo do tempo e na combinação com outros sinais resultam em perda de iconicidade, se tornando, portanto, arbitrários.

Desta forma, a Libras não é somente um conjunto de sinais, que representam coisas concretas. A Libras tem gramática própria como qualquer

língua, e se apresenta estruturada nos mesmos níveis das línguas orais, a saber: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático (GESSER, 2009).

Foram os estudos linguísticos, em particular o pioneiro do norte americano William Stokoe (1960), que conferiram *status* linguístico às línguas de sinais, como vamos tratar no próximo tópico.

De acordo com Oliver Sacks (1990) antes desses estudos, as línguas de sinais não eram vistas como uma verdadeira língua, com gramática própria. Com o reconhecimento linguístico efetivado por Stokoe, que comprovou a Língua de Sinais Americana possuía gramática própria, com seu próprio conjunto de regras para a constituição dos sinais, as pesquisas passaram então a buscar identificar se as línguas de sinais desempenhavam o mesmo papel, no desenvolvimento cognitivo do surdo, que o desempenhado pela língua oral no desenvolvimento cognitivo dos ouvintes.

Os estudos linguísticos de Stokoe e os que vieram depois, em todo mundo, comprovaram que as línguas de sinais não usam preposições, artigos e outros elementos de ligação, além de poucas possibilidades de flexões, existe a falsa ideia de que elas, em comparação com as línguas orais são limitadas e empobrecidas.

Isto revela um total desconhecimento, pois pelo uso do espaço é possível expressar as mesmas relações que, por exemplo, as preposições na língua oral, ou seja, a língua de sinais utiliza recursos diferentes para expressar as mesmas ideias. Também a língua de sinais não tem limites para expressar quaisquer conceitos (NOGUEIRA, CARNEIRO, NOGUEIRA, 2010, p.89)

De acordo com Gesser (2009) e Pereira *et al* (2011), a Libras, assim como qualquer língua de sinais, não é mímica. Fazemos mímica quando utilizamos gestos para representar objetos, imitar pessoas e animais, expressar sentimentos sem, todavia, obedecemos a regras gramaticais. A mímica, conforme demonstram pesquisas, permite facilitar a comunicação. Por exemplo, a profissão de palhaço exige que ele seja um hábil mímico. Muitos circos viajam o mundo todo e seus palhaços fazem todos rir, sem pronunciar praticamente nenhuma palavra. Muitos juízes de futebol, entre dois países diferentes, fazem mímica para serem entendidos, embora, existam gestos já combinados, como apontar para o centro do campo, indicando gol, ou levantar um cartão vermelho, para indicar a expulsão de um jogador.

A mímica é muito utilizada na contação de histórias ou em peças de teatro. Neste caso ela recebe o nome de pantomima. Gesser (2009) descreve uma pesquisa realizada em 1979 pelos norte-americanos Klima e Bellugi, em que foram constatados criação de gestos, realizadas imitações para que trechos de histórias, fossem narrados por ouvintes, sem utilizar palavras. Os ouvintes demoraram muito mais tempo para reproduzirem pela pantomima as histórias do que quando foram narrados em línguas de sinais. Gesser (2009, p.21) destaca afirma que “A pantomima quer fazer com que você veja “o objeto”, enquanto o sinal quer fazer com que você veja o símbolo convencionado para esse objeto”.

Foi somente com a comprovação de que a Libras não é mímica, que surgiram pesquisas sobre o papel desempenhado por ela no desenvolvimento cognitivo dos surdos, que pudemos pensar em uma definição socioantropológica da surdez, como “diferença linguística”. Além disso, não teria sido adotada a abordagem bilíngue, não teríamos pesquisas e estudos linguísticos, não teríamos intérpretes, também não iria abrir o curso de graduação de Letras/ Libras, não teríamos professores surdos. A vida dos surdos seria mais difícil do que se imagina.

As línguas de sinais não se resumem no alfabeto manual (soletração e datilologia). Às vezes as pessoas ouvintes pensam que para se sinalizar alguma coisa em Libras é preciso soletrar letra por letra, por exemplo, para gato, soletrar G-A-T-O.

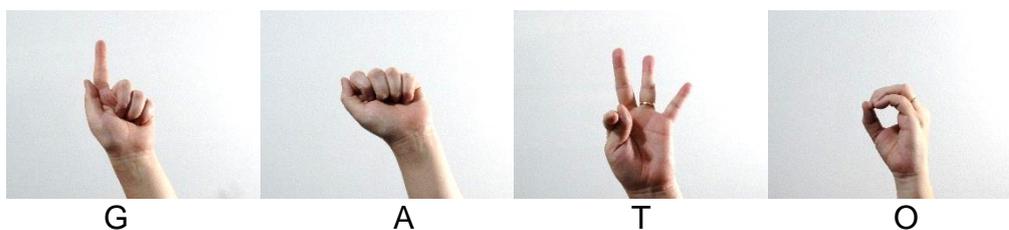


Figura 4 - G-A-T-O
Fonte: arquivo da autora

Não, existe o sinal próprio para gato, conforme na figura a seguir.



Figura 5- Gato

Fonte: arquivo da autora

A soletração só é utilizada para nomes próprios ou palavras que ainda não tem um sinal. Por exemplo, quando teve o *impeachment* do presidente Fernando Collor, em 1992, ainda não existia um sinal para essa palavra e era soletrada. Em 2016, quando se discutia o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, já havia o sinal e não mais se soletrava esta palavra.

Assim, a soletração e a datilologia (que é soletrar rapidamente, inclusive pulando algumas letras) é importante para interagir entre interlocutores alfabetizados. Por exemplo, na minha família, meus irmãos ouvintes conhecem pouco da Libras, mas conhecem o alfabeto manual e muitas vezes nos comunicamos dessa forma. Mesmo assim, são soletradas apenas algumas palavras para dar o contexto e podermos compreender pela leitura labial, nunca acontece de se soletrar uma frase inteira. Resumindo, se não existe sinal, soletramos, sem esquecer que a soletração só é possível entre interlocutores alfabetizados e ainda é grande o número de surdos iletrados.

Outra consequência da ideia de se pensar que as línguas de sinais são icônicas, ou que se faz soletração, é achar que as línguas de sinais são iguais em todos os países. A Língua de Sinais não é universal, porque existem diferenças entre línguas de sinais utilizadas em países diferentes. Por exemplo, a Libras é a língua de sinais dos surdos brasileiros e se originou da Língua de Sinais Francesa, como já vimos. Em Portugal, por exemplo, é considerada língua gestual, ou seja, temos a Língua Gestual de Portugal, cuja sigla é LGP. E, o mais interessante é que a língua oral do Brasil e de Portugal são as mesmas, a Língua Portuguesa, com pequenas variações, enquanto existem grandes diferenças entre a Libras e a LGP. A Libras é mais próxima da LSF (Língua de Sinais Francesa) do que a LGP (GESSER, 2009).

Então, a Libras é língua natural, como toda língua oral, produção cultural humana. É reconhecida como meio legal de comunicação no Brasil, considerada nativa no território nacional. A Libras e todas as línguas de sinais, não são artificiais, isto é, não foram inventadas. Surgiram naturalmente. Outra coisa importante: as línguas de sinais são independentes das línguas orais. A Libras recebe influência da Língua Portuguesa, por exemplo, as palavras futuro e professor são sinalizadas a partir das letras f e p, respectivamente, no alfabeto manual (QUADROS, 1997).



F – Futuro



P - Professor

Figura 6 - F e P
 Fonte: arquivo da autora

Outra evidência da naturalidade das línguas de sinais, foi o estudo realizado por Lucinda Ferreira Brito em 1982 sobre a Língua de Sinais dos índios Urubu-Kaapor da floresta amazônica brasileira e observou, após mais de um mês de convivência na tribo que “[...] os ouvintes da aldeia “falam” a língua de sinais e a língua oral enquanto os surdos se restringem à língua de sinais. Assim, os ouvintes da aldeia se tornam bilíngues, enquanto os surdos se mantêm monolíngues” (NOGUEIRA, CARNEIRO, NOGUEIRA, 2012, p.82).

Mas, a comunicação com as mãos não teve início com os surdos e nem é exclusividade deles. Nogueira, Carneiro e Nogueira (2012, p. 81), os homens pré-históricos utilizavam os gestos em sua comunicação e “[...] apenas quando começaram a utilizar ferramentas, ocupando as mãos é que começaram a utilizar a comunicação oral”. O fato do ser humano se comunicar utilizando gestos, antes de utilizar a palavra para interagir, demonstra a naturalidade da comunicação por sinais. E, de acordo com Reily (2004), a comunicação por sinais ou gestos convencionados também não é exclusiva dos surdos:

Você sabia que existem várias linguagens manuais criadas em diversos momentos da história da humanidade, para uso em contextos variados, tendo em vista possibilitar a comunicação e a interação em situações em que a fala era inviável, proibida ou impossível? Mergulhadores, por exemplo, criaram um sistema de códigos gestuais para se comunicar debaixo d’água, onde a fala não é possível. Considerando os riscos de uma comunicação equivocada em circunstâncias perigosas, fica evidente o quanto essa comunicação deve ser bem assimilada durante os cursos de mergulho para garantir a segurança no meio líquido (REILY, 2004, p.113)

Ainda de acordo com Reily (2004), um sistema de comunicação utilizando sinais de fumaça foi desenvolvido pelos indígenas do planalto americano, que “[...] também desenvolveram uma língua de sinais para estabelecer uma comunicação entre tribos distintas, que não falavam a mesma língua, e precisavam de uma forma convencional de comunicação”, que

favoreceu a realização de alianças e comércios (NOGUEIRA, CARNEIRO, NOGUEIRA, 2012, p.82).

Nesta terceira década do século XXI, ainda se encontra em vigor, um sistema de sinais que foi desenvolvido no período medieval por monges nos mosteiros europeus, que faziam o voto do silêncio (REILY, 2010).

Desta forma, a naturalidade, a arbitrariedade, a não universalização das línguas de sinais, a sua constituição como língua ficam demonstradas. No próximo tópico, vamos tratar de aspectos linguísticos da Libras.

1.4. Libras: aspectos linguísticos

As línguas de sinais adquiram *status* linguístico a partir dos estudos de Willian Stokoe, americano, sobre a língua de sinais americana, a ASL durante a década de 1960.

Para se chegar à conclusão de que um sistema de comunicação constitui uma língua, são realizados estudos mediante uma área da Linguística chamada Linguística Contrastiva, que como o próprio nome indica, realiza comparações entre o sistema de comunicação em estudo e uma língua já constituída. Stokoe comparou a ASL com a língua inglesa e constatou que a ASL possui unidades mínimas que correspondem aos fonemas em uma língua oral e também uma sintaxe, isto é, regras gramaticais. Ele identificou, inicialmente, três tipos de unidades mínimas: a configuração de mãos (CM), que é o ponto de partida para um sinal, é o formato da mão; o Ponto de Articulação (PA) que é o lugar onde o sinal é realizado e o Movimento (M), que pode ser das mãos, dos pulsos, dos dedos.

Estudos posteriores, consideraram também a Orientação das Mãos (OM), que é o lado que a palma das mãos está virada e podem ser seis: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para o corpo e para frente. E, finalmente, uma quinta unidade mínima foi considerada, as Componentes Não Manuais (CMN), que são as expressões faciais e corporais.

Desta forma, cada sinal em Libras é composto por essas cinco unidades mínimas, também denominadas parâmetros.

A expressão facial, que constitui as CMN e foi o último parâmetro a ser identificado, tem valor gramatical em Libras. É a responsável pela modulação

dos sinais, o que equivale, nas línguas de sinais, à prosódia e à entonação. Também é responsável pelos advérbios de intensidade e adjetivos referentes ao tamanho, por exemplo. Para os ouvintes, é muito importante a entonação da voz, por exemplo, para identificar frases afirmativas, exclamativas, interrogativas e imperativas. Essas diferenciações são feitas na Libras, pela expressão facial. Assim, para surdos, é muito importante a expressão facial, através de rosto inteiro (sobrancelha, boca, bochecha e língua) porque pode expressar o seu grau/nível baixo ou neutro ou alto, por isso não precisa ouvir as vozes, sim ver expressões de seu rosto. Este aspecto contribui para demonstrar o quanto a visão é fundamental para a comunicação dos surdos, para sua vida, o que justifica considerar a surdez como “experiência visual”.



Figura 7 - Grau de Intensificador
Fonte: Arquivo da autora

Ao comparar a Língua Portuguesa e a Libras, encontramos semelhanças e diferenças. As semelhanças são as que existem entre todas as línguas, quando comparadas entre si, como possuir uma sintaxe, ser arbitrária, ter uma comunidade que se expressa por ela, produtividade, serem processadas na mesma região do cérebro e, principalmente, desempenhar papel importante no desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Mas, ambas são extremamente diferentes entre si, por exemplo, em Libras é possível a simultaneidade de sinais, ou seja, é possível fazer dois sinais

ao mesmo tempo, o que é impossível na Língua Portuguesa. A sintaxe da Libras é espacial, enquanto na Língua Portuguesa, ela é linear, ou seja, uma palavra sucede a outra.

Entretanto, é possível que a Libras e a Língua Portuguesa convivam juntas no Brasil. Por exemplo, no Canadá temos as línguas inglesa e francesa, juntas. Nas regiões de fronteira do Brasil, com a América Latina, o Português e o Espanhol, convivem. As línguas que convivem, acabam influenciando uma na outra. Existe espaço no Brasil para a Libras e a Língua Portuguesa.

Retomando: a Libras não é uma língua vulnerável ou simples, também os sinais não são “apenas” icônicos, a maioria dos sinais são arbitrários. Sinais não são gestos, as Línguas de Sinais não são mímicas, em Libras os surdos compreendem. O problema é o significado das palavras escritas em português

[...] gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...] (STROBEL & FERNANDES, 1998, p.7 *apud* LUCHI 2013, p.33-34).

Além disso, de acordo com Stumpf (2004, 2005) a escrita da Libras, denominada de Escrita de Sinais ou *SignWriting* não é alfabética. Ela é constituída por signos linguísticos que possibilitam a representação da comunicação imagética, não se trata de desenho aleatório, mas, sim, de alfabeto/sinal simbólico para registrar graficamente a Libras.

A tradução de pensamentos em signos necessita de canais e linguagens que viabilizem socializar esses pensamentos, permitindo o intercâmbio de mensagens entre o homem e o mundo à sua volta. Cada sistema de signos constitui-se de acordo com sua especialidade característica, que possibilita sua articulação em conjunto com os órgãos emissores-receptores (sentidos humanos). Estes produzem as mensagens que reproduzem os sentidos. É pelos sentidos que os homens se comunicam entre si (SEGALA 2010, p.29).

Ao terem sua língua falada e grafada visualmente, ao não perceberem o mundo pela audição e sim pela visão, podemos considerar que as experiências visuais dos surdos são diferentes das dos ouvintes, nem melhor e nem pior, diferentes. Da mesma forma, ao se organizarem cognitivamente pela experiência visual, a maneira de pensar do surdo é diferente da do ouvinte. Novamente, nem melhor e nem pior, diferente. Consequentemente, podemos inferir que a cultura surda também é diferente da ouvinte.

1.5. A experiência visual e a cultura surda

Alguns pesquisadores como Campello (2007); Lodi e Lacerda, (2009), Quadros (1997); Lane (1997); Strobel (2015), Perlin (1998); Skliar (1997) e Karnopp (1994) afirmam que a visualidade é essencial para surdos, pois é ela que favorece a sua produção de comunicação mediante as mãos e os olhos. Ao possibilitar a comunicação e a compreensão do mundo, a experiência visual também é responsável pela produção de conhecimentos.

Campello (2007) afirma que a visualidade é fundamental para a educação dos surdos e, baseada nisso, estabeleceu a sua teoria da “Pedagogia Visual”. Segundo Campello (2007), o ensino de surdos considerando a Pedagogia Visual deve considerar:

[...] contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da linguagem de *Sign Writing* (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as “experiências visuais” (CAMPELLO, 2007, p. 129).

Entretanto, mesmo com as recomendações de Campello (2007), e da constatação evidenciada por estudiosos como Skliar (1998), Quadros (1997), Souza (2007), Fernandes (2006); Nogueira e Zanquetta (2013); Nogueira e Borges (2013) de que a aprendizagem do surdo se efetiva melhor quando este tem apoio visual, alguns estudos, como os de Lebedeff (2017), no caso de letramento; Nogueira e Zanquetta (2013) e Nogueira e Borges (2013), em relação ao ensino de Matemática, apontam que nem sempre isto é levado em consideração na preparação das aulas.

Para Lebedeff (2017, p.177), a “[...] a tendência maior é a de reprodução de atividades e experiências ouvintes, com tímidas incursões pelo letramento visual e pela cultura surda, enquanto que Nogueira e Zanquetta (2013, p.39) alertam que não basta “[...]traduzir”, para a língua de sinais, metodologias, estratégias e procedimentos da escola comum”, mas que devem

ser consideradas as particularidades do aluno surdo, como a necessidade de apoio visual.

A mesma pesquisadora, em texto conjunto com Grützmann (2021) consideram que:

[...] a experiência visual dos surdos não tem sido objeto de análise nem tem tido espaço especial nos projetos de educação e escolarização dos surdos. Existe uma certa distância entre o discurso (o surdo é sujeito visual) e a prática (experiência visual não é privilegiada na escola), que é observada tanto na escola para ouvintes com alunos surdos incluídos como nas próprias classes de surdos, seja com professores surdos ou ouvintes. [...]. Desse modo, acredita-se, há uma necessidade urgente de diminuir essa distância e de prover crianças surdas e ouvintes com novas possibilidades de construção de sentidos, de aprendizagens, a partir da imagem, da visualidade (LEBEDEFF, GRÜTZMANN, 2021, p.164).

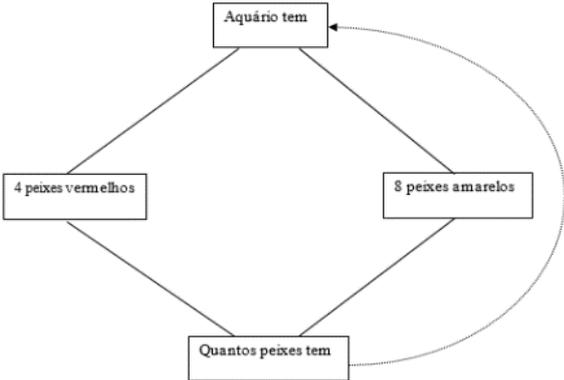
Corroboramos com as autoras e a presente investigação procura contribuir com a diminuição desta distância. Nesta segunda década do século XXI, pesquisadores estão buscando métodos mais adequados para que os professores possam ter mais sucesso com seus alunos surdos e ainda existem conflitos sobre o que seria mais relevante: textos, imagens ou os dois.

Nesse caminho, temos os trabalhos de Soares, Nogueira e Zanquetta (2018); Soares, Nogueira e Borges (2018); Nogueira e Soares (2018); Nogueira e Borges (2019), que utilizam apoio visual para facilitar a interpretação de problemas matemáticos verbais por estudantes surdos.

A hipótese de apresentar enunciados de problemas utilizando diferentes formas de representação se fundamentou na teoria dos Campos Conceituais estabelecida pelo pesquisador francês Gérard Vergnaud, que considera que um conceito tem diferentes representações e a possibilidade de se utilizar apoios visuais para a compreensão dos enunciados emergiu da concepção de surdez como experiência visual.

Um desses trabalhos enunciados anteriormente, o desenvolvido por Nogueira e Soares (2018) teve por principal objetivo identificar, dentre três formas de apresentação de problemas, a saber: Língua Portuguesa escrita/leitura em Libras; Língua Portuguesa escrita/diagrama e Língua Portuguesa escrita/ilustração, qual as crianças surdas preferem?

A seguir, o conteúdo do instrumento de produção das informações.

Enunciado escrito adaptado	Representação figural, quando houver
<p>1) Na sala de aula estão sentados 5 meninos e 4 meninas. Quantas crianças estão na sala de aula?</p>	
<p>2) Em um aquário tem 4 peixes vermelhos e 8 peixes amarelos. Quantos peixes tem no aquário?</p>	
<p>3) Laura comprou 4 bananas e 7 maçãs. Quantas frutas Laura comprou?</p>	

Quadro 1 – Composição
Fonte: arquivo da autora

Bloco B – Transformação

Enunciado escrito adaptado	Representação figural, quando houver
<p>1) Gabriel tinha dinheiro. Gabriel comprou um carrinho e pagou R\$5,00. Gabriel ficou com R\$3,00. Quanto dinheiro Gabriel tinha antes de comprar o carrinho?</p>	

<p>2) Daniel tinha figurinhas. Daniel perdeu 5 figurinhas e ficou com 7 figurinhas. Quantas figurinhas Daniel tinha antes?</p>	
<p>3) Gabriel tinha uma caixa com bolinhas de gude. Gabriel deu 4 bolinhas para o Guilherme. Gabriel ficou com 7 bolinhas de gude. Quantas bolinhas o Gabriel tinha antes na caixa?</p>	

Quadro 2 – Transformação
Fonte: arquivo da autora

Bloco C – Comparação

Enunciado escrito adaptado	Representação figural, quando houver
<p>1) Daniel tem 5 anos Gabriel tem 6 anos mais do que Daniel. Quantos anos tem Gabriel?</p>	

<p>2) Guilherme tem 3 carrinhos.</p> <p>Jorge tem 5 carrinhos a mais do que Guilherme.</p> <p>Quantos carrinhos o Jorge tem?</p>	
<p>3) Laura tem 4 flores</p> <p>Jorge tem 7 flores mais do que Laura.</p> <p>Quantas flores tem Jorge?</p>	

Quadro 3 - Comparação
Fonte: Nogueira e Soares (2018)

Considerando que toda investigação deve ter como intenção favorecer a ação docente, Nogueira e Soares (2018) optaram por ilustrações simples, à mão livre, sem maiores cuidados, pensando no cotidiano do professor.

Participaram da pesquisa 10 alunos do Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá, sendo 9 surdos, dos quais três fizeram o Implante Coclear e uma criança ouvinte. A criança ouvinte estuda em um período na escola regular comum e frequenta duas tardes a escola para surdos, porque tem familiar surdo.

As crianças surdas começaram a resolução das tarefas pelo problema apresentado com a ilustração, em seguida optaram pelo diagrama e só por último pela redação simples. As crianças surdas procuravam fazer a correspondência entre a ilustração e a escrita, mas partindo sempre da ilustração, ou do diagrama e “voltando” com o movimento do dedo indicador para as palavras.

Esses resultados apontam para a importância da representação figurativa, seja na forma de diagramas, seja na forma de ilustração para a compreensão dos enunciados pelas crianças surdas.

Quanto à criança ouvinte ela sempre começou pelo problema escrito, em seguida foi para o que apresentava diagrama e só por último o das ilustrações. Lia sempre o enunciado e só depois procurava enquadrar o diagrama ou a ilustração ao enunciado, agindo de maneira contrária às crianças surdas, ou seja, o movimento do dedo indicador ia das palavras para o desenho ou diagrama. Uma explicação para esta discrepância em relação aos companheiros surdos pode ser pelo fato de que na escola regular comum que ela estuda, já esteja acostumada a resolver problemas, além disso, ela está alfabetizada, enquanto as crianças surdas ainda não sabem ler fluentemente. Este resultado destaca ainda mais a importância do apoio visual para os surdos, uma vez que a criança ouvinte, de mesma idade, não necessitou dele. Entretanto, mesmo sem necessitar, ela se interessou por eles.

Na mesma linha, Nogueira e Borges (2019) realizaram uma investigação que visava identificar se os professores que ensinam Matemática nos Anos Iniciais estariam preparados para proporem para a proposição de tarefas com vistas a inclusão de alunos surdos.

Para a realização da pesquisa de Nogueira e Borges (2019) foi solicitado a graduandos em Pedagogia que formulassem problemas de estruturas aditivas e os apresentassem nas três formas descritas anteriormente, a saber: Língua Portuguesa adaptada para surdos, com o acréscimo de diagramas e acompanhado de ilustração. Como material de apoio foi entregue o texto de Nogueira e Soares (2018), contendo os mesmos quadros referentes a cada um dos blocos anteriormente apresentados.

Com este material de apoio, a tarefa foi resolvida por 468 graduandos. Depois de uma primeira análise, foram selecionadas trinta tarefas representativas do coletivo das informações coletadas e foram identificadas algumas dificuldades, como redação adaptada aos surdos equivocada; incompreensão do significado de diagramas; concretização dos algoritmos nas ilustrações, além de ilustrações e diagramas que não correspondiam nem ao enunciado e nem à resolução dos problemas [...] (NOGUEIRA e BORGES; 2019).

Exemplificamos a seguir, alguns dos equívocos cometidos pelos futuros professores dos Anos Iniciais, em relação à utilização de imagens para

contribuir com a interpretação dos enunciados dos problemas, a partir da pesquisa de Nogueira e Borges (2019) e que foi extraído de um artigo produzido por Nogueira (2019), a partir dos mesmos dados.

O participante apresentou o seguinte enunciado de problema: *Izabel ganhou 7 maçãs, Maria ganhou 5 uvas e Carla ganhou 1 banana. Quantas frutas ao todo Izabel, Maria e Carla ganharam?* Este problema foi ilustrado da seguinte forma:

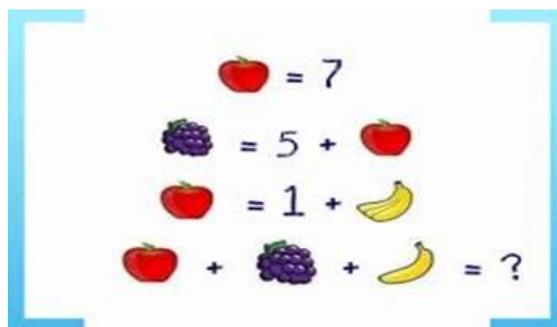


Figura 8 - Cálculo mental
Fonte: Nogueira (2019)

De que maneira essa ilustração pode colaborar para o estudante surdo entender o enunciado do problema? O desenho da maçã e o sinal de igual a sete, seria entendido pelo surdo como Izabel ganhou 7 maçãs? Em seguida, faz uva igual a 5 mais uma maçã, o que significaria que seriam 12 uvas, já que igualou maçãs a sete, daí escreve maçã igual a 1 mais uma banana. Partindo-se do pressuposto que foi assumido que maçã é igual a sete, teríamos seis bananas, e assim, o total de frutas seria, de acordo com essa ilustração: $7+12+6=25$ e não as 13 que seria a resposta do problema. Além de apresentar informações erradas, a ilustração já apresenta qual a operação deve ser realizada para resolver o problema, ou seja, a ilustração não se refere ao enunciado, mas à solução do problema.

Outro exemplo apresentado por Nogueira (2019) é referente a esse problema, proposto por um dos participantes da pesquisa: *Lucas tem 10 anos e Maria Luiza tem dez anos. Quantos anos, no total eles tem juntos?* A autora destaca que o enunciado já complica o entendimento, porque não faz o menor sentido somar idade de crianças, mas o diagrama e a ilustração apresentados não ajudam em nada a compreensão do enunciado:

Figura 6: Diagrama e Ilustração apresentados para o problema:
*Lucas tem 10 anos e Maria Luiza tem dez anos. Quantos anos, no total eles
 tem juntos?*



Figura 9 - Lucas e Maria Luzia
 Fonte: Nogueira (2019)

Trouxemos esses exemplos para mostrar que as imagens ajudam sim, os surdos, mas os professores precisam analisar quais realmente são adequadas e considerar que os alunos surdos podem captar mais mensagens das imagens do que a intenção do professor. Essa investigação pretende demonstrar isso.

Então, não podemos “poluir” a sala de aula com imagens que não serão utilizadas naquele momento. Se a aula é de Geografia, por exemplo, apresentamos mapas, fotos de vegetação e assim por diante; mas devo retirar da sala, o cartaz que representa o corpo humano, para não distrair a criança. Outro cuidado importante é variar as imagens apresentadas. Por exemplo, não podemos sempre apresentar uma montanha com neve. As crianças irão sempre associar neve às montanhas, o que não é verdadeiro.

Reily (2003) a partir dos resultados de uma investigação realizada com crianças surdas, na perspectiva do letramento visual aponta para a importância da exploração e do apoio de imagens no ensino de crianças surdas, mas essa inserção, segundo a autora, não deve depender somente da escolha do professor e sim, que deve ser formalizada.

Lebedeff e Grützmann (2021, p.164), também consideram os resultados de Reily (2003) e, a partir deles, afirmam que “[...] texto e imagem são complementares na produção de sentidos, não sendo nem concorrentes nem substituíveis, por serem de naturezas diferentes”.

Mas, o que é exatamente experiência visual? Vamos começar por compreender o que é experiência. Experiência é o substantivo associado ao

verbo “experimental”. O dicionário Michaelis *on-line* (acesso em 24/06/2020), traz, entre outros significados para a palavra experiência, o de “conhecimento das coisas pela prática ou observação”.

Considerando então, a origem latina da palavra experiência e os significados retirados do dicionário, mais o fato de que a palavra visual, se refere à visão, designamos por “experiência visual” a capacidade de conhecer e aprender pela observação e prática visuais. Dito de outra forma, capacidade de visualizar, visualidade.

Visualidade é sinônimo de “vista”, que é tudo o que enxergamos em nossa frente. Quando abrimos uma janela, temos uma “vista”. Entretanto, essa vista apresenta peculiaridades que podemos utilizar como dados para construir conhecimentos, como exemplos: determinados tipos de nuvens anunciam chuva, outras não; a direção dos pássaros migrantes voando pode indicar o prenúncio de uma nova estação; uma quantidade expressiva de carros passando pela “vista” em um horário inusual pode ser indício de algum evento. Desse modo, a janela pode ter uma “vista” que colabora para nossa compreensão de mundo (LEBEDEFF, GRÜZMANN, 2021, p. 160).

Quadros (2003, p. 93) considera que a experiência visual dos surdos possui aspectos que ela considera como “do ponto de vista físico” como os encontros, as festas, os objetos, as histórias etc.) e outros que ela considera como “do ponto de vista mental”, que envolvem a língua, os sonhos, os pensamentos, etc.). Perlin e Miranda (2008) comentam que a experiência visual acaba por substituir a limitação da audição na constituição do sujeito surdo, tanto cognitiva quanto socialmente falando, pois, a experiência visual é essencial para a comunicação representada pela língua de sinais, que é língua uma visomotora.

Para Campello (2008), pesquisadora surda, a experiência visual é determinante para a constituição do sujeito surdo, pois, para ela:

Os sujeitos surdos constituem-se como sujeitos mediados por referências diferentes das dos não surdos. Vão aos poucos tomando ciência de que o “seu mundo” é um mundo sem som e não se sentem incomodados por não ouvirem [...] a ausência [de som] é substituída pela visão, que é condicionada de acordo com a percepção visual que vai sendo construída no e do mundo (CAMPELLO, 2008, p. 86).

Obviamente, ouvintes e surdos possuem “experiências visuais” em situação de comunicação entre si, por exemplo, o ouvinte se esforçando para entender as mãos dos surdos e os surdos se esforçando para entender os lábios dos ouvintes. Entretanto, não é possível considerar que essas experiências são

equivalentes porque ler lábios é bem mais difícil do que ver as mãos. Além disso, os sinais podem ser ensinados, existe uma uniformidade na língua de sinais, enquanto que a leitura labial necessita de treinamento e observação, porque cada pessoa fala de uma maneira diferente, os lábios se movem de maneira diferente, como, por exemplo, pessoas idosas, pessoas com ou sem dentes, com aparelhos dentários, homens com bigodes, má articulação bucal, etc...

Por causa desta “experiência visual” mais aguçada e pelo fato de que as expressões faciais têm função gramatical na Libras, os surdos, de maneira geral, têm facilidade em perceber, enxergar, compreender e até mesmo “adivinhar” o sentimento de outra pessoa (por exemplo, triste disfarçado).

Estas percepções visuais abrangem, através de expressões faciais e corporais, das atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias (STROBEL 2008, p. 39).

Mas, não é apenas percepção. Não se trata de “olhar”, mas de perceber e de refletir sobre o que percebe. A “experiência visual” é o resultado das reflexões sobre as percepções visuais. Para Strobel (2008), a experiência visual pode provocar a reflexão e construir a subjetividade de pessoas surdas. Dito de outra forma, a experiência visual é o primeiro passo para a construção da identidade e da cultura surdas envolvidas na comunidade surda.

O sentir, a experiência visual e a expressão dialógica na língua de sinais, no corpo surdo há muitos sentimentos, muitas reações as quais fazem mexer com um determinado sentimento ou não, podendo ser um sentimento seletivo, mas um sentimento generalizado e complexo. Essa complexidade podemos ver que acontece ao entrar ou pertencer a um grupo surdo que tem suas próprias regras, só entende a cosmovisão surda aqueles que têm e vivem nas e com as experiências visuais (VILHALVA 2012, p. 59).

A expressão facial é integrante da cultura surda e é a experiência visual que possibilita a interação na sociedade, mediante a comunicação entre as pessoas. Também permite que os surdos apreendam os objetos, os animais, as imagens, a natureza etc. Ou seja, é pela experiência visual que os surdos compreendem o mundo, interagem, se comunicam e constroem os valores que constituem a cultura surda.

Então, quando consideramos a surdez como diferença linguística, isso não significa que a surdez é contrária à igualdade que existe entre os ouvintes”, ou seja, à normalidade. O surdo somente utiliza uma língua diferente, faz parte de uma minoria linguística e constituem uma comunidade formada

pelas pessoas que se comunicam com a mesma língua, a língua de sinais, no caso do nosso país, a Libras.

Depois da Lei da Libras, quando os surdos adquirem o direito de se expressar em sua língua natural e que acabou a proibição das crianças surdas conviverem com os adultos surdos sinalizantes, os surdos passaram a se reunir frequentemente e a Comunidade Surda se constituiu. A Comunidade Surda é diferente das comunidades de ouvintes, por exemplo, se fala na “Comunidade da Rocinha”, para se referir aos moradores da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Não se trata de moradores de uma localidade geográfica, mas sim, de pessoas que falam a mesma língua e se identificam culturalmente. A Comunidade Surda é semelhante, por exemplo, à Comunidade Japonesa, de minha cidade Maringá.

A Comunidade Japonesa de Maringá é composta por descendentes de japoneses, que moram em diferentes bairros da cidade, mas que em comum, preservam sua língua, sua cultura e seu esporte. Os japoneses de Maringá se reúnem na Associação Cultural e Esportiva de Maringá - ACEMA. Lá, eles mantêm times de beisebol masculino e feminino, oferecem cursos de japonês, realizam concursos de Karaokê e realizam o Festival Nipo Brasileiro, um grande evento com barracas de comida japonesa e apresentações artísticas da cultura japonesa.

A Comunidade Surda também se encontra nas Associações de Surdos, onde se comunicam em Libras, oferecem cursos de Libras e diversas atividades artístico-culturais. Com o fortalecimento da língua e da Comunidade Surda, é possível identificar a existência da Cultura Surda.

Nogueira, Carneiro e Soares (2018, p.29) consideram Strobel (2008) para estabelecer que:

[...] os surdos constituem uma comunidade que se caracteriza particularmente pela sua diferença linguística que gosta de interagir entre si, e “criam” espaços para desenvolverem, em conjunto, diferentes atividades de educação, trabalho, esporte e lazer. Os espaços “dos surdos” são associações e clubes de surdos, além de ambientes escolares e religiosos onde podem manifestar-se livremente em sua língua e constituiriam, ao mesmo tempo, refúgio e trincheira da língua de sinais e da cultura surda.

Ainda segundo as autoras, do reconhecimento da condição bilíngue dos surdos “[...] emerge outra questão: a do biculturalismo, uma vez que o surdo

vivencia dois grupos culturais distintos, o dos surdos e o dos ouvintes” (NOGUEIRA, CARNEIRO, SOARES, 2018, p. 27).

Stuart Hall (2014) admite a existência de múltiplas culturas interagindo entre si, sendo possível a multiplicidade de manifestações e grupos culturais de naturezas diferentes, ampliando o conceito de cultura e permitindo falar de cultura no plural.

Para a pesquisadora surda Karin Strobel (2008, p.17):

A humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento dentre outras manifestações. Partindo do suposto que cultura é a herança que o grupo cultural transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la.

A questão da “cultura surda” ainda divide opiniões, porque, afinal, os surdos fazem parte da sociedade ouvinte e compartilham seus valores, apesar de possuírem uma língua diferente. De maneira geral, costuma-se associar diferentes culturas, a diferentes línguas.

Mas, se os surdos convivem com a cultura ouvinte e aprendem seus costumes e regras, também os ouvintes são influenciados pela cultura surda, ao participarem da Comunidade Surda, como os pais, irmãos, cônjuges, dentre outros. Mas o exemplo mais forte dessa “adaptação cultural” dos ouvintes à cultura surda é o caso dos CODA¹⁶, que são os filhos ouvintes de pais surdos. Eles se tornam fluentes em Libras e quase sempre atuam como intérpretes de Libras. Minha irmã é surda e tem dois filhos ouvintes que utilizam a Libras. O mais velho deles, com 14 anos, também já compreende os hábitos da cultura surda. (QUADROS, MASSUTTI 2007)

Nenhuma cultura é única, isolada, ou seja, sempre existe biculturalismo ou multiculturalismo, seja por causa da influência étnica, classe social, questão de gênero, influência familiar e, no caso dos surdos, pela sua condição bilíngue.

Um exemplo de grupo cultural de ouvintes, bem distinto do grupo hegemônico, é o dos índios brasileiros. Por viverem e sobreviverem das matas, eles possuem uma cultura em que a preservação do meio ambiente é o principal valor e assim, criticam os políticos, lutam pelos seus direitos a terras, à sua

¹⁶ CODA – filhos ouvintes de pais surdos.

língua, às suas tradições, direitos esses, garantidos em lei. Mesmo sem estudos ou sem conhecimento profundo da cultura da sociedade brasileira em geral, orientam suas lutas pelo que poderia ser também considerado: capital cultural e, é a partir de seus valores, crenças e tradições que avaliam as influências que recebem da sociedade e, as consequências das atitudes dos indivíduos e governantes.

Podemos estabelecer alguns paralelos entre a comunidade surda e a comunidade indígena. Ambas são constituídas por brasileiros, que não compartilham da mesma língua da maioria da sociedade; que têm direitos garantidos em lei, como o de sua língua ser reconhecida como meio legal de comunicação em nosso país, de ser educado em uma abordagem bilíngue, direito ao intérprete, entre outros. Os surdos, também, avaliam, com suas referências, decisões tomadas pelos ouvintes e que lhes dizem respeito diretamente, como, por exemplo, o implante coclear, que, para muitos surdos adultos, representa a “volta ao oralismo”, uma vez que as crianças implantadas são proibidas de utilizar a Libras.

Na história, constata-se que os surdos sofreram perseguições pelas pessoas ouvintes, que não aceitavam as diferenças e exigiam uma cultura única por meio do modelo ouvintista ou ouvintismo (SKLIAR, 1998). São muitas as lutas e histórias nas comunidades surdas, em que o povo surdo se une contra as práticas dos ouvintes que não respeitam a cultura surda. "Os sujeitos ouvintes veem os sujeitos surdos com curiosidade e, às vezes, zombam por eles serem diferentes" (STROBEL, 2008, p.22).

Esta situação também é destacada por Nogueira, Carneiro e Soares (2018, p29):

Ainda hoje, muitos ouvintes tentam diminuir os surdos para que vivam isolados e tendo de assumir a cultura ouvinte, como se esta fosse uma cultura única; ser "normal" para a sociedade significa ouvir e falar oralmente. Os ouvintes não prestam atenção aos surdos que se comunicam por meio da Libras. Consequentemente, não acreditam que os surdos sejam capazes de estudar em faculdade ou realizar mestrado e doutorado, por exemplo.

Entretanto, com o reconhecimento do direito do surdo de ser educado em sua própria língua, os surdos estão avançando academicamente, particularmente aqueles formados nos Cursos de Licenciatura Letras/Libras, muitos dos quais cursaram (e estão cursando) mestrado e fizeram (e estão

fazendo) o doutorado, além de estarem desenvolvendo pesquisas. Os surdos resistiram. São resilientes e se apoiam em sua língua e sua cultura para seguirem adiante.

Mas, para as pesquisadoras surdas Perlin (2004) e Strobel (2009) não é fácil definir o que é a cultura surda, entretanto podemos mostrar que ela existe ao observarmos as transformações cotidianas vivenciadas pelos surdos.

Diante da comunidade majoritariamente ouvinte, as comunidades surdas apresentam suas próprias condutas linguísticas e seus valores culturais. A comunidade surda tem uma atitude diferente diante do déficit auditivo, já que não leva em conta o grau de perda auditiva de seus membros. Pertencer à comunidade surda pode ser definido pelo domínio da língua de sinais e pelos sentimentos de identidade grupal, fatores que consideram a surdez como uma diferença, e não como uma deficiência (PEREIRA *et al*, 2011, p.34).

Outro exemplo que pode caracterizar a “cultura surda” é o fato de que muitos surdos querem que os professores ouvintes parem de ensinar a Língua Portuguesa na modalidade escrita e criticam a sociedade que não se adapta à Língua de Sinais, criando recursos visuais (placas, televisão, *token* e outros feitos 100% em Libras). Por que eles fazem estas reivindicações? Porque a experiência visual deles está sendo dificultada sem esses recursos e ficando árduo para eles compreenderem o seu entorno. É claro que temos também muitos surdos que querem aprender a Língua Portuguesa na modalidade escrita, até mesmo para poderem continuar seus estudos, integrar o mundo acadêmico, mas, mesmo estes surdos que querem ser letrados, reconhecem que se a sociedade se adaptasse às suas experiências visuais, considerando-se a comunicação não verbal, tudo estaria facilitado para eles.

Mas, existem situações em que um grupo social, mesmo usuário da mesma língua, que possuem valores culturais diferentes, como, por exemplo, os hábitos religiosos. Os muçulmanos, por exemplo, restringem muito a liberdade das mulheres, os católicos adoram imagens e guardam o domingo; os adventistas guardam o sábado, algumas religiões evangélicas proíbem as mulheres de cortar cabelo, de usar calças compridas; as Testemunhas de Jeová não fazem transfusões de sangue, os judeus não são cristãos, os espíritas acreditam na vida após a morte e reencarnação e temos ainda os ateus e os agnósticos. Embora possam parecer coisas bem localizadas, são princípios que acabam por influenciar comportamentos e valores morais de seus seguidores, ou seja, produzem uma “cultura” diferente.

É possível estabelecer, com segurança, qual religião é a correta, qual está errada? Não. Mas, até mesmo a adoção de uma religião está relacionada à nossa visão de mundo, aos nossos sentimentos e subjetividade, às informações que recebemos desde nossa infância, ao meio em que vivemos, ou, ainda, às nossas experiências.

No caso específico da cultura surda, existem muitas discussões pelo fato de que esse grupo, embora utilize uma língua diferente e tenha bandeiras de luta bem definidas, no que se refere a valores e crenças, por exemplo, partilhariam as de outros grupos, como, por exemplo, os surdos católicos, ou os surdos homossexuais entre outros.

Geralmente as culturas são vividas em comunidades. Ora, não é difícil pensar que a comunidade é um grupo que compartilha aspectos comuns com os quais se auto identificam. Então, embora alguns surdos insistam que todos os surdos compartilham a mesma cultura e normas, pode-se perceber que outras diferenças – de raça, de classe, de gênero, de educação, etc. – podem ser mais significantes que o “ideal” de uma comunidade uniforme, e isto não acontece apenas com a comunidade dos surdos (SÁ, 2006, p.08)

No final do século XX, Carlos Skliar (1998) considerava ser comum a rejeição à possibilidade da existência de uma cultura surda; e o principal argumento para tal rejeição seria a concepção de uma cultura única, praticamente universal. Para Sá (2006, p.7) as duas principais formas de negação da cultura surda são: [...] ressaltar que todos os surdos são iguais (portanto, insignificantes), ou, que são iguais à cultura que os cerca, exceto que não podem ouvir.”

Não é objeto deste trabalho aprofundarmos esta discussão. Vamos adotar aqui o conceito de “capital cultural”¹⁷, estabelecido pelo filósofo e sociólogo francês, e que estudaremos melhor no próximo capítulo, para admitir a existência da “cultura surda”¹⁸, e, mais ainda, que mesmo fazendo parte da comunidade surda, que é uma parte do grupo ouvinte, não existiria uma “única cultura surda”, pois os surdos podem ter “capitais culturais” diferentes, em função de sua escolarização, renda econômica, local onde mora, possibilidades de

¹⁷ Capital cultural é um constructo teórico estabelecido por Pierre Bourdieu.

¹⁸ Cultura Surda é como os surdos entendem o mundo, as relações sociais, a maneira de se comunicar e os valores que preservam, que difere da dos ouvintes. A Libras, a utilização de tecnologias assistivas, a valorização das expressões faciais e corporais são fundamentais para a cultura surda.

acesso a informações e, principalmente, da qualidade de suas experiências visuais.

Muitas vezes a sociedade dificulta a participação dos sujeitos surdos, deixando de colocar muitos recursos visuais que promovem suas acessibilidades em vários espaços (STROBEL 2008, p. 41)

A “experiência visual”, a capacidade de perceber detalhes, a rapidez da decodificação de imagens e movimentos desenvolve a linguagem e favorece a comunicação em Libras. Não significa que os surdos não têm problemas de visão. Claro que também temos surdos que usam óculos de grau! A questão é que desde muito pequenas, as crianças surdas sentem curiosidade e se esforçam para compreender o mundo que os cerca, as informações, as interações familiares e com isso, vão exercitando e exercendo sua “experiência visual”. Isto acontece, às vezes, antes mesmo da família saber que a criança é surda.

Desta forma, assim como o surdo precisa aprender a língua de sinais (ela não é mímica), precisam aprender a fazer a leitura labial (tem pessoas que acham que os surdos nascem sabendo fazer leitura labial), os surdos precisam exercitar sua habilidade visual. Porém, neste caso, como a visão é o elo de ligação do surdo com o mundo, este exercício acontece de maneira natural e assistemática.

A própria língua de sinais para esse “exercício” da experiência visual, ou seja, como as expressões faciais possuem função gramatical, sem elas a conversa entre os surdos seria parecida com a fala de um robô, sem entonação, monocórdia, em um único tom sonoro. Ao aprender a decodificar as expressões faciais, ao acompanhar o movimento dos sinais, a orientação das mãos, a diferenciar sinais mediante a alteração de um único parâmetro, o surdo exercita sua maneira de captar informações e constrói seu conhecimento de mundo a partir de suas experiências visuais.

Entretanto, pesquisas desenvolvidas por Kress e van Leeuwen¹⁹ (2006), de acordo com Lebedeff e Grützmann (2021), apontam que somos “analfabetos visuais”, o que é confirmado por Maciel (2015) para quem ver imagens é um ato que precisa ser aprendido e ensinado, ou seja, há necessidade

¹⁹ KRESS, G; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

de um letramento visual, de se educar o olhar, para poder ser capaz de interpretar.

Todavia, à medida que os anos de escolarização vão avançando, a escola vai substituindo, cada vez as imagens pelo texto escrito e, assim, um importante apoio é retirado para todos, em especial para os estudantes surdos.

Dito de outra forma, as imagens são desvalorizadas no que se refere à educação formal, à escolarização, ou, de acordo com Bourdieu (1998), mencionado por Maciel (2015, p.41) o uso de imagens fica relegado a “[...] domínios socialmente desvalorizados”. De acordo com Maciel (2015, p.41) Bourdieu critica a

[...] hierarquização de temas para estudo científico, apontando, entre eles, as histórias em quadrinho e a pintura, classificados como indignos, causando o afastamento de estudiosos pelo interesse de tomá-los como objeto de investigação, em virtude da sua falta de prestígio. Essa concepção levaria a quem se empenhasse em abordar tais gêneros a buscar o reconhecimento do seu trabalho em outras estâncias que não o campo científico. Para o autor, portanto, seria restringir os objetos de estudo para efeito de produção de conhecimento, com implicações lamentáveis na arte da comunicação entre as pessoas.

Ainda neste sentido, Almeida²⁰ (2011, p.44), assim se pronuncia: “[...] tristemente, concluímos que as imagens vão perdendo o seu valor à medida que avançamos em nível de instrução, como se aquilo que nos estivesse sendo comunicado através delas tivesse menor valor quando comparado ao que nos é comunicado em termos verbais” (ALMEIDA, 2011, p.44 *apud* LEBEDEFF; GRÜTZMANN, 2021, p. 165).

Face ao exposto, consideramos que um ensino mediado por apoios visuais favoreceria aos ouvintes e aos surdos, entretanto, não basta simplesmente promover a inserção de imagens. Como exposto anteriormente é preciso que as imagens sejam adequadamente interpretadas. Neste sentido, assumindo que os surdos são seres visuais por excelência, é legítimo procurar identificar que fatores influenciam suas interpretações de imagens.

Assumimos como hipótese a afirmação de Lebedeff e Grützmann (2021, p.) a saber: “Compreendemos, sobretudo, que as experiências visuais são

²⁰ ALMEIDA, D. B. L. Pelos caminhos do Letramento Visual: Por uma proposta multimodal de leitura crítica de imagens. **Linguagem em Foco** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE Universidade Estadual do Ceará. v. 3. n. 5, 2011.

adquiridas através de práticas sociais nas quais o leitor/observador está inserido dentro de seu **contexto sociocultural específico**, uma vez que suas interpretações são construídas a partir **desses referenciais** (LEBEDEFF, GRÜTZMANN, 2021, p. 160; grifos nossos).

O contexto sociocultural influencia a construção da identidade de qualquer indivíduo. No caso dos surdos, afirmamos que tanto a cultura surda, como as identidades surdas são constituídas mediante a experiência visual, conforme estabelecida anteriormente.

Não temos estudos que possam afirmar que a experiência visual influencia o capital cultural, até mesmo, porque são raros os estudos que abordam o capital cultural dos surdos, exceção feita ao trabalho de Morás (2017), mas, como vimos anteriormente, recorrendo a Strobel (2008) e Perlin (2003) a “experiência visual” é, ao lado da língua de sinais, os principais fatores de constituição da cultura surda. Como consideramos aqui, a cultura surda como uma aproximação à ideia de capital cultural, estamos assumindo que a experiência visual tem influência sobre o capital cultural do surdo. Mas, será que o contrário também acontece? Ou seja, o capital cultural influencia a “experiência visual”?

Para responder a estas questões, elegemos como suporte, a teoria bourdieusiana, particularmente nos conceitos de capital cultural e de *habitus*²¹, para identificar a influência do capital cultural na interpretação de imagens por sujeitos adultos surdos, letrados ou não.

No próximo capítulo vamos abordar a teoria bourdieusiana, base de nossa investigação.

²¹ Nas palavras de **Bourdieu** (2007), o **habitus** é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (p. 191).

Bourdieu definiu capital cultural como “familiaridade com a cultura legítima dentro de uma sociedade”, o que podemos chamar também de “alta cultura”. Bourdieu identificou três fontes de capital cultural: objetivo, incorporado e institucionalizado: **objetivo**: bens culturais, livros e obras de arte; **Incorporado**: linguagem, maneirismos, preferências; **Institucionalizado**: qualificações, credenciais de educação; <https://becocultural.com.br/capital-cultural/>

2. A noção de Capital Cultural em Pierre Bourdieu

O empreendimento paradoxal que consiste em usar de uma posição de autoridade para dizer com autoridade, para dar uma aula, mas uma aula de liberdade a respeito de todas as aulas, seria simplesmente inconsequente, ou mesmo autodestrutivo, se a própria ambição de fazer uma ciência da crença não supusesse a crença na ciência (BOURDIEU, 1994, p. 62).

Pierre Félix Bourdieu (1930-2002) foi um dos sociólogos e pensadores mais importantes na França do século XX. Autor de uma série de obras constituídas de críticas severas aos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, as quais contribuíram para renovar o entendimento da Sociologia. Embora contemporâneo, é tão respeitado quanto um clássico.

Bourdieu adota princípios estruturalistas, mas reformulando-os, em especial com suas críticas sobre como este ignora o sentido que os agentes²² dão às suas ações e acrescenta, em sua análise, a noção de estratégia à de regra. De acordo com Bourdieu, sua dívida em relação ao estruturalismo era que “[...] queria reintroduzir de algum modo os agentes, que Lévi-Strauss e os estruturalistas, especialmente Althusser, tendiam a abolir, transformando-os em simples epifenômenos da estrutura” (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Para o autor, há estruturas objetivas no mundo social que podem coagir a ação dos indivíduos porque essas estruturas são construídas socialmente. E rejeita a dicotomia subjetivismo/objetivismo nas ciências humanas, afirmando que as relações sociais estão numa relação dialética. E que a humanidade é influenciada pela sociedade. Dito de outra forma, Bourdieu coloca em jogo o desafio de superar a dicotomia entre estrutura e agente, ou entre a abordagem objetivista, determinista, na qual os indivíduos são totalmente submetidos às estruturas; e subjetivista, em que os indivíduos são privilegiados na análise e têm reconhecida e valorizada sua liberdade em relação às estruturas.

²² Quanto à noção de sujeito, Bourdieu, não adota o conceito de sujeito, o concebe como agente: “[...] os indivíduos são agentes à medida que atuam, sabem que são dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de classificações, de percepção” (BOURDIEU, 1996, p. 44).

Além de ser um sociólogo renomado, tornou-se referência na Antropologia, suas fontes se estendem ao marxismo e ao diálogo intelectual com contemporâneos, como Althusser, Habermas e Foucault.

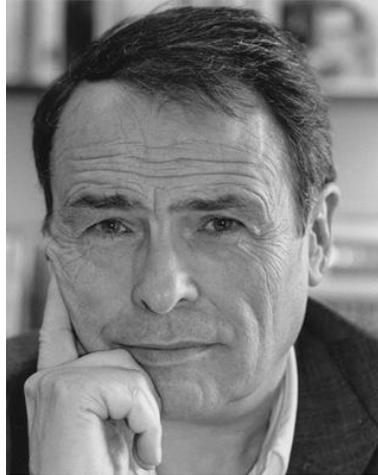


Figura 10 - Pierre Felix Bourdieu

Fonte <https://www.circulobellasartes.com/biografia/pierre-bourdieu/>

Durante a vida acadêmica, Bourdieu teve uma multiplicidade de objetos de estudo. Entretanto, podemos identificar questões e alguns conceitos marcantes, que perpassam suas obras. Por exemplo, as culturas e as práticas sociais, como mecanismos de produção e manutenção, bem como as relações de força e produção simbólica, existentes em cada campo na luta de poder e reconhecimento, são preocupações centrais. O autor afirma que “[...] o caráter ao mesmo tempo diversificado e sistemático de minhas pesquisas decorre do fato de que tenho como projeto intelectual (se é que podemos caracterizá-lo em poucas palavras) tentar fazer uma economia de fenômenos culturais e simbólicos” (BOURDIEU, 1985, *apud* LINS, 2000, p. 85).

A abordagem de capital cultural de Bourdieu (2014), adotada como base teórica deste trabalho, estabelece que o *habitus* está diretamente. Nessa linha de estudo, nos propomos a estudar de que maneira o capital cultural da pessoa surda influencia a maneira como ela compreende o mundo, e, conseqüentemente, interpreta as imagens.

Consideramos a necessidade de um cuidado acerca das apropriações das contribuições deste autor, para discussões de temas não considerados por ele, como o capital cultural de surdos, foco desse estudo, no sentido de não utilizar mecanicamente um referencial que não foi construído a partir desta

realidade sem antes realizar a avaliação de sua pertinência e possibilidades explicativas. Para Catani (2004, p. 4):

[...] se a presença ou a utilização do conceito de campo no domínio das humanidades – e, em especial, da produção educacional – têm sido recorrentes, nem sempre têm sido acompanhadas de uma incursão mais demorada pela obra de Bourdieu.

Trazemos aqui o conceito de campo, embora ele não seja utilizado para as análises realizadas, porque os conceitos de capital cultural – fundamental para as discussões- e o de *habitus* estão intimamente ligados a este conceito e suas propriedades.

O conceito de campo é um dos centrais na obra de Bourdieu (2004) e é definido como um espaço estruturado de posições em que dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Dotados de mecanismos próprios, os campos possuem propriedades que lhes são particulares, existindo os mais variados tipos, como o campo da moda, o da religião, o da política, o da literatura, o das artes e o da ciência. Todos eles se tornam microcosmos autônomos no interior do mundo social (BOURDIEU, 2004).

A elaboração da teoria geral dos campos por Bourdieu está relacionada, de certa forma, à influência de Max Weber que aplicou em outros domínios conceitos retirados da esfera econômica. Ao observar o trabalho deste pensador, Bourdieu (2004) afirma ter se encontrado diante de propriedades gerais, válidas para vários campos. Ressalta, entretanto, Bourdieu (1989, p. 68) que em “[...] vez de ser a transferência que está na origem do objeto [...] é a construção do objeto que a fundamenta”.

Pensar a partir do conceito de campo é pensar de forma relacional. É conceber o objeto ou fenômeno em constante relação e movimento. O campo também pressupõe confronto, tomada de posição, luta, tensão, poder, já que, de acordo com Bourdieu, todo campo “[...] é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004b, p. 22-23).

Os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam os espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. Um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer, é a “[...] estrutura das relações objetivas entre os

diferentes agentes” (BOURDIEU, 2004b, p. 23). Assim, é o lugar que os agentes ocupam nessa estrutura que indica suas tomadas de posição.

O campo, apesar de ser um espaço estruturado, é um espaço de luta, de subversões, no qual dominantes e dominados, de acordo com forças diferentes e segundo as regras constitutivas desse espaço, disputam a posse de lucros específicos.

Nogueira e Nogueira (2009, p. 31), em parte, seguem outra direção, já que se dedicam a sintetizar e contextualizar as principais ideias de Bourdieu e não a uma análise crítica de conceitos cunhados pelo autor. Para eles, o conceito de campo deve ser utilizado quando nos referimos a “[...] certos espaços de posições sociais” nos quais ocorre produção e consumo de bens. Situando historicamente o conceito, afirmam que:

[...] à medida que as sociedades se tornam maiores, e com uma divisão social do trabalho mais complexa, certos domínios de atividade se tornam relativamente autônomos. No interior desses setores ou campos da realidade social, os indivíduos envolvidos passam, então, a lutar pelo controle da produção e, sobretudo, pelo direito de legitimamente classificarem e hierarquizar os bens produzidos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 31).

Nogueira e Nogueira (2009) abordam as posições ocupadas pelos seus agentes: de um lado, as posições dominantes, que podem ser relacionadas às estratégias conservadoras e, de outro, as posições dominadas, responsáveis por estratégias que variam entre a conservação e a contestação.

Catani (2004) explica que, para compreender o trabalho de Bourdieu (2004), é necessário também dedicar-se além do estudo da noção de campo, ao estudo da noção de *habitus* e de capital, os quais abordamos a seguir.

Para isso, indagamos o que é o *habitus*?

O *habitus* vem sendo utilizado como uma teoria ampla, que tem se prestado à tradução dos processos de socialização e aprendizagem do homem, desde Aristóteles. Palavra latina utilizada pela tradição escolástica, traduz a noção grega *hexis* utilizada por Aristóteles para designar então características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem.

Já de acordo com Bourdieu (2004, p. 21), “[...] *habitus* abarca condições adquiridas pela experiência e de variáveis segundo o lugar e o momento”. Em outras palavras, diz respeito às situações incorporadas pelos agentes ao longo de seu desenvolvimento de socialização. Para Bourdieu, o *habitus* surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente

entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades (BOURDIEU, 1983).

O *habitus* é uma experiência de vida através da sociedade na qual as pessoas vivem e aprendem, é seu costume cultural e social. Adquirindo a sua vida social e cultural de quem ensina e compartilha para essa pessoa. Entendemos, de acordo com Bourdieu, que *habitus* surge da necessidade empírica entre comportamento, estrutura e condicionamento sociais, a relação entre pessoa e sociedade de onde interagem. O *habitus* é como mediador cultural e social, também econômico e linguístico por causa da linguagem, da língua e da aquisição de vida no dia a dia do seu campo.

Para Bourdieu, *habitus* é uma espécie de mediação entre a realidade interior, individual e a realidade exterior, uma internalização do que é externo ao indivíduo e uma internalização do que lhe é interior.

Habitus não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Paradoxalmente, se *habitus* foi concebido como princípio mediador, princípio de correspondência entre as práticas individuais e as condições sociais de existência, foi no seu desajustamento que ele se tornou explícito (SETTON, 2002, p. 61-62).

Bourdieu (2007) afirma que valores, interditos, preocupações, enfim, o conhecimento recebido como herança cultural se constituirá como capital cultural da criança, conforme orientação da família e da escola, instituições primárias na vida da criança. Segundo o autor, “[...] as crianças e sua família se orientam, de maneira geral, em referência às forças que as determinam” (BOURDIEU, 2007, p. 49). Isto significa que a escola e a família contribuem para que os agentes tenham contato com um campo de força em que aderem a valores e normas que farão com que tenham êxito e possam ascender socialmente, o que é reforçado pelo apelo do grupo, embora, possam, também, agir contrariamente.

Além do *habitus*, pensar o conceito de capital é também fundamental se o objetivo for a compreensão mais alargada do que é um campo. O conceito de capital cultural foi cunhado por Bourdieu (2004) em seus estudos de reprodução social e o lugar da escola nesse processo. Convencido de que o capital econômico não era o único tipo de capital mobilizado pelos agentes para reproduzir privilégios e distinção social, Bourdieu (2004), apostou na ideia de que

a cultura é um bem simbólico que quanto mais se tem, maiores as condições de sua acumulação.

Bourdieu (2015) chama atenção para três tipos de capital, que podem ser possuídos ou desejados. Os campos organizam-se hierarquicamente no interior do campo de poder a partir do capital: social, econômico e cultural.

Bourdieu (1989) vê o espaço social como um campo de lutas no qual os agentes (indivíduos e grupos) elaboram estratégias que permitem manter ou melhorar sua posição social. Estas estratégias estão relacionadas com os diferentes tipos de capital. O capital econômico, sob a forma dos diferentes fatores de produção – terras, fábricas, trabalho – e do conjunto de bens econômicos – dinheiro, patrimônio, bens materiais – é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis, a curto e longo prazo. Para o sociólogo, a educação escolar, uma das formas do capital cultural, é um recurso tão útil como o capital econômico na determinação e reprodução das posições sociais.

Na concepção de capital social sustentada por Bourdieu (2015b) destacam-se três aspectos, a saber: os elementos constitutivos, os benefícios obtidos pelos indivíduos mediante sua participação em grupos ou redes sociais e as formas de reprodução deste tipo de capital. Os dois elementos que constituem o capital social são as redes de relações sociais, que permitem aos indivíduos ter acesso aos recursos dos membros do grupo ou da rede, e a quantidade e a qualidade de recursos do grupo.

Em relação ao primeiro elemento, Bourdieu (2015b, p. 75) define o capital social como sendo “[...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento de Inter reconhecimento”. As relações estabelecidas entre os indivíduos pertencentes a um determinado grupo não advêm apenas do compartilhamento de relações objetivas ou do mesmo espaço econômico e social, mas se fundem, também, nas trocas materiais e simbólicas, cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade. São estas redes sociais – família, clube, escola, dentre outras – as que dão ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo.

O segundo elemento diz respeito à quantidade e à qualidade de recursos do grupo. De acordo com Bourdieu, o volume de capital social de um agente individual depende tanto da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar como do volume das diferentes formas de capital – econômico, cultural ou simbólico – que é propriedade exclusiva de cada um dos agentes a quem o indivíduo está ligado.

Embora o capital econômico tenha a primazia sobre as demais formas de capital, e seja diferenciado o custo de conversão dos diferentes tipos de capital em capital econômico, Bourdieu explica que o capital social tende a ser transformado em capital econômico ou mesmo em capital cultural.

Para Bourdieu (2015), a noção de capital cultural surge da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais. Sua sociologia da educação se caracteriza, notadamente, pela diminuição do peso do fator econômico, em comparação ao peso do fator cultural, na explicação das desigualdades escolares. Capital cultural, nas palavras de Bourdieu, pode ser assim definido:

[...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28).

No seu entendimento, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado,

[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que são, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 2015, p. 82).

Bourdieu (2015, p. 83) explica que o capital cultural “[...] é um ter que se tornou a ser, não pode ser transmitido instantaneamente por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca”. Bourdieu (2015) esclarece que cada um implica uma forma dominante de capital, de acordo com seu volume e estrutura, ou a forma como ele é valorizado no campo. Esses capitais são as

bases pelas quais os agentes mobilizam estratégias distintas de conservação, expansão ou apropriação.

A esses três tipos de capital, Bourdieu acrescentou o capital simbólico, que é “[...] um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condições de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 2004, p. 166). O autor compreende que esse tipo de capital se refere aos diferentes tipos de capital envolvidos e/ou valorizados no campo, ou seja, não existe por si mesmo, nem é independente dos demais, pode ser considerado um bônus que, associado ao capital, valoriza-o (ou não) mais.

Para Bourdieu (2004), o capital simbólico confere poder ao agente ou ao grupo que o possui, a partir de seu reconhecimento dentro de determinado campo. Essa posse está também relacionada à posição do agente dentro do campo.

Para Bourdieu (2015), o capital cultural incorporado consiste no enraizamento de bens simbólicos nas estruturas de pensamento. Incorporado, este capital cultural configura-se em “[...] uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa: um *habitus*”, ou seja, orienta a maneira do agente social ver o mundo e, nele, suas próprias ações (BOURDIEU, 2015, p. 84).

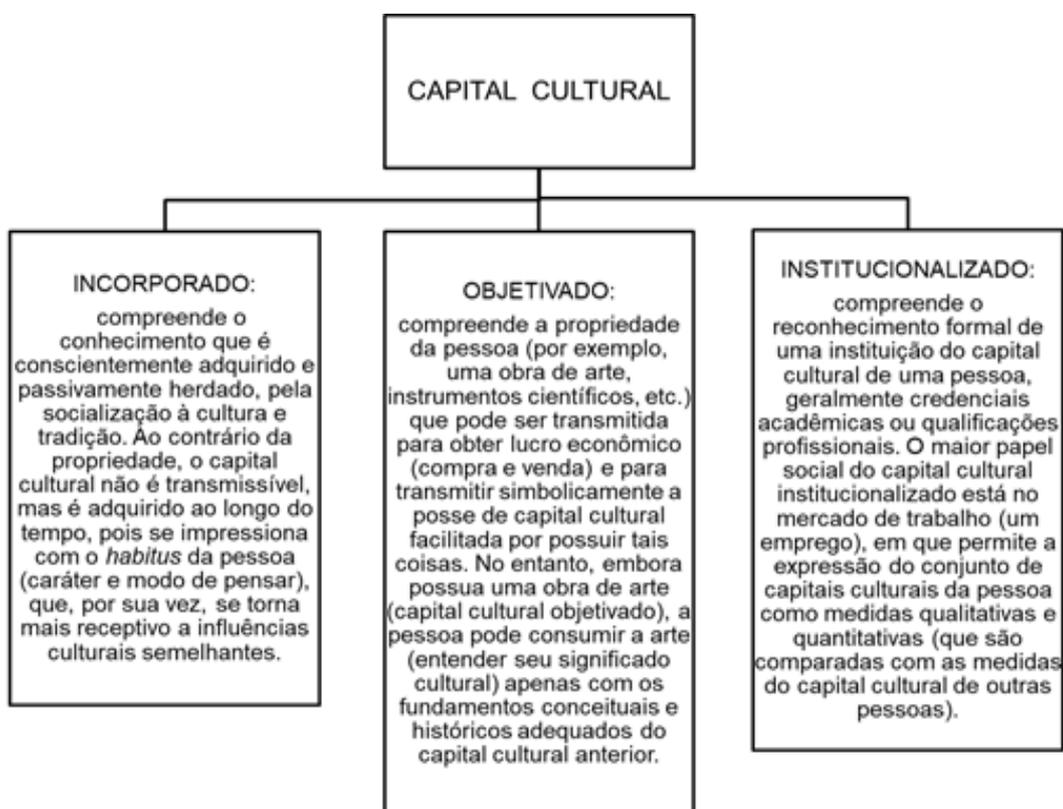
O estado objetivado é o capital cultural materializado em bens culturais como, por exemplo, coleções de livros, quadros, videotecas, esculturas, etc. Dessa forma, há uma vinculação estreita entre capital cultural objetivado e capital econômico. Esse tipo de capital cultural, o objetivado, diferentemente do capital cultural incorporado, pode ser diretamente transmitido a outros agentes, em função de sua materialidade.

Apesar disso, de acordo com Bourdieu, “[...] o que é transmissível é a propriedade jurídica e não – ou não necessariamente – o que constitui a condição da apropriação específica” (BOURDIEU, 2015, p. 85). Pois, para que o capital cultural objetivado seja adquirido é necessário que o agente social disponha de capital econômico e, ademais, de capital cultural incorporado. É o capital cultural incorporado que possibilitará ao agente reconhecer, valorizar e decifrar os bens culturais legitimados socialmente.

Por último, há o capital cultural institucionalizado, cuja representação é o certificado escolar, isto é, são os diplomas sancionados por instituições educacionais. Bourdieu advoga que esta forma de capital é como uma “[...]”

certidão de competência cultural” (BOURDIEU, 2015, p. 87). Contudo, se o agente possuir apenas a certificação, isto é, apenas o diploma, sem a incorporação de sua essência como, conhecimento, informações, diferentes saberes culturais legitimados, não se beneficiará da capacidade intelectual que sua certificação lhe anuncia.

Para Bourdieu (2015), ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomas e, até mesmo, sua transposição. Permite também estabelecer taxas de transição entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar. No quadro abaixo apresentamos um resumo dos três tipos de capital cultural fundamentado em Bourdieu (2015);



Quadro 4 - Capital Cultural
Fonte: A pesquisadora, 2020.

A fim de melhor explicitar as relações entre as noções acima apresentadas, Bourdieu compara o funcionamento do campo à organização e desenvolvimento de um determinado jogo, cujas regras não são explícitas, mas são compreensíveis para os agentes que dele participam, a partir de um *habitus*:

[...] não se deve colocar o problema [das estratégias desenvolvidas pelos agentes] em termos de espontaneidade e coação, liberdade e necessidade, indivíduo e social. O *habitus* como sentido do jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. [...] O *habitus* como social escrito no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos de jogo que estão inscritos no jogo em estados de possibilidades e de exigências objetivas; as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àquelas que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las. [...] E as regularidades que se podem observar, graças à estatística, são o produto agregado de ações individuais orientadas pelas mesmas coações objetivas (as necessidades inscritas na estrutura do jogo ou parcialmente em regras) ou incorporadas (o sentido do jogo, ele próprio distribuído de modo desigual, porque em toda parte nos grupos, existem graus de excelência) (BOURDIEU, 2004, p. 81-82).

Para Bourdieu (2004, p. 83), podemos falar de regras, desde que se distinga regra de regularidade, pois “[...] o jogo social é regrado, ele é um lugar de regularidade”. O autor destaca que nele as coisas se passam de forma regular, mas isso não quer dizer que seja uma regra, mesmo que uma atitude diferente da esperada seja considerada falta.

No livro *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Bourdieu e Passeron (2014), fazem uma distinção entre os dois tipos de aprendizado, o familiar e o escolar, referindo-se às duas maneiras de adquirir cultura. Os aprendizados realizados nos ambientes familiares são caracterizados como imperceptíveis, já que não são produtos de um método determinado, garantindo a seu agente, caso os códigos aprendidos estejam em consonância com a cultura privilegiada, determinada facilidade na apreensão cultural. Por sua vez, o aprendizado escolar depende de sua concordância com o realizado no círculo familiar.

Assim sendo, capital cultural sob o ponto de vista de Bourdieu (2015, p. 81), é tudo o que é incorporado, muitas vezes de forma inconsciente, no convívio das relações familiares, ou em situações objetivadas. Melhor dizendo, em condição de bens culturais, de modo institucionalizado e nos certificados escolares.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes, relacionando o "sucesso escolar", ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica uma ruptura

com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das "aptidões" naturais quanto às teorias do "capital humano" (BOURDIEU, 2015, p. 81).

Dessa forma, segundo o autor, as ações pedagógicas tendem a reforçar as diferenças linguísticas e culturais existentes nos estabelecimentos de ensino, na medida em que o aluno não é avaliado em relação à sua aprendizagem, mas sim, pelas suas posturas e atitudes derivadas do capital cultural já incorporado por ele e pela sua família. Bourdieu e Passeron (2014), afirmam:

1. A ação pedagógica (AP) é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbítrio cultural. [...]

1.1 A AP é objetivamente uma violência simbólica, num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e de inculcação (educação) (BOURDIEU e PASSERON, 2014, p. 26-27).

Bourdieu e Passeron (2014) nos ajudam a compreender como se dá a dominação de uns grupos sobre outros legitima bens culturais ligados à norma culta, e estabelece o que é ou não importante no currículo escolar. Contudo, o alcance e a eficácia da imposição do arbitrário cultural dominante dependem do desconhecimento dos processos e das relações que envolvem sua produção, reprodução, inculcação e legitimação.

Para Bourdieu e Passeron (2014), a violência simbólica é exercida dentro das escolas através da valorização de um único capital cultural e linguístico, isto é, inculcando nos agentes que o único capital cultural e linguístico que tem valor é o da classe culturalmente mais favorecida.

Segundo Gonçalves e Gonçalves (2010), a expressão violência simbólica, presente nos escritos de Bourdieu e Passeron, refere-se ao processo pelo qual a classe culturalmente mais favorecida impõe sua cultura aos da classe culturalmente desfavorecida, ou seja, a violência simbólica garante a continuidade das desigualdades sociais: “[...] uma violência simbólica que se exerce com a cumplicidade tática dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p. 22, *apud* GONÇALVES e GONÇALVES, 2010, p. 59).

Para Bourdieu (2014), a violência simbólica está presente na escola por meio de um arbítrio cultural realizado através da ação pedagógica, que impõe como cultura legítima a da classe culturalmente mais favorecida. A violência simbólica pode fazer parte da cultura da escola. Em artigo denominado *Os excluídos do interior*, publicado em 2001, escrito por Pierre Bourdieu com a colaboração de Patrick Champagne, os autores buscaram a compreensão das causas das exclusões sociais dentro dos estabelecimentos de ensino.

Não podemos ignorar a contextualização e temporalidade destes escritos que se remetem às peculiaridades da França, assim como não se deixa de ser importante sua análise para pensarmos, de modo geral, as condições e os papéis que a instituição escolar encarna sob mil faces, seja ela de um ensino democratizante ou libertador.

Neste sentido, Bourdieu e Champagne (2015) observaram, através de suas categorias de análise, como se desenvolvem certas desigualdades dentro dos estabelecimentos de ensino e de como existem desigualdades ante a seleção e desigualdades de seleção.

Diferenciam, em princípio, como esse processo de exclusão aconteceu no ambiente escolar até o final dos anos 1950. Momento em que os estabelecimentos de ensino secundário teriam vivido uma grande estabilidade que se fundava na eliminação precoce e brutal dos meninos de famílias culturalmente desfavorecidas (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015), e diferenciam os processos de exclusão após o período da democratização do ensino.

Até o período dos anos 1950, Bourdieu e Champagne, enfatizaram certo caráter explícito da exclusão que teria suas bases na ordem social do contexto, onde eram internalizadas pelas crianças e suas famílias, baseados unicamente sobre os dons e méritos dos escolhidos.

O próprio estabelecimento de ensino demarca um traço bem nítido entre aqueles que ele deseja inserir em seus quadros educacionais e aqueles que eram convencidos, pelo próprio, de que não queriam a escola. (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

A hierarquia das estruturas de ensino, simples e claramente inidentificáveis, e, muito particularmente, a divisão absolutamente nítida entre o primário (daí, os “primários”) e o secundário, estabelecia uma relação estreita de homologia com a hierarquia social; e isso contribuía muito para persuadir aqueles que não se sentiam feitos para a escola de que eram feitos para as posições que podem ser

alcançadas (ou não) pela escola, ou seja, as profissões não manuais e, muito especialmente, as posições dirigentes no interior dessas profissões (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 245-246).

Assim, neste contexto, compreendemos como um jogo de cartas bem demarcado em que são visíveis barreiras bem demarcadas entre aqueles que possuíam acesso e usufruem do sistema escolar e aqueles que não.

Com as transformações que ocorreram em período posterior, com o “[...] acesso ao jogo escolar por parte das categorias sociais até então excluídas” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015), ressaltamos o efeito paradoxal destas mesmas transformações sob a faceta da democratização desse amplo acesso ao contexto escolar.

A partir perspectiva dos próprios agentes, inseridos neste jogo democrático à educação, Bourdieu e Champagne observam que,

Depois de um período de ilusão e mesmo de euforia, os novos beneficiários compreenderam, pouco a pouco, que não bastava ter acesso ao ensino secundário para ter êxito nele, ou ter acesso ao ensino secundário para ter acesso a posições sociais que podiam ser alcançadas com os certificados escolares, e, em particular, o *baccalouréat*²³, em outros tempos, ou seja, nos tempos em que seus pares sociais não frequentavam o ensino secundário (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 246).

Os autores não negam que a difusão de certos conhecimentos das Ciências Sociais sobre o tema da educação e fatores sociais de êxito ou fracasso escolares contribuiu também para a percepção que os novos beneficiados, assim como seus pais, já haviam adquirido na prática (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015). E, sugerem que as falhas ocorridas nos estabelecimentos de ensino, são inevitáveis. E sempre voltam às práticas de moldes e divisões educacionais anteriores. Mesmo que, na contemporaneidade, haja um arcabouço teórico que visa a analisar e problematizar aspectos de ordem abrangente, ou de aspecto macrossocial fugindo de concepções que atribuem o fracasso escolar às supostas deficiências pessoais, isto é, naturais, dos excluídos (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

Um aspecto importante das novas propostas de se observar os problemas educacionais por um aspecto mais amplo, por uma responsabilidade coletiva, seria o de eliminar do espírito das pessoas o que, Bourdieu e

²³ Também indicado sob a forma abreviada “*bac*”: no sistema educacional francês, designa, ao mesmo tempo, os exames e o diploma conferido ao final do 2º ciclo de ensino de 2º grau.

Champagne, chamam de responsabilidade pessoal na qual, o agente seria o único responsável por suas ações, e o único que poderia ser responsabilizado por certos problemas considerados, até então, como naturais.

A lógica da responsabilidade coletiva tende, assim, pouco a pouco, a suplantar, nas mentes, a lógica da responsabilidade individual que leva a "repreender a vítima"; as causas de aparência natural, como o dom e o gosto, cedem lugar a fatores sociais mal definidos, como a insuficiência dos meios utilizados pela escola, ou a incapacidade e a incompetência dos professores (cada vez mais frequentemente tidos como responsáveis, pelos pais, dos maus resultados dos seus filhos), ou seja, mais confusamente ainda, a lógica de um sistema globalmente deficiente que é preciso reformar (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 247).

Os pesquisadores se propõem a mostrar como um certo *status quo*, se manteve sem grandes obstáculos, apesar de todas as mudanças que relacionaram, entre uma estrutura de distribuições desiguais entre os proveitos escolares e os benefícios sociais consequentes,

[...] mas com uma diferença fundamental: o processo de eliminação foi deferido e estendido no tempo e, por conseguinte, como que diluído na duração, a instituição é habilitada, permanentemente, por excluídos potenciais que introduzem nela as condições e os conflitos associados a uma escolaridade cujo único objetivo é ela mesma (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 247).

O estabelecimento de ensino serve, segundo Bourdieu e Champagne, como lugar e contrapartida de ajustes imperceptíveis e muitas vezes inconscientes das estruturas. Dito de outra forma, como um local de contradições no qual a inserção de novas classes sociais é um problema que pode ser resolvido, levando-se em conta alguns obstáculos que se pode encontrar nesta nova configuração. Obstáculos que, segundo os teóricos, se trata do preço a se pagar para conseguir os benefícios de tal democratização (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

Um dos obstáculos que, Bourdieu e Champagne, observam, na nova configuração democratizada do acesso ao contexto escolar, tanto secundário quanto a níveis mais elevados, levando-se em conta que neste novo panorama existem "preços a se pagar", é que se tem uma profunda transformação nos valores econômicos e simbólicos atribuídos aos diplomas. Os novos beneficiários da onda democratizante colaboram diretamente em sua desvalorização com a multiplicação dos títulos e daquelas pessoas que já o possuem:

Os alunos e os estudantes de famílias provenientes de famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, no final de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, nada mais do que um diploma muito desvalorizado (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 248).

O fracasso agora, inculcando a ideia de que o agente teve sua oportunidade, condena os indivíduos de origem pobre a uma exclusão tão estigmatizante quanto no passado. Sendo que a escola tenderia cada vez mais a definir as identidades sociais. Cria-se uma visão, segundo Bourdieu e Champagne, de decepção coletiva pautada na promessa de uma “[...] terra prometida, sempre igual ao horizonte, que recua à medida que nos aproximamos dela” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

Bourdieu e Champagne (2015), assim definem as práticas de exclusão revestidas de um caráter brando. São elas imperceptíveis, tendo um duplo sentido de contínuas, graduais e sutis, insensíveis, tanto por parte de quem as exerce como daqueles que são as suas vítimas (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

A sutileza desta forma de exclusão tem em seu âmago a oferta da possibilidade do “se”. Se o agente não alcançou o objetivo é porque provavelmente não teria se esforçado o suficiente. É jogar nas costas do agente toda a responsabilidade do seu destino, escapando-se de questionar as próprias estruturas e modelos educacionais, assim como todo o resto do conjunto social em que se encontra inserido.

A eliminação imperceptível possibilita a dissimulação pelos próprios agentes da verdade, tendo boas chances de levarem esses indivíduos a mentir para si mesmo com bastante sucesso (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015).

A partir das relações entre escola e cultura, Mafra (2003), aborda a respeito de como os sujeitos escolares determinam a cultura escolar e, ao mesmo tempo, de como as culturas escolares determinam os sujeitos que dela fazem parte. Nessa perspectiva, a cultura escolar é constituída por normas e práticas que definem os valores e os comportamentos a serem inculcados e os conhecimentos a serem ensinados. O emprego do termo cultura escolar não implica necessariamente considerar a existência de uma cultura oposta ou

desvinculada da cultura da sociedade que a determinou e foi por ela determinada. Para Bourdieu (2007a):

[...] os ideais e os atos do indivíduo dependem do grupo ao qual ele pertence e dos fins e expectativas desse grupo, vê-se que a influência do grupo de pares – sempre relativamente homogêneo quanto à origem social [...] O capital cultural e o *ethos*, ao se combinarem, concorrem para definir condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais. Ainda que o êxito escolar, diretamente ligado ao capital cultural legado pelo meio familiar, desempenhe um papel na escolha da orientação, parece que o determinante principal do prosseguimento dos estudos seja a atitude da família a respeito da escola, ela mesma função, das esperanças objetivas de êxito escolar encontradas em cada categoria social (BOURDIEU, 2007a, p. 50).

Como vimos no capítulo anterior, a surdez não determina uma cultura a partir de uma constituição geográfica, ou seja, de um território limite em que vive o sujeito surdo, mas tem origem na diferença linguística que traz valores, significados e sentidos diferentes de um sujeito ouvinte, que faz uso de uma língua oral.

Bourdieu (2014) em seus estudos explica que as pessoas transitam em diferentes campos e na interação nesses diferentes campos incorpora capital cultural. As pessoas surdas também transitam nos diferentes campos da sociedade ouvinte, mas, possuem um campo específico, a comunidade surda (escolas, igrejas, associações) em que exercitam a sua língua e é composto pelos capitais: econômico, cultural e social.

Consideramos comunidade surda conforme Strobel (2015, p. 38) “[...] comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos; há também sujeitos ouvintes – membros da família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham interesses comuns em uma determinada localidade”. Segundo a autora, em lugares como associações de surdos, federações de surdos, escolas especializadas e outros. A pessoa surda interagindo nesse campo específico desenvolve a sua identidade surda, isto é, se enxerga e se aceita como surda, e não como “não ouvinte”. Mesmo oralizada, faz uso da Língua de Sinais e defende seus direitos, no interior da sociedade ouvinte.

A pesquisadora surda Gladis Perlin, em suas pesquisas, explica que a noção de identidade surda existe “[...] desde que a pessoa passa a se utilizar dos olhos para fazer interações com o semelhante, ela não se dilui nos meios

sociais ouvintes” (PERLIN, 1998, p. 54). Para a autora, existem diferentes identidades surdas. Isto pode ser constatado nesta divisão por identidades, na qual se tem ocasião de identificar outras muitas identidades surdas, como por exemplo: surdos filhos de pais surdos, surdos que estudaram em escolas com abordagem bilíngue, surdos que nasceram na cidade, ou surdos que tiveram contato com Língua de Sinais desde a infância etc. Para a construção destas identidades impera sempre a identidade cultural, ou seja, a identidade surda como ponto de partida para identificar as outras identidades surdas. Esta identidade se caracteriza também como identidade política, pois está no centro das produções culturais.

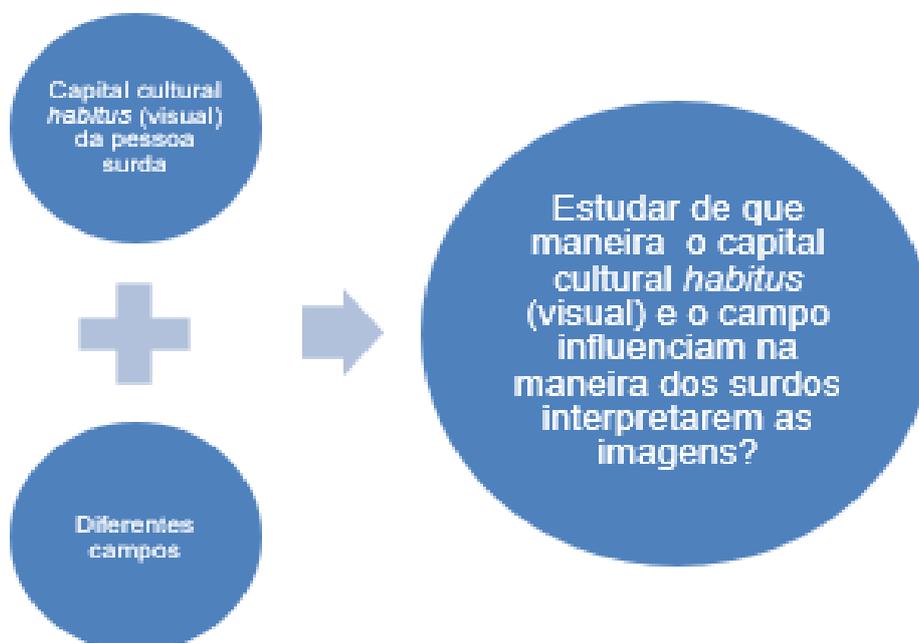
No que diz respeito ao surdo, segundo Strobel (2015), podemos compreender que pessoas surdas utilizam artefatos culturais²⁴, tais como experiências visuais, a língua de sinais, entre outros, que servem também como estratégias, oferecendo condições objetivas e subjetivas que contribuem para a internalização de valores e pertencimento ao grupo.

Considerando que as identidades surdas são constituídas a partir desses artefatos culturais, estabelecendo uma relação com o conceito de *habitus* de Bourdieu (2004, p. 21), “[...] *habitus* abarca condições adquiridas pela experiência e de variáveis segundo o lugar e o momento”, constatamos que o *habitus* (visual) das pessoas surdas está intimamente ligado à sua identidade cultural e à sua forma de “[...] compreender e interagir com o mundo, por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005).

As pessoas surdas incorporam de forma inconsciente ou consciente o que veem, sob a forma de imagens e/ou de escrita. Ao interpretarem e narrarem diferentes imagens e textos, sua prática traz marcas importantes de seu *habitus* (visual), ou seja, constituído a partir de suas experiências visuais. Consideramos que compreender de que maneira o capital cultural adquirir na maneira dos surdos interpretarem imagens, seria um importante subsídio para

²⁴ De acordo com Strobel (2015), um artefato “é tudo o que se vê e sente quando está em contato com a cultura de uma comunidade como material, vestuário, maneira como se dirige ao outro, tradições, valores, normas, etc.” (STROBEL, 2015, p. 43).

construir estratégias para explorações de imagens em situações de aprendizado. No quadro abaixo, apresentamos a pergunta de investigação:



•Capital cultural hábitus (visual) da pessoa surda
Quadro 5 - Pergunta de investigação
Fonte: A pesquisadora, 2020.

O capítulo que segue descreve a investigação realizada. Define a questão de investigação, os sujeitos, os instrumentos e, também, discute os dados produzidos.

3. A pesquisa

Para a consecução dos objetivos desta investigação, consideramos dois instrumentos de produção de dados. O primeiro, para a produção dos dados a respeito do capital cultural dos participantes da investigação e o segundo, para cotejar e discutir as narrativas de surdos adultos de estratos culturais diferentes criadas a partir de uma imagem.

Neste capítulo, apresento os procedimentos realizados para a produção dos dados a respeito do capital cultural dos participantes da investigação e os critérios estabelecidos para as análises, bem como discuto as narrativas produzidas a partir das imagens disponibilizadas.

O primeiro instrumento: o capital cultural dos participantes

No primeiro capítulo desta tese, minha preocupação foi a de contextualizar o mundo surdo. Desta forma, foram abordadas a surdez; a cultura surda, a comunidade surda e caracterizada a experiência visual e sua importância para o desenvolvimento da pessoa surda e de sua compreensão do mundo. Também discuti a educação de surdos, nas duas modalidades ofertadas no Brasil, a da Escola Inclusiva e da Escola Bilíngue para Surdos.

O segundo capítulo, trouxe os fundamentos teóricos desta investigação, que é a teoria bourdieusiana, particularmente no que se refere ao *habitus* e ao capital cultural, em suas três maneiras de se expressar: Incorporado, Objetivado e Institucionalizado.

Desta forma, os dois primeiros capítulos sustentam, teoricamente, esta pesquisa que tem como objetivo geral: Identificar se o capital cultural do surdo é determinante na interpretação do significado de imagens, do qual resultaram os seguintes objetivos específicos:

- Identificar se é a descrição simples ou vivências anteriores que prepondera na narrativa de surdos adultos escolarizados ou não criada a partir de uma imagem²⁵
- Identificar quais aspectos do capital cultural dos diferentes sujeitos colaboradores são relevantes para o estabelecimento da narrativa.

²⁵ Por imagem consideramos gravuras, fotos, pinturas, desenhos, ilustrações, *cartoons*, quadrinhos, etc...

3.2. Os colaboradores e os cenários da investigação

Participaram desta investigação, dez adultos surdos, dos quais cinco, no momento da pesquisa, ao que se refere ao capital cultural institucionalizado, não haviam concluído o Ensino Médio e cinco deles possuíam curso superior. O Quadro 6 a seguir apresenta os colaboradores, seu nível de instrução e a fração de classe econômica, baseado na profissão dos pais, embora muitos deles hoje já sejam independentes financeiramente. Esta opção foi feita porque as análises levam em conta a trajetória sociocultural de cada participante, ou seja, a trajetória leva em conta o capital social, econômico e cultural dos participantes.

Cada entrevista iniciava com a explicação pela pesquisadora sobre objetivos da pesquisa como seria a colaboração. Depois a pesquisadora entregava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e fazia leitura em Libras para o colaborador. Todos assinaram o TCLE os quais para não expor os colaboradores, ficarão sob a guarda da pesquisadora pelo período de cinco anos.

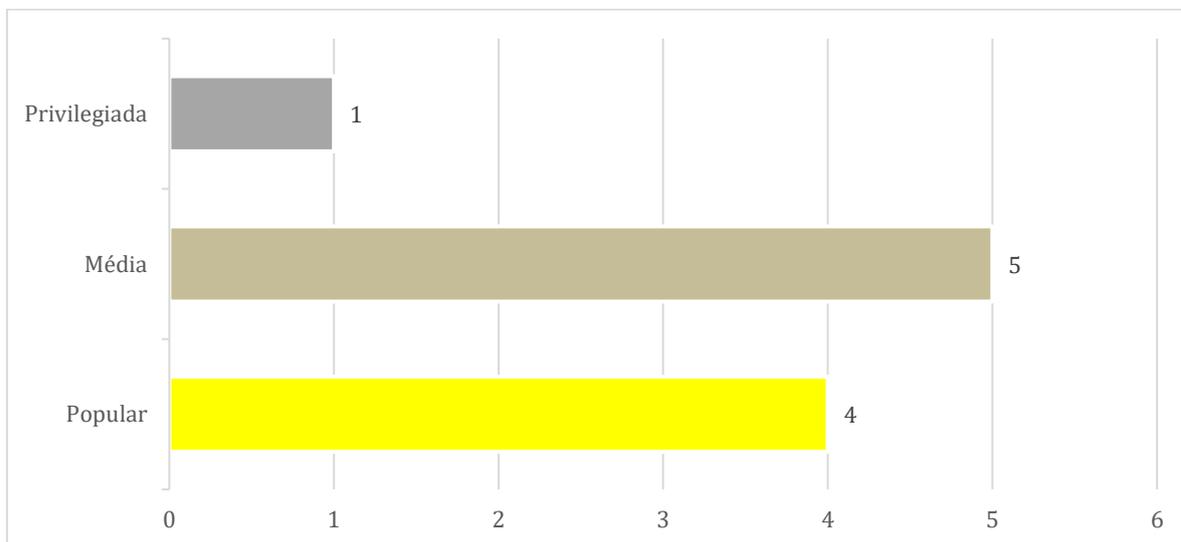
3.2.1. Capital cultural institucionalizado e fração de classe

Na busca por alcançar os objetivos, foram elaborados dois instrumentos distintos para a produção dos dados, um destinado a estabelecer a estratificação cultural dos colaboradores e outro, composto por três baterias, cada uma com três imagens, assim distribuídas: a primeira, traz cenas do cotidiano; a segunda, com imagens da natureza e a terceira, com representações de pinturas artísticas, com o intuito de analisar se as narrativas criadas pelos surdos se sustentam mais na descrição simples do que vêem, ou se “interpretam”, ou seja, atribuem significado próprio às imagens de acordo com seu capital cultural .

Para colaborar com a investigação convidei dez surdos, sendo que, considerando a questão de pesquisa, cinco deveriam possuir capital cultural institucionalizado (com curso superior concluído) e os outros cinco, deveriam estar, no máximo, cursando o Ensino Médio, ou seja, possuiriam, supostamente capital cultural institucionalizado inferior ao outro grupo. Inicialmente, pensei em doze surdos, imaginando quatro para cada fração de classe de capital cultural, mas dois desistiram. Inicialmente, foi feito um questionário que possibilitou

identificar que dos cinco surdos com maior capital cultural institucionalizado, quatro pertenciam, de acordo com critérios estabelecidos por Muzzetti (1997), baseados em Bourdieu, à fração de classe média e um à privilegiada e dos cinco, sem curso superior, quatro são da classe popular e um da classe média.

Gráfico 1 - Fração de Classe



	Nome	Grau	Profissão da família	Fração de Classe
1	Francisca	Graduada	Pai: Cozinha e vende lanches Mãe: cuida casa e ajuda o pai	Média
2	Alfredo	Graduado	Pai: dono de loja de marmoraria Mãe: professora, aposentada	Média
3	Renê	Graduado	Pai: professor universitário aposentado. Mãe: dona de casa	Privilegiada
4	Felícia	Graduada	Pai: COPEL, aposentado. Mãe: dona de casa	Média
5	Jorge	Graduado	Pai e a mãe: donos de posto de combustível.	Média
6	Alex	2º Incompleto	Pai falecido Mãe: empregada doméstica	Popular
7	Breno	2º Incompleto	Pai falecido: Mãe: empregada doméstica	Popular
8	Flora	2º Incompleto	Pai divorciado Mãe: empregada doméstica	Popular
9	Dirceu	2º Incompleto	Pai Falecido: dono de loja de parafusos Mãe: dona de casa e ajuda o pai.	Média
10	Sergio	2º Incompleto	Pai: pedreiro Mãe: dona de casa	Popular

Quadro 6 - Nível de Escolarização e Classe Econômica

Fonte: Dados da pesquisa

As entrevistas com os surdos com curso superior (residentes ou ex-residentes e com familiares residentes em uma cidade do norte do Paraná) ocorreram de maneira virtual, pois todos têm acesso aos recursos tecnológicos pertinentes. Com os surdos que não concluíram o Ensino Médio, as entrevistas foram realizadas presencialmente no Centro de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) de uma cidade localizada próxima à primeira, ambas no norte do Estado do Paraná. O prédio do CEEBJA é alugado pelo governo do Paraná. Possui três andares, não tem elevador nem ar-condicionado. Possui ventiladores, mas a maioria com defeito e não funciona. O estado de conservação do prédio é ruim, a pintura está desgastada. Atende a vários alunos com deficiência física (amputados, inclusive), que possuem muitas dificuldades para acessar as salas de aula pelas escadas. O ambiente, então, não é acolhedor. O CEEBJA de Sarandi atende 20 estudantes surdos, conta com professores especializados e intérpretes, mas nenhum material adaptado, como livros videogravados em Libras.

De maneira geral, talvez pelo próprio ambiente, os surdos que aceitaram colaborar com a pesquisa (por causa do incentivo de professores e intérpretes) pareciam intimidados pela presença da pesquisadora, surda como eles, mas com maior capital cultural institucionalizado do que eles. Faltavam muito aos encontros, de maneira que foi bem difícil realizar as entrevistas. Em alguns casos, foi preciso a intervenção da professora.

3.3. O primeiro instrumento – para identificar o capital cultural dos participantes

O primeiro instrumento elaborado foi o roteiro para uma entrevista semiestruturada, composto de 62 questões, baseado em Muzzeti (1997) e em Cousin, Andrade e Santos (2019), com o objetivo de estabelecer a trajetória social dos dez colaboradores desta investigação, a partir de seus depoimentos, com ênfase particularmente no capital cultural. A entrevista foi feita em Libras, vídeo gravadas e transcritas para a Língua Portuguesa.

Conforme estabelecido anteriormente, a entrevista semiestruturada objetivava estabelecer qual o nível dos colaboradores em relação aos três estados do capital cultural (incorporado, objetivado e institucionalizado), fundamentais para a análise dos dados produzidos com a aplicação do segundo

instrumento. O capital cultural incorporado pressupõe aquisição de conceitos, valores, leva tempo e está intimamente ligado ao *habitus*, ou seja, o que se constitui os costumes, o que é aprendido e cultivado no interior da família. As crenças, influências da família, que permanecem com a pessoa. Pode-se dizer que é algo construído pela pessoa no contexto familiar, social e escolar.

O capital cultural objetivado é aquele que tem sua existência explicitamente dependente de bens culturais, tais como *notebooks*, computadores, livros, revistas, acesso à internet. O capital cultural objetivado depende do capital econômico, mas também é necessário possuir capital incorporado para ser capaz de usufruir do capital objetivado, ou seja, de nada adianta ter acesso à internet se o sujeito não sabe fazer uso dela. O capital cultural objetivado pode ser transmitido simplesmente, por herança, ou se ganhar de presente, no que se refere ao acesso econômico, na forma de materiais concretos, mas para poder usufruir deles, é necessário o capital cultural incorporado, que pode ser constituído nas relações familiares e sociais ou, mesmo, na escola.

Bourdieu (2004) também distingue o capital cultural objetivado que é o relacionado à renda familiar, patrimônio e herança da família e o investimento realizado com a educação, por exemplo, curso de música, de língua estrangeira, de pintura, atividades físicas, dentre outros. É determinante para o capital cultural objetivado. E o capital cultural social é a esfera que influencia o destino da pessoa, responsável em grande parte, pelo seu capital cultural incorporado.

O capital cultural institucionalizado é estabelecido a partir dos títulos escolares, dos certificados e diplomas e, na maioria dos casos, o investimento feito nessa formação está vinculado ao provável retorno financeiro que se pode obter com a profissão adquirida.

As questões do roteiro foram elaboradas buscando favorecer a identificação dos estados do capital cultural dos colaboradores, para poder agrupar as entrevistas realizadas de acordo com este capital cultural. Desta forma, foi preciso estabelecer pontuações para as respostas, criando “camadas” ou “níveis” para cada um dos estados do capital cultural.

Para isso, além da tese de Muzzeti (1997), me apoiei também, em investigação realizada por Cousin, Andrade e Santos (2019), que procurou identificar as relações entre o capital cultural e o desempenho em Matemática na Prova Brasil, de estudantes maringuaenses.

Para isso foram utilizados os dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) referentes à Prova Brasil aplicada em 2011. O trabalho está fundamentado na teoria do capital cultural de Bourdieu, que foi também utilizada para justificar a escolha das variáveis na pesquisa estatística. Para o tratamento desses dados, utilizamos o software *Statistical Analysis System* (SAS). Com nossa pesquisa pudemos inferir que existe associação positiva entre o capital cultural familiar do aluno e o desempenho do mesmo na disciplina de Matemática da Prova Brasil de 2011 para os alunos de 9º ano do Ensino Fundamental do Município de Maringá/PR (COUSIN, ANDRADE e SANTOS, 2019, p. 118).

Para estabelecer a variável relativa ao capital cultural necessária ao tratamento estatístico, os pesquisadores consideraram o “questionário do aluno”, aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) “[...] que busca informações sobre os estudantes, seus hábitos de estudo e sobre sua família” (COUSIN, ANDRADE e SANTOS, 2019, p.118). Os pesquisadores dividiram as questões segundo os diferentes estados do capital cultural, estabelecendo níveis para cada um deles e, finalmente, consideraram a soma dessa pontuação, como Capital Cultural Total, podendo então, classificar os estudantes segundo “camadas” culturais.

Apresento a seguir, os quadros elaborados a partir das questões que constituem o roteiro da entrevista semiestruturada agrupadas de acordo com o estado do capital cultural a que estão relacionadas (incorporado, objetivado, institucionalizado), com suas respectivas pontuações. Não foram consideradas todas as questões formuladas, porque muitas delas tinham como objetivo apenas conhecer o colaborador e sua estrutura familiar.

Para as questões referentes à utilização frequente da Libras ou que revelam a interação constante com outras pessoas surdas, foram atribuídas pontuação 2, para caso afirmativo. Fiz esta opção, considerando a pesquisa de Nogueira e Zanquetta (2013) que aplicaram provas piagetianas²⁶ a dois grupos de estudantes surdos, de mesmo nível de escolaridade, sendo que um havia sido educado segundo o oralismo e outro que havia sido educado na perspectiva do bilinguismo e concluíram que “[...] os adolescentes bilíngues possuíam um vocabulário quantitativamente superior em relação aos sujeitos “oralistas”; possuíam, também, um conhecimento escolar mais abrangente [...]”, ou seja, a utilização da Libras possibilita a constituição de um capital cultural incorporado

²⁶ Provas referentes ao estabelecimento de estádios de desenvolvimento, dentre elas, a conservação de quantidades; classificação hierárquica de classes; flutuação de corpos.

mais consistente (NOGUEIRA, ZANQUETTA, 2013, p 67). O número na coluna 1 do quadro, se refere à ordem em que a questão foi apresentada ao colaborador. Nos anexos, trago o roteiro completo.



Quadro 7 - Questões relativas ao capital cultural incorporado

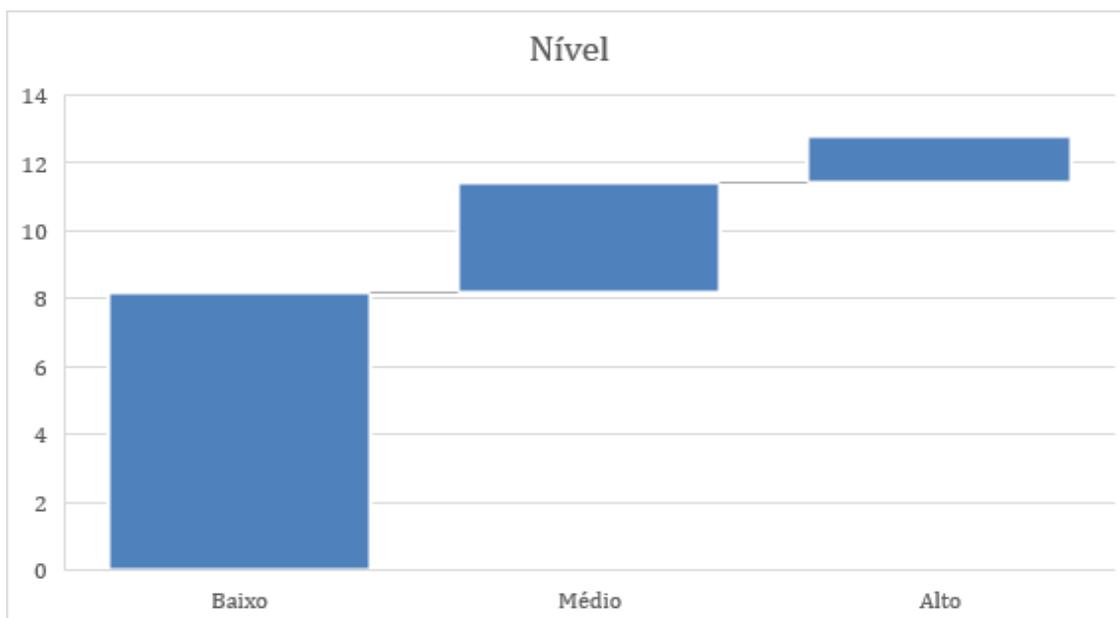
n.	Questão	Pontuação
2	Qual o seu Estado Civil? Seu (sua) marido/esposa é surdo/a ou fluente em Libras?	Sim (cônjuge surdo) (2) Sim (cônjuge ouvinte) (1) Não (0)
3	Você tem filhos? Eles são surdos ou ouvintes?	Sim (filho surdo) (1) Sim (filho ouvinte) (1) Não (0)
8	Você é fluente em Libras?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
9	Sabe ler e escrever em Português?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
11	Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo?	Sim (1) Não (0)
13	Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
15	Sua família participa da comunidade surda?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
17	Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
18	Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
19	O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear etc.)	Atividades culturais (3) Estudar, trabalhar (2) Passeios ou igreja (1) Nada (0)
23	Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?	Sim fluentes em Libras (3) Oralizados (2) Mais ou menos (1) Não (0)
24	Você tem amigos ouvintes? Se comunica bem com eles?	Sim comunicação boa (2) Mais ou menos (1) Não (0)
26	Você já estudou na escola inclusiva ou bilíngue?	3-Bilíngue (sempre) 2-Parte bilíngue e parte Inclusiva com intérprete 1-Sempre inclusiva com intérprete

		0 – Sem intérprete
28	Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola ou na faculdade?	Sim (0) Mais ou menos (1) Não (2)
32	Seus pais se preocupavam com sua formação escolar?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
40	Você assiste televisão com legenda? Compreende bem?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
41	Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa? Quais? (Na infância e atualmente)	Programação educativa (3) Jornalismo ou documentário (2) Lazer (1) Nada (0)
45	Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por quê?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)
50	Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?	Sim (2) Mais ou menos (1) Não (0)

Fonte: Dados da Pesquisa

Como a variação da pontuação é de 0 a 33 pontos, sendo que 18 pontos é fácil de ser alcançado considere, baseada em Cousin, Andrade e Santos (2019), intervalos de 0 a 22; de 23 a 28 e de 29 a 33.

Gráfico 2 - Capital Cultural Incorporado



Quadro 8 - Capital Cultural Incorporado por nível

Nível	Descrição
Baixo	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de for menor ou igual a 22
Médio	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de 23 a 28
Alto	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de 29 a 33

Fonte: Dados da Pesquisa

Considerando esta estratificação e analisando as respostas que os colaboradores deram às questões constantes do quadro 8, três se situam no nível baixo (todos sem concluir o Ensino Médio); cinco possuem nível médio, dos quais três possuem curso superior e dois não concluíram o Ensino Médio e dois (ambos com curso superior), estão no nível alto, demonstrando uma relação entre capital institucionalizado e incorporado, ou seja, a escola influencia o desenvolvimento do capital incorporado.

O quadro 9 a seguir, apresenta as questões e suas respectivas pontuações, que foram consideradas para estabelecer o capital cultural objetivado.

Quadro 9 - Questões relativas ao capital cultural objetivado

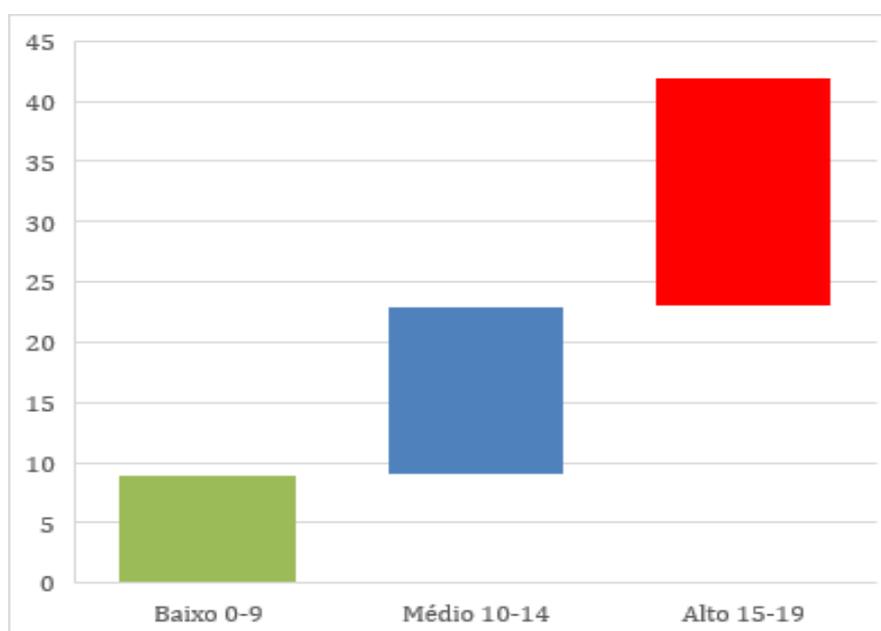
n.	Pergunta	Pontuação
12	Você é oralizado? Usa aparelho? Onde aprendeu a falar?	Fonoaudióloga particular (2) Escola particular (1) Escola pública (0)
20	Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear?	Passeio pago família (2) Dava dinheiro (1) Nada (0)
21	Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?	Sim (1) Não (0)
25	Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistarias e outros, com ingresso pago?	Sim (1) Não (0)
29	Você teve professores particulares em casa?	Sim (1) Não (0)
31	Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?	Sim (1) Não (0)
33	Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?	Sim, vários (2) Só celular e TV (1) Não (0)
34	Você tem acesso a internet? Desde que idade?	Sim (1) Não (0)
35	Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?	Sim (2) Às vezes (1) Não (0)
38	E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?	Sim (1) Não (0)

42	Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, Viável, Skype, Oovo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, <i>facebook</i> , ente outros?	Webcam e similar (2) Escrito (1) Nenhum (0)
58	Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?	Poderia ter, mas não quer (3) Sim (2) Gostaria de usar (1) Não (0)

Fonte Dados da pesquisa

A pontuação máxima para o capital cultural objetivado é 19. Desta forma, a estratificação para baixo, médio e alto, está especificada no quadro a seguir:

Gráfico 3 - Capital Cultural Objetivado por nível



Quadro 10 - Capital Cultural Objetivado por nível

Nível	Descrição
Baixo	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de 0 a 9
Médio	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de 10 a 14
Alto	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de 15 a 19

Fonte: Dados da Pesquisa

Considerando esta estratificação e analisando as respostas que os colaboradores deram às questões constantes do quadro 4, três se situam no nível baixo (todos sem concluir o Ensino Médio); quatro estão no nível médio, dos quais dois possuem curso superior e dois não concluíram o Ensino Médio e

três (todos com curso superior), estão no nível alto, demonstrando uma relação entre capital institucionalizado, objetivado e incorporado, ou seja, a escola e o capital econômico influenciam o desenvolvimento do capital incorporado.

O quadro 11 a seguir, apresenta as questões e suas respectivas pontuações, que foram consideradas para estabelecer o capital cultural institucionalizado.

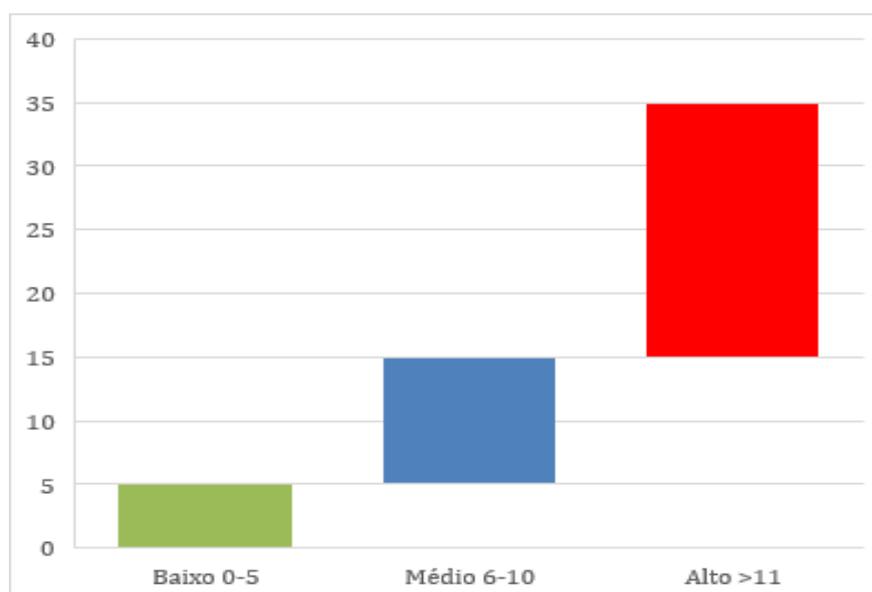
Quadro 11 - Questões relativas ao capital cultural institucionalizado

n.	Pergunta	Pontuação
5	Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?	Graduação (5) Ensino Médio (3) Ensino Fundamental (1) Nenhum (0)
6	Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?	Graduação (5) Ensino Médio (3) Ensino Fundamental (1) Nenhum (0)
7	Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?	Graduação (5) Ensino Médio (3) Ensino Fundamental (1) Nenhum (0)

Fonte: Dados da pesquisa

A pontuação máxima estabelecida para o capital cultural institucionalizado é 15. Desta forma, a estratificação para baixo, médio e alto, está especificada no quadro a seguir:

Gráfico 4 - Capital cultural institucionalizado por nível



Quadro 12 - Capital cultural institucionalizado por nível

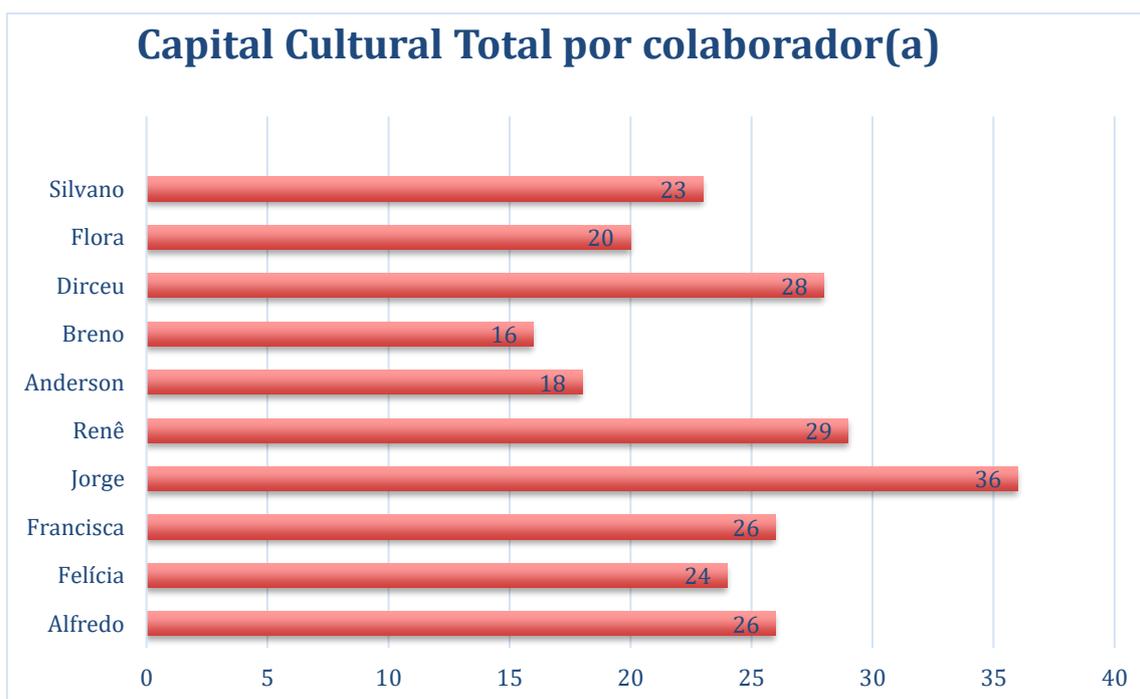
Nível	Descrição
Baixo	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de 0 a 5
Médio	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores variar de 6 a 10
Alto	Se a soma dos pontos referentes às respostas dos colaboradores for maior ou igual a 11

Fonte: Dados da Pesquisa

Com relação à estratificação expressa no quadro 12, temos quatro colaboradores com nível baixo de capital institucionalizado, todos com apenas o Ensino Fundamental concluído; apenas um, no nível médio, também com apenas o Ensino Fundamental e todos os cinco, com Ensino Superior situam-se no nível alto, em relação ao capital institucionalizado

Considerando como capital cultural total, a soma da pontuação obtida em cada estado, cujo valor máximo é 67 pontos, foram estabelecidos os seguintes estratos: *baixo*, quando a pontuação do colaborador é menor ou igual a 35 *médio*, se for maior que 35 e menor ou igual a 50; e *alto*, para pontuações maiores do que 50 e muito alto para pontuações acima de 60, por se aproximarem do valor máximo.

Gráfico 5 - Capital Cultural por colaborador



Quadro 13 - Capital Cultural Total por colaborador (a)

Colaborador(a)	Incorporado	Objetivado	Institucionalizado	Total	Nível	Escolaridade
Renê	29	17	15	61	A	Superior
Francesca	26	14	13	53	A	Superior
Felícia	24	16	13	53	A	Superior
Jorge	36	17	11	64	A	Superior
Alfredo	26	14	15	55	A	Superior
Breno	16	09	03	28	B	EF
Flora	20	12	05	37	M	EM I
Anderson	18	07	05	30	B	EF
Dirceu	28	10	05	43	M	EF
Silvano	23	06	09	38	M	EF

Fonte: Dados da pesquisa

Pelo exposto no quadro 13, podemos ver que o Capital Cultural Total está intimamente relacionado ao capital institucionalizado do colaborador e seus familiares, bem como ao capital objetivado. Para conseguir alcançar o objetivo geral de minha investigação, resta analisar as entrevistas realizadas a partir do instrumento 2. As análises das entrevistas foram agrupadas, considerando o capital cultural, da seguinte maneira: Grupo 1, composto pelos dois colaboradores, com pontuação maior do que 60; considerados, para efeito desta pesquisa como de capital cultural muito alto; Grupo 2: para os três colaboradores com capital cultural total alto, conforme anteriormente estabelecido (pontuação maior do que 50). O grupo 3, pelos três colaboradores que possuem capital cultural total médio e, finalmente, o grupo 4, composto pelos dois colaboradores com capital cultural baixo.

3.4. O segundo instrumento de pesquisa: para cotejar e discutir as narrativas de surdos adultos de estratos culturais diferentes criada a partir de uma imagem

Nesta segunda etapa da investigação, o objetivo foi cotejar as relações entre o capital cultural dos colaboradores e as narrativas por eles criadas a partir de imagens, identificando se existem semelhanças nas narrativas dos colaboradores de um mesmo grupo (considerando o instrumento 1) e entre as narrativas de colaboradores de grupos diferentes.

As imagens foram disponibilizadas em três blocos, denominadas de “baterias”, cada uma com três imagens, sendo que a primeira bateria, constava de imagens relacionadas ao cotidiano; a segunda àquelas veiculadas pela mídia e a última, relacionada à arte, conforme segue.

Considerando a caracterização elaborada por Joly (2012) sobre os gêneros que constituem a imagem, ou seja, seus diferentes tipos de expressão, a saber: fotografia, o filme, o desenho, a pintura, o grafite, os cartazes, o cartum, a charge, quadrinhos, dentre outros, trouxemos como imagens no instrumento elaborado para as entrevistas, fotos, pinturas, desenhos e charges, buscando diversificar o máximo possível.

3.5. Roteiro para entrevistas com IMAGENS

3.5.1. Primeira Bateria

A seguir você verá três imagens/figuras representando objetos ou situações do nosso cotidiano.

Olhe para cada uma das figuras separadamente e invente uma história sobre a imagem. Também pode ser uma situação que você realmente viveu e a imagem fez você lembrar.

Você pode gravar vídeo em Libras ou pode escrever. Também pode escrever rascunho para ajudar a pensar e depois faz o vídeo.



Figura 11 - Casa - Bateria 1 Imagem 1

Fonte: <https://gartic.com.br/viihmartins20/desenho-livre/casa>

2. Observe a figura a seguir. O que ela lembra para você? Também você pode imaginar uma situação e inventar uma história. Também pode entregar por escrito ou gravar em Libras. Você tem tempo para pensar e também pode fazer rascunho. O que você acha que as pessoas estão pensando? O que aconteceu?



Figura 12 - Acidente de carro - Bateria 1 imagem 2

Fonte: <https://lucenatorres.jusbrasil.com.br/artigos/508907412/sofreu-um-acidente-de-carro-saiba-o-que-deve-ser-feito>

3. Agora é bem simples: UMA MAÇÃ!!!!!!

O que você pensa ou se lembra quando vê uma maçã? Não pode dizer somente que a Maçã é uma fruta! Precisa dizer um pouco mais do seu pensamento



Figura 13 - Maçã - Bateria 1 Imagem 3

Fonte: <http://www.falarepublico.com.br/afinal-maca-faz-bem-para-a-voz/>

3.5.2. Segunda Bateria

A seguir você verá novamente três fotografias que representam a nossa natureza em diferentes situações.

Olhe para cada uma das figuras separadamente. Você reconhece o que está vendo? Pense e invente uma história sobre a imagem. Também pode ser uma situação que você realmente viveu e a imagem fez você lembrar.

Você pode gravar vídeo em Libras ou pode escrever. Também pode escrever rascunho para ajudar a pensar e depois faz o vídeo.



Figura 14 - Cachoeiras - Bateria 2 Imagem 1

Fonte: <https://top10mais.org/top-10-cachoeiras-mais-bonitas-do-mundo/>

Para a Figura 15 trouxemos duas fotos para você entender melhor o contexto



Figura 15 - Desmoronamento de cidade mineira - Bateria 2 Imagem 2

Fontes: 1) <https://afnewss.com.br/visao-geral-de-barragem-da-vale-que-rompeu-em-brumadinho-minas-gerais/>

2) <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/bombeiros-e-defesa-civil-sao-mobilizados-para-chamada-de-rompimento-de-barragem-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml>

O que representa esta figura? Como esta foto foi tirada? Qual seu sentimento em relação a esta foto?



Figura 16 - Astronauta - Bateria 3 Imagem 1

Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/135140-confira-11-imagens-incriveis-astronautas-nasa-espaco.htm>

3.5.3. Terceira Bateria

A seguir você verá novamente mais três imagens.

Elas representam obras de arte.

Olhe para cada uma das figuras separadamente. Você reconhece o que está vendo? Pense e invente uma história sobre a imagem. Também pode ser uma situação que você realmente viveu e a imagem fez você lembrar.

Você pode gravar vídeo em Libras ou pode escrever. Também pode escrever rascunho para ajudar a pensar e depois faz o vídeo.

Agora, as imagens ficam bem bonitas! São obras de arte.

1. O que este quadro faz você lembrar? Qual seu sentimento quando olha para este quadro? O que você acha que o pintor estava pensando quando fez este quadro?



Figura 17 - Quarto na pintura - Bateria 3 Imagem 1

Fonte: <http://issocompensa.com/arte/a-excecao-de-degas-na-violencia-interior>

Você já viu quadros parecidos como este? Qual seu sentimento quando olha para este quadro? O que você acha que o pintor estava pensando quando fez este quadro?



Figura 18 - Desenho Abstrato - Bateria 3 Imagem 2

Fonte: <https://mondomoda.com.br/2020/05/12/arte-abstrata/>

E esta outra obra de arte? Você conhece? O que você acha que o pintor estava pensando? Onde você acha que ele pintou este animal?

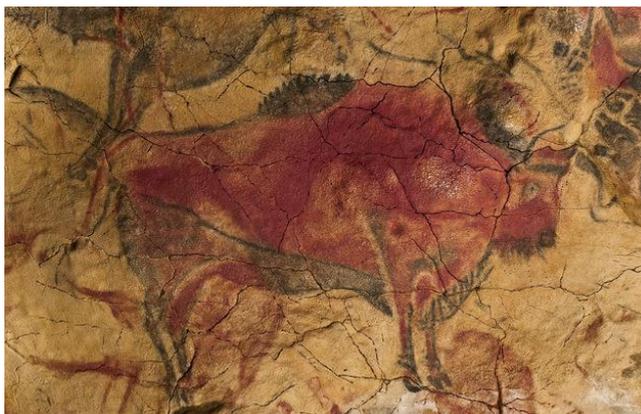


Figura 19 - Rupestre _ Bateria 3 Imagem 3

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:9_Bisonte_Magdalenense_pol%C3%ADcromo.jpg

Cada entrevista foi realizada individualmente e os colaboradores apreciavam as imagens e em seguida faziam em Libras, suas narrativas, que foram videogravadas e, posteriormente, transcritas.

Na análise das narrativas, o que será considerado é se esta se aproxima mais da simples descrição do que a imagem representa, ou se a narrativa se aproxima mais de uma “interpretação”, em que o colaborador atribui, a partir de seus conhecimentos prévios, vivências ou mesmo memórias, significado particular a cada imagem.

Conforme já comentado anteriormente, os grupos foram constituídos a partir da estratificação do capital cultural realizada a partir do primeiro instrumento de pesquisa aplicada e a análise foi feita cotejando as narrativas dos colaboradores, segundo o estrato cultural apresentado, para identificar se existe semelhança entre os colaboradores de um mesmo grupo, realizando uma síntese entre as semelhanças e destacando as diferenças, para, posteriormente, cotejar as sínteses das análises das narrativas de cada grupo e assim, responder à questão de pesquisa.

Os critérios utilizados para inferir a influência do capital cultural foi o de observar se nas narrativas predominava a descrição da imagem apresentada, por exemplo, na figura do acidente de carro, constar apenas “uma batida de dois carros. Homem e mulher dirigindo. O carro do homem é amarelo e estragou mais. O carro da mulher é vermelho”. Dito de outra forma, a imagem apresentada não remeteu a lembranças, experiências ou conhecimento previamente adquirido, resultante do capital cultural incorporado ou institucionalizado.

3.6. Análise das Entrevistas Agrupadas

Na aplicação do primeiro instrumento de produção de dados, algumas questões objetivaram trazer informações pessoais dos colaboradores e não foram consideradas para a composição do capital cultural total de cada um. Perguntas a respeito do implante coclear, de preconceitos, de valorização da mulher, dentre outras. Essas respostas constituem o conjunto de informações para conhecer melhor cada participante da pesquisa e até mesmo, podermos buscar semelhanças que possam referendar a constituição dos grupos.

3.7. Grupo 1: Características pessoais de Renê e Jorge

O grupo 1 – G1, é constituído pelos colaboradores com capital cultural maior do que 60, considerado muito alto. São eles Renê e Jorge.

Renê é surdo profundo, professor de Libras em uma Instituição de Ensino Superior Federal, em uma cidade do sul do Paraná. Seu pai é professor universitário aposentado e Renê cursou Artes Visuais. Renê possui uma irmã, ouvinte, que sempre procurou ajudá-lo nos estudos. Esta irmã aprendeu Libras e atualmente atua como intérprete de Libras. É casado, sua esposa é surda e morava, no momento da entrevista, em casa alugada. Com a irmã fluente em Libras e a esposa, surda, também professora de Libras, Renê teve e tem oportunidades de realizar trocas linguísticas, o que favorece a constituição de capital cultural. Pelas respostas que Renê deu às perguntas que fiz para conhecê-lo melhor, pude concluir que ele não usa aparelhos auditivos e que também não faria implante coclear (IC), mesmo sabendo que teria direito a isso, pelo Sistema Único de Saúde, o SUS e justifica que “Não tenho interesse (no IC) porque (ser surdo) é natural”, o que demonstra possuir uma identidade surda²⁷ bem constituída. Afirmou que foi educado no catolicismo, mas que depois sua família mudou para a religião presbiteriana e que ele ainda segue eventualmente catolicismo e que, também, se interessa pelo Johrei. Mas que para ele, não importa a religião, porque Deus é único. Não tem opinião formada sobre

²⁷ O conceito de Identidade surda foi considerado conforme proposto na tese da Gladys Perlin (2003)

desigualdades sociais, mas no que se refere às diferenças entre os seres humanos²⁸, considera que “diferenças são normais”, e que este também é o posicionamento da família, exceção feita somente ao judaísmo. Afirma que já sofreu preconceito por ser surdo e utilizar a Libras e que ele próprio já se afastou de ouvintes, demonstrando ter algum preconceito. No que se refere às questões de gênero, entende que deve haver igualdade entre homens e mulheres, conscientização e que é contra o machismo. Acha muito difícil a diferença de conhecimento entre os surdos, conforme ilustra sua fala “Sim, muito difícil e alguns surdos escrevem melhor [...] outros fazem errado [...] falta de informação e conhecimentos”. Para Renê, a responsabilidade dessa defasagem é dos professores e da família. Embora alguns surdos sinalizadores tenham algumas restrições aos surdos oralizados, para Renê, esta deve ser uma opção de cada surdo e por fim, ao analisar a situação do surdo no século XXI considera que “[...] sim está melhorando cada vez mais, demora um pouco, mas sim (está melhorando). As pessoas começam a se preocupar fazendo políticas públicas”.

Jorge tinha 31 anos no momento da entrevista, concluiu Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, fez mestrado em Linguística na mesma universidade e estava cursando doutorado. É professor de Libras em uma universidade pública. Seus pais possuem o ensino médio e economicamente falando, fazem parte da Classe média. Possui uma irmã mais velha que também é surda. Sua mãe também sabe um pouco de Libras e sempre atuou em apoio à comunidade surda. Jorge também tem um irmão um ano mais novo do que ele, que também se tornou fluente em Libras. Com este grupo familiar, por ter estudado em escola para surdos e desde muito cedo ter frequentado a Associação de surdos, acompanhando a irmã, Jorge aprendeu de maneira natural a Libras e teve oportunidade de realizar trocas linguísticas que contribuíram para a constituição de seu capital cultural. Jorge não se considera oralizado e não usa prótese auditiva. Atribui à sua capacidade de leitura na Língua Portuguesa, o nível 8 e nível 6 para sua escrita, em uma escala de 0 a 10. Aprendeu a ler e a escrever na escola especializada para surdos. Sempre

²⁸ Na pergunta estava exemplificado: ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros

teve apoio da família (pais, irmã e, principalmente o irmão caçula) em seus estudos, principalmente com a Língua Portuguesa. Com o pai aprendeu um pouco de marcenaria, fazer coisas simples, como mesa, montar armário, e outras. Também aprendeu com eles a cozinhar. A mãe, se esmerava no ensino da Libras e da Língua Portuguesa. Também, quando estavam juntos em casa (atualmente e no momento da pesquisa, Jorge morava sozinho, em apartamento próprio, em outra cidade), Jorge e a família costumavam assistir TV (novelas e filmes). Sempre teve vida social ativa, quando pequeno, acompanhava os pais em restaurantes em outras cidades (Jorge morava em uma cidade pequena, próxima de um grande centro), os acompanhava em festas, visitas a amigos e, depois de adolescente e adulto, sempre saía com seus amigos. Nas férias, viajava com a família para as praias de Santa Catarina. Não gosta muito de viajar, mas gostaria de conhecer o Japão. Jorge tem amigos surdos, fluentes em Libras e surdos oralizados. Possui também alguns amigos ouvintes que sabem Libras, como seu namorado, que é ouvinte, mas sabe Libras. Tem amigos ouvintes que não sabem Libras e que se comunicam, pela escrita, através de celulares. Jorge cursou toda a Educação Básica em uma escola bilíngue e o curso superior em uma “faculdade inclusiva”, ou seja, com a presença de intérprete. Para Jorge, é melhor a educação bilíngue, pois se sente mais “incluído” na escola bilíngue, em que professores e colegas compartilham da mesma língua. Sentiu dificuldades na faculdade, pois muitos professores não sabiam como atuar com estudante surdo.

No que se refere a hábitos culturais, a família sempre comprava livros, gibis e tinham muito cuidado e preocupação com sua formação escolar, para garantir um futuro independente, investindo, inclusive em professores particulares, de português, inglês e japonês. Também, desde pequeno, teve acesso a computador e televisão e atualmente tem diversos recursos tecnológicos, como notebook, televisão, filmadora e celular. No momento da entrevista relatou que frequenta cinemas, bancas de revistas, livrarias e compra muitos livros. Também gosta de jogos on-line. Aliás, destaca que desde os oito anos de idade, teve acesso à internet e que atualmente, acessa todos os dias, em particular, o Google, que, segundo ele, é seu “amigo” e onde pode pesquisar sobre qualquer assunto. Dentre os recursos tecnológicos, utiliza com mais

frequência o celular, seja para comunicar com amigos e familiares, como para compras e serviços bancários. Para Jorge, ficar sem o celular seria a MORTE: “Não consigo viver sem msg celular e e-mail, já sofri muito por causa de surdez, celular e e-mail ajudar surdos conseguir comunicar”. Da mesma forma, só assiste programas na TV, se forem legendados. Na sua infância, o irmão interpretava os desenhos animados, que não tinham legenda. Atualmente, prefere a *Netflix*, *Youtube*, *Prime Amazon*, porque aí, tudo é legendado...

Apesar da família ser religiosa, nada lhe foi imposto e Jorge afirma ter mudado de religião várias vezes. Sempre conversa com a família sobre os mais diversos assuntos, em especial com o irmão, pois a diferença de idade entre eles é de apenas um ano e assim, possuem interesses próximos, ou como Jorge disse “somos da mesma geração”. Também não tem nenhuma dificuldade de comunicação em seu trabalho, pois todos no departamento em que ele trabalha, sabem Libras.

Por fim, ao ser indagado se já sofreu algum tipo de preconceito, Jorge foi enfático ao explicitar que “[...] já sofri dois preconceitos por Surdo e Gay. Comunidade surda me ver como sou surdo, mas sou GAY aiiii. Comunidade lgbs me ver que sou gay, mas sou SURDO aiiiiiiii. Pessoa me ver surdo e dá medo, pessoas me ver gay e dá medo”. Mas, para ele, o mais difícil é a surdez pois “[...] as pessoas não sabem como conversar. Às vezes, estou batendo papo na internet e quando falo que sou surdo, me bloqueiam ou somem”.

Uma vez apresentados os dois participantes que integram o Grupo 1 (capital cultural igual ou superior a 60), foi possível identificar semelhanças em suas vidas. Ambos tiveram apoio de suas famílias em seus estudos, tiveram acesso a capital cultural objetivado e, principalmente, oportunidade de efetuar trocas simbólicas pois possuem pessoas fluentes em Libras em seu entorno familiar e social.

Antes de começar cada entrevista, expliquei que os convidados estavam livres para falar sobre qualquer coisa que a imagem o fizesse pensar. Podia ser um poema, alguma história antiga, contar algum acontecimento ou qualquer outra coisa. Deixei claro que o importante era observar a imagem e descrever o que sentiu. Pode falar de história do passado contínuo, pode ser algo real ou pode ser uma história inventada, é livre conforme a vontade.

3.7.1. Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento

3.7.2. Bateria 1.

Imagem 1: CASA

Renê considerou a casa bonita e disse que deve ser americana, porque “[...] tem o jeito do país” e, embora a imagem traga apenas a fachada de uma casa, com porta e janelas fechadas, acrescentou; “[...]dentro tem uma família”. Disse que a casa é diferente de apartamento, que ele mora em apartamento há muito tempo. Lembrou-se de que quando era pequeno, morava em um apartamento perto da escola e justificou:



[...] porque era perto da escola mais fácil para levar já que era perto, assim era fácil de controlar e economizar. O dinheiro economizado era usado para pagar o apartamento para ser nosso. No prédio, eu lembro que não tinha brincadeira era difícil, alguns brincavam no estacionamento, mas depois não podia mais”.

A imagem da casa também despertou lembranças em Renê, da casa da avó:

Eu gostava de ir à casa da minha avó, lá tinha vizinhos, várias casas, podia brincar com meus primos, prédio não é legal, muito quieto. Dá para comparar a vida no prédio com a vida de um pássaro na gaiola, ele fica sempre no mesmo lugar, é assim no apartamento. Viver em casa é diferente é ser livre! só.

A narrativa construída por Renê, a partir da imagem da casa, ficou bem distante de ser somente uma descrição. Já no primeiro momento, quando disse que a casa parecia ser nos Estados Unidos, já imaginou uma família dentro e a partir daí, começou a relacionar com sua própria família e vivências.

Jorge também considerou que a casa deve ser dos Estados Unidos, demonstrando que tanto ele, quanto Renê conhecem modelos de casa americanas, conhecimento este adquirido, provavelmente em função de possuírem um capital cultural objetivado elevado. Jorge continuou descrevendo:

Uma casa bonita, com telhado retangular, duas chaminés. Eu nunca fui a uma casa com chaminé, perto do telhado não há espaço para caminhar, não tem um sótão, mas no piso de baixo anda-se normalmente. Tem janelas compridas nas laterais e um vaso de planta na porta (aponta os elementos da casa retomando o que já disse mentalmente).

A partir desse momento, a descrição da imagem se confunde com suas concepções e lembranças, como se pode depreender do que segue: “[...] uma casa pequena une a família, percebi que a casa é de madeira, me lembro que cresci e morei até os 10 anos com a família (em uma casa de madeira), só depois minha família construiu uma casa de alvenaria”.

E Jorge continua misturando descrição com lembranças e reflexões: “[...] a casa não tem muro, a minha casa tinha muro isso era obrigatório por causa da segurança, isto é, para fazer limitações do seu espaço particular, mas, às vezes, alguns lugares optam por não fazer uso, por exemplo nos Estados Unidos”.

Mais uma vez o capital cultural objetivado de Jorge se manifesta, afinal ele tem acesso a filmes da Netflix, assiste jornais e outros programas em canais pagos que possibilitaram não apenas identificar que a casa deveria ser nos Estados Unidos, como fazer inferências a respeito das condições de segurança naquele país, comparando-as com as brasileiras.

Foi possível identificar que ambos os colaboradores usufruíram de seu capital cultural objetivado, se apropriando de informações somente acessíveis mediante recursos que este fornece. Também foi possível identificar relações familiares estáveis, com lembranças afetivas agradáveis, o que reflete no capital cultural incorporado.

Imagem 2 – Acidente de carro

Ao observarem a imagem do acidente de carro, nenhum dos dois colaboradores deste Grupo 1, descreveu o que via, ou imaginou o que poderia ter acontecido, mas relataram experiências ocorridas.



A primeira manifestação de Renê ao ver a imagem foi alertar para o perigo que ele representa e a seguir, passou a relatar sua história.

[...] acidente de carro é perigoso. Eu cresci sem nenhum trauma e já sofri acidentes simples como batidas traseiras leves. Mas a minha família já passou por um acidente grave que teve até um capotamento, mas eu não me lembro de nada porque eu era pequeno tinha apenas dois anos de idade. Minha família não me contou, quando é algo ruim eles não gostam de contar, mas minha vó e meu tio me contaram e eu fiquei muito assustado, fiquei em choque e perguntei: verdade que eu fiquei no hospital? No acidente, eu fui o que ficou em pior estado, fiquei

internado na UTI, mas eu não me lembro de nada porque eu tinha só dois anos de idade.

A mesma coisa aconteceu com Jorge. Jorge morava em uma cidade pequena, vizinha da cidade onde ele estudava na escola especializada e o irmão caçula, ouvinte, estudava em um colégio particular. Eles utilizavam transporte escolar, mas como este estava quebrado, a irmã mais velha (que também é surda) os levava de carro.

Lembro que com 11 anos eu estudava na ANPACIN e meu irmão no colégio. Minha irmã nos levou e buscou de carro por um tempo, pois o ônibus estava quebrado há um mês. Então, em um desses dias em que minha irmã nos levava eu e meu irmão conversávamos em sinais no banco de trás, minha irmã dirigia, lembro que ela bateu atrás de um caminhão. [Jorge olha e analisando imagem]

Eu levei um susto, eu tinha 11 anos e meu irmão tinha 10 anos, foi a única vez que sofri um acidente de carro. [Jorge olha e analisando imagem] AH! Ela bateu no caminhão porque a sinalização dele não funcionava, o pisca-alerta, por exemplo, por isso ela não percebeu que estava parado e bateu. Foi o primeiro acidente depois nunca mais.

Jorge destaca que mesmo não tendo se machucado com gravidade, o acidente deixou lembranças traumáticas que o acompanharam durante todo o curso superior (ele viajava de ônibus para ir para as aulas), mas o que mais o incomodava era a dificuldade de comunicação que o surdo vivenciava quando não existia, por exemplo, o celular para resolver situações como a experiência do acidente:

[...] antigamente não havia comunicação com a facilidade de hoje, só havia orelhão e como o surdo fazia? Pedia ajuda para o irmão, que às vezes não podia, ou pedia ajuda a um desconhecido, pedia carona correndo o risco de ser assaltado ou até assassinado, não sabemos, as caronas eram curtas e eram para ligar para meus pais. Só de lembrar me dá um pouco de ansiedade e nervoso.

As análises das duas primeiras imagens da Bateria 1, mostram similaridades entre os dois colaboradores, como o fato de ambos situarem a casa como nos Estados Unidos ou se lembraram de acidentes ocorridos com eles. Isto demonstra que as imagens são sempre interpretadas segundo os conhecimentos prévios de quem as vê, por isso, quando se pretende utilizar imagens na educação de surdos, elas precisam ser muito bem escolhidas para que o objetivo seja alcançado. Novamente, as lembranças apontam que desde a infância eles usufruíram de situações econômicas familiares confortáveis, com veículo próprio. Jorge evidencia, inclusive, o esforço dos familiares para que ele (e a irmã que também é surda) tivessem acesso à escolarização. Estes fatos são constituintes do capital cultural incorporado.

Imagem 3 - Maçã

As interpretações de dois colaboradores sobre maçã são completamente diferentes, o Renê vê a maçã como uma fruta e uma alimentação saudável. Jorge se lembrou da marca da APPLE.



Renê observou a imagem em silêncio e diz que não se lembra de nenhuma história sobre maçã. Destaca que a família ensinou que a maçã faz bem à saúde, segundo ele, maçã “[...] faz bem ao pensamento”. Diz que gosta de maçã, mas que a cor vermelha chama a atenção e que “significa amor”. “[...] O vermelho chama a atenção, mostra que a fruta está bonita, chique, gosto de comprar quando está assim. Quando está murcha, com machucados não gosto, não quero uma maçã com bicho, quero uma maçã que faça bem para a saúde”.

Jorge olha a imagem e já disse de imediato “[...] então, vejo a maçã e lembro do computador da marca APPLE e de seu criador Steve Jobs [...]”, e continua mostrando o conhecimento acumulado, resultante de seu capital cultural objetivado:

[...] lembro que foi Steve Jobs quem criou a marca APPLE e seus computadores, vários autores contam sua história, como foi o processo de criação da marca e de sua logo, uma dessas versões conta que ele sempre comia maçã, um dia viu o formato da maçã mordida e registrou como sua logo e assim ela foi espalhada pelo mundo.

Apesar de serem diferentes, ambas as narrativas evidenciam o capital cultural incorporado de ambos, um destacando os ensinamentos da família, a respeito da própria fruta e o outro, remetendo, ao objetivado, uma vez que é este tipo de capital cultural que possibilita a associação da maçã, à empresa APPLE.

3.7.3. Bateria 2

Imagem 1: Cachoeira

Renê relatou que já viajou para diferentes lugares, corroborando com o que havia sido identificado no primeiro instrumento. Considerou o lugar muito bonito e até me perguntou se eu sabia onde ficava esta cachoeira, para poder ir visitá-la. Para ele, cachoeiras ajudam a relaxar, conforme exemplifica sua resposta: “Se estiver com problemas quando for a um lugar



assim acaba com eles, traz calma e consegue até respirar melhor. Olhando mais a imagem as duas quedas d'água parecem um véu de noiva". Disse que esta imagem é bem diferente das que ele conhece. Mas, também disse que quando viu uma cachoeira pela primeira vez, "Se apaixonou facilmente".

Jorge observou a imagem e observou que as cachoeiras estavam rodeadas de árvores. Afirmou que nunca visitou um lugar assim, que gostaria de poder andar em um local como este. Disse que o local é muito bonito e sofisticado. Disse que conhece Foz do Iguaçu, mas que não fica entre árvores e como tem muita pedra, a água fica mais concentrada. Também disse que em Foz do Iguaçu tem mais quantidade de água, do que a da cachoeira da foto.

Novamente, as respostas mostram que o colaborador viajou, conheceu a cidade de Foz do Iguaçu, o ponto turístico mais conhecido do estado do Paraná, o que contribui para que possa estabelecer relações com a imagem apresentada.

As respostas dos colaboradores apontaram ponto em comum: remetem a viagens, corroborando o estrato de capital cultural elevado, estabelecido pelo primeiro instrumento.

Imagem 2: Brumadinho

Renê demonstrou reconhecer as imagens dos jornais que viu na TV. Sabe que são da cidade de Brumadinho, que fica perto de Belo Horizonte, até diz que fica a cerca de 40 km da capital. Renê explica sobre barragem, destruição, perdas de vidas e prejuízos. Fala, também, que mesmo antes do desastre, o local era perigoso para as pessoas que trabalhavam na empresa mineradora, porque "[...] a lama tinha muitos resíduos químicos".

Da mesma forma, Jorge reconheceu que as fotos retratavam Brumadinho, cidade mineira e disse que as fotos "deixavam ele triste". Falou sobre a destruição causada pelo desmoronamento, que acabou com a cidade. Não fez nenhuma menção à mineradora e nem sobre o rompimento da barragem. Repetiu, várias vezes, a sensação de tristeza, conforme exemplo da sua fala: "Foi destruição não sobrou nada quando a lama secou. Antes era um lugar bonito, uma bela paisagem, agora, depois da lama, tudo desapareceu. Sim!



Imagino quantas pessoas morreram com a lama, se eu fosse lá neste lugar poderia sentir a mesma dor”.

Novamente, as narrativas convergem, pois ambos reconheceram as imagens, sabem em que local a cidade se encontra e o que aconteceu, embora, Renê, trouxesse mais detalhes técnicos, não significa que Jorge os desconhecesse. Jorge se mostrou mais impactado pelas imagens, o que fez com que ele focasse mais na destruição, no sofrimento das pessoas.

Imagem 3: Astronauta

Renê demonstrou mais emoção ao ver a foto do astronauta. Ficou admirando por longos segundos e disse: “Lindo! O Astronauta no espaço parece que está nadando ou flutuando, que gostoso. Eu imagino que o espaço deva ser igual a nadar”. Afirmou que o espaço deve ser semelhante



a uma piscina, porque se pode flutuar. Novamente, suas experiências anteriores, de capital incorporado, permitiram que ele estabelecesse relações. Disse, inclusive, que já havia ficado na piscina, nadando, boiando e que imaginava estar flutuando no espaço, que a piscina fosse o espaço. Renê, demonstrou conhecer as propriedades do espaço, como a ausência de gravidade, embora não tenha explicitado isto.

Jorge também se empolgou com a imagem e externou essa empolgação ao dizer: “[...] é uma emoção boa porque consegue ver a Terra de outra forma. Eu vejo a terra e como ela é aqui “dentro”, como será vê-la do espaço? Eu nunca fui a uma espaçonave. Imagino a sensação e a visão da Terra pelo espaço por causa de filmes, deve ser um sentimento incrível”. Aqui, novamente a influência do capital cultural objetivado: os filmes lhes proporcionaram informações sobre a Terra vista do espaço. Apesar de imaginar a sensação de poder olhar a Terra do alto, Jorge demonstrou seus conhecimentos sobre o espaço, ao relatar que teria medo de ir ao espaço, porque “Lá não tem ar para respirar. Na Terra temos ar, todos os seres que vivem aqui respiram, até as plantas”. Mas, disse que imagina como deve ser emocionante como seria poder ver, “com os próprios olhos”, o Sol, a Terra e os outros planetas. Disse que deve ser algo muito mais emocionante do que ver imagens.

Novamente aqui, as narrativas de ambos os colaboradores demonstram pontos em comum: primeiro, a confiança de que a foto é verdadeira. Nenhum deles duvidou da possibilidade de o astronauta estar caminhando pelo espaço e também demonstraram conhecimentos científicos a respeito, como a ausência de atmosfera e a ausência de gravidade, aspectos que possibilitam validar a estratificação cultural em que foram situados.

3.7.4. Bateria 3

Imagem 1: Pintura

Para ambos os colaboradores, a pintura retrata uma situação triste, o que é reforçado, segundo ambos, pelo fato de ser uma pintura “escura”, com baixa luminosidade. Para Renê, o que aconteceu antes ao que está retratado no quadro, parece ter sido um estupro e justifica: “[...] a cama está arrumada, a mulher aparenta estar sofrendo e o homem aparenta estar se masturbando, porque está com a mão dentro da calça”. Para ele, trata-se de “Uma imagem que mostra o mal, não é uma pintura bonita, há sofrimento e a mulher fica quieta sem palavras sofrendo vários estupros. A roupa dela está com a manga caída, então percebi que começou com beijos e teve luta e rasgou a roupa ela agora está sentada descansando. O estupro aconteceu antes já, porque tem roupa tirada na cama, tem mala de roupa. Não é um quadro bonito, é escuro com uma imagem forte e sentimento triste”. Acrescenta, ainda, que a imagem indica que estão na Europa, porque o jeito do quarto tem características culturais deles, não é daqui do Brasil. Essa preocupação com o sofrimento da mulher está de acordo com o que ele respondeu no questionário, quando defendeu a “igualdade entre ambos os sexos”.



Jorge, conforme explicitado anteriormente, também considerou o quadro triste, o lugar é escuro e a luz ao centro é fraca. Disse ter sentido angústia, disse que talvez, por ser um quadro escuro, apenas com uma “[...] luz baixa (fraca) ao centro”. Para ele, a “[...] mulher está fazendo alguma coisa, não dá para definir, mas parece que ela está angustiada. O homem parece bravo ou está sério por alguma coisa “. Ele acha que eles estão com algum problema no relacionamento, mas não sabe ao certo, mas disse parece que são namorados

ou casal que brigaram por algo, conforme o fragmento de sua fala: “[...] a mulher sente que o homem está bravo, pois está afastado em pé ao fundo encostado na parede, a cama está vazia, arrumada, apenas com um casaco pendurado aos pés da cama. Acho que é isso, é um cenário triste”.

A sensibilidade de Jorge, que já havia sido manifestada na imagem de Brumadinho, é ressaltada novamente aqui, enquanto Renê, da mesma forma que na imagem anterior, entra em detalhes sobre o acontecido, aqui também atribui uma causa para a cena (estupro), enquanto Jorge percebe algum problema, mas não sabe qual, embora se sinta solidário, da mesma forma que com as vítimas de Brumadinho. Uma questão que me chamou atenção foi que Renê, mesmo sendo formado em Artes Visuais, não fez nenhum comentário artístico em relação à pintura.

Imagem 2: Pintura Abstrata

Nesta situação, o capital cultural institucionalizado de Renê se manifestou, ao dizer que a imagem não retrata nada da natureza, pessoa ou cópia de algum quadro de um pintor famoso. Para ele, a pessoa “[...] só foi criando e colocando na tela, ficou como uma pintura maluca,



ele só se expressou, mas não tem um significado, e fez só para expor”. Para Renê, o autor não se fixou em um tema específico que permitisse uma tradução. Reforça: “[...] só como uma pintura maluca e parece misturada com a música”. Mesmo tendo estudado Artes Visuais Renê não caracterizou o quadro como Arte Abstrata, embora compreendesse do que se tratava. Talvez tenha imaginado que eu, não entenderia se ele falasse coisas técnicas. Novamente, seu espírito prático predominou, mesmo se atendo mais à descrição, seus conhecimentos prévios enriqueceram a descrição, pois não se ateuve apenas a descrever as cores e formas contidas na imagem.

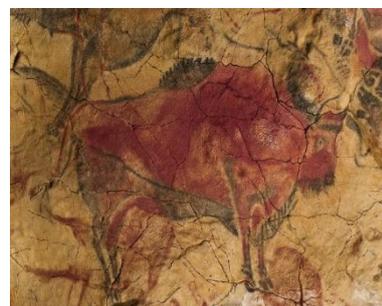
Jorge sabe que este tipo de pintura tem uma denominação própria e indagou: “Como chama, quando uma coisa é sem forma? Vou tentar lembrar o nome [...]. Tudo é flexível e maleável, sabe? Tem aparência de mole também”.

E continua: “Não dá para identificar exatamente o que é, mas dá para perceber algumas coisas, como um astronauta no espaço, que tem um caminho

reto para pessoas e que existem várias cores espalhadas”. Explica que sentiu dificuldade em responder “[...] porque tem várias formas geométricas, quadrado losango e curvas espalhadas”. Entretanto, o padrão das respostas de ambos os colaboradores se mantém, ou seja, Renê, seguindo sempre uma análise mais prática e Jorge procurando expressar algo mais emocional. Porém, ambos demonstraram conhecer este tipo de expressão artística, o que é compatível com o estrato de classe em que foram incluídos, considerando o instrumento de produção de dados 1.

Imagem 3: Pintura rupestre

Os dois colaboradores identificaram que a imagem representa uma pintura rupestre, que é muito antiga e que foi realizada em uma caverna, que era o local em que os homens primitivos viviam.



Renê evidencia novamente seu capital institucionalizado ao afirmar que, no início da civilização, os homens matavam o animal para comer, e que realizavam as pinturas na parede, com o sangue do animal e com o carvão, segundo ele, “[...] faziam desenho para mostrar como matavam boi.” Renê também falou do lugar onde foi feita a pintura, afirmando ser a França ou algum outro país da Europa, demonstrando seus conhecimentos acerca da pintura rupestre, o que era esperado, em função do capital cultural constituído em seu curso de graduação. Para Renê: “O desenho retrata os costumes, a história, tudo pintado nas paredes”, o que possibilitou que a história da humanidade fosse reconstruída. Para ele, os autores da pintura possuíam “[...] um pensamento evoluído”.

Jorge inicia descrevendo a imagem: “[...] parece ser um boi, porque tem corpo, patas, cupim, peito e rabo”. Ao lado dessa figura, Jorge afirma não saber ao certo o que está sendo representado, pois parece ser chifre do boi ou dente de outro animal. Justifica esta dificuldade dizendo que “[...] a imagem está cortada e não dá para ver certo”. Após esta descrição, seu capital cultural permite outras inferências, estabelecendo relações com a disciplina Escrita de Sinais, em seu curso de Licenciatura em Letras Libras, quando estudou a respeito da origem da escrita. E Jorge infere que a escrita “[...] pode ter começado na parede com figuras e com o tempo evoluiu”. Relembra também, a disciplina de História,

que também abordou o desenvolvimento da escrita, a evolução da humanidade, da comunicação, afirmando que “[...] os registros em pedra era uma forma de mostrar tudo isso”. Com essas afirmações, Jorge distanciou-se da simples descrição, atribuindo à imagem, significados atribuídos por seu capital cultural. Retomando a descrição, Jorge acredita que não existiam materiais de cores diferentes, então, os desenhos possuíam poucas cores. E, destacando ainda mais seu conhecimento, afirma ter ficado em dúvida se a imagem retratava “[...] uma pintura em pedra ou em papel craquelado ou envelhecido”.

Síntese das narrativas:

Ao analisarmos as características dos dois colaboradores que compõem o Grupo 1, muitas semelhanças foram percebidas, a saber: apoio de suas famílias em seus estudos, acesso a capital cultural objetivado, estudaram em escolas especializadas, fizeram curso de graduação e avançavam em relação a cursos de pós-graduação. Ambos atuam como professores universitários de Libras, se sustentam e, principalmente, tiveram e tem a oportunidade de efetuar constantes trocas simbólicas pois possuem pessoas fluentes em Libras em seu entorno familiar e social.

Foi possível inferir, também que nenhum dos dois colaboradores se ativeram simplesmente ‘a mera descrição da imagem observada, trazendo para suas narrativas, experiências de vida e conhecimentos adquiridos mediante suas trocas com outras pessoas, formação escolar e capital objetivado, confirmando a hipótese inicial.

As diferenças em suas narrativas, evidenciam, além de suas características pessoais, no que se refere ao pragmatismo de Renê e à sensibilidade de Jorge, a influência do capital cultural de cada um deles, de forma individual, na interpretação de imagens, sendo que o capital institucionalizado (aqui entendido como o conhecimento adquirido em sua formação universitária) ficou explícito, principalmente na última imagem da Bateria 3; o objetivado (aqui entendido como informações ou experiências adquiridas em função de acesso a recursos tecnológicos, meios de comunicação, viagens, livros, etc) esteve em destaque nas baterias 1 e 2, e o incorporado (considerado como em decorrência de interações familiares e sociais), permeou todas as baterias.

Grupo 2: Características pessoais de Felícia, Alfredo. e Francisca

Felícia e eu somos amigas. Talvez por isso ela se sentiu à vontade e falou muito durante a entrevista, mais do que os demais colaboradores. Felícia tinha 32 anos no momento da pesquisa. É casada, seu marido é surdo e não tem filhos. É oralizada, aprendeu a falar com a fonoaudióloga. No momento da pesquisa, não utilizava mais aparelho auditivo, mas usou durante muito tempo. Também não pretende usar novamente. Também jamais faria o implante coclear. Diz que se sente muito bem não ouvindo. Sabe que o SUS paga o implante, mas considera que este fato está relacionado ao modelo Clínico terapêutico, ao ouvintismo. Que estão manipulando para acabar com a Comunidade Surda.

Graduada de Artes Visuais e Letras Libras, fez especialização em Educação Bilíngue: Libras/Português e mestrado em Educação em uma importante universidade pública. Seu pai completou o Ensino Médio e a mãe completou o Ensino Fundamental. Seu marido, no momento da pesquisa era somente graduado em Administração de Empresas. Atualmente, fez mestrado em Educação. Sua Irmã formou em Marketing e o seu irmão concluiu de Ensino Médio, formação técnico em mecânica e eletricidade no SENAI. Seus avós não possuem escolaridade. Felícia não tem nenhum parente surdo, apenas o marido, que tem pai e tia surda.

Ela é fluente em Libras, e aprendeu em contato com a comunidade surda e na escola especializada. No que se refere ao domínio da Língua Portuguesa na modalidade escrita, Felícia atribui a si mesma nota 8, no que se refere à leitura e 6 para a escrita e seu aprendizado ocorreu na escola.

Ninguém na sua família conhece Libras e nem participa da comunidade surda, mas respeitam essa língua e os surdos. Felícia tem mais proximidade com o pai, pois ele tem paciência para conversar e explicar quando ela tem dúvidas.

Felícia não teve ajuda de ninguém da família em seus estudos, mas sua família contratou uma professora particular, uma pedagoga que a incentivou bastante em seus estudos. Com esta pedagoga aprendeu, principalmente português. Felícia também teve aulas particulares de inglês. Felícia. interagiu pouco com os familiares. Assistiam TV juntos, mas raramente conversavam, sobre alguma coisa ou contavam novidades. Ela sempre acompanhava a família em visita na casa dos avós, mas, lá também não havia interação: Felícia ficava

na sala assistindo TV, muitas vezes sozinha e os pais e irmãos conversavam com os familiares, como tios e primos, além dos avós. Sai bastante com seu marido, ir na igreja, restaurantes, shoppings e visitar os amigos. Adora cinema, livrarias e museu. Gosta de ir com o marido ou amigos e às vezes gosta de ir sozinha na livraria.

Brinquedos, a família dava para ela apenas nas datas especiais, por exemplo, aniversário e dia das crianças. Os livros que ela ganhou foram os que o pai ganhou no trabalho e deu para ela. Não compravam gibis ou livros.

A família dela nunca a obrigou ir à igreja, pois que eles não são muito religiosos. O marido é religioso, pois se acostumou com a mãe dele. Os pais da Felícia a aconselham quando ela pede, mas não falam com ela sobre problemas deles. Felícia não concorda em algumas coisas com os pais, pois eles são muito tradicionais. Por exemplo, eles são contra ela estudar em outra cidade. Mesmo agora que ela já é casada. O marido, ao contrário, a apoia em tudo.

Após completar 16 anos, tinha autorização para sair e frequentar a comunidade surda, mas não recebia dinheiro para isso. Não tinha mesada e nem dinheiro para gastar na cantina da escola. Estudou em escola bilíngue e comum, mas prefere a bilíngue, com os colegas surdos, os, pois tem as duas línguas: Libras e Português. Na escola comum que ela estudou não tinha intérprete e ela nem sabia da existência da Libras. Na escola comum, foi tudo muito difícil, porque os professores falam o tempo todo, os alunos copiam no caderno e ela não conseguia acompanhar. Também os professores falavam de costas para ela. Na faculdade foi tudo bem. Tinha intérprete na sala de aula.

A maioria de seus amigos surdos é fluente em Libras e também tem amigos ouvintes que utilizam a Libras. Se a pessoa ouvinte não sabe Libras, ela tenta se comunicar utilizando sinais icônicos e a fala, porque é oralizada sim, mas prefere que os ouvintes aprendam a língua de sinais.

Quando morava com a família, não viajava. Agora, ela mora em outra cidade e sempre vem para Maringá rever os amigos e familiares. Mas, tem muita vontade de viajar, de conhecer todos os estados brasileiros, especialmente Minas Gerais e as praias do Nordeste. Também gostaria de conhecer os países da América Latina e da Europa.

No que se refere a recursos tecnológicos, apenas a televisão sempre esteve presente. O primeiro acesso à internet foi aos 14 anos, aprendeu usar

computador, mas só usava na *Lan House*, nos finais de semana. Com 16 anos teve acesso ao celular, mas de amigos, pois a família não tinha. Também não tinha notebook na família, para poder fazer o TCC na faculdade. No momento da pesquisa utilizava internet durante toda a semana, sendo que nos finais de semana acessa mais Globo, *YouTube*, *Netflix* e o materiais da EaD da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), onde atua como professora de Libras. O celular é sempre utilizado, seja para enviar e receber mensagens dos amigos, contatos pessoais, familiares, profissionais, pedir comida, agendar consultas médicas dentre outras necessidades cotidianas. E-mail utiliza somente no trabalho, o institucional.

Para Felícia, sem a tecnologia seria muito difícil a vida para o surdo. Ficariam sem comunicação. Como teriam informações sobre a família? Sobre o trabalho? Se fosse assim, os surdos seriam sempre os últimos a saber as coisas. Felícia. apenas assiste TV com legenda. Se não tem, muda de canal. Em suas interações utiliza sempre a Libras, com a webcam. Digitar texto apenas no e-mail.

Felícia tem apartamento próprio, mas mora com o marido em um outro, alugado. Considera que tanto os pais como ela e o marido, pertencem à classe média, economicamente falando. Como professores eles conseguem se manter sem a ajuda de ninguém. Possuem em casa uma TV, dois notebooks e dois celulares.

Como trabalha em uma universidade que oferece curso de Letras/Libras, Felícia diz que tem ótima relação no trabalho, seja nas reuniões, nas aulas ou para fazer pesquisa, pois a maioria de seus colegas sabe Libras.

Felícia. tem clareza da desigualdade social, sabe que a maioria da população é pobre e diz que alguns, se conformam, trabalham, gostam do seu trabalho e consideram que o que ganham é suficiente. Outros, já tentam mudar de classe e procuram estudar. Mas nem todos alcançam o objetivo.

No que se refere à diversidade, Felícia respeita sempre, como, por exemplo, homossexual, heterossexual, etnia, gênero. Felícia considera mais as minorias do que a maioria porque as minorias resistem mais e sofrem preconceito e dificuldades. Já os pais não aceitam, por exemplo, a comunidade LGBT. São tradicionais e sequer conversam sobre o assunto. Neste ponto,

Felícia é bem coerente com sua posição de não fazer implante coclear, de se reconhecer como “surda” e respeitar os demais que também são “diferentes”.

Felícia defende a igualdade entre homens e mulheres, no que se refere tanto aos aspectos profissionais, quanto pessoais. Para ela, a mulher merece igualdade salarial com o homem se o cargo for igual. Se a mulher quer trabalhar fora ou dentro de casa, a escolha é dela, o que ela se sinta bem. Também pode viajar ou passear sozinha. E, foi possível identificar, de suas respostas, que Felícia exerce esse direito.

Muitas vezes sofreu preconceito, prefere não se lembrar, não quer relatar. Para Felícia, não vale a pena “carregar o passado”. Sofreu preconceito na própria família, com os primos.

Quando indagada se se sente incomodada quando está diante de um surdo que avançou mais academicamente falando, do que ela, Felícia afirma que não se sente incomodada por isso. Ela considera que não é possível comparar conhecimentos, pois cada um tem conhecimento diferente. O importante é não comparar. Novamente, com esta resposta, Felícia deixa explícito o respeito à diversidade anunciado por ela anteriormente.

E, esse respeito à diversidade aparece novamente, quando Felícia é indagado a respeito de surdos que preferem oralizar do que utilizar a Libras. Para ela, o que é importante é que o surdo se sinta bem, seja realizando a comunicação em Libras ou a oralização. E, argumenta: “[...] não vejo errado os surdos que somente oralizam. Pode ser que eles perderam audição enquanto era criança ou adulto e já está consumada a fala, por que proibir? Se nasceu surdo ou perdeu audição muito cedo, sou contra a obrigação de oralizar”. Para ela, o importante é que a opção pela oralização ou sinalização seja do surdo.

Alfredo é meu colega de trabalho. No momento da entrevista tinha 32 anos. É casado, tem uma filha. A esposa e a filha são ouvintes. Ele apresenta uma oralização básica e aprendeu na escola, com a fonoaudióloga. Tem dois cursos superiores: Administração de Empresas e Letras/Libras. Tem pós-graduação *latu sensu* em Libras; Educação Especial e Transtornos Globais do Desenvolvimento. Sua esposa tem curso superior e especialização, assim como um de seus irmãos. Seus pais também possuem nível superior e o outro irmão, no momento da pesquisa havia completado o Ensino Médio.

Fluente em Libras, Alfredo relata que tomou contato com a comunidade surda quando passou a estudar em uma escola bilíngue. Considera que conhece a Língua Portuguesa na modalidade escrita, atribuindo a si mesmo nota 9 em leitura e sete na escrita. Relata que aprendeu a ler e escrever na escola, mas que se aprimorou utilizando as redes sociais. Possui uma tia avó materna que é surda, mas não mantém contato com ela. Mas essa tia deve ter surdez adquirida, pois Alfredo relata que ela falava bem.

Alfredo não gosta de usar aparelho auditivo, justificando que é surdo profundo, não consegue diferenciar as palavras, apenas ruídos. Sabe que o SUS oferece gratuitamente a cirurgia do implante coclear, mas não faria o implante coclear, pois conhece surdos que fizeram o implante e, para a maioria, não deu certo.

No que se refere à interação familiar, Alfredo conta que quando era criança a família utilizava gestos simples e oralizava com ele, principalmente a mãe e os irmãos, que possuem conhecimento básico da Libras. O relacionamento é bom, mas a comunicação não é melhor porque a família esquece da necessidade da atenção visual. A família praticamente não participa da comunidade surda.

No que se refere aos estudos, houve pouca colaboração familiar. Aprendeu sobre as disciplinas no Colégio Bilíngue. Com a família aprendeu sobre a atividade econômica da família, que possuía uma funerária. Depois teve um negócio autônomo. No que se refere à sua religiosidade, Alfredo relata que foi educado no catolicismo e a família o levava para participar da Pastoral dos Surdos, mas não se sente “católico”. Também foi conhecer outras religiões e diz que, apesar de acreditar em Deus, não segue nenhuma religião.

No que se refere às atividades de lazer, ia com os familiares em parques, viajavam para a praia. Os pais davam dinheiro para ir em brinquedos no parque de diversões, comer no shopping. Quando era criança, passeava em Marialva, onde morava, depois que cresceu, ia passear em outras cidades. Seus pais também investiam em brinquedos e livros – que ele somente olhava as imagens e também tinha televisão com legenda. Nunca teve professores particulares, mas os pais insistiram para que Alfredo terminasse o Ensino Médio e ajudavam um pouco. Depois, quando foi para a faculdade, aí estudou sozinho.

Também viajava a trabalho, para diversas cidades, onde ia entregar urnas funerárias. Viajava sempre para a praia e para fazer compras no Paraguai. Gostaria, a exemplo de Felícia, de conhecer as praias do Nordeste.

A maioria de seus amigos é surda e fluente em Libras. Possui poucos amigos ouvintes, mas que conhecem sinais ou utilizam gestos icônicos. Costuma frequentar barzinhos.

Em relação à sua escolarização, Alfredo. considera que é na escola bilíngue que o surdo aprende melhor, porque os colegas são surdos, os professores conhecem Libras e isso ajuda a adquirir informação e conhecimento. Na escola comum, os professores não sabem Libras e não tem conhecimento sobre a cultura surda. Por exemplo, na faculdade os professores não aceitavam a maneira como ele escrevia. Também ressaltou a importância do intérprete para ter acesso ao saber.

Começou a usar celular, computador aos treze anos. Hoje tem celular com vários aplicativos, televisão e computador. Usa internet todos os dias, tanto buscando informações como nas redes sociais, particularmente Facebook e Gmail. Escreve e-mail para a esposa, no trabalho e acessa os amigos, grupos diversos, sites, lojas e realiza compras. Antes, vivia sempre dependendo da mãe, para qualquer atividade que precisasse telefonar. Agora, com o celular e os aplicativos, está mais livre para tudo. Utiliza ICOM, Central de Libras, iFood, e outros aplicativos. Alfredo afirma que quando está em cidade pequena, com 4mil de população, sem aplicativos para a utilização da pessoa surda, pede para a esposa, que é ouvinte, ligar.

Alfredo diz que anteriormente assistia sempre a TV, sempre com legenda. Se não tinha legenda, pedia explicações para a família, que sempre resumia MUITO para explicar. No momento da pesquisa Alfredo destacou que não mais assistia à TV. Procura por noticiários via internet. Sempre assisto com legenda. Quando sem legenda, pedir a família que me explicar resumido. Atualmente, não assisto mais TV, e leio as informações na internet. No que se refere à maneira de se comunicar utilizando recursos didáticos, Alfredo diz que depende da pessoa com quem ele está conversando. Se a pessoa compreende bem a leitura em português, escreve, se a pessoa não sabe, usa a Libras, via *webcam*. Mas acha mais rápido a *webcam*.

Do ponto de vista econômico, Alfredo se considera pertencente à Classe C, ou seja, classe média. Mora em uma casa alugada, com a esposa e a filha e tem acesso a todos os aparelhos eletrônicos, inclusive computador.

Sentiu preconceito, particularmente no que se refere ao mercado de trabalho e exemplifica: conseguiu vaga no trabalho pelo sistema de cotas para pessoas com deficiência, ocupando cargos inferiores, não tendo oportunidade de avançar na carreira. Os ouvintes não apenas iniciavam o trabalho, em cargos melhores, como avançavam na carreira. Sempre sentiu, no que se refere à sua atividade profissional, que existe preconceito em relação à pessoa com deficiência. Continuou dizendo que o salário é mais baixo e que existem, sim, diferenças, por exemplo, um surdo trabalha na mesma função que o ouvinte, mas tem um salário menor.

Por ter exatamente vivenciado situações de preconceito, afirma respeitar pessoas com características diferentes e considera a igualdade de gênero. Para Alfredo, a questão é histórica, pois desde muito tempo, as mulheres eram consideradas inferiores, mas, não pensa que as mulheres sejam inferiores. Para ele, a capacidade de homens e mulheres é igual e a sociedade devia se conscientizar disso.

No que se refere ao relacionamento com surdos mais escolarizados ou que possuem mais conhecimentos, Alfredo afirma só se sentir incomodado, quando usam “palavras chiques”, que os surdos não conhecem o significado. Também fica chateado, quando surdos que tem mais conhecimento não “ensinam”, não dão informações para que ele possa compreender. Não acha que os surdos oralizados têm mais conhecimento, mas respeita essas habilidades. Para ele, o ideal seria que os surdos fizessem trabalhos com fonoaudióloga para aprender falar o básico, bem como, os ouvintes deveriam aprender o básico da Libras.

Para ele, tanto a escola bilíngue, quanto à educação inclusiva apresentam vantagens e desvantagens, mas considera que o surdo demora mais para aprender e tem pouca possibilidade de utilizar a Libras e não tem contato com a comunidade surda. Já a escola bilíngue é considerada por Alfredo, como aquela que é “ótima para a educação dos surdos” pois a língua veicular é a Libras o que favorece o aprendizado mais rápido, há relação entre os professores e os alunos.

Finalizando, Alfredo considera que a sociedade está avançando, está melhorando para a comunidade surda e aponta, como uma das razões pode ser os conhecimentos que estão sendo transmitidos pela disciplina de Libras, sobre a cultura surda. Mas, ainda diz que é preocupante que as famílias ainda procurem médico, para implante, para que o filho surdo não se comunique usando a Libras. Para ele, falta muito para a sociedade se tornar inclusiva.

A terceira colaboradora deste grupo, a Francisca tinha, no momento da entrevista, 36 anos de idade. É casada, seu marido também é surdo e não tem filhos. É oralizada, mas quase que se comunica apenas com a família oralmente. Aprendeu Libras na escola especializada em que estudou desde os anos iniciais até o Ensino Médio. Como os outros colaboradores deste grupo, Francisca possui dois cursos superiores:

Pedagogia e Letras/Libras. Também cursou especialização em Educação Especial. Seu marido é graduado em Administração. Seu irmão, ouvinte, também tem curso superior. Seus pais, cursaram a Educação Básica e seus avós não estudaram porque sempre trabalharam no campo, na agricultura.

Ela avalia que lê bem e escreve razoavelmente na Língua Portuguesa, embora ainda encontre dificuldades com algumas palavras que não conhece. A mãe dela sempre a incentivou a estudar, a aprender a ler e escrever e a falar desde quando ela era bem pequena. Uma tia ensinou dobraduras, pintar, artesanato e jogavam e brincavam. Como apenas ela é surda na família e ela é oralizada, Francisca relata que ninguém em sua família sabe Libras, mas ela tem uma prima, Karen, que também é surda, mas que mora muito longe e elas quase não mantêm contato e quando o fazem, é apenas pelo celular. Francisca afirma não ter dificuldades em se comunicar oralmente com sua família.

A família não participa de nenhuma atividade com a comunidade surda, mas respeita as pessoas surdas e respeitam a Libras e os surdos que não são oralizados. E resume: “[...] com minha família, apenas oralizo. Com surdos, uso Libras e se tem surdos junto com minha família, eu interpreto para que se comuniquem”.

Saía para passear com o irmão. A família sempre ajudou com o trabalho. Quando era solteira e já tinha seu próprio salário, saía para passear sozinha ou com o irmão. Nas férias não costuma viajar. Apenas vai passear na

casa das amigas. Gostaria de viajar para o nordeste e para Nova York, que acha “[...] lindo demais”, mas não gosta muito de viajar não, porque tem tonturas e enjoo quando viaja de carro, na estrada.

A maioria de seus amigos são surdos sinalizantes. Com os poucos amigos ou colegas de trabalho ouvintes, ela oraliza. Gosta de ir à biblioteca quando precisa pesquisar alguma coisa, vai também aos bancos e lotéricas para pagar contas. Para passear, gosta mais de ir ao shopping, com o irmão e a namorada dele. Quando era criança, não teve acesso a capital objetivado, pois a família não comprava gibis ou livros, apenas alimentação e vestuário. Não viajava com a família, nem passeava.

Francisca estudou na escola bilíngue e na escola comum. Para ela a bilíngue é muito melhor, por causa da comunicação. Quando era criança, estudou em uma escola particular, só tinha ouvintes e não aprendeu nada por que “faltava comunicação, ou aprendia atrasada”.

Na escola inclusiva, ela encontrou intérpretes com ética e uma “não tinha ética”, porque passou para ela cola na prova, com os conteúdos que ela não conhecia. Francisca não acha isso certo. Para ela, é importante ter intérprete, mas para ajudar a entender o que os professores falam o tempo todo para explicar.

Atualmente ela tem acesso a diferentes recursos tecnológicos, como celular, televisão, notebook, mas, somente começou a utilizar a internet aos 22 anos de idade. Francisca relata que acessa a internet praticamente todos os dias, pelo celular e usa mais o *google* para pesquisar sobre suas dúvidas, mas também acessa *facebook* e *youtube*. Ela usa celular para avisar os alunos da UEM sobre greve, trabalho e sempre se comunica com a família pelo *whatsapp*. O e-mail ela utiliza no trabalho, para ver os trabalhos e atestados que os alunos enviam, também para ter notícia de concurso e receber e encaminhar vídeos. Quando não se comunicava pelo celular, ela fazia visitas na casa de seus amigos surdos para bate papo “[...] porque é ruim ficar parada sem fazer nada”. Usa sempre legenda na TV, para assistir filme, novela, jornal etc. Caso não tenha legenda, não assiste. Prefere bater papo com a família.

No que se refere à religião, a família frequenta a Congregação Cristã do Brasil – CCB. Ela também frequentava, mas mudou para a Igreja Batista

porque na CCB não tinha intérprete. A família nunca obrigou que ela frequentasse uma ou outra igreja, sempre respeitou as escolhas dela.

A família da Fe sempre procurou aconselhar, ensinar o que é certo e o que é errado.

A família sempre ajuda quando a Francisca erra e sempre a aconselha a não fazer de novo. Para Francisca “[...] depende cada pessoa (outras famílias) se concordar ou não (conselhos, ajudas), mas (ela) sempre consertar de cabeça dela (quer dizer corrigir as coisas certas)”.

A família tem casa própria e ela mora com família, mas a casa não tem muitos aparelhos eletrônicos ou recursos tecnológicos. Apenas televisão e celular e Francisca tem um notebook. Para ela, sua família pertence à classe média, economicamente falando.

A família sempre se preocupou com sua formação, pois considerava que era importante que ela trabalhasse, tivesse uma profissão. Ela trabalha como professora de Libras, mas não tem nenhum apoio da família.

No seu primeiro trabalho, em uma universidade privada, ela era auxiliar administrativo e alguns colegas de trabalho quiseram aprender Libras. Ela ensinou e então a comunicação ficou boa. Os colegas conseguiam explicar o que ela devia fazer e a respeitavam. Mas, o salário era baixo e não tinha como crescer na carreira, então ela saiu. Não compreende as razões políticas ou econômicas para a desigualdade de classes, para ela, a diferença de classes é decorrente do trabalho de cada um.

Afirma que tem “[...] respeito por cada um dos seres humanos e não tenho nada contra ser homossexual ou (outra) característica pessoal, renda, religião, etnia”. E afirma que os pais, também respeitam as diferenças. Mas, ela própria já sofreu preconceito, principalmente quando começou a falar, porque sua voz era muito diferente e as pessoas ouvintes riam muito. Ela se sentia muito mal e acha que era falta de respeito.

Francisca não se incomoda se encontra algum surdo mais bem preparado academicamente do que ela. Entende que pode haver surdo superdotado, mas também tem pessoas que sabem mais por que se esforçaram muito para buscar conhecimento. Nunca pensou em usar implante coclear, porque se considera “capaz e não precisa mesmo”. Já recebeu recomendação do SUS para realizar implante coclear, mas nunca quis.

Para Francisca, tanto a Libras quanto a Língua Portuguesa oral devem ser respeitadas, porque depende muito da escolha que a família faz quando os surdos são pequenos, mas deixa claro que o importante é que o surdo se sinta bem. Considera que a escola bilíngue onde estudou era melhor, tinha muita informação, os professores faziam cursos, porque tinha muitos alunos surdos. Atualmente, tem poucos alunos e então parece que está “[...] fraca, precisa melhorar e desenvolver”.

Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento

Felícia, Alfredo e Francisca, segundo as análises anteriores, estão na mesma fração de classe no que se refere ao capital cultural. Além disso, os três são professores de Libras em instituições públicas de ensino e, se, Alfredo pode contar com maior capital cultural objetivado e incorporado durante sua infância e adolescência, Felícia teve acesso à professor particular e maior capital cultural institucionalizado, o que deve ter compensado, de alguma forma, de maneira a fazer com que eles se situem na mesma fração de classe. Francisca, por outro lado, parece ter sido incluída nesta fração de classe, com a mesma pontuação de Alfredo, em função de seu capital institucionalizado e pelo apoio da família. Outro aspecto interessante de ser observado é que Francisca, apesar (ou por causa) da sua oralização tem uma linguagem sinalizada mais simples, e, até mesmo mais difícil de ser traduzida para o português. Pode ser porque misture as sintaxes de ambas as línguas, mas é somente uma conjectura. Além disso, eles são amigos, frequentam os mesmos ambientes, o que foi considerado uma vez que, nosso objetivo nesta investigação é identificar a influência do capital cultural de sujeitos surdos, na interpretação de imagens. Entretanto, Francisca fala pouco, talvez por timidez ou porque seu léxico em Libras é menos desenvolvido do que o dos demais, o que vai influenciar em sua interpretação das imagens. Felícia e Alfredo são amigos e frequentam os mesmos ambientes e embora Francisca e Alfredo sejam colegas de trabalho, não interagem muito socialmente, o que deve aproximar mais as respostas de Felícia. e Alfredo

Bateria 1

Imagem 1: CASA

Felícia. inicia descrevendo a casa, mas logo passa a falar dos “sentimentos que a imagem proporcionou”. “[...]vejo uma casa alta, limpa e com flores, uma casa que transmite paz, não é uma casa desganhada, arranhada, tem uma paz. Parece que a família é bem unida”. Em seguida, comparou a



casa da imagem, com sua própria casa, dizendo que “[...] a casa dessa imagem é diferente da (minha) casa de verdade porque a minha é pequeninha, simples e a casa dessa figura é grande e parece tem muitas coisas dentro nela”. Felícia., a exemplo de Renê e Jorge, considera que a casa é dos EUA e continuou descrevendo a imagem “As janelas são grandes, a porta é bonita, parece que tem duas lareiras porque há duas chaminés, isso mostra que pertence a pessoas de dinheiro, estas são para manter a família aquecida quando está muito frio, se não tem dinheiro não tem essa estrutura. Também a imagem lembra casas dos Estados Unidos, porque não tem portão, é um quintal todo aberto”. O capital cultural de Felícia fica explícito em suas palavras, pois relaciona chaminés com lareira, sabe para que servem, infere que ter duas lareiras indica que seus proprietários são pessoas de posse, que vivem em região que faz frio e justifica porque considera que a casa fica nos EUA. Interessante que traz o mesmo argumento de Renê: “a casa não tem muros”.

Alfredo. fica preso à descrição da imagem: “É uma casa com telhado vermelho, uma porta. A parte da frente é branca com pilares, tem o telhado caído, duas chaminés, três janelas em cima e embaixo, tem a porta e mais duas janelas. [...] tem flores em volta, tem dois vasos de flores na porta”. Apenas complementa dizendo que é uma casa diferente da sua, pois é uma casa de madeira e a casa em que ele mora é de tijolos.

Conjecturamos que o fato de Alfredo. dizer que só assiste a noticiários na TV, ou nas mídias, pode ter contribuído para que ele não fizesse a mesma inferência dos outros três colaboradores (Renê; Jorge e Felícia.), que afirmaram se tratar de uma casa nos EUA, informação provavelmente adquirida de filmes que assistem, principalmente na *Netflix*, que Alfredo não mencionou acessar. Trata-se todavia, de mera conjectura.

Francisca, por sua vez, foi econômica em sua narrativa, e se prendeu, basicamente à descrição da imagem: “Vejo que a casa é bonita tem um espaço vertical, tem duas flores”. Francisca não fala em vasos de flores e nem que a casa é um sobrado. Fala em “espaço vertical”. Ela achou “[...] boa ideia colocar as duas flores, na minha casa não tem duas flores na frente. Olhando a imagem dá vontade de copiar a ideia e comprar duas flores bonitas para colocar, isso me ajuda deixa o espaço com uma imagem alegre.” E encerrou de repente de sua narração, querendo seguir adiante, como se estivesse querendo terminar rápido a entrevista.

Imagem 2: Acidente

Nessa primeira bateria, as imagens estão relacionadas a situações do cotidiano e, tínhamos por hipótese, que esta imagem do acidente traria lembranças aos participantes. Foi o que aconteceu com os participantes do Grupo 1 e do Grupo 2, visto que seus capitais objetivados, provavelmente possibilitaria essas vivências. Nossa hipótese foi confirmada, pois ambos os participantes desse Grupo 2, trouxeram narrativas recordando suas experiências.



Felícia, a exemplo da imagem da casa, começa descrevendo: “Vejo um acidente, o que aconteceu? Parece que um motorista, o homem, está bêbado e não viu o carro e a outra motorista, a mulher, levou um susto quando o homem bateu em seu carro”. Apesar de nada na imagem pudesse sugerir que o homem esteja bêbado, ela aparenta ter essa certeza. E começa a relatar suas experiências: “Já vi em vários acidentes que as pessoas ficam em choque logo após ocorrer o acidente, mas o que acho estranho é que a mulher não está em choque, ela está com uma expressão de entediada. O outro, está bêbado e com olhos arregalados, levou um susto porque sabe que errou e a mulher entediada”. Interessante, porque exatamente a expressão de tédio da mulher poderia sugerir que ela estava distraída e cortou a frente do homem, ou seja, quem estaria errada, seria a mulher.

Felícia, continua sua narrativa: “Na vida real, não é assim, há: brigas, nervosismos, desmaios, estresse. Parece por causa da imagem e da expressão a mulher está muito tranquila”. E começa a narrar sua própria experiência: “[...]”

eu bati na traseira de uma moto. Na verdade, eu não prestei atenção, estava com muita coisa na cabeça, trabalho, [...] coisas da casa, tudo me atrapalhou e eu perdi a atenção no trânsito. Eu pensei: dá tempo de frear. Mas não deu”.

Felícia continua dizendo que atingiu a moto, mas foi algo simples, apenas um “empurrão para frente”. Felícia reconheceu que a mulher da moto estava bem calma e apenas pediu que ela estacionasse para conversarem. “Eu pedi desculpas, disse que sabia que havia errado, a mulher disse: precisa distância de proteção. Eu sei, sei, mas...aconteceu”. Felícia relatou que, no momento da batida, ela estava nervosa e tremia muito e que a sensação da batida durou por semanas e, ao refletir sobre o que havia acontecido, se questionava: “Quantos acidentes acontecem todos os dias? Não é fácil, precisa um preparo para manter a calma. O meu foi a primeira vez, mas é necessário manter o controle em outras vezes”. Para Felícia, a expressão de tédio da mulher no momento do acidente indica que “[...] ela já tem uma vasta experiência em acidentes.”

Alfredo também começa descrevendo a imagem. É muito interessante, porque parece que está descrevendo seu pensamento. Se fosse ouvinte, a expressão utilizada seria “pensar em voz alta”. Como descrever? “Pensar sinalizando no espaço?”. Vejamos a descrição que ele fez da imagem: “[...] vejo que o carro amarelo estava vindo pela esquerda e o carro vermelho pela direita. O condutor do vermelho é homem e o do outro é mulher. Os dois carros colidiram, a condutora, do carro amarelo, está bem tranquila, já o carro vermelho o motorista está assustado, está saindo fumaça de seu carro, foi grave, não foi uma batida leve”. As inferências de Alfredo não foram trazidas pela imaginação, como as de F., que assumiu, por exemplo, que o “homem estava bêbado”. Alfredo não faz inferências, não traz “imaginação” sobre o que aconteceu, uma vez que, a imagem mostra que o estrago no carro amarelo foi maior do que o do carro vermelho.

Em seguida, começou a narrar a sua experiência com acidentes. “Vou contar, eu me lembro que aconteceu comigo e com o carro da empresa Proforte²⁹, é aquele carro de dinheiro. A gente estava indo, normalmente, nas pistas, mas de repente, eu raspei no carro da Proforte e o guarda³⁰ ficou falando

²⁹ Empresa transportadora de valores.

³⁰ Segurança da empresa. Trabalha uniformizado e armado.

e me xingando: você não presta atenção, não?!” Alfredo demonstra ter percebido a fala do segurança por leitura labial. Também notou a expressão irada do segurança. Continuou relatando, a dificuldade de comunicação: “Eu mostrava minha orelha dizendo: sou surdo, eu sou surdo. Até que veio uma outra pessoa e o avisou que eu não o escutava. Só assim o guarda foi embora “. Este fato, já demonstra preconceito, pois assim que soube que Alfredo era surdo, o segurança foi embora. Como se considerasse que Alfredo não fosse capaz de ser responsabilizado por seus atos.

Mas, Alfredo queria falar mais sobre o incidente, para mostrar que não estava errado: “[...] nós estávamos em três faixas na rua, tinha o carro da Proforte à esquerda, o meu na faixa do meio e o outro carro na próxima. Aconteceu que o outro carro me empurrou em cima do carro da Proforte e eu raspei, mas foi só um pouquinho, só eu raspei e o outro carro foi embora”.

O carro da transportadora de valores e Alfredo pararam para discutir a situação. Alfredo realmente ficou marcado pela experiência, especialmente pela reação do segurança. “O homem quando abriu a porta do carro da Proforte já saiu de lá bravo, chamou outro, para vigiar, e veio o motorista, ficou de frente comigo e falou um monte de coisa, eu mostrava minha orelha querendo dizer: eu sou surdo, eu sou surdo!” Alfredo reforça que o segurança continuava esbravejando para ele, até que veio outra pessoa e informou que ele era surdo. Segundo Alfredo, ele informou que pagaria por eventuais danos, mas ao saber da surdez de Alfredo, como se tivesse se arrependido ou mesmo envergonhado, pois quando Alfredo disse que pagaria pelos estragos, o segurança apenas dizia “Não, não, não” balançando a cabeça. Virou as costas e foi embora.

Se lembrou de outra história, outra batida com o carro, só que desta vez, outro carro bateu na traseira e riscou o para-choque. Alfredo relata esse caso com tranquilidade, dizendo que conversaram, se entenderam e o outro motorista e ele foram a uma oficina e o homem pagou o conserto. Nesse episódio, o motorista que bateu no carro de Alfredo, agiu sem preconceito algum, procurando se comunicar com Alfredo, que é razoavelmente oralizado.

Francisca, sequer mencionou a imagem que lhe foi pedida para interpretar. Não descreveu, não levantou hipótese e começou dizendo que “[...]nunca viu um acidente acontecer na frente dela, mas já aconteceu de, em viagem de carro, passar perto de local de acidente, perto da hora do acidente,

mas nunca na hora exata”. Também relatou que já viu socorrerem pessoas em acidentes, que já parou o carro para ver, bombeiros, polícia, ambulância atenderem as pessoas que haviam sofrido acidente. E, como já ia encerrando a narração, perguntei para se ela já havia se acidentado e ela afirmou que sim, mas que “[...] foi acidente simples, era atravessar uma via, mas tinha um caminhão parado e ele atrapalhou a visão, outro carro estava devagar e eu também, por isso foi simples. Não foi forte”.

De maneira diferente de Felícia e de Alfredo, que descreveram a imagem, atribuíram sentido a ela, fizeram inferências, levantaram hipóteses, para então narrarem, em detalhes suas experiências, talvez em função de sua aparente timidez, Francisca demonstrou saber que acidentes ocorrem, como os feridos são socorridos (sem, entretanto, deixar transparecer suas emoções em relação ao que presenciou) e apenas narrou sua própria experiência com acidentes, quando provocada pela pesquisadora

Imagem 3: Maçã

Felícia ao ver a figura 3, já começou dizendo: “Fruta bonita”. “Uma maçã bonita”. F. ficou um pouco em silêncio e lembrou de uma cesta em que havia frutas artificiais. Eram frutas lindas, coloridas enfeitando a mesa



[...] chamavam a atenção, por exemplo, tinha vermelho que chamava bastante atenção e era bem tentador, amarelo com verde, frutas que ficavam só de enfeite. Um dia, aconteceu que minha prima veio e pegou a maçã dessa cesta de frutas de enfeite! Pegou, deu uma mordida e escondeu a maçã de volta na cesta. Bem quietinha e saiu de perto.

Felícia afirmou que riu muito e perguntou por que a prima havia mordido a maçã. A criança (a prima tinha apenas seis anos!), não falava nada, estava com medo de ser repreendida. Felícia disse que falou que ninguém ia ficar bravo, mas a priminha não falava nada. Felícia disse que perguntou para ela, “[...] você sabia que eram falsas por que pegou? Não percebeu que o peso e o cheiro estavam diferentes? Você sempre vem aqui nos visitar e nunca percebeu? Ela só ouvia e não falou nada”. Para Felícia a criança mesmo sabendo que era uma fruta falsa, ficou tentada pela maçã, por ser vermelha, chama muita atenção. Também disse que como a maçã é sempre muito bonita por fora, dá a sensação de que por dentro ela é saborosa. Mas, Felícia alertou

que nem sempre isso é verdade, que já aconteceu dela comprar uma maçã muito bonita e quando foi comer, não era saborosa.

Um tipo de maçã, que estava bem linda por fora, mas por dentro era dura e azeda. Foi só então que, depois de adulta, aprendeu que existem diferentes tipos e que “[...] maçã tem nome! Eu não sabia, agora só compro a maçã certa”.

Foi possível inferir que a maçã esteve sempre presente na vida de Felícia, entretanto, talvez pelo fato de que havia pouca interação familiar e que as informações sobre tipos de maçã são transmitidas muito mais pela interação social, Felícia só teve acesso a esse conhecimento, depois de adulta, na experiência de comprar o que ela denominou de “maçã errada”.

Alfredo por outro lado, demonstrou seu capital cultural incorporado, começando, por estabelecer, de imediato, que conhece dois tipos de maçã, a Gala e a Fuji e disse que a maçã da foto é do tipo Gala. Depois, se lembrou da história da Branca de Neve e os sete anões, dizendo que é uma história bem famosa “[...] lembro que contavam para as crianças uma história em que uma Bruxa coloca veneno em uma maçã e a entrega a uma princesa, que come e desmaia. Mas vem o príncipe, em seu cavalo, vê a mulher lá desmaiada com os anões em sua volta chorando e o príncipe vai e a beija e, assim, ela acorda”. Interessante que até este momento de análises, apenas Alfredo se lembrou da história. Nossa conjectura inicial era de que a maioria dos nossos colaboradores, estabeleceriam esta ligação, o que não aconteceu. Renê. e Felícia. falaram mais sobre as propriedades da maçã, apesar de Felícia. trazer lembranças de vivências anteriores. Jorge, estabeleceu a relação com a *Apple*, empresa de informática e apenas Alfredo se lembrou da Branca de Neve, todavia, todos os colaboradores, apesar de narrativas diferenciadas no que se refere à maçã, não se restringiram à mera descrição do que viam.

Francisca descreveu “uma maçã, vermelha com um forte brilho, bonita parece deliciosa”, e continuou dizendo que “quando comer ela não há gosto, não tem um sabor doce, mas a maçã faz bem à saúde, ajuda facilmente a emagrecer, deixa também o corpo forte”. E continuou dizendo que “[...] para olhar a maçã é bonita, para comer é ruim, estranha, me dá arrepios porque é azeda, eu amo comer coisas doces, prefiro doces, sim doces. “. E encerrou pedindo para mudar para a próxima imagem.

Felícia falou das propriedades da maçã, que existem diferentes tipos de maçã, enquanto Francisca deve ter tido experiência somente com uma qualidade de maçãs. Alfredo lembrou da Branca de Neve e Francisca, mesmo tendo sido criada na doutrina cristã, mais propriamente evangélica, não mencionou, como era esperado, a história bíblica de Adão e Eva. Uma inferência é que Francisca tem mais coisas a dizer, do que realmente expressa. Talvez, pela timidez, talvez estivesse com pressa, talvez não estivesse se sentindo confortável. A pesquisadora perguntou se ela tinha compromisso, se queria continuar depois, mas Francisca disse que não, que queria seguir com a entrevista.

Bateria 2

Imagem 1: Cachoeira

Felícia considerou muito linda a foto da cachoeira. Definiu como “chique”. Acha que se essa foto for real, este local não é no Brasil, mas imagina que se trata de uma “montagem”, justificando: “É um lugar bem diferente, se ele existisse seria divulgado para ser ponto turístico, por isso acho que



é montagem. Se ele fosse real eu iria. Uma água cristalina, azul, árvores, tudo muito limpo”. Percebe-se neste comentário que Felícia faz uma leitura crítica da imagem, duvidando do que vê, entretanto, não prestou atenção na legenda que indica a fonte da foto, que anuncia se tratar de uma das cachoeiras mais bonitas do mundo, portanto, real. E a sua análise crítica continua: “ É um lugar que só rico vai. Esse lugar é o Paraíso, muito diferente, brilha aos olhos, o verdadeiro paraíso. Não tem nada igual por aqui. Já vi cachoeiras com águas verdes, essa é a única azul, como isso é possível? ” Felícia realmente se empolgou com a imagem, pois afirmou que essa imagem dá vontade de ir conhecer este lugar nas férias “[...] relaxar, mergulhar, nadar, acampar, muito bonito! Onde é este lugar? “E novamente, a consciência da diferença de classes sociais, da desigualdade social que F. manifestou quando foi entrevistada, é realçada aqui: “[...] os ricos com certeza vão conhecer, nós pobres não iremos”.

Alfredo também se impressiona com a beleza da imagem e apesar de descrevê-la, faz a descrição no sentido de enfatizar a beleza do local e não meramente tentar traduzir em palavras o que vê. “Uma água que fica um pouco

em cima sobre as rochas, transforma-se em um rio, tem árvores em volta, tem árvores com galhos que caem para perto desse rio, tem arbustos e montanhas”. Também estranha as características geográficas da foto, afirmando não conhecer o local, nem nunca ter visto antes essa imagem, concluindo que “[...] pode ser em outro país”. Alfredo não imaginou que fosse montagem, entretanto, embora não explicitasse a ideia como Felícia fez, Alfredo parece ter feito o mesmo raciocínio, ao considerar que se fosse no Brasil, seria um local conhecido, divulgado, como forma de incentivar o turismo, pois, para ele, ao ver a imagem “[...] dá para imaginar esse lugar, e que nele você consegue paz, conforto, uma tranquilidade, também, que dá vontade de conhecer esse lugar, tudo por meio dessa imagem, ainda, dá vontade de ir lá e nadar, ficar embaixo dessa cachoeira”.

Aqui Francisca olhava a imagem e balançava a cabeça, como que afirmando alguma coisa para ela mesma. Daí relatou que já foi a um lugar em que havia uma cachoeira e que ficou olhando a água escorrer. Assegurou que o local que visitou é lindo e que olhar a paisagem pessoalmente é melhor, pois acalma, distrai e permite “[...] relaxar a cabeça e afastar das coisas do trabalho, mas essa imagem não é a mesma coisa. Melhor sair de férias viajar para um lugar com cachoeira, com aquela água linda e gelada caindo sob a cabeça é gostoso, dá paz, relaxa.”

Ela continuou falando que a imagem parece o lugar que já visitou, mas não é o mesmo. Para ela, essa imagem parece muito as Cataratas do Iguaçu, que ela conheceu, achou muito bonito, mas que “[...] não são mesmas cachoeiras dessa imagem.

As narrativas dos três colaboradores, se aproximam muito no que se refere à imagem da cachoeira, entretanto, apenas Francisca não demonstrou saber que este local não fica no Brasil.

Imagem 2: Cidade Mineira destruída

Felícia de imediato, reconheceu a imagem (não constava referência à cidade) e foi relatando o acontecido. “[...] o lugar era bem lindo antes e agora está destruído, foi por causa água rompeu a barreira e foi para cima da cidade, água misturada com terra, toda essa lama destruiu a cidade, foi o que fiquei sabendo”. Felícia se comove e se lembra dos nomes das cidades, dizendo que são Brumadinho e Mariana e que ficam no estado de Minas Gerais. “Essa

imagem é muito triste, causa choque, porque pessoas morreram, famílias perderam casas, animais morreram. Toda a história da cidade foi destruída. As pessoas que sobreviveram pensaram: vamos para onde? Minha casa era aqui, é aqui”. E continuou demonstrando ter conhecimento do fato retratado nas imagens, bem como sua visão crítica sobre a exploração das pessoas das classes menos favorecidas financeiramente: “[...] eu li sobre o que aconteceu, que a construção desta barragem foi ilegal, precisa ter um projeto de arquiteto correto e atual, mas pensavam só em arrecadações e em lucros, não pensaram no povo que estava ali, ocorreu um erro e a consequência caiu na cidade: a destruição”.



Felícia demonstra a empatia pelas vítimas, afirmando poder imaginar a sensação das pessoas “[...] a vida sumindo, não sabendo o que fazer depois de tudo isso. Antes era um paraíso e depois uma vida completamente diferente”. Felícia relata suas experiências de vida, destacando que sempre morou em casas simples “[...] casa com chão de terra, casa de madeira, sei como é, mas uma pessoa não ter casa, não saber onde é sua casa, onde é seu lar”.

Alfredo também demonstrou ter conhecimento do fato, lembrando, inclusive quando aconteceu “[...] foi no ano passado, em janeiro ou fevereiro, que aconteceu lá em Minas, no feriado” e continuou “[...] em uma cidade bem pequenininha, tinha uma barragem perto dela. Aconteceu que a barragem arrebentou e toda a água que estava dentro dela destruiu a cidade” Alfredo fala que foram muitas as vítimas fatais, que outras estavam desaparecidas e também teve sobreviventes, que ficaram “ilhados” e que os helicópteros dos bombeiros foram resgatar. A exemplo de Felícia, Alfredo também demonstra empatia pelas vítimas “Muito triste! Quantas famílias não sofreram, perderam alguém? “Para Alfredo, a responsabilidade é da empresa proprietária das barragens pois esta

[...] deveria ter cuidado da segurança, deveria ter visto como estava aquele lugar, o que estava acontecendo, e assim, buscado uma outra estratégia. Proporcionado segurança para aquelas pessoas para aquela cidade e não deixar a cidade continuar ali sabendo de todo o risco. A cidade ficou no meio de toda aquela água, quando aconteceu esse acidente a destruiu. Se a empresa desconfiasse, que isso estava para acontecer, poderia levar essa cidade, essas pessoas para um

outro lugar, então, eles podiam prever essa destruição e podiam ter feito diferente, é. “

Francisca, dentro de seu estilo lacônico, observou a imagem e reconheceu a cidade mineira porque viu pela televisão o que havia acontecido em Minas Gerais, entretanto, demonstrou não ter nenhum conhecimento a respeito do assunto pois disse que “[...] teve um Tsunami que destruiu casas, pousadas, sítios. Eu vi e senti muito dó, sinto dó por empatia deve ser horrível ter tudo destruído, precisa ser forte. Nunca presenciei uma coisa assim, só vi pela televisão. “ E novamente, encerra abruptamente sua narrativa.

Diferente de Francisca, que demonstrou conhecer pouco sobre o que realmente aconteceu na cidade mineira, as narrativas de Felícia e Alfredo, novamente convergiram no caso desta imagem. Ambos demonstraram que, a exemplo de Renê e Jorge, do Grupo 1, sabiam o que havia acontecido e tinham a exata dimensão do fato, do sofrimento, das responsabilidades, demonstrando que acompanham noticiários, por exemplo.

Imagem 3: Astronauta no espaço

Felícia demonstrou seus conhecimentos a respeito de viagens espaciais, considerando que “[...] o astronauta faz manutenção de tecnologia em volta da Terra, arrumando satélites. E disse que já viu igual essa imagem nos filmes e acontece um monte de problemas de naves”. Felícia demonstra



a influência do capital objetivado em seus conhecimentos, pois menciona que o que sabe de viagens espaciais, obteve através de filmes. Como nesses filmes quase sempre são retratadas aventuras de ficção, a não ser quando se trata de um documentário sobre algum acidente ocorrido, para Felícia “Nunca um foguete vai e volta numa boa, sempre vai e no espaço acontece algo que o impede de voltar ou na volta acontece alguma coisa que ele não aterrissa”. E, continua demonstrando sua postura crítica em relação à sociedade, e seu conhecimento sobre fatos da atualidade: “Parece que o filme nos indaga: será que existe vida fora da Terra? Porque os jornais não falam nada. Vão e pesquisam, mas não divulgam. Exemplo, para Marte encontraram: água terra, calor. Só?”. A visão crítica de Felícia faz com que ela duvide do que é divulgado: “Uma pesquisa mais profunda, não sabemos, eles escondem muitos segredos de nós, sociedade, nós

não sabemos o que eles estão fazendo” E pediu para encerrar a resposta “Eu não sei. Acho difícil uma resposta”. Como Felícia não mencionou o desejo de ir para o espaço, como fez Renê e foi abordado por Jorge. foi perguntado se ela gostaria de ir ao espaço e ela respondeu que não, que prefere de ficar na água e na terra, e não no espaço.

Para Alfredo, apenas poucas pessoas foram para o espaço e estas poucas que conseguiram entrar em um foguete, são cientistas (quando fizemos a entrevista ainda não havia essas viagens espaciais de milionários). Para ele, os cientistas construíram os foguetes para conhecer o espaço, conhecer a Lua, dar a volta ao mundo, pelo espaço. Demonstra ter conhecimentos a respeito, ao afirmar que lá no espaço, tudo fica mais leve, porque não há gravidade. Alfredo acredita que a maioria das pessoas gostariam de ver a Terra, do espaço, mas só podemos ver em filmes, conhecer por informações que são dadas pela televisão. E reafirma, com pesar que somente POUCAS pessoas realmente puderam ir ao espaço. Alfredo, diferente de Felícia. afirmou que “[...] tem vontade de conhecer, desde que eu possa ir com segurança e voltar” e continua dizendo que “[...] as pessoas da ciência podem, mas nós cidadãos não, então, poder ir lá, dar uma volta, só de curioso e voltar, hoje não dá, no futuro quem sabe seja uma opção do turismo”. Alfredo provavelmente deve ter ficado admirado com as notícias das viagens dos milionários bem antes do que ele havia previsto, pois, para ele, viagens turísticas ao espaço, poderiam acontecer, conforme ilustra esse fragmento da sua fala: “Pode ser que a tecnologia evolua para isso (viagem turística ao espaço) daqui uns 10 anos ou 20 anos, não sei”. Bem, a tecnologia já permite viagens turísticas ao espaço, mas isso continua sendo privilégio para poucas pessoas, pois, se agora não há necessidade de você ser um cientista para viajar, você precisa ser milionário.

Da mesma forma que na imagem anterior, Francisca reconhece o astronauta e diz que já viu pela televisão, mas, demonstrando acreditar que seria possível a qualquer pessoa fazer uma viagem espacial, continuou dizendo que “[...] presencialmente, eu ir para o espaço, nunca fui. Tenho medo de altura. Vendo a imagem imagino que deva ser legal voar e ver a realidade, mas não consigo porque tenho medo.” E pediu para pular para bateria 3.

As narrativas de Felícia e de Alfredo nessa bateria demonstram coerência com a fração de classe estabelecida pelo primeiro instrumento de

pesquisa. Ambos estão bem informados a respeito, por exemplo, dos pontos turísticos brasileiros, pois afirmam que a cachoeira da Imagem 1, não fica em nosso país, reconhecem Brumadinho, sabem as razões do acidente e possuem informações a respeito do espaço. Também, a análise crítica das imagens está presente nas narrativas de ambos, tanto no que se refere ao fato de que as pessoas de maior poder aquisitivo podem viajar (para Felícia, ir conhecer a cachoeira e para Alfredo; conhecer o espaço) e sobre as causas da tragédia de Brumadinho e Mariana. Francisca, tem suas narrativas próximas às de Felícia e Alfredo; apenas em relação à imagem 1, apenas não explicitando que as cachoeiras da foto não eram brasileiras. Reconhece a tragédia de Brumadinho, demonstra empatia, mas não sabe as causas reais. Relaciona à barragem rompida a um “tsunami” e, da mesma forma que Felícia e Alfredo., imaginam uma viagem espacial, a diferença é que Francisca parece acreditar que essa viagem é acessível a qualquer pessoa.

Bateria 3

Imagem 1: Pintura

Felícia observa a pintura e, de imediato, percebe que a mulher é submissa, tipo pai e filha, esposo e esposa. Justifica dizendo que a mulher está curvada, humilde e o homem está ereto, firme, demonstrando força. Para Felícia, o homem está “[...] cuidando da porta para ela não sair, para ela ficar em



casa. Isso acontece muito, atualmente. Porque ela tem a mala, parece que quer ir embora. Está pegando as coisas e colocando na mala para ir e ele está na porta para impedir a saída”. E afirmou que essa imagem pode tratar de assédio ou de opressão porque tem cores escuras e frias, e a casa está arrumada, mas a mulher não está feliz: “[...] o homem está firme, em pé, a casa está pronta, a cama é boa está limpa, tudo está limpo, mas a mulher não está feliz”.

Logo ao ver a imagem, Felícia disse que se sentiu mal, e que, apesar da imagem retratar tempos passados, para ela, “[...]os tempos não mudaram, o comportamento é do passado, quando (o quadro) foi feito, mas, ainda acontece hoje”. E disse tristemente, talvez refletindo a respeito da própria posição paterna,

que não concordava que ela estudasse fora, por exemplo; que a opressão masculina ainda é forte. Para Felícia, as mulheres sofrem “[...] com homens machistas, que brigam, não deixam que elas trabalhem (a opressão), tem vários modos... A mulher quer ser livre, poder trabalhar, estudar, ter um futuro melhor, mas alguns companheiros querem que elas fiquem em casa. Isso tem até hoje, sim. “

O mesmo sentimento foi expresso por Alfredo, que considera que o quadro retrata uma atitude machista, em que a mulher aparece em situação de inferioridade. Para ele, embora ainda atualmente ocorram situações de opressão machista, “[...] hoje, a mulher busca a igualdade, e está conseguindo um pouco”. Em continuando sua crítica, o que corrobora suas respostas ao questionário, Alfredo afirma:

[...] se é machista a mulher não pode sair, não pode dar opinião, só o homem que manda, ele quer, se sobrepõe sob a mulher, ela só tem que obedecer, é melhor tem que fazer tudo o que ele quer, ela não pode sair quando tem vontade, não pode passear e ir no bar ou em algum lugar, não pode. O homem pode sair para outro lugar, passear pode até sair escondido para a zona e ter relações com mulheres, então, essa imagem remete a uma história muito antiga foi muito sofrimento, mas as mulheres lutaram e conseguiram conquistar a igualdade, mas eu vejo também que essa igualdade não é 100% hoje, ainda, tem muito homem machista, ainda, principalmente, alguns homens mais de idade. Essa imagem é uma história antiga, mas a sociedade não mudou muito.

Para Alfredo, essa pintura deveria servir para a pessoa “[...] se sentir dentro dela, para refletir, pensar no hoje, no passado, eu não sei o futuro, então, para comparar com o passado”. E justificou que sabe que o quadro retrata uma cena antiga “[...] pela roupa, pelo cenário, o homem com a sua vestimenta engravatada, a cama, tudo significa que é uma história do passado” e afirmou que as imagens produzem sentimentos nas pessoas, por exemplo, “[...] aquela outra imagem, da cachoeira, remetia a tranquilidade e esse quadro nos remete a reflexão” e continua trazendo exemplos de como a imaginação é acionada por uma imagem: “[...] quando a gente vê o desenho de um carro antigo a gente imagina dirigindo-o, o desenho de um carro novo já imagino nossa! Como ele pode ser veloz!”.

Francisca observa essa imagem e disse não se parece com o quarto dela “[...] porque é diferente”. E contou que no quarto dela que não tem objetos iguais aos da imagem: quadros, relógio na parede, poltrona/cadeira, abajur,

afirmou que o quarto dela é simples só tem guarda-roupa, cama e cabideiro, abajur e destaca que “quadros não tenho”. Diferente de todos os colaboradores anteriores, tanto do Grupo 1, como Felícia e Alfredo, deste grupo 2, Francisca não menciona que o quadro é escuro, retrata algo opressivo, mas sim que, para ela “[...] o abajur e os quadros deixam o ambiente mais alegre, chamam a atenção visual e isso é bom para mim”, e acrescentou:

Meu quarto não tem decoração na parede porque ele é pequeno, também não gosto de quadros na parede porque podem me dar pesadelos, por isso é melhor tirar quadros. Já aconteceu de eu ir visitar minha sogra e na casa dela têm muitos quadros na parede. Eu olhei aquelas imagens e algumas me deram medo, que não consegui dormir. Implorei ao meu esposo que virassem os quadros para que evitasse olhar as imagens, porque não queria gravar mais nada em minha cabeça, pois essas imagens me traziam pesadelos. Não sei o porquê, mas quase todos os dias tenho pesadelos, surgem na minha cabeça, por isso evito quadros, filmes de terror, não tenho televisão no quarto, não assisto programas ou filmes de terror, não posso ver essas coisas. Se eu as assistir minha mente grava e a consequência é muito pesadelo. Por isso evito ao máximo, assim, quando durmo não tenho sonhos, durmo tranquilamente e calma. “

Como Francisca não fez nenhuma inferência sobre o que o quadro retrata, a pesquisadora indagou: “O que você acha da cena? Por que o pintor fez esta obra?”, ao que ela respondeu:

Porque eu acho que ele gosta de ver o desenho da mulher e lembrar de algo do passado. O homem no quadro pode ser um pai ou avô ou tio, que faleceu há muito tempo e essa é uma forma de lembrar e matar a saudade, ajuda muito. O passado é importante constrói a história e a pessoa que é hoje. Mas o que realmente essas duas pessoas do quadro são, eu não sei.”

A interpretação positiva que Francisca fez deste quadro, demonstra sua ingenuidade em relação aos demais colaboradores. Francisca, até aqui, foi a única a comparar o quadro com o seu quarto. Ao ser provocada pela pesquisadora, demonstra reconhecer que se trata de algo “do passado”, mas não de que a pintura tenha sido realizada retratando o momento em que foi feita, mas uma “lembrança”, de pessoas e não de uma situação.

Imagem 2: Abstrata

Como Felícia. é formada em Artes Visuais, definiu a pintura de imediato, como abstrata e considera que este tipo de arte é sempre difícil de interpretar, “[...] porque cada um enxerga de acordo com seus sentimentos.” De forma mais detalhada:



O pintor se expressou, mas outra pessoa não vai entender da mesma forma que ele. Eu posso ver que há uma separação em grupos: grupo dos listrados, grupo dos triângulos, alguns podem imaginar: grupo de quê? Mas tem grupo de cores também, grupo com xadrez preto e branco, o que significa isso? Linhas em curva na cor preta. Quando não sabemos interpretar a obra ela tem um título, que pode nos ajudar, se não tem um título, não dá para acompanhar o conteúdo. O único que vai saber é o pintor.

Embora Renê. também seja formado em Artes Visuais, ele não deu detalhes técnicos como Felícia, Entretanto, Felícia afirmou ser difícil sair da descrição pois pintura abstrata não dá para interpretar, captando as intenções do autor: “[...] abstrato é muito difícil de entender, na imagem anterior, na tela, deu para perceber que era um homem, uma mulher, já nesse quadro não há um sujeito, o foco pode ser o objeto, as cores, o movimento, mas um sujeito não está presente”.

Alfredo, ao contrário de Felícia não tem conhecimentos técnicos sobre artes, relata que estranhou, como se tivesse levado um susto, porque “[...] porque tinha muita coisa no desenho, muitos elementos nele, parecem sinais de Matemática, têm dados, triângulos, muitas informações, linhas, parece Física”. Para ele, é difícil interpretar essa imagem “[...] não dá para saber o significado e porque está muito ligada à física, essas linhas, essa Matemática, esses triângulos, essas linhas, parecem muito Matemática e Física”. Mesmo afirmando não conseguir interpretar, Alfredo elaborou conjecturas a respeito do que viu, ao afirmar que a imagem estaria ligada à Matemática e à Física.

Francisca, desde pequena, aprendeu artesanato e pintura com uma tia. Afirma que adora pintar quadros porque “[...] ajuda acalmar e distrair”. Denominou corretamente a pintura como abstrata e disse que este tipo de pintura pode ser realizado “[...] em qualquer espaço, dá uma sensação de liberdade, não há aquelas regras e limitações para seguir de um desenho ou cores. Pintar abstrato não dá ansiedade, mas deixa a cabeça leve e relaxada, tranquila, livre, com mais vontade de pintar. Gosto de abstrato.”

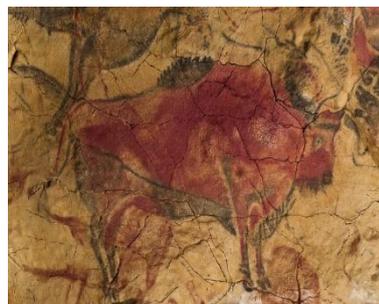
E, prestando bastante atenção à imagem, em uma atitude muito diferente do que até então manifestou frente às imagens, começou a descrever o que via: “[...] tem triângulo, círculo, quadrado, essas formas geométricas [...] elas estão livres assim como a mente pode ficar livre quando tem sua língua, o surdo ao perceber isso pode colocar essa liberdade em imagem também”. E

continuou divagando sobre a obra: “Parece que tem alguns mundos e planetas, uma lua com xadrez e o pião do jogo, se mudar o papel de lado há um compasso em outro lugar. “

Na interpretação desta imagem, fica evidente o capital institucionalizado de Felícia e de Alfredo, de maneira mais explícito, o de Felícia ao explicitar seus conhecimentos sobre Artes Visuais e o de Alfredo, ao relacionar com Matemática e Física, conhecimentos adquiridos na instituição escolar, enquanto que para Francisca, foi seu capital cultural incorporado, de suas vivências, das informações que buscou por si própria que se manifestam, porque, mesmo quando busca apenas descrever o que vê, carrega esta descrição de sentimentos..

Imagem 3: Pintura Rupestre

Novamente aqui, os conhecimentos sobre arte que Felícia possui, se manifestam e Felícia já classifica a imagem de imediato: “Pintura Rupestre, bem antiga”. E, a seguir, continua: “Eu já estudei sobre isso. Essa imagem mostra sobre o que acontecia. Os animais eram difíceis de matar



para comer”. Felícia explica que a cor vermelha da pintura, resulta do sangue do animal abatido e o preto é “das pedras” e que não sumiam com o tempo, por causa do tipo de rochas nas quais eram feitos os desenhos.

Para Felícia, os desenhos retratam os fatos acontecidos: “Esses desenhos mostram como os animais eram no passado e como eles eram duros e difíceis de matar. Porque, antigamente, não havia faca como existe hoje, era tudo na pedra, como o homem iria fazer para pegar o animal e comer?”. Logo a seguir, Felícia descreve a imagem, relatando que existe outro animal retratado acima deste em vermelho. Para ela, pode ser um touro, mas que não pode afirmar pois o animal desenhado é “[...] é pré-histórico, (e pode ter modificado), igual a evolução do ser humano, não sei ao certo qual animal estava na época”. Relata que existem pinturas rupestres representando fogo, dança e movimentos, animais, família. Felícia explica que como esses povos primitivos eram ágrafos, se valiam dos desenhos para registrar seus fatos mais importantes.

Felícia declara que pode ser que existam pinturas rupestres no Brasil, mas nunca leu nada sobre isso. Para ela, pode ser que existiram por algum tempo e depois sumiram, “[...] porque tem tinta que permanece por muitos e muitos anos, tem outras que não. Depende da umidade do lugar, depende se a imagem vai permanecer ou sumir”.

Alfredo reconhece que se trata de uma pintura rupestre e disse que viu na internet e também em um livro de história, “[...] que o professor explicou que é uma imagem bem antiga, de quando não existiam as palavras, não havia as quantidades também como 1,2,3,4”. Por não existir a escrita, eles utilizavam desenhos para registrar até mesmo as quantidades. Para Alfredo a imagem parece representar um boi, mas, “[...] não é um boi, porque ele tem um pelo aqui atrás, tem um pelo aqui no pescoço, tem um pelo aqui perto da boca, acho que é mais um touro”. Para ele, a pintura rupestre pode influenciar as pessoas, pois “carrega muita história”.

Alfredo continua explicitando seus conhecimentos sobre a pintura rupestre, destacando que a técnica utilizada nela é muito antiga, “[...] não tinha uma caneta, não tinha um papel, só se fazia desse jeito, não tinham uma linguagem, não tinham uma forma de escrita, por isso o desenho de um boi, também, não tinha números, eram só desenhos”.

Novamente, o conhecimento obtido nas instituições escolares de ambos os colaboradores fica evidente aqui, pois, ambos não se limitaram a meramente descrever a imagem, mas deram explicações sobre como foi feita e qual a intenção dos desenhistas.

Francisca, de novo, em sua interpretação desta pintura, diferente daquela que retratava o quarto, deixa a imaginação voar, pois disse que “[...] parece filme (com) uma pessoa andando em uma montanha ou caverna e encontrando “letras” ou imagens, que são bem antigas, quando o homem esfregava os paus nas mãos para fazer o fogo, os desenhos são dos animais descobertos na época”. Aqui, sua formação religiosa aflora pois, para ela, “[...] as imagens auxiliam nas discussões sobre a Evolução e a Criação. Há quem acredite na Evolução, há quem acredite na Criação. Lá na Grécia há desenhos” e, como sempre, Francisca deixa claro que apenas assistiu em filmes, não conhece presencialmente. Aqui, novamente os conhecimentos acadêmicos de

Francisca a abandonam, pois Francisca relaciona o que é antigo, com a Grécia, sendo que as pinturas rupestres antecedem e muito, à civilização grega.

Síntese das narrativas

Ao analisarmos as características dos três colaboradores que compõem o Grupo 2, muitas semelhanças foram percebidas, a saber: estudaram em escolas especializadas, fizeram mais de um curso de graduação e avançavam em relação a cursos de pós-graduação. Ambos atuam como professores universitários de Libras, se sustentam e, principalmente, tiveram e tem a oportunidade de efetuar constantes trocas simbólicas pois possuem pessoas fluentes em Libras em seu entorno familiar (os cônjuges deles são surdos) e social. Da mesma forma, que no grupo 1, todos os colaboradores deste grupo 2 admitem ter maior facilidade para a leitura do que para a escrita na Língua Portuguesa e também, admitiram ter sofrido preconceitos.

Ainda mais, da mesma forma que os componentes do Grupo 1, as narrativas desses colaboradores do Grupo 2, não se restringiram à mera descrição das imagens apresentadas. Elas despertaram lembranças de experiências vividas, rememoram conhecimentos adquiridos em instituições escolares e, principalmente, confirmaram seus valores morais, inferidos com o instrumento 1. Com exceção de Francisca, os dois outros foram firmes em criticar a desigualdade de classes econômicas e o machismo, evidenciando nossa hipótese inicial de que o capital cultural influencia a interpretação de imagens.

As diferenças em suas narrativas, evidenciam, principalmente a diferença do capital cultural objetivado e suas características pessoais, sendo que o capital institucionalizado (aqui entendido como o conhecimento adquirido em instituições escolares, ficou explícito, da mesma forma que aconteceu com os colaboradores do Grupo 1, principalmente na última imagem da Bateria 3; o objetivado (aqui entendido como informações ou experiências adquiridas em função de acesso a recursos tecnológicos, meios de comunicação, viagens, livros ou outros recursos) esteve em destaque(positivamente para Felícia e Alfredo. e de forma irrelevante para Francisca), nas baterias 1 e 2, e o incorporado (considerado como em decorrência de interações familiares e sociais), permeou todas as baterias para Alfredo, não recebeu muito destaque para Felícia, mas foi fundamental para Francisca, em função das experiências

vivenciadas com sua tia. Pode-se inferir que Felícia recebeu apoio de capital objetivado, por parte de seus familiares (professora particular), mas pouco incentivo a seus estudos, enquanto Alfredo e Francisca, foram apoiados em seus estudos, mas Alfredo teve mais oportunidade de vivenciar experiências, como viagens, por exemplo, do que Felícia.

Também foi possível inferir que, para além do capital cultural, as características pessoais, como a timidez, por exemplo, interferiram nas narrativas e, assim, algumas vezes, no caso de Francisca, não se pode afirmar, com certeza, que ela não teria mais elementos para enriquecer suas narrativas do que os que explicitou.

Grupo 3 Silvano, Flora e Dirceu

O Silvano, a Flora e o Dirceu são os colaboradores do grupo de ensino médio incompleto. Optamos por considerá-los como um grupo, embora Silvano e Flora tenham capital cultural total aproximado, existe uma diferença para Dirceu, decorrente tanto do capital objetivado, mas, principalmente, do incorporado, pois Dirceu é oriundo de uma família com diversos componentes surdos e havia trocas simbólicas em família, com as conversas em sinais. Também a família de Dirceu sempre foi bem atuante na luta pelos direitos dos surdos, em particular, uma de suas irmãs, que foi uma das fundadoras da Associação de Surdos de Maringá. Dirceu não frequenta mais a escola, enquanto Silvano e Flora continuam estudando, na Educação de Jovens e Adultos – EJA, mas em escolas diferentes.

Silvano é trabalhador braçal e a entrevista com ele foi via *webcam*, pois já havia iniciado a pandemia e demonstrou pouca familiaridade com os recursos tecnológicos, precisando recorrer sempre à sua filha mais velha, que é ouvinte, até para coisas simples, como avançar ou recuar um slide, maximizar ou minimizar a tela, etc.

A entrevista de Flora, foi presencialmente, na escola, antes da pandemia. A comunicação com esses três colaboradores foi exclusivamente usando a Libras.

Silvano tinha 48 anos no momento da entrevista. Não é oralizado, não utiliza prótese auditiva e se comunica exclusivamente pela língua de sinais. É casado com uma surda e têm duas filhas ouvintes e um filho surdo. A esposa de Silvano tem curso superior e pós-graduação lato sensu. No momento da

entrevista, sua filha mais velha, estava fazendo especialização, a do meio, graduação e o caçula estava no Ensino Fundamental. Silvano está estudando, espera concluir o Ensino Médio, na EJA. Seus pais concluíram o Ensino Fundamental.

Relata que na sua família, apenas a irmã mais velha conhece Libras, bem como seu sobrinho. Os demais membros da família não sabem Libras, mas se comunicam mediante mímica e sinais domésticos, mas fez questão de destacar que mesmo assim, seus pais “[...] não deixam de conversar”.

É fluente em Libras e disse que adquiriu esta língua frequentando assiduamente a ASUMAR – Associação dos Surdos de Maringá, em contato com os outros surdos. Atribui a si mesmo nota 7 na leitura e 5 na escrita da Língua Portuguesa, a qual, segundo ele, aprendeu na escola, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nas interações familiares, Silvano não teve apoio em seus estudos, não teve professor particular, pois seus pais não se preocupavam com sua formação escolar e nem tinham condições financeiras para isso. Também não aprendeu nenhum ofício e nem artesanato ou outra forma de arte. Repete que, a família apenas se comunicava com ele, usando gestos. Foi possível inferir que esta comunicação era apenas funcional e contextualizada, o que pode justificar seu baixo capital incorporado.

Em função do precário capital econômico familiar, Silvano relata que não havia nenhum investimento em gibis, livros ou outra forma de se adquirir capital cultural objetivado. Também, em sua infância e adolescência, a família não passeava com ele e nem dava dinheiro para que ele pudesse passear sozinho. Atualmente, sai para comer fora, com todas as pessoas que moram com ele. Não frequenta biblioteca, cinema, livrarias, etc. e nem restaurantes, o que parece contradizer o que ele afirmou antes, mas Silvano parece considerar que restaurantes seriam apenas os lugares mais sofisticados, enquanto lanchonetes, pizzarias ou mesmo carrinho de cachorrão são lugares para “comer fora”. Nunca viajou com seus pais e irmãos. Gostaria de viajar, para conhecer Fortaleza e se pudesse ir para o exterior, iria para os Estados Unidos.

Não faz distinção entre surdos sinalizantes e oralizados, para ele, “alguns surdos são fluentes (em Libras) e outros oralizados”. Diz que possui amigos ouvintes e que utilizam gestos para se comunicar.

Ao ser indagado a respeito de qual modalidade educacional considera melhor para os surdos, Silvano considera que a escola bilíngue é a melhor e

relata que tanto na escola bilíngue, quanto na inclusiva, aceitam que ele é surdo, mas que teve muita dificuldade em se comunicar com seus professores na escola inclusiva. Acha que as intérpretes ajudam sim, que o ensino é melhor com intérpretes, embora, em alguns momentos, eles fiquem conversando entre si, sobre assuntos aleatórios.

Atualmente, considera que sua família pertence à classe média. Tem casa própria e nela moram seis pessoas e todas tem acesso à internet e possuem TV, notebook, celular e computador. Admite que usa todos esses recursos há pelo menos dois anos, de forma frequente. Utiliza todas as redes sociais, mas não o e-mail. As principais atividades realizadas com o auxílio da internet são: enviar mensagens aos familiares e amigos e enviar atividades escolares para a professora e colegas.

Acha que atualmente é impossível não poder se comunicar pelo celular ou e-mail. E destaca: “[...] é indispensável”. Não considerou que a pergunta pudesse ser hipotética e que poderia, pelo menos, relatar como era a comunicação antes desses recursos, pois, em função da sua idade, certamente vivenciou essa situação.

Na TV, gosta de assistir jornais, os noticiários, mas se não tiver legendas, tem dificuldades em compreender, por isso, prefere o *Facebook*.

Silvano disse que acredita em Deus e que não segue a religião da família. Que mudou, porque se sente melhor na que frequenta atualmente e que a família sempre respeitou. Conversa sempre com a família, recebe conselhos, mas não concorda com tudo: “[...] em algumas coisas discordo no modo de pensar”.

Afirma que consegue manter sua família com seu trabalho, mas que sua “[...] esposa o ajuda. [...] funcionário da UEM (Universidade Estadual de Maringá, é tranquilo o trabalho [...] não fui promovido e tenho colegas que não sabem Libras”.

Silvano demonstra maior consciência política do que Francisca, do grupo 2, ao ser perguntado sobre desigualdade social “Infelizmente é uma situação muito comum no Brasil. Existem mais pessoas pobres. Pela falta de oportunidades”. Também destaca não ter preconceito algum: “[...] somos todos (homossexual, religião, sexo, etnia) iguais. A comunidade LGBT não é privilegiada”.

Relata que já sofreu preconceitos por ser surdo, na escola, no ônibus e outros espaços sociais. “Sim. Por ser surdo. Sofri preconceito na escola, dentro de ônibus”. E considera que as mulheres estão “[...] no lugar que merecem, pois lutaram para conquistar”, ou seja, Silvano respeita a mulher, não a considera inferior, mas não considera que ainda há muito a ser conquistado.

Em relação à utilização da Libras e da oralização, Silvano, assim se posicionou: “(Libras) é essencial, pois é a língua do surdo. A oralização é importante para comunicação com as pessoas que não sabem Libras”. E, também considera que foram muitos os avanços alcançados pelos surdos: “[...] temos a tecnologia a favor, o reconhecimento da Libras como uma língua oficial brasileira, e as pessoas não são tão preconceituosas como antes”.

Flora, no momento de nosso encontro presencial, estava com 31 anos. É casada, seu marido é surdo e não tem filhos. Sua comunicação é exclusivamente em Libras. Usou prótese auditiva até os dezoito anos de idade, mas depois parou de usar, pois incomodava muito, tinha dor de cabeça por causa dos barulhos (moto, carros, outros), o que indica que não recebeu o treinamento auditivo adequado para a utilização adequada do aparelho. Até hoje, não usa mais.

Flora até o momento da entrevista não usava mais o aparelho. Afirma que sabe que o SUS fornece próteses e o implante coclear, mas não quer fazer. Disse que sabe que o implante não melhorou a vida dos surdos que fizeram: “[...] não melhorou e nem é ótimo, vai ter problema do seu futuro”. Considera que é importante usar aparelhos, mas para dar certo, precisa ir semanalmente ou todos os dias na fonoaudióloga para “treinar falar”. Ela disse que iniciou este treinamento, mas desistiu, porque era muito difícil. Então, disse que quando era pequena, na escola também era ensinado a falar, mas que “[...] surgiu a Lei que permitiu o uso de Libras, e comecei a parar de falar e usando Libras”. Flora gosta de usar Libras e gosta que as pessoas surdas usem em Libras. Para ela, existem poucos surdos que utilizam o português sinalizado. Acha normal, mas usar Libras é melhor. Têm alguns surdos são português-sinalizado, são poucos. Para ela, normal, nada errado.

Flora estava, no momento da entrevista, cursando o Ensino Médio. Seus pais sabem ler e escrever, mas concluíram apenas os Anos iniciais do Ensino Fundamental, “[...] porque eles viviam na zona rural e a vontade deles

apenas trabalho e não estudos”. Seu marido concluiu de segundo grau e de seus três irmãos, um deles parou de 8º ano por vontade de trabalhar. As duas irmãs pararam no segundo grau (ensino médio) porque também queriam trabalhar. Apenas a avó paterna de Flora. Era viva no momento da entrevista, mas ela afirmou que não sabia nada sobre a escolaridade de seus avos (maternos e paternos).

Embora se comunique exclusivamente por sinais, Flora. Se considera pouco fluente em Libras e que aprendeu esta língua, quando estudou na escola especializada na cidade de Toledo/Pr (não é onde ela residia no momento da entrevista). Foi bem rigorosa ao avaliar sua capacidade de leitura e de escrita, atribuindo, a si mesmo, em ambas as modalidades, nota 2. Disse que aprendeu um pouco de português escrito por causa das legendas dos filmes.

Flora relatou que além dela, um tio que mora em São Paulo também é surdo, mas é oralizado, usa próteses auditivas e pouco conhece de Libras. Já no caso de seu marido, a situação é bem diferente, pois são muitos os surdos na família “[...] acho aproximadamente 10 pessoas surdas, não tenho certeza”.

Na sua família, a mãe sabe um pouco de Libras e complementa com gestos, o pai só oraliza com ela, então, ela fica incomodando para entender e quase não se comunicam. O irmão utiliza pouco a Libras e as duas irmãs conhecem um pouco mais. Pela forma como Flora relata e pelo fato dela mesma se considerar pouco fluente em Libras, inferimos que talvez não seja realmente a Libras, mas alguns sinais acrescidos de gestos caseiros. Flora afirma, entretanto, que uma irmã já falecida, “[...] era perfeita em Libras”.

Embora a família como um todo respeitem os surdos porque “[...]é filha dos seus pais e irmã dos seus irmãos [...] e respeitam seus amigos surdos”, ninguém da família (exceto o marido) participa da comunidade surda. Flora disse que ela convida, mas que “[...] não querem participar/frequentar”. Flora foi a primeira dos colaboradores até este momento, a mencionar amigos ouvintes de seus irmãos relatando que alguns deles: “[...]tiveram interesses sinais e perguntaram como falar em Libras”, ela ensinou alguns sinais, por exemplo como fala “oi”. Mas percebeu que outros amigos delas têm preconceito e a ignoram.

Recebeu algum apoio da família em seus estudos, da mãe que “[...] ensina algumas palavras, por exemplo, palavra “MESA”, me ensina sinal SOLETRADO M-E-S-A, simples, também ensina matemática básica (ensina

mais). Minha avó soletra os nomes de pessoas só”. Sua irmã falecida ensinava português escrito (texto) e, segundo Flora, ela estava começando a aprender, mas quando a irmã morreu, Flora deixou de aprender. A mãe ensinou cozinhar arroz, feijão, carne, também ensinou limpar casa, lavar banheiro para que quando ela se casasse, já soubesse e Flora disse que quando se casou e “já tinha aprendido e saber fazer”.

No que se refere a aspectos de capital cultural objetivado, Flora relatou que a mãe comprava material escolar, mas não gibis ou livros e que o pai só emprestava o notebook para ela usar. Que não frequentou nenhuma escola complementar para esportes por exemplo e que não gosta de esportes. Ganhou poucos brinquedos, de pelúcia “[...] adoro cachorro de pelúcia”.

A mãe a levava passear na igreja, na casa onde trabalhava (a mãe era doméstica). Com o pai ia somente ao bar e quando ele ficava bêbado, Flora cuidava dele. Já os irmãos “[...] sempre me levavam para passear em vários lugares: bar, casa dos amigos deles”. Relata ainda que a mãe se preocupava e cuidava muito dela, não a deixando sair sozinha. Se ela estivesse acompanhada de amigos surdos ou ouvintes, a mãe autorizava e às vezes, tanto os pais, quanto a avó, davam dinheiro para ela passear.

No que se refere a viagens, estas acontecem somente agora, depois de casada, em dezembro, já que no Natal “[...] visitamos a família do meu marido em Campo Mourão. Depois do Natal, iremos para minha família em Toledo-PR [...] depois iremos para São Paulo, só nós dois passearmos”. Relata que tem vontade de conhecer em Rio de Janeiro, a DISNEY e vários países e que o marido tem vontade de conhecer a DISNEY, mas que não possuem dinheiro suficiente. Flora foi a primeira colaboradora, dentre os entrevistados, a não mencionar o Nordeste como local de desejo para viajar.

Flora reforça que somente utiliza a Libras em suas interações sociais e que a maioria de seus amigos é surda. Tem amigos ouvintes, que podem ser considerados bimodais, mas de maneira bem elementar, pois foi ela mesma quem ensinou Libras para eles. Disse que frequenta mais shopping, cinema, comer fora, churrascos na casa de amigos surdos e assistir filmes. Assistir filmes é sua diversão preferida.

No que se refere à constituição de seu capital cultural institucionalizado, Flora relata que estudou em escola bilíngue e na escola

inclusiva e que as duas tem coisas boas, “[...] inclusiva é melhor (por causa CEEBJA supletivo) para eu aprender português com palavras novas. Bilíngue é melhor para eu aprender/entender claro em Libras”. Afirma que tanto os professores da escola bilíngue quanto da inclusiva a respeitam e a aceitam enquanto surda, porém, para ela, a “[...] relação de professores bilíngues é mais fácil (porque) usar Libras. Os professores (das escolas) inclusivas são pouco difíceis para mim por causa língua oral, na sala de aula meus amigos me ajudam gestos/libras (pouco)”. Flora não teve professores particulares e sempre estudou em escolas públicas.

Flora valoriza o papel dos intérpretes, para ela, eles são ótimos e todos com os que teve contato são éticos e nunca passaram cola para ela, apenas auxiliam tirando suas dúvidas. “É importante de ter intérprete do lado, isso ajuda a desenvolver meus estudos”.

Flora entendeu de maneira diferente a pergunta sobre se seus pais se preocupavam com sua formação escolar. A intenção era saber se eles davam apoio e a incentivavam. Flora entendeu se eles a “impediam” de estudar, conforme mostra este fragmento da sua fala: “Não preocupavam (com sua) formação escolar porque tem direito de escolher. Se parar de estudar, eles ignoram. Se continuar de estudar, eles agem o sentimento normal”.

Embora se considere de “classe baixa, simples, C ou D”, tem eletrônicos e eletrodomésticos “completo”. Só não tem ar-condicionado. No que se refere ao acesso a recursos tecnológicos, Flora usa mais notebook, celular e menos a TV menos. Tem acesso à *internet* desde os 18 anos de idade, as vezes usa *internet*. Usa mais o *instagram*, menos o *facebook* e frequenta o *site* da *netflix*. Usa celular para enviar mensagens “[...] sempre entro webcam com minha mãe. *Whatsapp* para surdos. E-mail, uso ver notícias, mensagens sobre contas para pagar, uso pouco o e-mail”. Para Flora, seria muito ruim se não existissem esses recursos: “[...] fico nervosa sem meio de comunicação, sou viciada em celular. Sempre leio legenda nos filmes, se não tiver legenda, pula ou abandona filme (sem legenda), e procuro outro filme COM LEGENDA, aí aceito assistir”. Gosta de assistir novelas e filmes e de assistir jornal na TV na Globo. Usa mais webcam no *whatsapp*, já no *instagram*, prefere usar a escrita.

A casa onde mora com o marido é cedida, pertence à sua mãe, e fica no mesmo terreno da residência materna, onde vivem a mãe, uma irmã e o irmão

caçula. O pai mora em outra casa, longe dali, porque ele e a mãe estão divorciados. Flora é a mais velha, a segunda irmã (a primeira faleceu) que vem abaixo dela é casada e tem sua própria casa.

Flora relata que existem problemas em sua família, que já brigou muito com os pais e irmãos quando era mais jovem, mas que agora “[...] cresci e mudei minha vida como adulta, respeito a mamãe e parei de brigar, quando olho e percebo que minha família está com problema, saio de casa sem saber”. Afirma que respeita tanto o pai, quanto a mãe e que tem dificuldades de relacionamento apenas com uma das irmãs (não disse qual), pois “[...] não sou próxima, não tenho intimidade, não combino com ela”.

A família é católica e todo sábado Flora vai para igreja com a mãe, “[...] sem intérprete e só ler labial da mãe, paciência. A mamãe não a obriga e sim respeita, por exemplo, se não estiver bem, ela respeita e vai para igreja sozinha”. Flora frequentou a igreja evangélica (que não lembra o nome) durante três anos, com uma amiga ouvinte, porque na igreja tinha intérprete, mas depois voltou a frequentar a igreja católica “[...] porque minha mãe quer ir junto comigo ela me chama para ir igreja.

Flora trabalha em uma empresa de confecções onde faz o corte dos tecidos para as roupas. Afirma que ela e o marido conseguem arcar com todas as despesas e que mantém em separado da família, a vida do casal. Flora conta que desde que começou a trabalhar na empresa, não foi promovida e que quando não tem tecidos para cortar vai para outro setor ajudar os funcionários no que for necessário. Nunca sofreu nenhum preconceito em seu trabalho, que a empresa é grande e que muitos funcionários ouvintes conhecem Libras e que pouca comunicação é feita de forma oral.

Esta empresa que emprega a Flora tem tradição em receber pessoas surdas. Eu mesma e meu marido trabalhamos nela há muitos anos e foi lá que conheci meu marido.

Entende que a desigualdade social é devida às diferenças salariais “[...] salário alto e ganha bem como empresário, bancário, secretária”. Podemos inferir que seu conhecimento sobre “salários altos” é bem restrito, pois enquadra neste grupo os bancários e os administrativos, como secretária. Para ela, o pobre sempre pede demissão porque é difícil achar um bom emprego. “O mais pobre fica na rua esmolando, ajudo dar o dinheiro 1 ou 2 reais ou moeda para

ele. Se o pobre não tem comida, compro comida no mercado e doou para ele. Também se outro pobre passa na rua da frente de casa e pede comida, eu combino com a mãe para doar comida para ele”.

Etnia como negra, japonês, alemão etc., para ela é normal. Cor da pele da pessoa, se for gordo/magro, alto/baixo, considera tudo normal. Homossexual e Heterossexual como gay, lésbica e bissexual, para ela é normal porque eles têm direito de ser o que quiserem. Respeita a todos, a irmã é lésbica e Flora a respeita. A família respeita e conhece todas as diferenças de pessoas, não tem preconceito delas. O marido tem um pouco preconceito em relação aos gays.

Para Flora, os “[...] ouvintes são mais inteligentes, sim a maioria, depende alguns surdos são inteligentes e outros não são. Na leitura, os ouvintes são inteligentes sim [...] os surdos, depende não sabem ler e outros sabem”. Como muitos surdos, Flora confunde conhecimento com inteligência.

Já sofreu preconceito, primeiramente na escola, onde sofreu *bullying*. Também na rua, percebe que as pessoas a olham e dão risada por ser surda e usar sinais. No ônibus, ela e a amiga ouvinte se sentam e conversam em libras, as duas pessoas sentadas atrás achavam que as duas eram surdas e ficaram rindo e comentando sobre a surdez e os sinais. Mas a amiga ouvinte ouviu, ficou brava e gritou “[...] não sou surda, cuidado! Vai ter próximo problema no seu futuro”, e as mulheres ficaram quietas.

Quando conversamos sobre a situação das mulheres, Flora relatou que já viu meninas agredidas pelas mães na rua perto de casa dela. Para ela, continua igual, claro mulheres sofrem mais e homens menos. Vê notícias ruins, como a da mãe que foi trabalhar e não viu que o pai estuprou a pequeninha filha, “[...]outros dias passando, a mãe desconfiando e depois descobrindo denunciou para polícia que prendeu o pai. Muitas mulheres ainda são estupradas, que dó. A paz ainda não existe!”

No que se refere a como são seus sentimentos ao ver um surdo que temais conhecimento do que ela, Flora diz que se sente um pouco triste e que acha que se algumas pessoas são inteligentes (conhecem mais) do que ela, precisam ajudar e ensinar. Mas que é normal que existam surdos que sabem mais do que ela.

Quase finalizando a entrevista, Flora disse que a escola de surdos está melhorando, mas o problema é que os surdos faltam muito. Também melhorou o atendimento do intérprete, mas melhorou pouco, “[...] mais ou menos por falta de intérprete (porque) se (o intérprete) estiver ocupado ou quando não tem [...]. Precisa mais intérprete para ajudar, é difícil”. Flora relata que as famílias não conseguem ajudar e a “[...] família de outros surdos têm péssimos problemas, é falta de comunicação”. Flora considera que a escola inclusiva, CEEBJA em que estuda, os ouvintes são ótimos e se esforçaram em aprender Libras para se comunicar com os surdos.

No que se refere à sociedade, por exemplo, nas lojas, é muito difícil, por causa da comunicação exclusivamente oral. Quando ela não consegue entender o que os vendedores falam, ela chama o marido para ir junto com ela, porque ele “[...] sabe falar um pouco, não tem intérprete, só oral, que DIFÍCIL! Não tem cursos de Libras em Sarandi, acho a cidade é fraca”. Flora não sabe dizer se os surdos conquistaram avanços. Para ela, “[...]a sociedade tem metade é melhorando, e metade piorando”.

No momento da entrevista, Dirceu. tinha 61 anos. Tem união estável e sua companheira é surda. Tem um filho surdo e uma filha, que segundo Dirceu. “[...] é metade”. Não é oralizado e não usa prótese auditiva. Parou de estudar e tem Ensino Médio incompleto. Seus pais sabem ler e escrever em português e em alemão e concluíram o Ensino Médio. Sua esposa concluiu o Ensino Fundamental. Tem duas irmãs, uma surda, que concluiu o Ensino Médio, e a outra, ouvinte (mas com surdez progressiva, que no momento das análises havia falecido), concluiu a graduação. De seus filhos, o rapaz estava, no momento da entrevista, cursando mestrado e a filha, havia retomado seu curso de graduação.

Dirceu se comunica exclusivamente pela língua de sinais e diz que “[...] aprendeu quando era pequeno, com amigos surdos”. Disse que já usou aparelho auditivo e não gostou e que não quer fazer implante coclear.

Ao ser indagado sobre como é seu conhecimento da Língua Portuguesa na modalidade escrita, Dirceu considera que seu conhecimento é “normal”, “[...] escrevo pouco e leio pouco mais, copiar e escrever”. Dirceu diz que aprendeu a escrever por causa da TV e do celular e que quando tem dúvidas sobre alguma palavra que não conhece, pergunta o significado.

Os pais são ouvintes e, além da irmã surda e da outra, que segundo ele, é “metade surda”, D. relata que “[...] um tataravô do meu pai era surdo”. Seus pais obrigavam a falar e batiam em suas mãos para não sinalizar quando era pequeno, o que era característico da educação na abordagem oralista. Eles achavam que D. tinha preguiça de aprender a falar.

Seu pai queria que ele fosse estudar em uma escola especial em Curitiba, e a mãe não quis e o levou para escola APAE. A diretora da APAE percebeu que ele não tinha problema de deficiência intelectual e aconselhou a mãe a matriculá-lo em uma escola comum (naquela época não havia escola especializada para surdos em Maringá). Então, a mãe tentou fazer sua matrícula em várias escolas, até conseguir, pois “[...] a mãe implorava e chorava, a diretora ficou com dó e deixou ele entrar e matricular”. Ele ficou na escola comum até aproximadamente os 16 anos, a mãe o levou para SENAI, “[...] implorou muito e chorou de novo porque a diretoria do SENAI achava que o surdo é impossível”. Mas, graças ao esforço da mãe, Dirceu conseguiu fazer um teste, uma avaliação pelos professores do SENAI e foi aprovado. Dirceu estudou no SENAI dos 16 aos 20 anos de idade.

No que se refere às comunicações familiares, o pai conhece um pouco de Libras, a mãe conhece mais, a irmã mais velha “metade ouvinte”, sabe bem, porque foi casada com um surdo. Ele e a irmã caçula (surda), são fluentes em Libras. Além de Dirceu e sua irmã caçula (que foi uma das fundadoras da ASUMAR – Associação dos Surdos de Maringá), os demais membros da família participavam pouco da comunidade surda. Dirceu relembra que antes, seus pais não o deixavam conviver com surdos, não respeitavam, não queriam que ele utilizasse a Libras. Apenas a avó, deixava ele se comunicar usando gestos e fazia gestos para se comunicar com ele. Depois, tudo mudou e a família aprendeu Libras, e então, o filho de Dirceu não encontrou dificuldades de comunicação na família.

No que se refere ao capital cultural incorporado, Dirceu relembra que o pai ensinava pouco para ele, quem ensinava mais sobre as coisas da casa, pequenos consertos, por exemplo, era um tio. Teve um amigo que ensinou marcenaria, ensinamentos que Dirceu ainda utiliza para sobreviver. De maneira geral, a família sempre conversa, aconselha e “[...] briga com os meus erros”.

Sua família não é muito religiosa e não obriga nada. Cada um escolhe o que quiser. Dirceu é católico, como sua esposa.

Dirceu sempre se interessou por fazer consertos, inclusive em eletrodomésticos. Ele se lembrou de quando tinha 10 anos e subiu em uma escada, tentando mexer nos fios da lâmpada do teto, apenas por curiosidade e que seu avô viu e “[...] correu desesperadamente, mandou não mexer nos fios e descer da escada”. Dirceu relata que desceu, mas não sabia por quê.

Em relação à constituição de seu capital cultural objetivado, Dirceu relata que a família não passeava muito, segundo ele, porque “[...] só pensava em trabalhar” e que também não dava muito dinheiro. Apenas a avó dava mais dinheiro para ele passear. Ele saía sozinho, mas seus pais não deixavam que ele chegasse tarde e “[...] obrigavam voltar cedo”. Não havia investimento em livros, gibis ou brinquedos. A família costumava jogar dominó e um outro jogo com “[...] dado e pino”.

No que se refere a viagens, Dirceu contou que a família costumava fazer uma viagem à praia, a cada cinco anos, e todos gostavam de trabalhar. Dirceu diz que não gosta de viajar, que se habituou à sua família e que também só pensa em trabalhar. Também não costuma passear muito atualmente. Frequenta mais igreja e em seus poucos passeios, vai ao shopping, restaurantes ou pizzarias. Foi algumas vezes ao teatro, por causa do filho surdo.

A maioria dos amigos de Dirceu são surdos fluentes em Libras, apenas alguns são oralizados e que com os ouvintes, sempre teve dificuldades em se comunicar, apenas com gestos e que algumas pessoas riam dele.

Em relação ao capital institucionalizado, Dirceu não teve a oportunidade de estudar em uma escola bilíngue. O único atendimento especializado que recebeu, foi na APAE onde estudou com mais quatro surdos. Nunca teve professor particular e nem estudou em uma escola privada. Com os professores, a dificuldade era a comunicação, pois não havia intérpretes nas escolas, mas Dirceu relatou que os professores o aceitavam como surdo e que não teve outros tipos de problemas com eles, além da comunicação.

Seus pais se preocupavam com seus estudos. A mãe exigia que ele terminasse o Ensino Médio. Ele parou de estudar porque os ouvintes riam e o provocavam. Seu pai foi na reunião escolar e contou aos professores, “[...] então

professores ficaram bravos com os alunos ouvintes e disseram que se alunos ouvintes continuam fazendo isso vão dar nota zero”.

No que se refere a recursos tecnológicos, Dirceu afirma que acessa mais celular e notebook do que ver TV, sabe mexer com a internet, que começou a usar quando tinha mais ou menos 47 anos de idade, mas não acessa todos os dias e evita usar porque “[...] é perigoso”. Ele acessa mais notícias e informações em vários sites e *youtube*. “Uso celular para (comunicar com) minha mãe, alguns amigos ouvintes. Vejo e-mails só informações. Fico nervoso sem *internet*, sem tecnologia, sem comunicação”.

Assiste filmes e *youtube*, mas só se for legendado e diz que gosta de legenda “[...] para aprender palavras, sem legenda entendo nada” e que, em suas interações sociais, prefere usar webcam do que escrever.

Mora em uma casa alugada, com a esposa e a filha. Tem todos os aparelhos eletrodomésticos e se considera de classe média. Trabalha como autônomo (conserta eletrodomésticos e serviço de marcenaria) e consegue sustentar sua família sozinho. Anteriormente já trabalhou na firma do pai e não teve dificuldades com seus colegas ouvintes, pois estes procuravam utilizar gestos para se comunicar.

Não tem muita consciência a respeito das desigualdades sociais, para ele, a exemplo de Felícia., “[...] depende da luta e do esforço da pessoa porque a gente sonha, estuda para fazer o que é melhor. Depende do estudo e da renda familiar”.

Dirceu afirma não ter preconceitos de nenhuma espécie, que respeita toda sociedade, que cada pessoa tem direito à sua escolha. “Deus ama toda humanidade. Minha família também respeita”. No que se refere às mulheres, Dirceu afirma que elas são iguais aos homens e que não aceita que sejam agredidas. Dirceu relata que já sofreu preconceito na escola, que os alunos riam dele e achavam que surdo é bobo. Disse que os professores ficavam bravos, mas que não adiantava.

Dirceu não se incomoda quando encontra pessoas surdas inteligentes (como alguns outros colaboradores, para Dirceu ter mais capital cultural institucionalizado significa ser mais inteligente), que sabem ler e escrever, “[...] só acho que elas precisam interagir e ensinar as pessoas iletradas”. Para Dirceu, se o surdo é sinalizante ou oralizado, não importa. Cada um escolhe o que é

melhor para a pessoa. Para ele, Dirceu a Libras é melhor. E, por fim, Dirceu considera que no que se refere à vida social do surdo, que tudo melhorou, a sociedade, a família, que a tecnologia está avançando, afinal já “[...] é século XXI”.

Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento Bateria 1

Imagem 1: CASA

No início da conversa Silvano ficou um pouco nervoso porque não sabia usar o notebook, mas, com a ajuda de uma de suas filhas, pudemos começar. Olhou a imagem por algum tempo e em seguida descreveu: “Vejo uma casa construída com tijolos, com duas colunas, jeito diferente, novo e bonito. Casa com telhado triangular é coisa do passado, agora com a tecnologia ficou mais bonita. Gostei desse formato quadrado”, e repetiu “A casa é de tijolo, todas as paredes e colunas de tijolo, duras. Bonita.”



Como se limitou somente a descrever a casa, a pesquisadora perguntou como era a casa dele e Silvano respondeu: “Minha casa é antiga, mas é difícil de trocar por questões financeiras. Eu tinha vontade de ter uma casa quadrada, grande com um andar em cima com banheiro, bem bonito, chique. Essa da imagem é bonita, está moderna com tecnologia, bonita, chique.” E perdendo o raciocínio, ou seja, mudando de assunto, e voltou a falar “Você nunca viu uma casa assim quadrada desse jeito? Eu vou te mostrar qualquer dia. Aqui tem algumas, tem bastante dessas construções novas. Ah! Eu amo as casas da Alemanha, com aqueles telhados grandes, amo, acho muito bonito. Lá em Santa Catarina tem, é muito bonito.”

Embora Silvano não dissesse que a casa não era no Brasil, como alguns colaboradores anteriores, reconhece que é uma casa diferente e então, fez inferências, considerando que se tem esta aparência, é devido a ser “moderna”, contar com recursos tecnológicos. Depois, faz associação com as casas quadradas, como as que tem, por exemplo, “em Santa Catarina”, estado em que a colonização alemã é bastante presente.

A colaboradora Flora viu a imagem e falou só “casa”, a pesquisadora pediu para ela falar mais alguma coisa, podia ser sobre sua própria casa, por exemplo. Então ela olhou de novo a imagem e disse: “Quando vejo esta casa, por exemplo, penso em minha casa própria, no fim dos meus estudos, porque eu falto pouco, quando falto é porque estou cansada do trabalho, mas eu vou estudar, às vezes é o professor que falta por causa de greve. Fico um pouco incomodada porque eu preciso me formar, terminar o Ensino Médio logo. Mas espero, né.” Ou seja, Flora explicitou o sonho pela casa própria e relacionou este sonho com o final do Ensino Médio, como se ao se formar, este sonho se tornaria realidade. Assim como muitas pessoas das classes menos favorecidas, Flora acredita no capital cultural institucionalizado como forma de ascensão social, o que não é mais garantido nesse terceiro milênio. A pesquisadora insiste mais uma vez, perguntando se ela se lembra da sua casa, se a imagem a fazia lembrar da casa dela. Ela respondeu: “É diferente”. E lembrou não da casa, mas de como era sua vida na casa da família. “Por exemplo, na casa eu lembro minha família que não faz nada (ela não fazia nada), minha mãe e outras pessoas conversam oralmente e não conversam comigo, eu só fico quieta e depressiva, sempre fico quieta. Converso pouco com meu marido.”

Dirceu olha a casa e diz que se sente triste porque tem sonho de ter uma casa própria. Disse que já trabalhou por muitos anos, mas ainda não conseguiu arranjar uma casa própria. Também disse que não tem ninguém que possa ajudar ele. Narrou tristemente “A minha família não dá esse suporte, maioria gasta o dinheiro. Muito difícil, precisa ser persistente, muito difícil porque o salário é pouco, não consigo. Eu quero uma casa, estou muito triste, mas Deus sabe, como será no futuro eu não sei, eu quero, mas talvez seja melhor não”. Fica em silêncio um pouco, depois continua, ainda de maneira triste: “Eu gostaria de ter uma casa bonita, mas pago aluguel, paciência, não tenho nenhuma ajuda, tudo fruto do meu trabalho e sacrifício. Não guardo dinheiro porque precisa comprar comida, gasto normal, não vou reclamar”, e continuou falando sobre a fé em Deus: “Por exemplo, se acontecer de sonhar com uma casa, o desejo e sonho persistir eu preciso tirá-lo da cabeça, porque antes preciso do dinheiro depois sonhar com a casa. Já aconteceu, mas os valores das casas são altos, já pensei emprestar dinheiro do banco, mas meu nome está sujo infelizmente. Então, não sei quando será que terei a casa. Entregue a Deus.”

Como Dirceu não fez nenhuma menção à casa da imagem, apenas relatou seus sentimentos, a pesquisadora perguntou se ele gostaria de falar mais alguma coisa sobre a imagem da casa. Dirceu pediu para poder olhar a imagem mais calmamente. Ficou olhando em silêncio e depois, com a expressão amargurada continuou: “[...] minha família é difícil, como será no futuro casa e comida, não sei, se acontecer alguém morrer, não quero me preocupar com dinheiro e prejuízos, ok, só. Desculpe, irmã morrer ou irmão morrer e aceitarem vender casa, eu não aceito, minha mãe pode vender, mas para quê? Por causa de lucro? Eu sozinho trabalho há anos desculpa eu não aceito. Falaram também de vender e comprar carro me dar, estou esperando, trabalhando bastante, mas nada!”, criticou e reclamou muito, também está triste, ou seja, a imagem da casa em si, não foi comentada por Dirceu. A imagem lembrou seu sonho de ter uma casa própria e mágoas antigas em relação a seus familiares.

Cada um dos colaboradores deste grupo 3, elaborou narrativas diferentes, a respeito da imagem da casa. Silvano, apesar de ter a mesma pontuação de capital cultural total que Flora, mesmo capital institucional, demonstrou uma narrativa bem mais interessante, posto que, discorre sobre a casa em si, sua forma, infere que se trata de coisa “moderna”. Flora diz apenas casa... E quando instada a falar mais a respeito, fala de seu sonho e depois, relaciona a edificação casa, a “lar” e já traz à tona, seus sentimentos. De maneira ainda mais profunda que Flora. Dirceu também relaciona a casa ao sonho e ao “lar”, ou seja, conflitos familiares, porém aqui, em relação aos bens familiares, provavelmente algo relacionado à herança. O que essas narrativas apontam é que Silvano, provavelmente pode ter um capital cultural incorporado mais bem estruturado, pois trabalha em uma universidade, sua esposa tem pós-graduação, tem uma filha também já graduada e outra cursando, enfim, compartilha de um ambiente em que as trocas simbólicas resultam em conhecimento, enquanto Flora aponta que praticamente não tem com quem conversar e Dirceu, provavelmente teria mais a dizer sobre a imagem da casa em si, mas, seus sentimentos guiaram sua narrativa para outra direção.

Imagem 2: Acidente

Silvano observou a imagem e disse que “[...] é acidente”. A pesquisadora perguntou: “Só?” e S continuou dizendo que achava que o homem estava errado e conjecturou a respeito das causas: “[...] pode ser dirigindo e

falando no celular ou com a cabeça longe, pensando ou imaginando muitas coisas, ou depressão. Pode ser um desses três motivos, também pode ter acontecido que uma mulher bonita passou e ele virou para olhar e bateu”.



Depois, começou a narrar um acidente que ele sofreu: “Uma vez, o culto na igreja tinha acabado, saindo do estacionamento não consegui ver o carro atrás, dei ré e bateu. Eu tinha olhado no retrovisor, mas não vi, faltou atenção. Primeira coisa que precisa fazer ao ligar o carro: olhar no retrovisor, para evitar acidentes. Estávamos em um estacionamento e dois carros saíram ao mesmo tempo, eu e outro, ao dar ré bati. Duas vezes isso aconteceu”.

Silvano continuou dizendo que quem foi errado foi o condutor do outro carro, que precisou pagar pelos consertos no carro dele. E continuou narrando um outro acidente, em que uma mulher bateu na lateral do seu carro e estava errada e precisou pagar. E destacou, ainda, uma terceira vez: “Eu vou de carro para o CEEBJA, estaciono ali no cachorrão por volta das 18h. Foi ali que a mulher esbarrou no meu carro, passou estragando meu carro. Desci e perguntei o que foi isso? Ela estava apavorada, chorando. Avisei que era surdo, mais apavorada, ligou para o pai ou namorado, não sei. Eu chamei uma intérprete. O carro foi para a funilaria, mas não ficou bem-feito, ficou um pouco diferente a cor. Infelizmente. “Novamente, as dificuldades enfrentadas pelos surdos cotidianamente ficam evidentes. Neste último caso, ele estava próximo à escola, que possui intérpretes e conseguiu resolver sem muitas dificuldades, mas, é preciso lembrar que Anderson, em situação análoga, o outro motorista simplesmente foi embora ao constatar que Anderson era surdo. Aqui, no caso de Silvano, destacamos que ela enfatiza que a mulher ficou “mais apavorada” quando soube que ele era surdo.

Finalizando, Silvano relata que anteriormente tinha um Fusca, de 1976 e que com ele nunca sofreu acidente. Silvano relata que o fusca tinha motor 1.6, “pegava subidas [...] era muito bom” e admite ter ficado triste quando o vendeu. Relata que os consertos com o fusca eram baratos, mas que, agora, seu carro é um gol 2005 e que está com ele há 12 anos, mas os consertos do

gol ficam muito caros, então, conclui: “Vou vender e desisto. Muito difícil”, e se calou.

Flora simplesmente disse: “É acidente”. E não fez menção de dizer mais nada. A pesquisadora então indagou se ela já havia sofrido algum acidente e ela então relatou, sem nenhuma interrupção:

Sim, aconteceu um ano passado, em 2019, em setembro, era perto das 17h30 quando estava indo embora do trabalho. Meu marido foi me buscar, entramos no carro e colocamos o cinto, sempre colocamos o cinto de segurança. Estávamos na avenida Colombo, paramos no semáforo o carro da frente parou e o de trás também. Só que o carro que estava mais atrás não diminuiu continuou rápido, meu marido percebeu, eu não percebi, pois estava distraída. Ele me disse “Vai acontecer um acidente”. Eu só segurei e senti a batida no carro atrás, ficamos bem. Foi só uma batida atrás do carro. Ficamos bem, só ficamos com a coluna dolorida, por causa pancada, meu marido com um pouco de dor na perna, mas melhoramos rápido. ”

Em seguida, Flora mudou de página, indo para a próxima imagem. Interessante que Flora mesmo tendo experiência com uma situação de acidente, não a relatou de imediato e só o fez, quando provocada pela pesquisadora.

Dirceu observa a imagem e diz: “Os carros bateram”. E logo a seguir começa a falar de suas experiências: “Vejo e lembro de um exemplo que aconteceu no passado de verdade, não foi só um carro que bateu, mas foram vários carros que bateram em um. O porquê das batidas não sei, que se “exploda”, não queria ficar me preocupando com carro depois e tendo estresse, vendi o carro, não tive mais acidente, faz tempo”.

Retoma o acidente que estava narrando anteriormente: “Quando o carro *passat* bateu rodopiou, não morri, caiu galhos de árvore em mim, mas não morri, fiquei bem, mas mudei de ideia e decidi não dirigir mais. As pessoas vieram ver o carro no acidente e pensaram que o motorista havia morrido, mas estava bem, até saí andando, mesmo com a ambulância e as pessoas perto. Agradeço muito a Deus. Vendi o carro e fiquei livre”. Suas memórias se confundem, daí passa a falar de trem. “No trem é bom, dá para ver as árvores tranquilo”. É possível que Dirceu estivesse se lembrando das experiências após a venda do carro, mas, não foi possível identificar a qual trem se referia, ou a quais viagens.

Dirceu conta que depois comprou um celta, comprou novo, parcelado e que tomava muito cuidado. “Não bati nenhuma vez, foi uma paz! Eu fiz no nome igual o seu, tomava cuidado, quando pedi para trocar o nome para

continuar pagando ela disse que não e que pegaria o carro. Eu ficaria sem nada? Estava cheio de dívida, mas continuaria pagando, mesmo sendo de mais idade.

E, a partir da imagem do acidente, Dirceu vai relatando suas experiências com carros, quantos teve, como foram as compras, suas dívidas, etc..., sem se preocupar em estabelecer uma linha de tempo ou de contextualizar, vai falando sobre carros.

Outro carro da Renault vendi, o volkswagen vendi também aí fiquei limpo, e tenho o Renault que está no nome dele. Não dá para trocar o nome porque a empresa bloqueia a troca. Também não posso vender. Como eu fico? Sem nada. Não tenho culpa, não fiz nada, aconteceram as coisas, não tive controle. Não fico me preocupando prefiro cuidar da minha saúde e ficar bem, já tenho 61 anos de idade. Se ficar preocupado ficarei doente, só agradeço a Deus. Ok. Abraço.

A reação de Dirceu foi diferente dos dois demais colaboradores, talvez por estar passando por dificuldades financeiras, seu pensamento vai sempre para elas. Silvano primeiro fez inferências sobre a imagem, apresentado hipóteses sobre as causas do acidente, indicando uma maior reflexão a respeito da imagem, enquanto Flora apenas disse o que aconteceu e só trouxe suas lembranças mediante a intervenção da pesquisadora, Dirceu constata o acidente e passa a relatar suas memórias.

Imagem 3: Maçã

Silvano olhou a imagem e perguntou “É EVA?” A pesquisadora disse que ele estava livre para falar o que quisesse sobre a imagem então Silvano fez sua narrativa a partir de seus conhecimentos bíblicos:



Adão estava sozinho e triste, Deus viu, Adão via os animais em pares, juntos. Deus fez Adão dormir tirou uma costela dele e fez a Eva. Os dois se encontraram e conversaram. Em uma árvore tinha uma cobra que ficou na cabeça de Eva. Eva não queria, mas a cobra persistiu que abriria sua mente, Eva aceitou e mordeu a maçã. Os olhos se abriram que ela viu que estava nua. Eva foi oferecer a Adão, mas ele não queria, até que Eva também o convenceu e ele também mordeu a maçã. Deus chamou Eva, Adão e eles não apareceram, por isso desconfiou: eles pecaram. E assim começou o sofrimento.

A pesquisadora indagou se ele queria falar mais alguma coisa e ele disse que gosta de comer maçã, porque faz bem para a saúde, mas que como ele é ressecado, o médico disse que ele só pode comer metade da maçã.

Continuou relatando que gosta muito de vitamina de outras frutas com maçã e açúcar, batidas no liquidificador. Daí falou da “[...] maçã com palito com calda vermelha [...] não lembro o nome, sempre vejo, mas o nome, não lembro. Ou ainda pode deixar os bichinhos da maçã para adoçar, o que acha?”

Silvano continuou falando sobre a maçã, agora, sobre sua produção: “Ah, tem um país, Argentina, as maçãs argentinas são deliciosas, vermelhas que encham os olhos, uma delícia e é mais cara. No mercado fui comprar, mas não pude, porque estava muito caro. As macieiras na Argentina são bem famosas, um amigo meu disse que já foi visitar e pegou direto do pé.”

Flora observou a imagem e disse o nome de várias frutas. Disse que gosta delas, que fazem bem à saúde, gosta de maçã, banana e todas, mas tem diabetes há 2 anos, e explicou “[...] estava gorda pesando 67 quilos, me olhei bem, mas o tempo foi passando. Acho que entrei em depressão. Queria que meu trabalho passasse rápido e pensava no dinheiro que precisava”. Disse que começou a emagrecer e que de repente estava com 47 quilos. Daí a mãe dela a levou ao médico e quanto fez os exames, seu teste de glicemia apontou 500. “Parei de comer maçã, não posso mais, só posso comer coisas básicas [...] também tive problema de hormônio que não combina com maçã e preciso comer a cada 3 horas, é bem difícil e continua até hoje é assim”.

E, em seguida, mudou a página, passando para a segunda bateria.

A exemplo de Silvano, Dirceu também foi remetido à Bíblia, ao se deparar com a imagem da maçã:

Conheço a história de quando surgiu a maçã. No passado Adão e Eva tiveram uma ordem de Deus. Poderiam todas as árvores, mas essa principal não, nela tinha uma cobra. Adão e Eva andavam nus e não tinham vergonha. A cobra começou a dizer várias coisas e seduziu Eva com a maçã. Ela inocente, comeu e já se arrependeu. Mudou toda a história, começou o sofrimento, que desenvolveu e parece que está até hoje. Tem pessoa que não acredita, que o perder e o sofrer é influência deste erro lá do passado da árvore e da cobra. Olha a maçã e lembra que Deus e Jesus fizeram várias árvores, mas não a maçã, os passarinhos, que ajudaram na distribuição de sementes. E o eu? E a pessoa? Também, uma semente que cresceu. Entendeu? E depois com o tempo nasceu um homem, só um homem, faltava uma mulher, fez de o filho assoprar e surgiu a mulher. A mamãe Maria também, nasceu igual. Por isso a história do mundo foi acontecendo muito sofrimento até que veio Maria teve o filho Jesus, que anunciou a salvação. Antes os animais eram mais calmos e mansos podia se fazer carinho, não mordiam, todos os animais eram bons, mas com a mudança foi tudo piorando, porque não temos cuidado, e o animal acaba sendo o predador. Até a abelha faz mal para algumas pessoas. Pessoas precisam pensar mais em outras pessoas, mais amor, para que tudo melhore e se cure. Só. As pessoas, até amigos, que falam

alguma coisa que não é boa, me desculpem, mas melhor afastar. O passado era bom e era diferente, agora pessoas falsas escondidas e Deus não gosta disso. O mais importante é o amor, amar as pessoas. Deus abençoa e tudo, a maçã nos afastou de Deus.

As diferentes narrativas de todos os colaboradores a partir da imagem da maçã, apontam que a escolha desta imagem foi bem importante para o trabalho já que é uma fruta, faz bem à saúde, tem diferentes tipos de maçã, é importante para a economia da Argentina, está relacionada ao mito do criacionismo, à história da Branca de Neve e é o símbolo da Apple. Até o momento, cada um dos colaboradores dos três grupos até aqui analisados, trouxeram esses diferentes aspectos, o que aponta como o capital cultural acaba por se constituir em uma espécie de “óculos interior” do sujeito na interpretação de uma imagem.

Bateria 2

Imagem 1: Cachoeira

Silvano observa a imagem e diz que seu primeiro sentimento foi de calma, depois observou que as águas são límpidas, diz que é muito bonito e, também acredita que a cachoeira seja em outro país. Continua olhando para a imagem e continua: “[...] dá vontade de ir lá mergulhar e nadar, eu quero!”.



E continua descrevendo a imagem, mas ao mesmo interpretando, evidenciando que conhece lugares semelhantes: “É uma água natural, relaxa corpo e mente, uma delícia, muito bom. Também sentir essa queda d’água é como sentir uma massagem no ombro. É uma água limpa”.

Silvano insiste tanto que a água é limpa que a pesquisadora indaga se ele acha que é possível bebê-la, ao que S. responde: “Não sei, nunca fui. Quero mudar minha casa para este lugar, que alívio que seria! Delícia”. A pesquisadora indaga se ele quer acrescentar alguma coisa ou se ela pode mudar de imagem e Silvano diz que quer continuar olhando para a imagem e parece estar falando consigo mesmo: “É um lugar bom para passear com a família em um fim de semana mais a trilha para chegar até ela. Eu amo, sou bem curioso. Mas pode ter cobra, ou outro animal como onça, pode ser, porco do mato. Nas árvores verdes com folhas caídas podem ter cobra escondida, camufladas

porque a cor é da mesma cor da árvore e é fácil confundir. Pode ter macaquinhos bonitinhos, papagaios, araras, de várias cores, muito bonito.”

Silvano demonstra conhecer o ecossistema de uma cachoeira e continua vislumbrando a possibilidade de nadar na cachoeira, novamente como se estivesse falando consigo mesmo: “A água pode ser bem funda, eu sei nadar, mas não muito bem. Consigo até onde a água bate no meu peito, acima da cabeça já não consigo.

A pesquisadora indaga novamente se pode mudar de imagem, mas Silvano continua falando: “Pode passear de barco a remo, caiaque, gosto também, ver a paisagem bonita. Sou bem curioso. Você já foi em Foz? Lá tem esse passeio”. A pesquisadora responde que sim, e Silvano ainda continua, muito entusiasmado “[...] dá para colocar uma rede, fazer um churrasco. Cachoeira é legal, bom para passear, mas a noite tenho medo. Só com a lanterna. Dá para fazer vigília de oração, com fogueira. Muito bonito”. A pesquisadora muda de imagem.

Apesar de seu capital institucionalizado ser baixo, o capital incorporado de Silvano, adquirido mediante experiências vivenciadas em função de seu capital objetivado possibilita que S. saia da mera descrição, faça inferências e mobiliza lembranças.

Flora olha para a imagem e diz somente: “Flora Bonita mesmo! Muito top, dá para imaginar e dá vontade de ir.” Como Flora fica em silêncio, a pesquisadora indaga se ele ficou com vontade de ir e Flora, continua lacônica, apenas confirmando que sentiu sim vontade. A pesquisadora tenta mais uma vez, indagando se Flora já visitou algum lugar parecido com o da imagem e ela respondeu apenas “Nunca”. Face ao silêncio de Flora, a pesquisadora insiste, orientando que ela pode imaginar o que quiser a respeito da imagem e então Flora fale, como que se lamentando: “tenho muita vontade de viajar para outra cidade, mas é difícil, porque é difícil economizar dinheiro, a minha família não ajuda com dinheiro, eu tento, tento, tento, sonho! Tenho vontade de conhecer Foz do Iguaçu, de visitar”. A pesquisadora indaga se ela gostaria de acrescentar alguma coisa e Flora diz que não.

É possível compreender que Flora, em função da situação financeira não constituiu capital incorporado que lhe possibilitasse fazer inferências a partir da imagem. Sequer a descreveu com detalhes, limitando a dizer que é bonita e,

ao ser provocada pela pesquisadora consegue somente expressar sua vontade de viajar e seu depoimento confirma o que já havia sido posto no questionário, de que somente depois de casada pode viajar, ainda que somente para cidades dentro do estado do Paraná, em casa de parentes.

Dirceu continua procedendo como anteriormente. Fala muito, tenta trazer conhecimentos científicos para explicar o que vê, mas seus argumentos sempre terminam se apoiando na religião, apontando que seu capital cultural incorporado, foi constituído mais pelas suas vivências do que por influência familiar, já que sua família não era muito religiosa, diferente de sua esposa, esta sim, muito religiosa.

Ao observar a imagem Dirceu começou a falar muito, sem, todavia, fazer nenhuma menção à imagem em si, ou seja, não falou da cachoeira, mas começou falando sobre a água, depois sobre saúde, natureza, sem estabelecer nenhuma pausa, razão pela qual, reproduzimos seu depoimento na íntegra.

Ah, água. O mundo no passado, não só Brasil, não, todos os continentes eram um só, depois com a água foram separados e espalhados pela água. Depois disso que foram ter as árvores, as cachoeiras, as chuvas, e foi Deus que criou tudo isso. Como saber que foi Deus quem fez? Primeiro Deus fez a Terra, essa separação depois fez as pessoas. É sim, os rios são bonitos, as árvores ajudam na respiração e purificação do ar, ele nos faz bem assim como a água limpa que ingerimos e tomamos banho. Faz bem para a saúde tomar água e não guaraná e cerveja, estes só pensam em vender, a água é própria de Deus. Pensa bem, Jesus abençoou o vinho, faz bem para a saúde por muitos anos. O corpo do ser humano precisa de água, muita água para ficar limpo. Se não existir água, morremos. Muito tempo sem chuva, sabemos o que acontece, a seca. Pode perceber, algumas pessoas ignoram a água, mas não dá, precisa agradecer pela água, porque é importante. Não podemos poluir os rios precisamos cuidar, deixá-los limpos. É muito triste, nós já sabemos disso e por que fazemos? Eu gosto de ver a natureza, ver os rios, lagos, enche os olhos de beleza, ajuda no pensamento, dá uma sensação de tranquilidade, com isso não ficamos doentes. Evitamos as idas aos hospitais, precisamos nos conscientizar e ajudar a natureza, cuidar dos animais, ajudar a manter tudo limpo”

Esta imagem permitiu identificarmos a forte influência do capital cultural para a interpretação. Silvano, que realiza trocas simbólicas com a família, em que a esposa e uma filha possuem especialização, a outra está concluindo a graduação e o filho está terminando o segundo grau, demonstra conhecimento a respeito de ecossistemas, mais ainda, a possibilidade de viajar, conhecer lugares diferentes, lhe possibilitou vivências.

Flora somente após seu casamento, parece estar vivenciado experiências e ter alguém para conversar, o seu marido, de forma que não tem

conhecimento sobre ecossistemas, não tem experiências vividas em locais semelhantes, de maneira que apenas pode expressar a vontade de viajar.

Dirceu demonstra conhecimentos a respeito da evolução da Terra, mas suas justificativas são sustentadas pela religião. Também traz alguma consciência a respeito do mercado consumidor e demonstra preocupações com o meio ambiente.

Imagem 2 Brumadinho

Conforme mencionamos anteriormente, a entrevista com Silvano foi *on – line*, em virtude da pandemia. A pesquisadora enviou os arquivos que Silvano acessava no *notebook* e então respondia. S. teve dificuldades com a tecnologia e constantemente pedia auxílio para a filha. Ao se deparar com esta imagem, perguntou: “[...] é em Minas?” e mesmo antes da pesquisadora responder, solicitou que a filha aumentasse a imagem e então continuou: “[...] choveu e aconteceu uma enchente. Aconteceu muita chuva e a água subiu o nível, invadindo as casas e destruindo tudo, muitas casas foram destruídas. Pode ter acontecido por causa do lixo jogado nos rios”.



Ficou um pouco em silêncio, observando a imagem e então continuou [...] ou pode ser o que aconteceu em Minas, que a água subiu e a construção da empresa quebrou e a água foi destruindo a cidade, casas destruídas, muitas pessoas mortas. Ficaram soterradas pela lama, não foi possível encontrá-las [...]

Em seguida, demonstrando conhecer bem o que aconteceu, Silvano continuou: “Isso aconteceu duas vezes. Erro de alguém, na construção, na estrutura no ferro (mineradora), mas não lembro [...] é terra misturada com um material cinza, é uma fábrica. Não lembro o nome certo”. A pesquisadora indagou se gostaria de acrescentar alguma coisa e S. apenas disse: “Triste isso”.

Flora observa em silêncio. A pesquisadora então pergunta se ela conhecia as imagens (importante destacar que as entrevistas aconteceram logo após o acidente em Brumadinho e era tema frequente em programas televisivos.

Surpreendentemente Flora pergunta: “O que é, casa?” A pesquisadora decide contextualizar, dizendo que uma barragem havia desmoronado sobre as casas, destruindo tudo e matando pessoas. Flora; diz que se lembra e fica em silêncio. A pesquisadora perguntou se ela havia visto na TV ao que Flora respondeu: “Sim, (viu na TV) deu muito dó, não lembro a cidade. Foi em Minas Gerais, é?”

A pesquisadora confirmou e, inesperadamente Flora continuou, sem necessidade de ser indagada: “É Minas Gerais mesmo, trabalhei o dia todo e não fiquei sabendo, nem na hora do almoço eu vi, só quando cheguei em casa vi na televisão, que as águas invadiram a cidade e famílias morreram, outras estavam preocupadas com pessoas que estavam lá”. A pesquisadora pergunta se quer acrescentar mais alguma coisa e Flora reafirma que tinha muita pena das famílias, que deve ter sido difícil para elas.

Dirceu não disse qual o nome de cidade e nem do estado brasileiro, mas relatou que se sentia triste e com pena das pessoas. Criticou a ganância, acusou a empresa de estragar a natureza e o meio ambiente, reafirmando sua defesa ambiental já manifestada quando observou a imagem da cachoeira. “A barragem que se rompeu, antes dessa imagem, no passado, foi feita por escavações a procura de minério (ferro) para vender e deixaram esses montes em volta da cidade”.

E, como de costume, sem nenhuma pausa, Dirceu continua: “Para que? Depois esses montes desmancharam e estragaram tudo. Muito triste porque agora deve ser um lugar com mal cheiro, porque morreram pessoas e animais, muito sofrimento, dor, choro. Um absurdo!” A seguir, parece estar se referindo ao acidente em Mariana, pois fala do rio: “O rio bonito que havia ali, desapareceu, acabou. O que vai ser feito agora? Precisamos pensar, como os agricultores da região vão ficar agora? Acabou tudo rio, terra.” E, novamente, se remete ao divino: “Deus não vai mandar uma chuva e arrumar tudo. Nós precisamos aprender, criar novos costumes. Ficar pensando só em dinheiro e mais dinheiro?”

E, continuou expressando sua indignação: “Não! Desculpe-me. Cadê a comida para estas pessoas? O Brasil está quebrado, e nós continuamos com costumes ruins, jogando lixo nas ruas. Vamos cuidar do lixo, manter a natureza limpa e bonita, será bom para nós. Cortar muitas árvores, no passado foi bom, ajudou, mas e hoje, por que ainda continua em grande quantidade?”

E, Dirceu para de falar e fica maneando a cabeça.

Novamente a diferença de capital incorporado se manifesta. Silvano soube explicitar o ocorrido, apresentou as razões para os fatos de forma adequada, além de destacar que foram dois acidentes. E que havia acontecido “Erro”. Flora a princípio não identificou a imagem, inclusive indagando se se tratava de uma casa. A partir da contextualização feita pela pesquisadora, passou a narrar o que se recordava do momento em que teve conhecimento da notícia, sabe que foi em Minas, mas não fez nenhuma menção ao rompimento das barragens, disse

Imagem 3: astronauta

Silvano observa a imagem e dia “É a água em um círculo...”. Como esta entrevista aconteceu *on-line*, a pesquisadora indagou se ele estava vendo a imagem completa, em que aparecia uma pessoa. “Silvano: Não é só água? Tenho que apertar para baixo, deu problema, espera aí. (*vai chamar filha*)



Nossa! O mundo enorme e a pessoa pequenina. Beleza. O homem foi para o espaço com um foguete para consertar satélite, que envia sinal de telefone, televisão para toda a Terra”. Silvano, em apenas uma frase descreveu a imagem e justificou as razões que ele julgou para que o ‘passeio espacial’ acontecesse.

A pesquisadora indagou se ele gostaria de ir ao espaço e Silvano respondeu que não, porque tinha medo de “[...] cair de lá do espaço”. Silvano diz que mesmo sabendo que “[...] o salário é bom”, ele não teria coragem e seguiu falando: “[...] lá não tem ar” {...} fora da Terra não tem gravidade e fica igual amortecedor de carro, para cima e para baixo”

Após um breve silêncio Silvano continuou: “[...] eu lembro que vi no jornal que um foguete na hora do lançamento explodiu. Faz tempo isso, não lembro, mas acho que cinco pessoas morreram³¹. Esta lembrança de Silvano demonstra que seu capital incorporado decorre não apenas do acesso a recursos adquiridos em função de seu capital objetivado, mas, das trocas que seu *habitus* proporciona, já que tem esposa pós-graduada, filhas com ensino superior e trabalha em uma universidade.

³¹ O ‘foguete’ em questão, foi a nave Espacial Challenger que no dia 28 de janeiro de 1986, após 73 segundos no ar, explodiu, matando os sete tripulantes a bordo.

A pesquisadora indaga se ele gostaria de falar mais alguma coisa e Silvano diz, que a imagem possibilita pensar em muitas coisas, como, por exemplo “[...] eu não sei quantos dias os astronautas ficam no espaço, não sei”. Fica em silêncio olhando atentamente para a imagem e então diz [...] nossa! A Terra grande impressiona”.

A pesquisadora diz que Silvano pode mudar de imagem e ele responde: “Tem mais, só um pouco. Meteoros vem do espaço, penso que seja frio. Nos Estados Unidos tem surdo que trabalha com conserto de naves, a V (esposa) me contou. O sinal dele era assim (igual de feijão) era de idade e já morreu”. Esta narrativa de Silvano, reforça a hipótese de que seu capital cultural incorporado se destaca em relação aos demais componentes deste grupo 3, com igual nível de capital cultural institucionalizado, em função das trocas simbólicas realizadas por compartilhar a mesma língua com diversas pessoas em seu cotidiano.

A entrevista com Flora foi presencial. A pesquisadora entregava as imagens impressas coloridas em papel sulfite, de maneira que a colaboradora a manuseava e podia observar pelo tempo que julgasse necessário. Flora ao receber a folha com a imagem, indagou: “É a NASA?”. A pesquisadora devolveu a questão, perguntando o que ela achava. “É um foguete”. Flora de maneira geral só se expressa mediante alguma provocação da pesquisadora, que então indaga se ela sente alguma emoção, se imagina alguma coisa, se conhece alguma coisa a respeito e Flora responde que “[...] eu imagino um foguete da NASA e que no futuro o mundo vai acabar, será?” A pesquisadora pergunta para onde o foguete se dirige: “EUA - Estados Unidos”. Ante essa resposta a pesquisadora questiona e acontece o seguinte diálogo:

P: Se a terra será destruída, para onde o foguete irá?

FL: Acho que para a lua.

P: Para a lua?

FL: Fico na dúvida, mas acho que sim.

P: Olhe essa imagem, veja a terra redonda e uma pessoa flutuando, viu? (*aponta para o astronauta na imagem*)

FL: Sim, ela está trabalhando.

M: A pessoa que está flutuando está trabalhando?

FL: Sim, ela está olhando a terra e cuidando dela, da energia, cuidando para que no futuro ela não seja destruída, ela está cuidando bem

M: Hum, mesmo. Mais alguma coisa?

A justificativa de Flora para o ‘passeio espacial’ do astronauta indica que ela sabe que tem uma finalidade própria, que ele “está trabalhando” e, na

ausência de conhecimento a respeito do trabalho de uma astronauta, cria justificativas que a satisfazem.

Dirceu reforça suas atitudes anteriores e após observar a imagem por alguns minutos, começa a narrar, falando muito, sem nenhuma interrupção, iniciando por estabelecer a relação entre satélites espaciais e a comunicação virtual aqui na Terra, que os satélites possuem câmeras que possibilitam obter imagens da Terra. Todavia, a exemplo de Flora, também ‘cria’ justificativas para satisfazer as lacunas em sua compreensão sobre o que a imagem representa, conforma se pode depreender do fragmento de sua narrativa a seguir:

O foguete é enviado ao espaço para fazer e arrumar câmeras que ficam nos satélites. (*Os astronautas, os donos das empresas*) não ficam preocupados, pois é uma forma de ganhar dinheiro, de controlar telefones, mas e a saúde das pessoas? Porque isso pode fazer mal para a saúde por causa do imã, é perigoso. É verdade, por exemplo, se a pessoa está no mundo em um polo negativo e tem o polo positivo, se a pessoa é negativa e por causa dessa onda do satélite tiver contato com o positivo, pronto: perdeu! Entende? Certo. As pessoas querem conhecer outro mundo, tem salário bom, mas e as outras pessoas da Terra, podemos ignorá-las? Não podemos. O mundo não é de uma única pessoa, me desculpe. Deus criou o mundo, a água, tudo que nele há. Essas idas ao espaço quebram a camada externa da Terra que é de vidro, verdade.

Dirceu novamente expressa sua preocupação com o meio ambiente e com a saúde das pessoas embora suas explicações estejam equivocadas. Dirceu continuou explicando sobre a “camada externa da terra”, que para ele é de vidro. O fragmento da narrativa de Dirceu a seguir, detalha esta explicação:

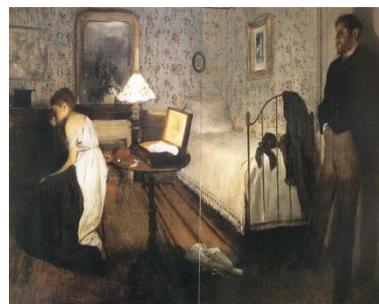
[...] a camada externa da Terra é vidro, vidro invisível”. Ela protege (*a Terra de*) a luz do sol, e se quebrar vidro, nós seremos queimados. Este vidro é como óculos que protege o olho, com ele o olho está protegido, mas se a lente quebra machuca o olho. Lançar foguete quebra a camada, faz vários buracos e isso aquece a água e a diminui [...] eu não sabia nada dessas coisas, tinha uma venda nos olhos, mas depois que ficou sabendo entendeu tudo [...] os astronautas não divulgam porque só pensam no dinheiro e no lucro, é a crença deles [...]. Nós gostamos do mundo, da natureza, trabalhamos muito, devemos cuidar de tudo e esquecer o espaço e o estrago que faz ir atrás dele. Obrigado, espero que tenha entendido de forma clara.

Dirceu parece ter tomado conhecimento sobre os efeitos do aquecimento global, dos buracos na camada de ozônio e suas consequências climáticas, todavia, por não possuir capital cultural incorporado que permitisse compreender por completo as informações recebidas, ‘cria’ justificativas que preenchem as lacunas. Assim, os ‘buracos na camada de ozônio’ são entendidos como ‘buracos na camada de vidro, produzidos pelos astronautas”.

Bateria 3

Imagem 1: pintura

Silvano assim que viu a imagem, disse que iria ler o que estava escrito ao lado da imagem para saber. Todavia, ao lado da imagem, conforme descrito no capítulo anterior, quando apresentamos o instrumento de produção de dados, o texto somente apresentava as orientações ao colaborador.



Ao não ter nenhuma informação com a leitura, Silvano perguntou: “O homem estuprou ela?”. Silvano teve a mesma impressão dos colaboradores anteriores, a exceção de Fe, que apenas descreveu o quadro e o comparou com seu próprio quarto de dormir. A pesquisadora, como de costume devolve a pergunta e dá início ao seguinte diálogo:

P: Não sei, o que você acha?

S: Acho que sim,

P: O que você imagina, vem a sua mente?

S: O homem é mau só queria ereto, introduzir o pênis e gozar para sentir alívio, usou a violência para isso.

P: Por isso a mulher está abaixada em silêncio?

S: A mulher é bonita, está com medo, o homem está ali a vigiá-la, eu acho que é isso. Qual a sua opinião?

P: Eu não posso opinar, é só você, você reflete e sinaliza.

S: ah! Ele bateu nela, eu estou lendo o texto para ver se me ajuda, mas parece que não. Olha o homem, ele está com a mão no pênis, (*aponta na imagem*).

A narrativa de Silvano, tratando de forma tão explícita sua interpretação para a imagem, é característica da cultura surda, de “ir direto ao ponto”, sem recorrer a metáforas. Um exemplo dessa maneira de “ir direto ao ponto” (agora está mudando com a ampliação da comunidade surda) e que comentamos no primeiro capítulo, é a atribuição de sinal a uma pessoa. Normalmente este sinal reproduz (ia) uma característica marcante da pessoa, como nariz grande ou obesidade. Para os surdos, isto é natural, mas incomoda aos ouvintes, que geralmente procuram esconder ou disfarçar tais características. Os colaboradores anteriores que descreveram a cena como estupro de maneira mais ‘delicada’, são professores universitários, possuem um

contato maior com os ouvintes e acabam por incorporar condutas mais próximas da cultura ouvinte.

A pesquisadora indaga se pode mudar de imagem e Silvano continua refletindo sobre a questão do estupro: “A maioria dos homens comete violência sexual, porque o homem tem essa necessidade de ejaculação e a relaciona com o alívio, e quando não consegue, usa da violência para conseguir, igual na imagem. Essa ejaculação é igual matar, igual. Muitos homens por aí fazem isso, eles têm doença mental, são tarados”.

Novamente, a pesquisadora propõe mudarem a imagem e Silvano sinaliza que não: “Estou pensando, ah! A mulher quando vai no centro não pode usar uma roupa com decote porque isso chama a atenção dos homens, e eles podem pegá-las. Também melhor evitar usar roupa curta, por causa dos tarados. Precisa tomar cuidado, roupas discretas, porque é muito perigoso. Melhor usar roupa discreta do que ser pega, colocada num carro e levada. Mulher não pode andar sozinha na rua, porque homem pode pegá-la, bom andar sempre em grupo. Sozinha não porque é muito perigoso. Homem é violento”. Este fragmento da narrativa de Silvano demonstra que, apesar de ele respeitar a igualdade de gênero, ele compartilha da opinião de que, quando uma mulher é assediada ou agredida sexualmente, ela é a culpada.

A pesquisadora diz que vai mudar a imagem e Silvano diz para ela ter calma, que logo vai passar para a outra imagem: “[...] só um pouco que estou pensando [...] as mulheres têm medo, depressão, quando um homem se aproxima fica com medo, fico arrepiado, essas mulheres precisam de ajuda psicológica, tratamento. As mulheres têm de começar a treinar artes marciais como defesa pessoal, quando um vierem se defender, ou ter porte de arma. Assim elas podem sair tranquilas. A mulher é mais fraca e o homem é forte, por isso se aproveita. Antes não havia tanto, agora está pior. Não é bom usar decote, melhor evitar. Não é bom usar calcinha fio dental e calça marcando, melhor evitar. Porque os homens olham e ficam fissurados. Começa a seguir igual um cachorro no cio”.

Novamente, Silvano reflete profundamente. Talvez, por ter duas filhas adultas, se preocupe com a violência sexual contra as mulheres. E, mais uma vez, as narrativas de Silvano, vão muito além da simples descrição do que vê, ou das justificativas para o que vê.

Flora observa a imagem e permanece em silêncio. A pesquisadora pede que ela diga qualquer coisa que quiser, a respeito da pintura.

Seguindo a mesma linha dos colaboradores anteriores (exceto Felícia), Flora diz que “Parece sexo”. A pesquisadora indaga por que e Flora começa a falar: “Acho que a mulher é inocente, mas o homem está com vontade de ter relações sexuais e pensa no estupro, e a família dela não vê isso. Isso pode acontecer”. Flora diz que a imagem não é uma foto e nem um desenho, mas não sabe o que é. Diz que parece não ter mais ninguém na casa e que o homem parece bravo. A pesquisadora indaga se ela quer acrescentar mais alguma coisa e Flora responde “Parece que a mulher está quieta e o homem muito sério e bravo, mas tenho dúvida, não sei.”

Dirceu olhou a imagem e, diferente de todos os demais colaboradores, não identificou uma mulher na pintura e, a exemplo de Fe também não relacionou a sexo. Suas narrativas, mais uma vez, são relatos de suas vivências anteriores, e diz que na imagem estão presentes pai e filho e que ele se sentiu triste em ver a imagem, porque “[...] o quadro na imagem tem pai e filho porque pai é mau, bravo, dá muitas ordens. No passado era bem pior, hoje está mais ou menos, ainda, difícil, acho que aconteceu alguma coisa, não sei”.

A pesquisadora indaga a respeito da mulher que aparece sentada e Dirceu disse que não era mulher não e continuou afirmando que se trata de pai e filho. E continuou, sem nenhuma pausa:

O filho está triste, magoado porque o pai só manda nele, muitas ordens, ele não consegue se expressar, seu pensamento não evolui, isso precisa ser evitado. Pai precisa ter paciência, sou pai, eu sei, precisa ter paciência, ter carinho, para que o filho tenha alegria, ânimo, cresça carinhoso, com pensamento saudável e melhor. Um pai que só dá ordens motiva pensamentos fracos e depressivos, não consegue aprender na escola, causa um trauma por toda a vida do filho. Mas professores no passado batiam nas mãos com força, era horrível, hoje é melhor tem a lei que nos assegura, que permite o desenvolvimento do pensamento, a tecnologia que contribui de forma veloz. O passado foi ruim, teve muito sofrimento, hoje melhorou, precisa aproveitar isso. Hoje pai não pode bater, precisa ficar quieto, tem lei e ele tem medo de ficar preso. Foi criando uma consciência e melhorou um pouco. No passado eu sofri muito, meu pai era mandão igual na imagem, lembro que era assim. Eu não entendia por que brigava tanto, porque tantas ordens, achava que eu tinha problemas cognitivos, meu rendimento em português era muito baixo, e a culpa era minha. Minha mãe falava: não, não briga, evita fazer assim. Minha mãe avisava, sabia que surdo era diferente, já meu pai falava que não, que eu que não entendia nada, que era um idiota. Minha mãe chorou, mas nunca se arrependeu. Hoje faço as coisas, tenho cultura meu pai sente vergonha pelo que fez e falou. Eu o ajudo, eu o perdoo pelo que já falou, digo que precisa ser legal, ajudar. Entendeu? Por isso é igual essa imagem, eu a vi e

lembrei, das histórias. Sabia que meu pai já bateu no meu rosto? Foi tão forte que meus óculos quebraram. Nossa, eu fiquei tão triste, quieto, não briguei com ele, não fiz nada. Minha mãe também não fez nada, ficou quieta. Ele ficou angustiado, se remoendo pelo que fez e foi pedir desculpas para mim, que sentia muito. Mas não pode fazer uma coisa dessa. Eu agradeço a Deus por ter ficado quieto e peço para tirar essas lembranças de mim. Eu, com meu filho, sou muito carinhoso, dou muito carinho, não sou de dar ordens, gosto de dialogar, que ele entenda. Hoje ele é adulto e tem mais amor por mim, porque fui carinhoso com ele. O carinho é importante, não entendo quando não tem, percebo entendo a diferença. Obrigada, abraço, tchau.

Este depoimento de Dirceu evidencia o quanto o capital cultural incorporado, constituído pelas experiências de vida influenciam na interpretação de imagens. A relação estabelecida por Dirceu, de dominação de pai para filho fez com que, em uma imagem em que está evidente a presença de homem e mulher ele enxerga pai e filho. Seria até natural se ele enxergasse pai e filha (algo que nenhum colaborador mencionou), mas, mesmo sendo alertado pela pesquisadora que se tratava de uma mulher, D. não a enxergou.

Imagem 2: pintura abstrata

Silvano observa a imagem que retrata uma pintura abstrata e diz que é estranha e não diz mais nada, se comportando de forma bem diversa de suas interpretações anteriores. A pesquisadora indaga se ele não tem nada mais a dizer e S. responde: “É um desenho? Não dá para entender,



difícil. É um mundo, com os seus países? É o movimento de translação da Terra? Não sei mais.” E como esta entrevista foi realizada on-line, S. já passou, para a próxima imagem.

Flora tem a mesma reação de S. ao observar a imagem: “Vixi, difícil! [...] Difícil, não parece nada, não consigo”. E começa a apresentar sinais de desconforto, até mesmo de nervosismo. A pesquisadora indaga se ela quer ir para a próxima imagem e Flora. concorda, dizendo “[...] quero pular esta “.

Da mesma forma, Dirceu sente dificuldade. Aponta para a imagem e dia “É um ovo” e depois disse que não consegue responder nada, porque é difícil interpretar a imagem.

Nenhum dos três colaboradores deste grupo identificaram como pintura abstrata, como fizeram os anteriores. Até mesmo Francisca, que sempre

ficava retraída e pouco se expressava, em função de seu capital cultural institucionalizado (se formou em Artes Visuais) explicou do que se tratava.

Imagem 3: pintura rupestre

Silvano assim que abre a imagem em seu *notebook*, afirma, com convicção: “Vejo terra”. A pesquisadora, tomada de surpresa, sequer realiza uma pergunta indireta, indagando: “Como? Não vê um boi?” e Silvano começa explicar, em um diálogo em que a pesquisadora apenas indaga, Por quê? Onde? Quando? Como? Quem? Esses questionamentos ficam subentendidos por [...] no parágrafo a seguir



[...] “Ah! Verdade não tinha percebido! É o desenho de um boi. Acho que é um boi da África, não sei mais” [...] “Ah! É desenho na pedra?” [...] “Ah, está esculpido, eu pensei que era na terra, mas é na parede.” [...] Há muito tempo, não sei, acho que é sim.” [...] “As pessoas do mundo, o povo desenhava sobre o que vivia árvores, comida, terra, acho que isso foi na África há muito tempo ou foi feito pelos indígenas” [...] “Pode ser? Então, pode...como fizeram um desenho tão profissional? Já vi em jornais, mas não lembro, em que país? Na Bolívia acho que tem desses desenhos” [...] “Só”.

Embora de forma incompleta, Silvano demonstra ter informações a respeito da pintura rupestre e demonstra que essa informação foi obtida graças ao capital objetivado (acesso a jornais) que pode tanto ser na TV, em sua casa, ou de forma impressa, já que trabalha em uma universidade em que, de maneira geral, nos espaços destinado aos funcionários costuma (va) ter jornais impressos disponíveis.

Flora, antes mesmo da pesquisadora indagar, já menciona que a imagem é antiga “[...] Essa imagem é antiga, parece época macaco”. Aqui, foi possível inferir que Fl. se remete à Idade da Pedra. A pesquisadora indaga o que mais ela gostaria de dizer e Flora reforça os indicativos de ser “*concret minded*”, ou seja, “mente concreta”, “pensamento concreto”, conforme estabelecido por Furth (1968), quando responde: “Eu não vivi na época do desenho, eu não o vi”. [...] “Homem tem roupa diferente, não come nada, desenhou na parede porque inventou isso, ele parece ser pobre. Só. É difícil”. Flora procura trazer mais elementos para reforçar que compreendeu que se trata de uma pintura realizada

na Idade da Pedra. A pesquisadora então aponta para a imagem do boi e indaga o que é e Flora responde “Parece um boi [...] muito difícil, desculpe, não sei”. Novamente quando tem dificuldades em responder, Flora fica desconfortável e então a pesquisadora encerra a entrevista.

Dirceu reconhece que se trata de uma pintura antiga e que foi feita na África.

Foi lá (na África) que surgiu há muito tempo atrás. Também, como sinaliza? O fogo! Os desenhos na parede, é lembrei que isso é de muito tempo atrás. No passado, quando esse boi foi desenhado na parede, o homem tinha cabelo comprido, usava ferramentas de pedra, por isso o desenho, eles sabiam fazer mesmo sem estudar, olhavam e copiavam no formato certo do animal e ficava bonito. Sei que são pessoas que faziam e foram desenvolvendo seu pensamento com isso. Criaram um jeito de produzir fogo dentro da caverna para dormirem. Não tinham casas, viviam em cavernas, por isso os desenhos em cavernas. Os registros do passado, mostram que eram espertos e aprendiam as coisas.

Dirceu demonstrou compreender como era a vida do homem pré-histórico e foi possível inferir que quando suas lembranças ou sua forte crença religiosa não ocupam seu pensamento, Dirceu demonstra conhecimento de importantes aspectos de compreensão de mundo, como, a interpretação, mesmo com “criações” para preencher as lacunas do seu conhecimento, de questões como efeito estufa, a desigualdade entre as diferentes classes sociais e econômicas, o poder do mercado etc.

Síntese das Narrativas:

Os colaboradores deste grupo, embora possuam o mesmo capital cultural institucionalizado e o capital cultural objetivado possam estar próximos, demonstram diferença em seu capital cultural objetivado, em decorrência das experiências vivenciadas, das trocas simbólicas e das interações familiares.

Dentre eles, apenas a Flora teve oportunidade de estudar em escola bilíngue, todavia, é a que tem menos fluência em Libras, uma vez que, em decorrência da própria família, Dirceu (possui irmãs surdas), pode realizar trocas simbólicas no interior de sua família, e essas trocas se ampliaram com sua esposa e filho com surdez. Silvano, por sua vez, é o que vivencia interações familiares mais ricas de todos, o que se revela na compreensão adequada que possui dos fatos e fenômenos representados pelas imagens.

A interação familiar pobre vivenciada por Flora, que relata sempre ficar “de fora” das conversas em família pode ser a principal causa de seu baixo

capital cultural incorporado e da sua insegurança manifestada pelo visível desconforto face às imagens que ela tinha dificuldades em interpretar.

A visível diferença entre o capital cultural incorporado de Silvano, deste grupo 3 e de Felícia, do grupo 2, demonstra que nem sempre o capital cultural institucionalizado (Felícia tem pós graduação) se traduz em capital cultural incorporado.

Grupo 4: Características de Breno e Anderson

Breno é solteiro e tem três filhos ouvintes. Não usa aparelho porque lhe dá “dor de cabeça”. Frequenta a religião católica, na igreja em que uma das professoras da escola em que estuda atua como intérprete. Diz que a professora fica “triste” porque muitos surdos “[...] faltam na missa, ela (a professora) fica triste e disse ‘Deus é que sabe’”. Breno relata que a família não interfere, “[...] eu mesmo decido”. Relata que a ex-esposa frequentava a Congregação Cristã do Brasil (CCB) e ele a acompanhava, entretanto, retornou à igreja católica porque “[...] CCB, não tinha intérprete e a igreja católica tem”. Breno trabalha recolhendo materiais para a reciclagem. Não soube se manifestar a respeito da desigualdade social e afirma não ter nenhum preconceito no que se refere às diferenças entre as pessoas “[...] nenhum preconceito, tudo é igualdade, somos irmãos, cada um tem própria vida e a escolha é de cada uma”, e que esta também é a forma de pensar de sua família e amigos. Mas relata que ele próprio já sofreu muito preconceito, até mesmo dos colegas surdos na escola bilíngue e no CEEBJA, que o ofendiam e até mesmo agrediam, conforme ilustra este fragmento da sua fala: “[...] alguns ouvintes e surdos me chamavam burro, veado, cabeça dura. Eles me jogavam objetos e coisas (caneta, papel etc.) nas minhas costas e nuca. Eu só ignoro e fico quieto”. Breno respeita as mulheres e as considera iguais aos homens “[...] sou contra violência de mulheres agredidas, afasto homens ruins que fizeram. Para mim, mulheres são valorizadas, não é certo elas sejam inferiores”.

Admira os surdos que conquistaram capital cultural institucionalizado (se refere a eles como ‘inteligentes’) e espera que eles ensinem os surdos que não conseguiram estudar: “Não incomodo, parabêniso para surdos inteligentes, acho certo que eles precisam ensinar e ajudar aos surdos não inteligentes. A interação é importante”. Breno usava aparelho auditivo e gosta de usar, mas o aparelho está quebrado e a família não tem dinheiro para consertar. Já pediu

auxílio ao SUS e à uma instituição de ensino superior que oferta o curso de fonoaudiologia e oferta aparelhos auditivos, mas dia que está “demorando muito”. Diz que não faria o Implante Cultural porque “[...] é perigoso com a chuva, prefiro aparelho auditivo”. De forma diferente dos colaboradores anteriores, com capital cultural total mais elevado e daqueles do Grupo 1, que possuem condições para ter os aparelhos auditivos mais modernos e não querem usar, Breno gostaria de poder usar e, também de forma diferente dos colaboradores do Grupo 1, admira os surdos oralizados e os considera com capital cultural superior, entretanto, atribui a eles responsabilidades “[...] surdos oralizados tem que ajudar surdos não oralizados”.

Esse sentimento de Breno pode estar relacionado ao fato de que, por nunca ter frequentado uma escola especializada, com professores surdos, seus modelos são ouvintes ou os surdos que mais se assemelham a eles.

Anderson tem 40 anos, tem uma companheira, surda que é “[...] mais ou menos oralizada” e têm um filho, de 11 anos, que é ouvinte. Trabalha como auxiliar de produção em uma fábrica de bicicleta. Não é religioso e não recebeu este tipo de ensinamento de sua família. Tem uma opinião muito incomum para a desigualdade social, ou seja, aceita e entende como natural e considera que o capital cultural institucionalizado promoveria a ascensão social “[...] acho não é legal igualdade, depende a renda familiar, a luta e os estudos que as pessoas esforçaram para ganhar bem. O certo é desigualdade social por causa renda e os estudos (graduação) ”. Também considera que devemos respeitar as diferenças, entretanto, parece se incomodar quando elas estão explícitas, conforme ilustra sua fala: “Temos que respeitar, acho é feio bagunça (homossexual, ladrão, pobre na rua etc.), cada um tem consciência, escolha pessoal e a decidir o que sabe e o que acha melhor”. Afirma ter sofrido preconceito por parte de ouvintes: “Os ouvintes riem, falam palavrões, faziam gestos feios/engraçados e provocam de mim na praça da igreja, a minha esposa me defende. Isso é ruim para mim”. Este fato demonstra como o fato de a esposa ser “mais ou menos oralizada”, faz com ela se sinta empoderada e que Anderson aceita que ela a defenda, mesmo considerando que a mulher é mais frágil, como ilustra sua resposta à questão sobre a valorização da mulher: “Na verdade, a mulher é mais frágil e sensível (fraca) e homem é mais forte, mas penso o ideal é igualdade de dois sexos: Masculino e Feminino. Não é certo de mulher inferior”.

Entende que os surdos com mais capital cultural institucionalizados, que Anderson, assim como Breno considera como “inteligentes” têm responsabilidades em relação aos que não tiveram acesso à escolarização: “Acho que existe falta de ajudar, interagir, compartilhar e contribuir, às vezes surdos (inteligentes) não ajudam e peço minha esposa me ajudar”. Novamente, a oralização superior da esposa é motivo de admiração, pois o nível de escolaridade dela não é superior ao dele.

Anderson usa aparelho auditivo na orelha direita, mas não faria Implante Coclear, porque acredita que “[...] pode arriscar a vida, não quero implantar”. Prefere conversar com surdos sinalizadores, pois não consegue entender o que o surdo oralizado fala. Quando indagado sobre as condições de vida neste século XXI, respondeu:

A tecnologia de hoje é ótima e crescendo muito, a minha família (mãe) continua igual (o mesmo jeito) e não desenvolvendo. A escola está caindo e precarizando, professores saíram cedo por causa pandemia Coronavírus e outros não sabem muito bem de Libras. Gosto de desenhar e pintar na aula da escola.

Análise das informações obtidas com a aplicação do segundo instrumento Bateria 1

Imagem 1: CASA

Breno descreveu a casa, afirmou que o telhado da casa é triangular, que a casa tem uma pintura bonita, um telhado vermelho. Mesmo a pesquisadora tentando provocar maiores reflexões, como, por exemplo, ao indagar se a imagem lembrava sua casa, ele disse que somente o



telhado, que também é triangular. O excerto a seguir demonstra a predominância do aspecto descritivo em detrimento da criação ou de “lembranças”, ou seja, Breno não refletiu a respeito da imagem, ficou preso ao que via, ao figurativo. Segue excerto da entrevista:

B: Vejo uma casa.

P: Sim, uma casa, me conte qualquer coisa que você imagine ou pense sobre essa casa.

B: Uma casa com a pintura bonita, um telhado vermelho bonito, só.

P: Uma casa bonita, só?

B: Só.

P: Essa casa da imagem é igual a sua casa?

B: É mais ou menos, só que onde moro o telhado é triangular.

P: O telhado é triangular, igual ou mais ou menos?

B: Sim, mais ou menos.

P: (tentando puxar mais informações) A casa tem um telhado triangular, e as folhagens são iguais?

B: Só o telhado, tem árvore, grama e flores, só.

P: Mais alguma coisa?

B: Só, não tem rua, a casa fica ao fundo é uma edícula, tem árvore e grama, um portão. Só.

Para Anderson a imagem da casa representa uma escola e só acrescentou mais informações a partir das questões da pesquisadora, buscando provocar reflexões, conforme segue:

P: Beleza, vamos começar agora a bateria um e imagem um: o que você vê nessa imagem?

A: Vejo uma casa/escola

P: Isso, uma casa, o que você sente ou imagina mostre em seus sinais.

A: Consigo imaginar que nunca fui a uma escola como essa, é lugar alegre, bom para estudar, desenvolver o estudo, um lugar legal, eu gostaria de vê-lo, de visitar, gostaria sim, gostei.

P: Você acha que é uma escola? Você acha que essa imagem é uma escola ou é uma casa?

P: É uma escola.

M: Essa escola da imagem é igual essa daqui que nós estamos

P: Não é diferente, essa daqui é um prédio.

M: Tem vontade de ir em uma escola como essa da imagem?

P: Sim, às vezes, eu tenho vontade sim.

M: O que mais?

P: Tenho vontade de estudar cada vez mais porque é muito importante sempre continuar na escola, mesmo que demore anos, não tem problema, isso é normal e eu quero continuar estudando.

P: Muito bem, o que mais?

A: Já estou há bastante tempo estudando em Sarandi, estou acostumado, tenho afinidade.

P: Você gosta de Sarandi?

A: Gosto, eu sei que é longe do trabalho, mas não tem escola perto, então eu continuo estudando em Sarandi, já faz 10 anos.

P: Aqui!

A: sim.

P: Que bom, o que mais?

A: Só isso, só.

Da mesma forma que Breno o outro participante deste Grupo 4, Anderson se prende aos aspectos figurativos. Relaciona a imagem a uma escola, porque, assim como observado pelos colaboradores dos Grupos 1 e 2, a casa da imagem não representa uma residência típica do Brasil, entretanto, não menciona este fato. Quando instigado pela pesquisadora a falar mais, envereda pela questão da “vontade de estudar”, confirmando que considera que o capital cultural institucional é fundamental.

Imagem 2 – Acidente de carro

De forma diferente dos colaboradores do Grupo 1, que sequer mencionaram o que estavam vendo e passaram a relatar episódios por eles vivenciados e dos participantes do Grupo 2, que de imediato levantaram hipóteses sobre o ocorrido, novamente os participantes do Grupo 4, se fixaram no aspecto figurativo e se prenderam à imagem vista. Isto também pode ser decorrência do fato de que eles utilizam bicicleta e andam a pé, ou seja, nunca sofreram um acidente de carro.



Novamente, a pesquisadora precisou intervir, formulando questões para que Breno se manifestasse para além de dizer que se trata de “um acidente”, conforme ilustra o diálogo a seguir:

- B: (Observando a imagem) um acidente.
 P: Um acidente?
 B: Sim, um acidente é necessário olhar com muita atenção.
 P: Por quê? Como aconteceu?
 B: (o motorista) Olhando o celular deve ter se distraído e se assustado, por isso bateu em dois carros e sozinho, foi pelo susto, só.
 [...]
 P: Ah, tá. Quem você acha que está errado o homem ou a mulher? (aponta imagem)
 B: Acho que a mulher.
 P: É? Por que a mulher?
 B: Porque o carro passou na frente de forma errada muito rápido, acho que o homem errou.
 P: Homem? Qual é o certo homem ou mulher? A mulher?
 B: Sim, a mulher está certa, ela levou um susto com o carro que bateu nela. Ou a mulher estava bêbada ou com sono, não sei.
 P: Hum, mais alguma coisa?
 B: às vezes homem ou mulher podem estar certos, às vezes podem estar com sono, cansado, com pressa e por isso batem o carro e se assustam. Pode ser que vão para a balada e batem o carro. Depende o motivo da batida, depende a pessoa.
 P: Hum, mais alguma coisa?
 B: Tem muito acidente, até com pessoa andando na calçada o carro pode atropelar, mais um acidente.
 P: É? É mesmo! Mais alguma coisa?
 B: Só.

Breno formula hipóteses sobre o acidente, mas sem consistência, pois ora acha que o responsável pelo acidente foi o homem, ora acha que foi a mulher. Isto aponta que a afirmação que ele fez de que não deve haver distinção entre os sexos, é verdadeira, mas também indica que não houve uma reflexão. Que ele somente procura responder às questões da pesquisadora.

Anderson também se locomove a pé ou de bicicleta e nunca sofreu um acidente de carro. Após observar a imagem, ANDERSON diz que vê “[...] dois carros, motoristas preocupados porque bateram”. A pesquisadora pergunta: “E o que mais?” Anderson se mantém calado. Perguntado se nunca sofreu um acidente, ele responde que não, mas que já viu pela TV. A pesquisadora insiste, e acontece o diálogo que segue:

P: [...] O que aconteceu? (em relação ao acidente representado na imagem) O que você acha?

A: Acho que o homem está errado

P: Qual que é o homem do carro amarelo ou do carro vermelho?

A: A mulher, acho que os dois carros, não sei. A mulher está certa, se conversar dialogar com os dois, dará para perceber que os dois estarão errados, eu acho, eu acho que são os dois

P: O que mais?

A: Não sei.

Anderson não consegue se desvincular do aspecto figurativo, não elabora hipóteses para a causa do acidente. Isto pode ser consequência da falta de informações sobre diferentes possibilidades de causas para acidentes de carro.

Imagem 3: MAÇÃ

Tanto Breno quanto Anderson falaram sobre a fruta, o sabor dela e os benefícios que traz para a saúde. Anderson relatou que comeu maçã pela primeira vez aos cinco anos, porque ganhou de uma mulher que tinha uma macieira no quintal. Disse que gostou tanto, que passou a comer sempre, conforme ilustra o fragmento de sua fala:



Ah, a maçã, é muito boa para bater com leite no liquidificador, fica bem gostoso colocar aveia também, é bom gostoso, faz muito bem para a saúde, eu amo e sempre faço várias coisas, faz muito bem para a saúde, às vezes, eu levo frutas comigo, coloco na bicicleta e vou trabalhar e como lá porque faz muito bem à saúde, ajuda na saúde deixa mais confortável.

Breno fala muito pouco. É preciso que a pesquisadora faça perguntas o tempo todo, conforme ilustra o diálogo a seguir:

P: O que você vê nessa imagem? O que é?

B: (Observa). É uma maçã. Uma maçã pequena e uma maçã grande na imagem. Quando encontro uma maçã no mercado dá vontade de comer e dar também para o filho para ele não ficar com vontade. É uma fruta gostosa, batida no liquidificador com leite e banana fica muito gostosa. Eu mesmo comer, como pouco, é mais difícil, compro mais para meu filho. Eu tomo às vezes.

P: Por quê?

B: Eu sozinho, naturalmente, não tenho vontade. Meu filho tem vontade, por isso compro para ele, para ele é bom e mais importante. Para mim, poucas vezes.

M: Você gosta da fruta?

B: Sim, é uma fruta gostosa e faz bem para a saúde, sei que é bom para meu filho falar, então, compro para ele quando ele quer, quando ele pede banana também. Mas também não compro sempre para não enjoar, agora não comprei, não quero que meu filho cresça e enjoje de maçã. Quando era menor comia mais, quando vai crescendo vai diminuindo a vontade até parar de comer. Só.

A imagem da maçã foi a que mais permitiu que os participantes deste Grupo 4 relatassem suas experiências, o que pode ser atribuído ao baixo capital cultural objetivado.

Bateria 2

Imagem 1: Cachoeira

Breno não inicia sua narrativa de maneira espontânea, sempre aguarda que a pesquisadora faça a pergunta. Quando lhe é feita a pergunta: O que está vendo, Breno responde: “foto”. E fica novamente em silêncio. A pesquisadora insiste: “Foto do que?” Breno responde: “Cachoeira caindo”. Pesquisadora insiste novamente: “Só isso você pensa?” Breno responde com palavras de forma estanque, como crianças ouvintes que estão adquirindo a fala, o que revela que nem mesmo a Libras está consolidada enquanto língua para ele. “Breno: “[...] rio, passeio, nadar, bonito, só. É Foz do Iguaçu”. A pesquisadora ainda insiste: “Parece Foz!” e continua: “Foz. Perto Paraguai. Conheço”. Diferentemente dos demais colaboradores que reconheceram de imediato que a paisagem da imagem não se localiza no Brasil, Breno reafirma, associando a cachoeira da imagem, às Cataratas do Iguaçu, a partir de uma visita realizada, na qual andou na ponte e subiu as escadas. Para Breno, esta imagem “[...]fica atrás”. Provavelmente, Breno não teve oportunidades de ver imagens das cataratas do Iguaçu e relaciona apenas com suas memórias do local, o que, não é a mesma coisa, pois muda a perspectiva. E, a pesquisadora insiste: “E como foi este passeio?” Breno continua, “[...] sentir frio. Fresco Vento. Perigoso. Não pode pular. O vento é gostoso sim. Fui três vezes.



E Breno relata que foi junto com o irmão, que ia ao Paraguai fazer compras. B: também fez compras no Paraguai e depois pediu ao irmão para irem

ver a “cachoeira”. Foram e Breno gostou muito e voltaram mais duas vezes. Destaca sempre o vento, “[...] forte e gostoso, tem cheiro de saúde.” Breno conta que o irmão explicou que o rio fica na fronteira, mas que é perigoso andar de barco porque “[...]cachoeira ataca o corpo some, pele some, morre. Ele falou, também falou cuidado e fica atrás, não frente. Barco só passa antes frente cachoeira porque cachoeira é fundo, corpo some e morre (repetiu). Sim isso é perigoso. Me falou morreu 6 pessoas não sabia”. Novamente, o uso inadequado da Libras não nos permite concluir se o que Breno apresenta é somente uma defasagem linguística ou concepções animistas, ao considerar que a “cachoeira ataca”. Outra coisa interessante, para Breno a ordem de não atravessar a fronteira, o que é normal, pois se trata da fronteira entre dois países, que ele observou em uma placa e por uma cerca proibindo a passagem, se deve ao fato de que é perigoso, que morreram seis pessoas ali. Breno não tem nenhuma informação a respeito de que não se pode, simplesmente, atravessar a fronteira sem nenhum controle. Isto deixa evidente que, por não ter informações precisas, ele recorre às que possui, para explicar o que não entende, ou seja, para ele, é perigoso atravessar a fronteira porque a “cachoeira ataca”.

Da mesma forma que Breno, Anderson. não começa a falar antes de ser indagado pela pesquisadora. Ao ser perguntado sobre o que via, A. respondeu simplesmente: uma cachoeira. E ficou calado. A pesquisadora então insiste e o seguinte diálogo acontece:

P. Isso, é uma cachoeira, o que você sente ao ver essa imagem?

A: Nada, não sinto nada.

P: Não sente nada?!

A: Não sinto nada.

P: Uma emoção, nada?

A: Nada, zero. Nunca fui em uma cachoeira, não sinto segurança

P: Por quê?

A: Porque a minha mãe sempre me segurou perto, sempre me protegeu, me deu banho na bacia.

P: Somente água na bacia desde pequeno?

A: Isso, a minha mãe sempre me deu banho ali na bacia e eu me senti bem seguro, então, em uma cachoeira não me sinto seguro.

P: Você não tem vontade de ir?

A: Não, minha vontade já passou, quando tinha 10 anos de idade tinha muita vontade de viajar, fazer várias viagens, mas já passou, não consegui ir pela primeira vez na cachoeira

P: Mas você não se sente atraído pela imagem da cachoeira?

A: Tá, me sinto atraído, mas não dá vontade de viajar mais, lembro também que não é bom ficar pensando em viajar porque isso me deixa ansioso, pedindo para minha mãe sem parar: por favor, vamos viajar, vamos! Mas ela fala que não dá, me deixa no quarto com a porta fechada e eu fico nervoso e bato a cabeça na porta até fazer um galo na testa, minha mãe era muito mandona sempre mandava que eu fizesse um comportamento diferente.

P: Mais alguma coisa?

A: Não.

É possível inferir que em função de seu baixo capital cultural objetivado, Anderson não teve a oportunidade de vivenciar experiências. Além disso, pela sua narrativa, A. não recebia muita explicação das coisas, o que corrobora com as informações extraídas com o primeiro instrumento de produção de dados.

Em comum, Breno e Anderson; demonstram não possuir nenhuma informação sobre a imagem da foto, como os integrantes dos grupos 1 e 2 apresentaram, por exemplo e sequer conseguem conjecturar a respeito. Breno, ao ser provocado, relata experiências vividas em Foz do Iguaçu, afirmando que a imagem retrata as cataratas, apontando que seu conhecimento a respeito de cachoeiras se resume nisso. Já Anderson, demonstra que a educação recebida fez com que ele adquirisse medo da água e de expressar seus desejos.

Imagem 2 Brumadinho

Novamente é necessário que a pesquisadora inicie o diálogo, indagando o que a foto representava. Breno não reconhece de imediato e responde que se trata de lixo. Anderson sua dificuldade linguística, inclusive faz com que ele utilize sinais desconhecidos pela pesquisadora. Parece que Breno tem noção do que se trata, mas não encontra os sinais adequados para expressar suas ideias, conforme demonstra o fragmento de sua fala: “[...] chuva, água, pó, terra, desmoronou.



Chuva muita, terra ficou líquido, desmoronou. Porque antes lixo jogado esgoto baixo, cima cimento certo, muita chuva terra molhado mole caiu desmoronou sim. Muitas pessoas morreram. É Minas Gerais”. Breno novamente demonstra reconhecer o que a imagem representa, mas, da mesma forma que no caso da proibição de ultrapassar a fronteira, procura preencher as lacunas nas informações a respeito do fato em si, com outras informações, como, por exemplo, a justificativa do “lixo jogado no esgoto, com cimento em cima”, provavelmente se referindo a um bueiro.

Breno também considera que faltou ação humana para prevenir a catástrofe: “[...] falta homem depressa construir muro (porque) chuva muito água chão subindo cada vez e derrubou muro desmoronou. Porque água pesada forte muita chuva [...] muro fraco desmoronou. Morreram. Todas as casas destruídas [...] casa construída certo, mas terra fraca mole não tem árvore, terra mole fraca muita chuva, terra fica líquida mole escorrendo Muro não é forte, fraco mesmo. ”

Enfim, Breno não sabe a respeito da mineração, das razões pelas quais tudo aconteceu e, utiliza seu conhecimento, seu capital cultural incorporado como, por exemplo, a ausência de matas para proteger o solo, para entender e explicar o que aconteceu. A pesquisadora indaga se gostaria de acrescentar alguma coisa e Breno diz que não.

Anderson observa as imagens e diz somente: “É uma construção”. A pesquisadora questiona se é o que a imagem mostra para ele, e Anderson, demonstra características de pensamento concreto, ou, como estabelecido por Furth (1968), *concret minded*, ao responder: “Não, parece...não sei. É, eu nunca fui lá”. A pesquisadora busca contextualizar, explicando que uma barragem rompeu e a lama caiu sobre a cidade. Anderson insiste “Não sei, nada. Nunca vi sobre isso”.

A pesquisadora indaga se não viu na televisão e a resposta de Anderson foi muito confusa. Não é possível saber se Anderson entendeu que a pesquisadora indagou se ele havia assistido sobre as tragédias de Brumadinho e Mariana ou se era sobre assistir TV de maneira geral, porque a resposta de Anderson, foi, literalmente: “Eu não vi, com 1 ano eu não sabia nada. Pode ser que eu tenha visto, mas eu não sei de nada. Talvez minha mãe me ensinou, porque ela me ensinava quando eu era pequeno, quando tinha 1 ano de idade, estava acostumado com isso. Minha mãe quando vê as coisas vai me falando,

até coisas de muito tempo atrás, mas com 1 ano não contava nada”. Então a pesquisadora indagou se ele estava falando sobre a imagem e ele confirmou: “Sim, sobre isso”. A pesquisadora perguntou se ele sabia onde tinha acontecido o que a imagem retratava e Anderson disse não saber. E, ao ser indagado se desejava falar mais alguma coisa, simplesmente disse que não.

Imagem 3: Astronauta

Da mesma forma que Flora, Breno associa a imagem do “passeio espacial”, a um foguete: “É mundo, foguete” e continua “É mundo, foguete, isso mesmo [...] porque o mundo, o foguete para achar/encontrar mundo outro cada mundo. Terra, m-u-n-d-o (soletrou), mundo (sinal)



certo?” Breno demonstra conhecer a possibilidade de existência de outros mundos e de demais corpos celestes, conforme demonstra esse excerto da sua fala:

Mundo, mundo pequeno, sol, pedra solta, outro fogo, outra pedra, outro etc. sabe? Diferente. Porque foguete pesquisar encontrar mundo, outro mundo e evitar meteoro passar destruir mundo, mundo ok, outro mundo orbita passando de cada vez, horário passa, orbita passa, noite e dia, outra noite e dia é orbita passando cada vez, porque foguete ver descobrir estrelas, fogo planeta, porque ver cometa (meteoro) passando no céu e pode atacar chão, é diferente a Terra. Porque foguete lá não tem ar morre, é perigoso. Foguete passando e sem ar, perigoso.

A comunicação em Libras de Breno, é ainda elementar. Palavras soltas. Basicamente utiliza somente substantivos, como uma criança ouvinte que ainda está adquirindo a fala. Provavelmente, por nunca ter frequentado uma escola especializada, somente agora, na educação de jovens e adultos, está tendo contato com a Libras culta. A pesquisadora indaga se Breno gostaria de ir ao espaço, Breno afirma para a pesquisadora que “Nunca foi lá em cima”, como se uma vigem espacial estivesse ao alcance de todos e esclarece que apenas viu coisas sobre “foguetes” pela televisão, reafirmando “Nunca fui lá cima, nunca”. E encerra suas observações sobre esta imagem.

Anderson observa e sua atenção é direcionada, de imediato ao “planeta Terra!”. E continua, como se estivesse falando consigo mesmo “Deve ser muito frio, eu acho, é bem frio”. A pesquisadora então aponta para o

astronauta na tela e pergunta “O que é isso?”. Anderson responde: “É um homem, eu acho.” E a pesquisadora indaga se o homem está flutuando no espaço e Anderson concorda: “Flutuando no espaço. Eu vi, na televisão, e fiquei imaginando o foguete indo para o espaço, eu já vi sobre isso”. A pesquisadora indaga se ele tem vontade de ir ao espaço e Anderson responde “Tenho vontade, tenho mais vontade para adquirir experiência. Não quero ficar só imaginando [...] é difícil, muito difícil porque tem de preparar muito, estudar também é muito importante, precisa ser muito inteligente, isso não dá” A pesquisadora indaga se quer acrescentar mais alguma coisa e Anderson diz que não.

Bateria 3:

Imagem 1: pintura

Breno começa dizendo que está observando a imagem e diz que é bonito. A pesquisadora pergunta o que é bonito e Breno responde: “Homem...mulher [...] É pintura [...] desenho uma casa, casal em pé afastado, esse desenho dentro de casa, é pintura”. A pesquisadora



pergunta o que a pintura quer dizer e aponta para a figura da mulher, na tela do *notebook*. “Estou vendo. Mulher chorando, parece arrumou mala e foi embora do desenho”. Para Breno, o quadro (desenho) parece ser real, pois ele considera que a mulher “foi embora do desenho”, ou seja, relata o que provavelmente aconteceu e entende o “desenho” como um local real. A pesquisadora então indaga qual seria a razão para a mulher ir embora e Breno responde “Homem encostado em pé e mãos nos bolsos na calça, talvez brigaram dentro de casa, ele/ela colocara roupa mala por causa briga, embora. Mulher chorando nervosa. Sei lá. Acho. [...] triste, acho sim. Acho triste, nervoso, angústia. Passar foto. Paz. Só”.

Anderson fica observando e não diz nada, então a pesquisadora inicia a conversa e acontece o seguinte diálogo:

P: o que você vê?

A: É uma mãe há muito tempo.

P. Uma mãe. É um desenho, uma foto ou é uma pintura em tela?

A: Um desenho, não sei.

P: Olha, aqui e aqui (aponta a mulher, a mala e o homem) O que você acha que aconteceu?

A: Eu não sei.

P: O que você percebe?

A: Eu nunca, nunca.

P: O que você vê lá?

A: Eu nunca vi igual (reforçando ser *concret minded*)

P: Você não percebe nada?

A: Nada.

P: Não percebe e não sente nenhuma emoção?

A: Eu sinto que, eu vejo que é uma imagem do passado, que faz muito tempo e está até hoje, imagem está ótima

P: Você não vê nenhuma tristeza, nada?

A: É... parece que tem uma tristeza ou nervosismo ou uma preocupação

P: Por quê?

A: Eu não sei, talvez, ele está mandando e ela está com medo

P: O que mais?

A: Não sei

Para Hans Furth (1968) filhos surdos, de pais ouvintes, que não têm oportunidades de frequentar um ambiente linguístico que lhes possibilitem trocas simbólicas, permanecem, segundo a teoria piagetiana, no estágio operatório concreto, ou seja, precisam vivenciar concretamente as situações, não são capazes de raciocinar por hipótese, embora consigam trabalhar, constituir família, e viver sua vida de maneira relativamente autônoma.

Imagem 2: Pintura abstrata

Breno demonstrou estar com dificuldades para entender a imagem e assim se expressa, novamente utilizando apenas substantivos: “Xadrez, quadro, desenho com setas várias, mundo”. A pesquisadora pede para ele explicar melhor: “Desenho, jornal, desenho



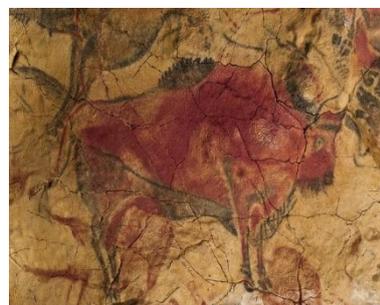
bagunçado livre espaço. É só colocar quadro desenho, fica bonito. Só”. A pesquisadora pergunta se ele sente alguma “coisa” ao olhar o quadro e Breno responde: “Não [...] não conheço como esse quadro”.

Já Anderson, começa indagando à pesquisadora: “O mundo desenhado, o que é isso?”. A pesquisadora devolve a pergunta indagando “O que que você percebe? É para você descobrir”. E Anderson responde: “São estrelas, é só isso mesmo, é”. E Anderson fez um sinal desconhecido pela pesquisadora, que perguntou o que significava ao que A. respondeu: “À noite pequeno brilha: estrelas”. A pesquisadora retruca: “Estrelas?”. E Anderson diz “Não sei [...] eu nunca, nunca vi as estrelas desse jeito”. A pesquisadora indaga o que mais ele percebe e ele responde simplesmente “Mais nada”.

Em nossas análises da interpretação desta imagem pelos colaboradores do Grupo 4, foi possível identificar que Breno conseguiu descrever o que via, enquanto A. imaginou estrelas e trouxe o que imaginou como descrição. Nenhum outro colaborador da pesquisa identificou estrelas nesta imagem.

Imagem 3: pintura rupestre

Na sequência trazemos as respostas de Breno às perguntas feitas pela pesquisadora, que estamos indicando por [...], pois é possível inferir quais foram, pelas respostas de Breno. [...] “Boi [...] Desenho [...] É pedra na parede, é.[...] É antigo história. Eu pequeno cabeça zero, nasci cabeça zero (para indicar que não sabia nada) cresci. É desenho antigo”.



Por ser *concret minded*, Breno associa os tempos antigos a quando ele “era pequenininho”, da mesma forma que as crianças, que ainda não tem consolidado o conceito de tempo. Como exemplo disso, um dos sobrinhos da pesquisadora, quando era pequeno perguntou para a avó se quando ela nasceu “tinha dinossauros”.

A pesquisadora procurou esclarecer e perguntou se a imagem era de quando Breno era pequenininho e ele confirma: “Nasci cabeça zero, nasci. Porque muito antigo, as pessoas pequeninhas. Índios desenharam faz tempo antigo sim”.

A pesquisadora pergunta se foram os índios que desenharam e, Breno demonstra dúvida, hesita e acaba por responder: “Sim. Boi cor vermelho é boi. É pedra na parede relevo”. A pesquisadora pergunta: “O que você pensa disso?” e Breno dando de ombros responde: “Sei lá. Antigo homem que fez desenho”.

A pesquisadora insiste, tentando extrair mais informações de Breno “Por que você acha que o ‘homem antigo desenhou?” e Breno, novamente dando de ombros respondeu “Sei lá. Eu nasci cabeça zero não vi cabeça zero (inocente) fiquei estranho fez desenho pedra parede caverna desenho, chuva, muito, dentro de caverna não tinha casa, não tinha luz, boi... boi e boi atacaram frente chifres, desenho homem pequeno barbudo velho desenhou. Acho. Desenho cavalo também e boi só. Só boi mesmo”.

Devido ao conhecimento ainda precário de Breno, a respeito da Libras, até mesmo a tradução de suas narrativas para o português ficou prejudicada.

A pesquisadora avisa o Anderson que é a última imagem e pergunta do que se trata. Anderson observa e diz, rapidamente: “Uma cidade”. A pesquisadora estranha e pergunta porque Anderson acredita que seja uma cidade, ao que A. responde: “Eu acho, deixe-me ver, eu acho que é um boi [...] Um boi com as patas correndo na cidade”.

A pesquisadora pergunta qual cidade seria e Anderson responde que se trata de Maringá e diz que não conhece Maringá. Este fato nos aponta para as poucas possibilidades de construir capital cultural de Anderson. A cidade em que Anderson reside, é considerada ‘cidade dormitório’ de Maringá face a sua proximidade. A locomoção entre as duas cidades é feita pelas empresas de transportes coletivos de Maringá. Não existe ônibus de carreira entre as duas cidades. Você viaja de uma cidade a outra, pelo preço de uma passagem ‘de circular’ e, nem com essas facilidades, Anderson conhece Maringá. A pesquisadora insiste sobre a época da imagem, se seria antiga ou atual. E o pensamento concreto de Anderson novamente se manifesta: “Aqui é Sarandi, mas a imagem ela é antiga, essa imagem antiga é de Maringá”. A pesquisadora, ante a resposta de Anderson teve dúvidas se Anderson havia entendido “atual” como “aqui” e indagou, novamente, de forma mais explícita se o desenho era de

Sarandi ou de Maringá e, então, diante de sua dificuldade em formular hipóteses, responde simplesmente “Não sei, não conheço”.

Síntese das narrativas:

As interpretações das imagens realizadas pelos colaboradores desse último grupo, demonstram claramente, as dificuldades de construção de capital cultural provocada pela ausência de trocas simbólicas, pela pobreza do ambiente linguístico em que vivem. Entretanto, apesar de ambos manifestarem ‘pensamento concreto’ e possuírem o mesmo capital cultural institucionalizado e as mesmas condições econômicas, Breno demonstra maior capital cultural incorporado, decorrente de suas interações sociais, por exemplo, as viagens que Breno realizou com o irmão e a superproteção da mãe de Anderson, revelada na narrativa sobre a cachoeira. Também evidenciam a necessidade de ambientes em que os surdos possam adquirir a Libras. No caso desses dois colaboradores foi possível inferir que até o ingresso na EJA³², provavelmente eles se comunicavam mediante sinais domésticos, com a aprendizagem da Libras acontecendo tardiamente. De acordo com Piaget (1966) é mediante o desenvolvimento da linguagem que a criança deixa de apoiar seu pensamento em objetos concretos, para ser capaz de abstrair e raciocinar por hipóteses. O precário desenvolvimento da linguagem, muito mais do que seus baixos capitais institucionais fizeram com que ambos continuassem ‘*concret minded*’, ao contrário dos colaboradores do grupo 3, os quais, mesmo com o mesmo capital institucionalizado demonstraram maior capital cultural incorporado, resultante de suas trocas simbólicas, favorecidas, principalmente por meio de um ambiente linguístico rico.

³² Educação de Jovens e Adultos

Considerações finais

Nesta terceira década do século XXI, intensas mudanças, de todas as ordens, transformam a sociedade. Dentre essas, podemos destacar, o uso de imagens para representar, registrar, expressar e “[...] promover os acontecimentos que caracterizam a contemporaneidade marcada pela presença impactante deste fenômeno” (MACIEL, 2015, p.). Um exemplo disso, é a utilização de imagens para, por exemplo, convencer alguém a consumir, comprar, determinado produto. Entretanto, pesquisas como as de Lebedeff e Grüzmann (2021) e de Maciel (2015), apontam que, mesmo com as possibilidades proporcionadas pelo avanço de recursos tecnológicos disponíveis, como celulares e notebooks, a utilização de imagens ainda não alcançou o espaço escolar.

Essa não exploração de recursos visuais no ensino, particularmente, à medida que se avança em relação aos níveis de escolarização, empobrece a ação didática do professor em geral, mas ela se torna realmente um problema quando se trata da educação de surdos.

Entretanto, não se trata somente da inserção de imagens. Conforme argumenta Maciel (2015, p. XXXX) há necessidade de um letramento visual, de “[...] uma educação do olhar, para que a imagem possa se tornar instrumento, não só de comunicação, mas, também, de desenvolvimento de conhecimentos, como de instrumento para a prática de cidadania.

Esta investigação colabora com a apropriação da utilização de imagens pelo contexto escolar, particularmente na educação de surdos, ao identificar que, as imagens são interpretadas pelos surdos a partir de suas experiências visuais, que constituem a principal fonte de seu capital cultural incorporado.

A investigação realizada teve por objetivo geral identificar se o capital cultural do surdo é determinante na interpretação do significado de imagens, do qual resultaram os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar se é a descrição simples ou vivências anteriores que prepondera na narrativa de surdos

adultos escolarizados ou não criada a partir de uma imagem³³

2. Identificar quais aspectos do capital cultural dos diferentes sujeitos colaboradores são relevantes para o estabelecimento da narrativa.

O objetivo específico 1, teve como principal função, estabelecer um critério para identificar o capital cultural incorporado do colaborador, visto que, quando a narrativa se resumia a uma mera descrição, mesmo quando instigado pela pesquisadora foi possível inferir que o colaborador não possuía nenhuma outra informação a respeito, nem mesmo lembranças de vivências anteriores, o que possibilita inferir a respeito do capital cultural.

O objetivo específico 2 procurou identificar, a partir das narrativas dos colaboradores provocadas por uma imagem, quais aspectos do capital cultural foram mobilizados.

Para atender a esses objetivos, inicialmente foi aplicado um questionário, mas em forma de entrevista, de maneira que a pesquisadora poderia esclarecer eventuais dúvidas. A finalidade deste questionário foi identificar aspectos referentes ao capital cultural total do sujeito (compreendido aqui como a junção dos capitais culturais incorporado, objetivado e institucionalizado) de maneira a poder estabelecer aproximações dos colaboradores em grupos, para então poder cotejar as narrativas e identificar a influência do capital Cultural. Desta forma foram estabelecidos quatro grupos, sendo que os grupos 1 e 2 era constituídos por surdos com curso superior (embora não tenha sido o critério diferenciador e sim o capital cultural total, estabelecido pelo questionário. No grupo 3, foram alocados colaboradores que estavam cursando o Ensino Médio, ou que já havia concluído o Ensino Fundamental e, no grupo 4, os que ainda estavam cursando o Ensino Fundamental.

Os principais resultados deste questionário, além do estabelecimento dos grupos, são apresentados a seguir:

³³ Por imagem consideramos gravuras, fotos, pinturas, desenhos, ilustrações, *cartoons*, quadrinhos, etc...

Considerando as características pessoais dos participantes da pesquisa, foi possível constatar que, todos os colaboradores dos Grupos 1 e 2, apesar de possuírem condições de adquirir aparelhos auditivos de ponta, não pretendem utilizar próteses. Todos os colaboradores dos Grupos 1,2 e 3, mesmo que tenham sido protetizados na infância e mesmo até parte da idade adulta, não mais utilizam os AASI. Inferimos que estes colaboradores, ao ter conquistado o direito de se comunicar em sua primeira língua, estão se desvinculando dos modelos ouvintes. Já os colaboradores do grupo 4, gostariam de possuir aparelhos auditivos. Uma razão pode ser a baixa fluência em Libras, que limita a comunicação, bem como a pouca convivência com surdos que conquistaram ‘sucesso’ na vida, acarretando que Breno e Anderson. apenas tivessem como modelos, pessoas ouvintes. Breno e Anderson, não apenas gostariam de utilizar próteses, quanto de serem oralizados, enquanto essa vontade não apareceu entre os demais colaboradores, apesar de Francisca, por exemplo, ser oralizada e admitir que, com ouvintes prefere esta forma de comunicação.

Nenhum gostaria de fazer implante coclear e quanto ao uso da prótese auditiva, os que possuem capital cultural total mais elevado, que são mais críticos e consideram a surdez como um componente identitário, mesmo tendo condições de adquirir o aparelho, não pretendem utilizar, enquanto os de capital cultural total menor, gostariam de ter acesso a uma prótese de boa qualidade.

Todos os participantes da pesquisa, não fariam implante coclear, mas por motivos diferentes, em particular, os do Grupo 4, que não o fariam por receio de possíveis efeitos colaterais, enquanto os do Grupo 1 e 2, por exemplo, discutem a pertinência dessa cirurgia e consideram a surdez um componente identitário.

Os do Grupo 1, 2 e Silvano e Dirceu do grupo 3, não se sentem inferiorizados por serem surdos, que consideram “natural”, são fluentes em Libras, o que lhes proporciona acesso aos bens culturais e aos demais conhecimentos. Para esses colaboradores, todos os surdos deveriam ser fluentes em Libras, o que lhes favoreceria a construção da identidade. Os do grupo 4 se sentem dependentes das pistas auditivas que os aparelhos proporcionam; admiram os surdos oralizados” e não fariam implante coclear por

aspectos relacionados à saúde, o que, pode indicar que ainda estão impregnados pela abordagem oralista em que o modelo é o ouvinte.

Todos admitem, embora em graus diferentes, que possuem maior facilidade com a leitura do que com a escrita da Língua Portuguesa; utilizam Libras também nas comunicações virtuais e preferem a escola bilíngue.

Todos sofreram com o preconceito, na família, na escola e na sociedade. Todos ressaltam a importância do celular e de aplicativos, que podemos considerar como o instrumento responsável pelo considerável aumento na autonomia dos surdos da atualidade, dos letrados principalmente.

Feitas essas considerações de ordem geral, consideramos que pudemos alcançar os objetivos específicos e a consecução, do objetivo geral.

No que se refere ao objetivo específico: *Identificar se é a descrição simples ou vivências anteriores que prepondera na narrativa de surdos adultos escolarizados ou não criada a partir de uma imagem*³⁴, foi possível identificar que os colaboradores de capital cultural total mais elevado (grupos 1 e 2), não se limitaram à mera descrição da imagem, em nenhuma situação, tendo suas narrativas variando entre lembranças de experiências vivenciadas, incluídas aí, as lembranças e conhecimentos constituídos seja mediante acesso a recursos proporcionados pelo capital cultural objetivado, seja pelo capital cultural institucionalizado ou, pelas interações sociais e familiares. Isto se aplica, também, ao colaborador Silvano do Grupo 3 e de forma diferente, para Dirceu, uma vez que suas lembranças foram preponderantes, até mesmo dificultando a mera descrição de uma imagem, como aconteceu quando ele não identifica a mulher na pintura retratada na imagem 1 da Bateria 2.

A colaboradora Flora do grupo 3, em praticamente todas as imagens, apenas se expressava mediante as provocações da pesquisadora, de maneira que suas interpretações não se restringiam à mera descrição, em função das perguntas da pesquisadora, que acabavam por direcionar ora para lembranças, ora para justificativas criadas, como aconteceu, por exemplo, com a imagem do astronauta.

³⁴ Por imagem consideramos gravuras, fotos, pinturas, desenhos, ilustrações, *cartoons*, quadrinhos, etc...

Já os componentes do grupo 4, com exceção de Breno, que quando da imagem da cachoeira, trouxe lembranças de viagens realizadas, estes diziam o que viam, algumas vezes, de maneira equivocada, como quando Anderson disse ver estrelas na imagem da pintura abstrata. A pouca fluência em Libras também pode ter sido uma dificuldade na interpretação das imagens por esses colaboradores, o mesmo podendo ser dito, do fato deles aparentemente serem “*concret minded*”, ou seja, com dificuldades em raciocinar por hipótese, o que, limita a criação. Com a ausência de práticas culturais que promovessem lembranças ou constituíssem fonte de capital cultural incorporado, esses colaboradores, ficaram restritos à descrição simples e incompleta das imagens.

Quanto ao objetivo específico: Identificar quais aspectos do capital cultural dos diferentes sujeitos colaboradores são relevantes para o estabelecimento da narrativa, este foi alcançado, uma vez que quanto maior fosse o capital cultural total do colaborador, sua narrativa continha maior quantidade de elementos, mesmo quando se tratava de uma descrição, como no caso dos colaboradores do Grupo 1, Renê e Jorge, que não somente descreveram a casa retratada na imagem, como identificaram que ela não se situava no Brasil, por exemplo.

A imagem da maçã, foi bem ilustrativa deste fato, pois as diferentes narrativas de todos os colaboradores a partir desta imagem, apontam que a escolha desta imagem foi bem importante para o trabalho já que é uma fruta, faz bem à saúde, tem diferentes tipos de maçã, é importante para a economia da Argentina, está relacionada ao mito do criacionismo, à história da Branca de Neve e é o símbolo da Apple. Cada um dos colaboradores dos três primeiros grupos trouxera esses diferentes aspectos. Já os colaboradores do Grupo 4, também enriqueceram suas narrativas, pois a fruta proporciona lembranças, que foram desde recordar o momento em que pela primeira vez haviam comido uma maçã até o fato de realizar vitamina para os filhos, o que aponta como o capital cultural acaba por se constituir em uma espécie de “óculos interior” do sujeito na interpretação de uma imagem.

Em função da consecução dos objetivos específicos, consideramos ter alcançado nosso objetivo geral, ou seja, o capital cultural do surdo é determinante na interpretação do significado de imagens.

Desta forma, consideramos ser recomendável a exploração de recursos visuais na educação de surdos, atentando, todavia, para as possíveis diferentes interpretações que podem advir desta imagem. Uma recomendação é que, ao considerar uma imagem como facilitadora da aprendizagem, o professor inicialmente estabeleça, em sala de aula, um diálogo a respeito de quais conhecimentos cada aluno, em especial os surdos estão mobilizando, para que a intenção do docente se concretize.

Sabemos que muitas investigações ainda precisam ser realizadas para que as imagens possam, realmente, adentrar o cotidiano das salas de aula, como um recurso didático facilitador da aprendizagem. Esta investigação se constitui em um passo nesta direção.

Referências

- BARBOSA, M.L.V.; SOUZA, E.B.. Considerações sobre o processo de retextualização para Libras de texto em português por graduandos surdos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, n. 57.1, 2018. p493-521.
- BASTOS, C. L.; CANDIOTTO, K. B. B., **Filosofia da Linguagem**. Editora Vozes, 2007
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007a.
- BOURDIEU, P. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-79.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 39-65.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. *In*: BOURDIEU, P., **Coisas ditas**. Tradução de C. R. da Silveira e D. M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. Tradução de M. de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 71-80.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Orgs). *Escritos de educação*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2015, p. 79-88.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação, Campinas, Papyrus Editora, 1996
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão, revisão de Pedro Benjamim Garcia e Ana Maria Baeta. 3. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1992. p. 15-77.
- BOURDIEU, P. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. *In*: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a. p.17-59.
- BOURDIEU, P. *Lições da Aula*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Orgs). **Escritos de educação**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2015b, p. 73-78.

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004b. 86 p

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (Orgs). **Escritos de educação**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2015, p. 243-256.

BRASIL. **Lei decreto nº 3956, de 8 de Outubro de 2001**. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.

BRASIL. **Lei decreto nº 5626, de 22 de Dezembro de 2005**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. **Lei decreto nº 6949, de 25 de Agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.

BRASIL. **Lei federal nº 10098, de 19 de Dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

BRASIL. **Lei federal nº 10436, de 24 de Abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências

BUZAR, E. A. S. A singularidade visuo-espacial do sujeito surdo: implicações educacionais. **Dissertação** de Mestrado Não-publicada, Faculdade Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia Visual/Sinal na educação de surdos. In: QUADROS, Ronice M.; PERLIN, Gladys (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

CAMPELLO, A. R. e S. Aspectos da visualidade na educação de surdos. **Tese** (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:

<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>. Acesso em: 29 ago. 2021.

CARMIGNOLLI, A. O. L.; A influência dos capitais cultural, social e econômico no sucesso da trajetória escolar, UNESP-ARARAQUARA, 2019

CARNEIRO, M. I. N., O uso social das tecnologias de comunicação pelo surdo: limites e possibilidades para o desenvolvimento da linguagem-**Dissertação** – Maringá. UEM. 2016

CATANI, A. M. Pierre Bourdieu: um estudo da noção de campo e de suas apropriações brasileiras nas produções educacionais. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, V, Braga (PT), 2004. Actas. Braga, Portugal: Universidade do Minho, Braga, 2004.

CICCONE, M. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Editora Cultura Médica, 1990.

COUSIN, A. A. O.; ANDRADE, D.; SANTOS, V.M.dos. O desempenho em matemática de alunos das escolas públicas do município de Maringá/Pr, fundamentado no capital cultural de Bourdieu. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 11, n. 24, p. 118-129, set./dez. 2019

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FELIPE, T. A estrutura frasal na LSCB. In: **Anais** do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. **Revista de Educação Especial**, v. 22, n.34, p. 225-236, Santa Maria/RS, 2009.

FERNANDES, S. F. Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FERNANDES, S. **Letramentos na Educação Bilíngüe para Surdos**. In: BERBERIAN, Ana Paula; MORI-DE-ANGELIS, Cristiane C.; MASSI, Giselle. (Orgs.). **Letramento: Referências em saúde e Educação**. 1ed. São Paulo: Plexus, 2006, v. 1, p. 117-144.

FERREIRA, A. B.S. A contribuição da retextualização na aula bilíngüe Libras-Português. **Percursos Linguísticos**, v.3; n.1, p.40-51, Vitória/ES, 2011 (ed. especial).

FURTH, H. Thinking without language: the psychological implications of deafness. New York: The Free Press, 1968.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Ed. Parábola Editorial, 2009

GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GOMES, M. C.. Lugares e representações do outro: a surdez como diferença. Porto: CIIE/Livpsic, 2010.

GONÇALVES, Nadia G. e GONÇALVES, Sandro A. **Pierre Bourdieu:** educação para além da reprodução. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GUARINELLO, A. C.. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. 2.ed. São Paulo: Plexus, 2007.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

Hall, S. A. Identidade e diferença: **A perspectiva dos estudos culturais.** Thomas Tadeu da Silva (org), Kathrin Woodward Ed. Vozes, 15^o edição, 2014

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. Esclarecendo as deficiências. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

JOLY, M.. **Introdução à análise da imagem.** Tradução: Marina Appenzeller. 14. ed., Campinas SP: Papirus, 2012. Coleção Ofício de Arte e Forma.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS):** estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. 1994. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.) **Cultura Surda na contemporaneidade.** Canoas: Ed.Ulbra, 2011.

KNAPP, M. L; HALL, J. A. **Comunicação não-verbal na interação humana.** São Paulo : JSN, 1999. 492p, il.

LACERDA, C. B.F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos.** Cadernos CEDES, vol. 19, n. 46, Campinas, setembro, 1998.

LANE, H. **When the mind hears:** a history of the deaf. Nova York: Vintage, 1989.

LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. **A journey into the deaf-world.** San Diego: Dawn Sign Press, 1996.

LANE, H.; **A Máscara da Benevolência**. Portugal, Editora Instituto Piaget, 1997

LABORIT, E. **O voo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LEBEDEFF, T. B. (2010). A educação dos surdos na região do planalto médio rio-grandense: uma problematização das condições lingüísticas e de escolarização. *In: Reunião Anual da ANPED, 33*. Caxambu, MG. **Anais ...** Rio de Janeiro: ANPED, 2010

LEBEDEFF, T.B.; Grützmann, T.P. Visualidade na educação: reflexões sobre sua importância e possibilidades de uso em sala de aula. **Educação Matemática em Revista – RS-** número 22 - v.2, 2021. p. 165

LINS, D. (org.). **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação** – Pierre Bourdieu. Campinas: Papyrus, 2000.

LUCHI, M. **A semiótica Imagética na Prática Docente e sua Relevância na Língua de Sinais**. Anais do VI Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo: UNISIOS, 2009.

LUCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico**. Dissertação de Pós Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Florianópolis, 2013

MACIEL, A. M. Possibilidades pedagógicas do uso da imagem fotográfica no âmbito do livro didático de Matemática. **Tese**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, 2015

MAFRA, L. A. A sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em reconstrução. *In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília; VILELA, Rita Amélia (Orgs.)*. **Itinerário de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 109-136.

MARQUES, C. V. M. Visualidade e surdez: a revelação do pensamento plástico. *In: Revista Espaço* nº 12. INES, dez. 1999, p.38-46.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. Editora Cortez, 1996.

MORÁS, N. A. B. A cultura da escola inclusiva na perspectiva dos alunos surdos. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN), da Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2017, 126 p. Disponível em <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3533>

MOURA, A. R. L.; LIMA, L.C.; MOURA, M.O.; MOISÉS, R.P.. **Educar com a Matemática: Fundamentos**. São Paulo: Cortez, 2016

MUZZETI, L. R. Trajetória social, dote escolar e mercado matrimonial: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40. 1997. 174 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

NOGUEIRA, C. M. I., BORGES, F. A.; Formação docente para a inclusão nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma análise a partir da formulação e adaptação de enunciados de problema matemáticos. Editora Educação Matemática em Revista. Disponível: <http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/revista/index.php/emr/article/view/1915>

NOGUEIRA, C. M. I.; CARNEIRO, M. I. N.; SOARES, B.I.N. **Língua Brasileira de Sinais**. Maringá/Pr: CESUMAR, 2017.

NOGUEIRA, C. M. I.; CARNEIRO, M. I. N.; SOARES, B I N. **Língua Brasileira de Sinais**. Maringá, Pr: CESUMAR, 2018.

NOGUEIRA, C.M.I.; ZANQUETTA, M.E.M.T.. **Surdez, bilinguismo e o ensino tradicional da Matemática**. In: NOGUEIRA, C.M.I. (Org.) Surdez, inclusão e Matemática. Curitiba: CRV: 2013.

SOARES, B. I. N.; NOGUEIRA, C. M. I.; BORGES, F. A. **Diferentes formas de apresentação de enunciados de problemas matemáticos: subsídios para inclusão de estudantes surdos**. In: VII SIPEM. Anais...Foz do Iguaçu, 2018.

SOARES, B.I.N; NOGUEIRA, C.M.I; ZANQUETTA, M.E.T.. **A influência da forma de representação dos enunciados no desempenho de alunos surdos na resolução de problemas das estruturas aditivas**. In: V SIPEQ – Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Anais... Foz do Iguaçu, 2018.

NOGUEIRA, C. M. I.; NOGUEIRA, B. I.; CARNEIRO, M. I. N. **Língua Brasileira de Sinais**. Maringá/Pr: CESUMAR, 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Padden, C., & Humphries, T. (2005) Inside Deaf Culture. Cambridge: Harvard University Press.

PEIRCE, C. S. (1999). **Semiótica**, trad. José Teixeira Coelho Neto. 3aed. São Paulo: Perspectiva. Tradução de: The Collected Paper sof Charles Sanders Peirce.

PEIRCE, C. S. (1993). **Semiótica e Filosofia**, trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo:Cultrix.

PEIRCE, C. S. (1974). **Charles S. Peirce**. in Os Pensadores, trad. Armando Mora D'Oliveira, Sergio Pomerang Blum e Luís Henrique dos Santos. São Paulo: Abril Cultural.

PEIRCE, C. S. (1968). Escritos lógicos. Madrid:Alianza.

PEREIRA, M. C. da C.; CHOI, D.; VIEIRA, M. I. da S.; GASPAR, P. R.; NAKASATO, R. Q. **Libras**: conhecimento além dos sinais. 1.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERLIN, G. Identidades surdas. *In*: Skilar, Carlos. (Org). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998

PERLIN, G. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade - Tese. Porto Alegre, UFRGS, 2003

PIAGET, J. **Psicologia de la inteligencia**. Buenos Aires: Siglo Viente, 1966.

QUADROS, M. R. **Língua de Herança**: Língua Brasileira de Sinais. Ed. Penso, 2017, 264 páginas.

QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M., MASSUTTI, M.; **CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato** – Capítulo 9 in: QUADROS, Ronice e PERLIN, Gladys (organizadoras), Estudos Surdos II p. 238-266. Editora Arara Azul, 2007

QUADROS, R. M. de. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 05, p. 81-111, 2003.

REILY, L. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. *In*: SILVA, I.; KAUCHAKJE, S. e GESUELI, Z. (Orgs.) **Cidadania, surdez e linguagem**. São Paulo: Plexus, 2003

REILY, L. Escola Inclusiva: Linguagem e mediação. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

SÁ, R. L. de. **Educação de surdos** - A caminho do bilinguismo. Niteroi-RJ: EDUFF, 1999

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTAELLA, L; **O que é semiótica**. São Paulo: brasiliense, 1999

SANTAELLA, L; **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Editora Thomson, 2005

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEGALA, R. R. Tradução, intermodal, intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, Dissertação, 2012. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94582>

SETTON, M. da G. J, Dossiê Pierre Bourdieu: uma introdução a Pierre Bourdieu. **CULT**, ano 11 nº 128, p 47 - 50. 2011

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, nº 20, 2002.

SKLIAR, C. **Uma perspectiva sócio-histórico sobre a psicologia e a educação de surdos**. In: Educação & Exclusão: Abordagens socio-antropológicas em educação especial SKLIAR, C. (org.). Porto Alegre: Ed. Meditação, 1997 p. 106-153.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, K.. L. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC (Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância), 2009.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.

STROBEL, K. L. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. 176 f. Tese de Doutorado em Educação – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

STUMPF, M. R. **SISTEMA SIGNWRITING**: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Orgs.) **A Invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2004.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005. 329 f.

VILHALVA, S. **Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul**, Ed. Arara Azul, 2012

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LINK

<https://www.ines.gov.br/>

<https://www.libras.com.br/ines>

<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/365-instituto-dos-surdos-mudos>

<http://www.letraslibras.ufpr.br/o-congresso-de-milao/>

<https://culturasurda.net/congresso-de-milao/>

https://www.gallaudet.edu/undergraduate-admissions?utm_source=Digital&utm_medium=ppc&utm_campaign=FUEL&gclid=EAlaIQobChMI55qM1pSF7wIVARKRCh1gQQGFEEAYASAAEgL-2PD_BwE

<https://ensino.digital/blog/conheca-a-unica-universidade-do-mundo-voltada-para-surdos>

<http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/080.htm> -
ESTUDO DA LÍNGUA BRASILEIRA DOS SINAIS E DA LÍNGUA DOS SINAIS
FRANCESA ATRAVÉS DA SUA FORMAÇÃO E DA INFLUÊNCIA DO
SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL DE MILÃO NA EDUCAÇÃO
DOS SURDOS, Liazid Bernarab, Celso Socorro Olivereira IV Congresso
Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial

ANPEDICE**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Prezado (a) _____

Eu, Marília Ignatius Nogueira Carneiro, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Universidade Estadual Paulista, estou desenvolvendo, em minha tese de doutorado, um estudo sobre a teoria de Bourdieu, em especial sobre os conceitos de capital cultural, desigualdade, violência simbólica, *habitus*, entre outros. Como as pessoas surdas se apoiam na visão para interpretar o mundo, essa pesquisa utiliza imagens (obras de arte, fotos da natureza, desenhos com situações do cotidiano) que serão mostradas para as pessoas entrevistadas, que serão solicitadas e narrar em Libras ou na Língua Portuguesa escrita o que as imagens as fizeram pensar ou lembrar. O objetivo é identificar se as imagens provocam nas pessoas surdas, com diferentes escolaridades as mesmas impressões. Isto é importante porque é muito recomendado o ensino para surdos apoiado em imagens, então é preciso saber como os surdos interpretam as imagens que observam. As entrevistas são compostas de quatro partes: a primeira, é uma espécie de questionário para saber sobre a história da pessoa colaboradora e depois são três baterias de atividades com imagens, cada uma com três figuras.

Considero importante contar com seu apoio para abordar a questão apresentada em minha pesquisa e assim, gostaria que me concedesse uma entrevista. A entrevista será gravada em vídeo, porém, a escrita é opcional, e o procedimento metodológico adota suas informações conhecidas e pensadas através de imagens e perguntas, com tradução da Libras para Língua Portuguesa, transcrição do que foi dito, para ser analisado e constar da tese de doutorado. Quanto à sua identificação no corpo da tese, esta acontecerá pela adoção de um pseudônimo, garantindo seu anonimato.

Contando com sua participação nas reflexões que serão propostas na minha tese, agradeço-lhe antecipadamente.

Atenciosamente

Marília Ignatius Nogueira Carneiro

Dra. Luci Regina Muzzeti

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, _____portadora do RG _____, declaro por meio deste instrumento que autorizo na íntegra, o uso de informações por mim oferecidas nesta entrevista, a partir da versão final de texto/vídeo produzido com base em minhas palavras.

Essa autorização inclui o uso de todo material produzido pelas entrevistas, em vídeo ou transcrito, veiculado de forma impressa e/ou digital na tese de doutorado desenvolvida por Marília Ignatius Nogueira Carneiro, no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista (UNESP), na linha de pesquisa Educação Escolar, **sob a orientação do Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti.**

Eu, _____, **após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Autorização de Uso de Entrevista.**

Maringá, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante/entrevistado(a)

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portadora do RG _____, declaro, por este termo, que concordei em ser entrevistada para a pesquisa de Doutorado, intitulada até o momento de **INFLUENCIAS DO CAPITAL CULTURAL NA INTERPRETAÇÃO DE IMAGENS POR ADULTOS SURDOS**, desenvolvida pela pesquisadora Marília Ignatius Nogueira Carneiro, no Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista (UNESP), na linha de pesquisa Educação Escolar, sob a orientação do Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti, a quem poderei consultar, a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail mincarneiro@uem.br

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informada do objetivo da pesquisa: investigar o que dizem os professores que ensinam Matemática para surdos e os surdos, que vivenciaram a mudança de paradigma do oralismo ao bilinguismo na Educação de Surdos.

Minha colaboração na pesquisa será na forma de entrevista semiestruturada, em Libras, a ser gravada em vídeo, a partir da assinatura dessa autorização e posteriormente traduzida/ transcrita e textualizada e/ou editada em vídeo, para constituir a base de dados da pesquisa. Antes que a versão final do texto e/ou vídeo seja implementada à dissertação, terei acesso à tradução/transcrição/textualização e/ou edição em vídeo, momento em que poderei vetar partes que considero inadequadas.

Posso ainda, me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo, ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento.

Eu, _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Maringá, ____ de _____ de 20__

Assinatura do(a) participante/entrevistado(a) _____

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora _____

Roteiro de Questionários

- 1- Qual é o seu nome completo e data de nascimento? Quantos anos você tem?
- 2- Qual o seu Estado Civil? Seu (sua) marido/esposa é surda?
- 3- Você tem filhos? Eles são surdos ou ouvintes?
- 4- Você é oralizado? Usa aparelho? Onde aprendeu a falar?
- 5- Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?
- 6- Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?
- 7- Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?
- 8- Você é fluente em Libras? Onde e como aprendeu Libras?
- 9- Sabe ler e escrever em Português? De zero a dez, que nota você dá para sua capacidade de ler em Português? E para sua escrita?
- 10- Onde e como você aprendeu ler e escrever em Português?
- 11- Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo? Quem?
- 12- Se você tem algum parente surdo, você tem contato com ele? Como se comunicam?
- 13- Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança? Como era essa comunicação? Qual pessoa da sua família se comunicava melhor com você?
- 14- Alguém da sua família é fluente em Libras?
- 15- Sua família participa da comunidade surda? Em quais situações?
- 16- Sua família respeita a Libras e a pessoa surda? Como é o relacionamento entre vocês?
- 17- Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?
- 18- Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

- 19- O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)
- 20- Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?
- 21- Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?
- 22- Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?
- 23- Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?
- 24- Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?
- 25- Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistas e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?
- 26- Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor ?
- 27- Os professores bilíngues e inclusivos aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc.
- 28- Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade??
- 29- Você teve professores particulares?
- 30- Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?
- 31- Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?
- 32- Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?
- 33- Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?
- 34- Você tem acesso a internet? Desde que idade?
- 35- Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

- 36- Qual o site você acessa mais?
- 37- Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?
- 38- E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?
- 39- Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?
- 40- Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?
- 41- Qual sua preferência em relação à programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa? Quais? (Na infância e atualmente)
- 42- Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, *facebook*, ente outros?
- 43- Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?
- 44- Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê?
- 45- Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?
- 46- Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?
- 47- Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?
- 48- Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, media, alta e muito alta)?
- 49- Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

- 50- Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?
- 51- O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?
- 52- O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?
- 53- O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?
- 54- Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?
- 55- Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?
- 56- O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?
- 57- Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?
- 58- Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?
- 59- O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?
- 60- Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?
- 61- O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?
- 62- Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

Roteiro para entrevistas com IMAGENS

Primeira Bateria

A seguir você verá três imagens/figuras representando objetos ou situações do nosso cotidiano.

Olhe para cada uma das figuras separadamente e invente uma história sobre a imagem. Também pode ser uma situação que você realmente viveu e a imagem fez você lembrar.

Você pode gravar vídeo em Libras ou pode escrever. Também pode escrever rascunho para ajudar pensar e depois faz o vídeo.

Figura 1



Use este espaço para suas ideias

2. Observe a figura a seguir. O que ela lembra para você? Também você pode imaginar uma situação e inventar uma história. Também pode entregar por escrito ou gravar em Libras. Você tem tempo para pensar e também pode fazer rascunho. O que você acha que as pessoas estão pensando? O que aconteceu?

Figura 2



Faça aqui o seu rascunho ou seu texto.

3. Agora é bem simples: UMA MAÇÃ!!!!!!

O que você pensa ou se lembra quando vê uma maçã? Não pode dizer somente Maçã é uma fruta! Precisa dizer um pouco mais do seu pensamento

Figura 3.



Faça aqui o seu rascunho ou seu texto.

Segunda Bateria

A seguir você verá novamente três fotografias que representam a nossa natureza em diferentes situações.

Olhe para cada uma das figuras separadamente. Você reconhece o que está vendo? Pense e invente uma história sobre a imagem. Também pode ser uma situação que você realmente viveu e a imagem fez você lembrar.

Você pode gravar vídeo em Libras ou pode escrever. Também pode escrever rascunho para ajudar pensar e depois faz o vídeo.

Figura 1.



Faça aqui seu rascunho ou elabore seu texto.

Para a Figura 2 trouxemos duas fotos para você entender melhor o contexto

Figura 2



Faça aqui o seu rascunho ou elabore seu texto

O que representa esta figura? Como esta foto foi tirada? Qual seu sentimento em relação a esta foto?

Figura 3



Faça aqui seu rascunho ou elabore seu texto.

Terceira Bateria

A seguir você verá novamente mais três imagens.

Elas representam obras de arte.

Olhe para cada uma das figuras separadamente. Você reconhece o que está vendo? Pense e invente uma história sobre a imagem. Também pode ser uma situação que você realmente viveu e a imagem fez você lembrar.

Você pode gravar vídeo em Libras ou pode escrever. Também pode escrever rascunho para ajudar pensar e depois faz o vídeo.

Agora, as imagens ficam bem bonitas! São obras de arte.

1. O que este quadro faz você lembrar? Qual seu sentimento quando olha para este quadro? O que você acha que o pintor estava pensando quando fez este quadro?

Figura 1



Faça aqui seu rascunho ou elabore seu texto.

2. Você já viu quadros parecidos como este? Qual seu sentimento quando olha para este quadro? O que você acha que o pintor estava pensando quando fez este quadro?

Figura 2



Faça aqui seu rascunho para gravar em Libras ou escreva seu texto.

3. E esta outra obra de arte? Você conhece? O que você acha que o pintor estava pensando? Onde você acha que ele pintou este animal?

Figura 3



Faça aqui seu rascunho para gravar sua história em Libras ou elabore seu texto

ANEXOS

Grupos de Colaboradores do Ensino Médio

Questionário do Anderson

1 - Qual é o seu nome completo e data de nascimento? Quantos anos você tem?

ANDERSON, 40 anos.

2 - Qual o seu Estado Civil? Seu (sua) marido/esposa é surda?

Amigado, esposa é surda e mais ou menos oralizada

3 - Você tem filhos? Eles são surdos ou ouvintes?

Um menino ouvinte, 11 anos

4 - Você é oralizado? Usa aparelho? Onde aprendeu a falar?

Não sou oralizado, uso aparelho auditivo

5 - Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?

Ensino médio incompleto, trabalho mecânico de bicicleta na fábrica

6 - Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?

Pai falecido, a mãe sabe escrever e ler um pouco, ela parou de estudar e é ensino fundamental.

7 - Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?

Irmã: ensino médio incompleto e um irmão completou de Ensino Médio. Meu filho está na 4º ano.

8 - Você é fluente em Libras? Onde e como aprendeu Libras?

Sei mais ou menos em Libras, aprendi com a professora Anadir, Asumar e comunidade surda.

9 - Sabe ler e escrever em Português? De zero a dez, que nota você dá para sua capacidade de ler em Português? E para sua escrita?

Pouco, nota 3 ou 4.

10 - Onde e como você aprendeu ler e escrever em Português?

Por causa legenda e a esposa ajuda.

11 - Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo? Quem?

Não, só eu.

12 - Se você tem algum parente surdo, você tem contato com ele? Como se comunicam?

Não

13 - Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança?

Como era essa comunicação? Qual pessoa da sua família se comunicava melhor com você?

Nada, só me dava bala

14 - Alguém da sua família é fluente em Libras?

Só tio faz gestos, ninguém usam em Libras.

15 - Sua família participa da comunidade surda? Em quais situações?

Pouco, só no Instituto Estadual de Educação de Maringá

16 - Sua família respeita a Libras e a pessoa surda? Como é o relacionamento entre vocês?

Mãe saiu de casa para trabalhar, me deixava eu ficar em casa sozinho, tinha 11 anos mais ou menos, ela não quer saber / aprender em Libras. Só irmã sabe mais um pouco de Libras.

17 - Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?

Só a irmã ajudava os estudos, ela sabe um pouco de Libras e estudos.

18 - Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

Meu irmão me ensinava pintar em casa, minha irmã me ensinava lixar madeira.

19 - O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)?

Minha esposa ajuda e acompanha, o sogro também ajuda ensinar para trabalho e estudos.

20 - Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?

Mãe dava pouco dinheiro, a família me deixa para passear e obrigava eu voltar cedo e não tarde.

21 - Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?

Não, zero!

22 - Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?

Gosto de viajar, já viajei para Santa Catarina uma vez e quero conhecer o Brasil inteiro.

23 - Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?

Mais surdos com fluentes em Libras

24 - Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?

Poucos amigos ouvintes que sabem pouco gestos.

25 - Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistas e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?

Gosto de sair restaurante chinês, mais ou menos pizza, gosto de escola e passear

26 - Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor ?

Só inclusiva, com interprete.

27- Os professores bilíngues e inclusivas aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc.?

Aceitam, eles sabem mais ou menos de Libras;

28 - Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade?

Não

29 - Você teve professores particulares?

Nunca

30 - Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?

As vezes, interpretes e professores perderam paciência quando eu não entendi e não aprendi.

31 - Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

Pouco material escolar, só sulfite para eu desenhar e comia balas só.

32 - Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

Mãe preocupa mais ou menos, insistia eu terminar o Ensino Médio e aprender mais palavras.

33 - Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

Uso mais celular por causa internet e também televisão

34 - Você tem acesso a internet? Desde que idade?

Mais ou menos 26 anos, acesso mais ou menos.

35 - Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

As vezes.

36 - Qual o site você acessa mais?

Uso mais google, filme e youtube.

37 - Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

Mais amigos surdos e a esposa.

38 - E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

Não

39 - Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?

Fico nervoso sem celular e desespero, preciso muito nele para manter comunicar.

40 - Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

Assisto sempre legenda, se não tiver legendo e fico presta atenção os gestos, jeito e expressão que estão representando. Mas fica difícil mesmo quando não tiver legenda .

41 - Qual sua preferência em relação á programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa ? Quais? (Na infância e atualmente)

Novela, filme e jornal.

42 - Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, facebook, ente outros?

Prefiro webcam e escrevo pouco

43 - Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

Nada.

44 - Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê?

Nada

45 - Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?

Sim, quando eu errar, minha mãe me mandava de castigo e aconselhava. As vezes não concordo ela mas obedeço.

46 - Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?

Alugada. 3 pessoas

47 - Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?

Tenho tudo.

48 - Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, media, alta e muito alta)?

Baixa

49 - Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

Fabrica de bicicleta, é auxiliar produção e mecânico de bicicleta. Trabalho para sustentar minha família (minha esposa e o filho).

50 - Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?

Gosto do meu trabalho, os colegas ouvintes só fazem gestos e fico só lendo com atenção os lábios deles mas não é fácil de ler. Minha esposa me ajuda interpretar quando eu precisar (reunião com o chefe, por exemplo).

51 - O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?

Acho não é legal igualdade, depende a renda familiar, a luta e os estudos que as pessoas esforçaram para ganhar bem. O certo é desigualdade social por causa renda e os estudos (graduação)

52 - O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?

Temos que respeitar, acho é feio bagunça (homossexual, ladrão, pobre na rua etc), cada um tem consciência, escolha pessoal e a decidir o que sabe e o que acha melhor.

53 - O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?

Pensam igual a mim.

54 - Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

Sim já.

55 - Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

Os ouvintes riam, falam palavrões, faziam gestos feios/engraçados e provocam de mim na praça de cathedral em Sarandi, a minha esposa me defende. Isso é ruim para mim.

56 - O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

Na verdade, a mulher é mais frágil e sensível (fraca) e homem é mais forte, mas penso o ideal é igualdade de dois sexo: Masculino e Feminino. Não é certo de mulher inferior.

57 - Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

Acho é falta de ajudar, interagir, compartilhar e contribuir, as vezes surdos (inteligentes) não ajudam e peço minha esposa me ajudar.

58 - Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

Uso aparelho auditivo na orelha direita.

59 - O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

Penso que pode arriscar a vida, não quero implantar.

60 - Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

Sei, pedi o CESUMAR que demorando, ganhei o aparelho auditivo na escola com a professora Anadir.

61 - O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

Prefiro com os surdos fluentes de Libras porque eu não entendo o que surdo oralizado quando fala, pode ser falta de comunicação, mas prefiro eles usem em Libras e fico feliz.

62 - Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

A tecnologia de hoje é ótima e crescendo muito, a minha família (mãe) continua igual (o mesmo jeito) e não desenvolvendo. A escola está caindo e precarizando, professores saíram cedo por causa pandemia Coronavirus e outros não sabem muito bem de Libras. Gosto de desenhar e pintar na aula da escola.

Questionário do Breno

Seu nome completo é BRENO, 33 anos de idade, é Solteiro e tem três filhos, são ouvintes. Não gosta de aparelho auditivo porque me dá dor de cabeça.

5) Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?

Ensino médio em andamento.

6) Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?

Não sabem de ler e escrever porque viviam em zona rural. Nunca estudaram, não tem escolaridade deles (leia a 18, o pai faleceu faz tempo).

7) Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?

Divorciado (sem certidão de casamento). A ex-esposa é 8º ano. Meus irmãos estão estudando no ensino médio. Não sei sobre escolaridade de meus avos paterno e materno porque eles faleceram quando eu era pequeno. Tenho três filhos, uma menina que tem 4 anos com 1º ano, e o menino de 3 anos com jardim zero, e uma bebezinha de 1 ano que ainda não começou de estudar.

8) Você é fluente em Libras? Onde e como aprendeu Libras?

Mais ou menos fluente de Libras. Aprendi por causa ANPACIN. A professora Valeria me ensinou sinais na sala de aula, também amigos surdos na mesma escola que brincávamos, conversávamos e interagimos através de uso em Libras.

9) Sabe ler e escrever em Português? De zero a dez, que nota você dá para sua capacidade de ler em Português? E para sua escrita?

Sei ler mais ou menos, escrever menos, digito mais de celular que é melhor que escrever. A nota aproximadamente de 0,6

10) Onde e como você aprendeu ler e escrever em Português?

Por causa legendagem, decoro pouco legenda, amigos soletraram palavras que aprendi algumas (palavras), e também envio/recebo mensagens pelo celular de meus amigos mais surdos e poucos ouvintes.

11) Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo? Quem?

Só eu, ninguém surdos no parente e na família. A ex-esposa, o tio dela é surdo, chama-se DAVID.

12) Se você tem algum parente surdo, você tem contato com ele? Como se comunicam?

Não tenho, so eu mesmo.

13) Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança? Como era essa comunicação? Qual pessoa da sua família se comunicava melhor com você?

Muito pouco. A família sabe apenas gestos quando precisa falar comigo, por exemplo, “campanhia seu amigo surdo lá fora”. A minha mae conversa mais comigo porque ela me chama para sair mercado, padaria, açougue por isso deve conversar comigo nos lugares.

14) Alguém da sua família é fluente em Libras?

Sabe mais libras é a minha tia, a família não sabe nada, não ajuda.

15) Sua família participa da comunidade surda? Em quais situações?

Nada. Na ANPACIN, eu frequento sozinho, nenhuma família. As casas de amigos surdos, só eu. Não ela frequenta na comunidade surda.

16) Sua família respeita a Libras e a pessoa surda? Como é o relacionamento entre vocês?

Minha família não tem paciência, ela me pedia/deixa eu sair de casa (as vezes é alivio/problema da família) e visito nas casas de meus amigos surdos. Eles não ajudam em Libras para mim, tentei ensinar libras, mas eles não tem paciência porque não conseguem e não aprendem, me falavam assim “Não quero, é difícil de Libras”. A família me ignoram e não ligam.

17) Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?

Minha tia me ajuda interpretar p eu conseguir emprego, escola. Ela é joia (ótima).

18) Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

Meu pai faleceu faz tempo. Meus irmãos me pediam o que eles precisam, por exemplo, arrumar luz na lâmpada, interruptor, tomada, ligar fogo no fogão, só.

19) O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)?

Não, quase sempre sozinho. Se preciso alguma coisa, eu chamo minha tia telefonar, interpretar, ir comigo para outro lugar quando preciso. Nada minha mae, nem meus irmãos.

20) Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?

A família me levava passear só ate minha idade de 15 anos, as vezes minha mae e os meus irmãos me davam dinheiro, é raramente. Me deixa eu sair sozinho, não me preocupam.

21) Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?

Sempre viajo para Curitiba, meus tios moram lá, aproveito sempre passar para Paranagua porque praias são perto desta cidade. Apenas dezembro. Quero viajar para Paraguai, já fui la e quero mais. Também fui Argentina e Uruguai, quero viajar mais. Meu tio é caminhoneiro, viajo com ele e o meu irmão.

22 - Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?

Campo Mourão, Cascavel, Toledo, Foz do Iguaçu, São Paulo só. Quero ir para Paraguai, já fui e quero ir mais, já fui para Argentina e Uruguai, quero ir mais. Quero viajar mais, meu tio é caminhoneiro, eu e irmão sempre acompanhamos com ele.

23) Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?

Tenho, 5 surdos oralizados e pouco surdos fluentes de Libras, alguns não são fluentes de Libras.

24) Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?

Tenho, alguns me falam devagar (para eu ler lábios), e entendo. Outros escrevem para eu ler.

25) Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistarias e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?

Gosto mais shoppings, cinema, chopp, pizza, lanches e passeio. Todo sábado, frequento na igreja católica com 3 meus amigos surdos. Muitos surdos passeiam comigo. Gosto de ir para escola, biblioteca, leio pouco e vejo celular, acompanho minha esposa.

26) Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor ?

Escola inclusiva, até 5º ano do colégio Lisboa, localizado em Sarandi-PR. A ANPACIN, bilíngue é melhor que inclusiva. A inclusiva é mais ou menos melhor, não tinha interprete. Até 13 anos, estudei na escola inclusiva, não tinha interprete, a professora Maria me ajudava e sabia pouco de libras. Depois de 14 anos, fui estudar na ANPACIN.

27- Os professores bilíngues e inclusivas aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc.?

As duas me ajudavam, aceitavam eu ser surdo.

28 - Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade?

Não muito, só me brigou porque fiz bagunça e professores diziam “pare de fazer bagunça” e beliscaram minha orelha.

29 - Você teve professores particulares?

Nunca

30 - Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?

Não tiveram problema com a interprete. Na CEEBJA tem três interpretes. Prefiro com interprete na sala de aula.

31 - Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

Minha mãe ajudava só livro e uniformes. Me levava passear simples.

32 - Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

Minha mãe preocupava e insistia eu concluir de formação de ensino médio e me brigava muito para não faltar as aulas.

33 - Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

Uso mais celular, e pouco TV (as vezes).

34 - Você tem acesso a internet? Desde que idade?

Uso mais google para me ajudar pesquisar, por exemplo, descrição sobre coronavirus. Comecei de usar dos 30 anos de idade.

35 - Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

Todos os dias uso pelo celular.

36 - Qual o site você acessa mais?

Google

37 - Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

Uso whatsapp mais para comunicar com os amigos, meu irmão, minha mãe não sabe ler.

38 - E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

Nunca tive computador, cresci e não tive computador mesmo, não uso e-mail não sei mexer. Só uso whatsapp.

39 - Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?

Fico nervoso sem recursos tecnológicos, na época eu irmão via aqui e conversava pessoalmente, não tinha telefone. Meu telefone teve problemas, fiquei sem ele e estava nervoso. Preciso comunicar e avisar no celular.

40 - Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

Uso sempre legenda, insisto com legenda sempre, é novo aparelho da TV que vem controle no botão CC e vem legendado, sempre vem legenda. Ajudou aprender as palavras para mim e minha esposa pouco, esforçamos aprender mais ainda é difícil.

41 - Qual sua preferência em relação à programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa? Quais? (Na infância e atualmente)

Gosto de globo, uso mais jornal, novela e filme.

42 - Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, facebook, ente outros?

Gosto os dois (escrita e webcam), mais escrita do que webcam, Tenho dificuldade de português.

43 - Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

Catolica, frequento na igreja católica com a professora Elenira, muitos surdos faltaram na missa, ela fica triste e disse “Deus é que sabe”. Minha família não me obrigava de igreja, eu mesmo decido.

44 - Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê?

Não, costume de católico. Minha ex esposa é CCB, não tinha interprete e a igreja católica tem.

45 - Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?

Sim, me aconselha para ajudar a tarefa em casa, aconselha as coisas certas todos os dias.

46 - Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?

Alugada, com 8 pessoas

47 - Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?

Tenho tudo, meus amigos me doavam alguns aparelhos e peguei alguns moveis e coisas no lixo e os consertei para funcionar em casa.

48 - Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, media, alta e muito alta)?

Classe baixa, pouco pobre

49 - Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

Catador de papeis, plásticos e latas para receber dinheiro e sustentar família comer. Minha esposa tem BPC, um amigo surdo que trabalha na coca cola ajuda em casa (ele mora aqui), ajudamos a dividir sustentar com 4 crianças.

50 - Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?

Levo coisas para reciclagem, chamo minha enteada Fabiana que ajuda interpretar aos homens na reciclagem .

51 - O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?

52 - O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?
Nenhum preconceito, tudo é igualdade, somos irmãos, cada um tem própria vida e escolha é cada uma.

53 – O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?
Pensam igual a mim.

54 – Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

Sim, a CEEBJA e ANPACIN, alguns ouvintes e surdos me chamavam burro, viado, cabeça dura. Eles me atacaram objetos e coisas (caneta, papel etc) na minha coisa e nuca. Eu só ignoro e fico quieto.

55 - Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

Aqui em Sarandi e Maringá, minha família me respeita e não provoca de mim, só surdos e ouvintes, escolas e lugares.

56 - O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

Não acho, para mim mulheres e homens são iguais, sou contra violência de mulheres agredidas, afasto homens ruins que fizeram. Para mim, mulheres são valorizadas, não é certo elas sejam inferiores.

57 - Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

Não incomodo, parablenizo para surdos inteligentes, acho certo que eles precisam ensinar e ajudar aos surdos não inteligentes. A interação é importante.

58 - Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

Usava aparelho auditivo, agora está quebrado, a família não tem dinheiro para consertar! Gosto de usar o aparelho auditivo AASI

59 - O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

Sou contra porque é perigoso com a chuva, prefiro aparelho auditivo

60 - Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

Sim, demorando muito, já passou por 3 anos, a SUS ainda não providenciou CESUMAR. Demorando muito.

61 - O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

Os dois são ótimos, ouvintes não sabem Libras e substitua oral, acho ajuda. Surdos oralizados tem que ajudar surdos não oralizados.

62 - Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

Crescendo muito, agora está parando por causa coronavirus, acho que está crescendo bem: escola, família e trabalho igualando.

Questionário do Dirceu

1) Qual é o seu nome completo e data de nascimento? Quantos anos você tem?

Dirceu. 61 anos.

2) Qual o seu Estado Civil? Seu (sua) marido/esposa é surda?

Amigado, ela é surda.

3) Você tem filhos? Eles são surdos ou ouvintes?

2 filhos, um é surdo e uma é metade

4) Você é oralizado? Usa aparelho? Onde aprendeu a falar?

Não oralizado, não uso aparelho auditivo. Nada.

5) Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?

Ensino médio incompleto.

6) Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?

Meus pais sabem ler e escrever alemão e português, eles concluíram no ensino médio completo.

7) Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?

A esposa concluiu no ensino fundamental, só falta de ensino médio. A Magali, irmã, concluiu no ensino médio. A outra irmã concluiu de graduação. Os meus filhos, um está fazendo mestrado e outra voltou estudar na faculdade.

8) Você é fluente em Libras? Onde e como aprendeu Libras?

Mais ou menos normal, aprendi com os amigos surdos adultos quando eu era pequeno.

9) Sabe ler e escrever em Português? De zero a dez, que nota você dá para sua capacidade de ler em Português? E para sua escrita?

Escrevo pouco e leio pouco mais. Eu leio e copio a escrever.

10) Onde e como você aprendeu ler e escrever em Português?

Tv, celular, pergunto alguém o que a palavra significa.

11) Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo? Quem?

Os pais são ouvintes, uma irmã é surda e outra é metade. Um tataratavo do meu pai era surdo.

12) Se você tem algum parente surdo, você tem contato com ele? Como se comunicam?

Tataratavo. Só família, irmã surda.

13) Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança? Como era essa comunicação? Qual pessoa da sua família se comunicava melhor com você?

Meus pais me obrigavam a falar, me batiam minhas mãos para não sinalizar quando eu era pequeno. Eles achavam eu era preguiçoso de aprender a falar. Meu pai queria eu estudar na escola especial em Curitiba, e minha mãe não quis e me levou para escola APAE. A diretoria da APAE me percebeu que eu não tinha problema de cérebro, ela aconselhou minha mãe ir para escola comum, fomos para escola comum, minha mãe implorava e chorava, a diretoria da escola comum ficou com dó e me deixou eu entrar e matricular. Fiquei na escola comum até aproximadamente de 16 anos, minha mãe me levou para SENAI, implorou muito e chorou porque a diretoria da SENAI achava que o surdo é impossível, então entrei, professores fizeram teste e avaliação. Passei a teste, estudei de 16 anos de idade até 20 anos.

14) Alguém da sua família é fluente em Libras?

Pai mais ou menos, a mãe sabe mais, irmã sabe porque tinha ex marido surdo e também irmãos surdos (eu e a Magali). A outra irmã surda sabe.

15) Sua família participa da comunidade surda? Em quais situações?

Não, difícil e participa pouco.

16) Sua família respeita a Libras e a pessoa surda? Como é o relacionamento entre vocês?

Antes não deixava, agora sim.

17) Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?

Minha avó ajudava, deixava eu usar Libras, a mãe não deixava e agora deixa sim. A vó ignorava meus pais e comunicava gestos comigo.

18) Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

Meu pai ensinava pouco, meu tio me ensinava mais sobre casa, meu amigo me ensinava marcenaria. Me lembro quando tinha 10 anos e subi escada e tentando mexer fios da lâmpada no teto (curiosidade), meu avô me viu e correu desesperadamente, me mandou não mexer fios e descer a escada.

19) O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)?

Tudo pouco porque eu penso só trabalhar.

20) Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?

Não muito, pouco. A vovó me dava dinheiro. Saio sozinho, eles me obrigavam eu chegar mais cedo e não deixavam tarde.

21) Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?

Só praia, muito pouco. Uma vez por 5 anos mais ou menos.

22 - Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?

Gosto mais trabalhar, não gosto de viajar porque me acostumei pela minha família que só pensa trabalhar.

23) Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?

Tenho, mais fluentes de Libras.

24) Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?

Pouco, só gestos não foram fáceis de comunicar comigo, alguns só riam de mim.

25) Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistas e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?

Frequento igreja, pouco passeio, restaurante, shopping, pizzaria. Frequento pouco de teatro por causa filho surdo.

26) Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor ?

APAE, tinha 4 surdos, estudei com eles

27- Os professores bilíngues e inclusivas aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc.?

Aceitavam mais tiveram dificuldade de comunicar comigo.

28 - Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade?

Não, só falta de comunicação. Nunca tive particular.

29 - Você teve professores particulares?

Não.

30 - Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?

Nunca

31 - Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

Só jogo de dominó, dado com pino.

32 - Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

Preocupavam sim, minha mãe exigia eu terminar de ensino médio. Parei de estudar porque ouvintes me riam e provocaram. Meu pai foi na reunião na escola e falou com os professores. Os professores ficaram bravos com os alunos ouvintes, eles dizem se alunos ouvintes continuam e vão dar nota zero.

33 - Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

Acesso mais celular e notebook do que TV

34 - Você tem acesso a internet? Desde que idade?

Sei. Mais ou menos 47 anos de idade.

35 - Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

As vezes, evito muito porque é perigoso

36 - Qual o site você acessa mais?

Noticias e informações, vários sites e também youtube.

37 - Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

Filhos amigos esposa familia

38 - E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

39 - Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?

40 - Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

41 - Qual sua preferência em relação á programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa ? Quais? (Na infância e atualmente)

42 - Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, facebook, ente outros?

43 - Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

44 - Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê?

45 - Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?

46 - Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?

47 - Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?

48 - Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, média, alta e muito alta)?

49 - Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

50 - Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?

51 - O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?

52 - O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?

53 – O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?

54 – Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

55 - Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

56 - O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

57 - Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

58 - Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

59 - O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

60 - Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

61 - O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

62 - Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

Questionário da Flora

- 1) O seu nome completo é Flora, tem 31 anos, casada,
- 2) o marido é surdo (Elton).
- 3) Não tem filhos. Só em Libras,
- 4) tinha 10 anos tirou aparelho porque incomodava barulhos (moto, carro, outros).
- 5) Quando ela era pequena, treinava a falar um pouco na escola, surgiu a Lei que permitiu o uso de Libras,
- 6) e comecei parar de falar e usando Libras.
- 7) Está no Ensino Médio em andamento, não conclui de graduação.

10) Os pais não sabem de escrever e ler, eles pararam de 5º ano porque eles viviam na zona rural e a vontade deles apenas trabalho e não estudos.

11) O meu marido concluiu de segundo grau. Ela tem três irmãos, um deles parou de 8º ano por sua vontade de trabalhar. As duas irmãs que pararam de segundo grau (ensino médio) porque querem trabalhar. Só tenho uma avó paterno que ainda está viva e os restos estão falecidos. Não sei nada a escolaridade de meus avos (materno e paterno).

12) Ela acha pouco fluente de Libras, aprendeu em Libras por causa escola de surdos em Toledo-PR. A nota de escrita e a de leitura são 2, sabe pouco. Aprendeu português escrito por causa legendagem nos filmes.

13) Só tio surdo que mora em São Paulo, sabe pouco de Libras, oralizado e usa aparelhos auditivos. Só eu, surda e não família.

Só tio mesmo. O marido Elton tem muitas pessoas surdas da família/parente dele, acho aproximadamente 10 pessoas surdas, não tenho certeza.

14) A mãe sabe pouco Libras e gestos, o pai só fala oral mas fico incomodando. Meu irmão usa pouco de Libras, e duas irmãs sabem Libras (não muito bem). Mais uma irmã falecida, sabia muito bem de Libras, ela era perfeita de Libras. Irmão muito pouco, duas irmãs são boas de Libras, e uma irmã falecida era perfeita de Libras (já tinha dito item 13).

15) Família não participa comunidade surda, so a Flaviane mesmo. Eles não querem participar/frequentar.

16) A família respeita porque é filha dos seus pais e irmã dos seus irmãos, também a respeitam e respeitam seus amigos surdos. Alguns amigos das suas irmãs tiveram interesses sinais e perguntaram como falam em Libras, ela ensinou alguns sinais, por exemplo como fala “oi”, ensinei sinal oi. E outros amigos delas tem preconceitos.

17) Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?

A mãe me ensina algumas palavras, por exemplo, palavra “MESA”, me ensina sinal SOLETRADO M-E-S-A, simples, também ensina matemática básica (ensina mais). Minha avó soletra os nomes de pessoas só. Minha irmã falecida me ensinava português escrito (texto), comecei melhorar aprender em português, quando ela faleceu, parei de aprender.

18) Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

A minha mãe só ensina cozinhar arroz, feijão, carne, etc., também ensina limpar casa, lavar banheiro para que eu aprender quando me caso e “já tinha aprendida de saber de fazer”.

19) O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)

A mãe me leva passear igreja, visito no trabalho dela (ela é domestica), o pai só ia ao bar, quando ele estiver bêbado, cuido dele. Meus irmãos sempre me levam para passear em vários lugares: bar, casa dos amigos deles.

20) Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?

A mãe me preocupa e cuida muito de mim, ela não me deixava de eu ir sozinha. Se meus amigos surdos/ouvintes saíram comigo, ai ela deixa. As vezes meus pais e avó me deram dinheiro.

21) Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?

Costumamos de viajar é natal (dezembro), visitamos a família do meu marido em Campo Mourão. Depois de natal, iremos para minha família em Toledo-PR. O fim de natal, iremos para São Paulo, só nós dois passearmos.

22) Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?

Tenho vontade de conhecer em Rio de Janeiro, DISNEY e vários países. O meu marido tem vontade é DISNEY, mas não temos dinheiro suficiente.

23) Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?

Só Libras mesmo, tenho muitos amigos surdos.

24) Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?

Tenho, alguns sinalizam em Libras e outros bimodais foi por isso eu ensinei libras para eles.

25) Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistarias e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?

Frequento mais shopping, cinema, passear para comer fora, visitar de casas de amigos surdos para comer churrasco e filmes. Gosto mais de filmes.

26) Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor?

Já estudei de escola inclusiva e bilíngue, para mim inclusiva é melhor (por causa CEEBJA supletivo) para eu aprender português com palavras novas. Bilingue é melhor para eu aprender/entender claro em Libras

27) Os professores bilíngues e inclusivas aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc.?

Professores bilíngues me respeitam e aceitam eu ser surda. Professores inclusivas também, igual professores bilíngues.

28) Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade?

A relação de professores bilíngues mais fácil de usar em Libras. Os professores inclusivas são poucos difíceis para mim por causa língua oral, na sala de aula meus amigos me ajudam gestos/libras (pouco) para mim.

29) Você teve professores particulares ?

Nunca, só públicas.

30) Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?

Interpretes são ótimos, têm éticas sim que vejo (observo) eles. Eles me ajudam tirar duvidas e nunca passam cola para mim. É importante de ter interprete do meu lado, isso ajuda a desenvolver de meus estudos.

31) Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

Minha mãe comprava material escolar, meu pai só me deu notebook p eu usar. Esportes, não gosto. Brinquedo, adoro de cachorro de pelúcia só.

32) Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

Não preocupavam minha formação escolar porque é meu direito de escolher. Se paro de estudar, eles ignoram. Se continuo de estudar, eles agem o sentimento normal.

33) Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

Uso mais notebook, celular, TV menos.

34) Você tem acesso a internet? Desde que idade?

Tenho internet desde 18 anos de idade.

35) Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

As vezes uso internet.

36) Qual o site você acessa mais?

Uso mais instagram, menos facebook e frequento site do netflix.

37) Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

Uso celular para enviar, sempre entro webcam para minha mae. Whatsapp para surdos.

38) E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

E-mail, uso ver noticias, mensagens sobre contas para pagar, uso pouco de email.

39) Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?

Fico nervosa, sou viciada de celular.

40) Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

Sempre leio legenda nos filmes, se não tiver legenda eu pularei ou abandono filme (sem legenda), e procuro outro filme COM LEGENDA, ai aceito de assistir.

41) Qual sua preferência em relação á programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa ? Quais? (Na infância e atualmente)?

Novela e filmes, gosto muito de assistir, também gosto de assistir jornal na TV na Globo.

42) Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, facebook, ente outros?

Uso mais webcam no whatsapp, Para escrita, uso mais instagram. Prefiro de usar escrita.

43) Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

Minha família é católica, todo sábado vou para igreja com a minha mãe, sem interprete e só leio labial dela, paciência. A mamãe não me obriga e sim respeita, por exemplo, se não estiver bem, ela respeita e vai para igreja sozinha.

44) Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê?

Fui evangélica com minha amiga ouvinte por ter interprete há, frequentei 3 anos e não sei o nome da igreja. E depois voltei para católica porque minha mãe quer ir junto comigo pois ela me chama para ir igreja.

45) Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?

A família tem problema, sim. Já briguei com os pais, irmãos, cresci e mudei minha vida como adulta, respeito a mamãe e parei de brigar, quando olho a minha família estiver problema, saio de casa sem saber. Obedeço o pai e a mãe. Só uma irmã, não sou próxima como intimidade, não combino ela.

46) Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?

É cedida, pertence à minha mãe, moro de outra casa no mesmo terreno dela. A minha casa, só eu e o marido, outra casa só mãe, um irmão e uma irmã. O pai é divorciado, mora outra casa longe. Outra irmã é casada e mora outra casa. Sou mais velha, segunda é irmã que é casada, terceira irmã e a caçula é irmão são solteiros.

47) Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?

Completo. Só não tenho ar condicionado.

48) Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, media, alta e muito alta)?

Simples, é classe baixa como C ou D.

49) Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

Trabalho na empresa Alto Giro, faço corte (tecidos para roupa), sim sozinha com o meu marido, é separada de nossa vida casal e a família

50) Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?

Não fui promovida, as vezes não tiver serviço e vou para outro setor para ajudar aos outros funcionários que se precisar, muitos ouvintes conversam em Libras do que fala, a fala é muito menos. Nenhum preconceito, a empresa é grande.

51) O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?

Acho é por causa salario alto e ganha bem como empresário, bancário, secretário, economia. O pobre sempre pedir demissão e difícil achar bom emprego, o mais pobre de rua escmolando, ajudo dar o dinheiro 1 ou 2 reais ou moeda para ele. Se o pobre não tem comida, é falta em comida, compro comida no mercado e doou para ele. Também outro pobre passa na rua da frente de minha casa e pedindo comida, eu peço e combino a minha mae se permitir então doaremos comida para ele.

52) O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?

Etnia como negra, japonês, alemão, etc, para mim normal de ver a cor de pele (etnia) de pessoa, gordo/magro, normal. Alto/baixo, normal. Homossexual e Heterossexual como gay, lesbica e bissexual, para mim normal porque são direitos deles. Ouvintes são mais inteligentes, sim a maioria, depende alguns surdos são inteligentes e outros não são. A leitura, ouvintes são inteligentes sim. Os surdos, depende não sabem ler e outros sabem. Respeito a todos, minha irmã é lesbica, respeito ela.

53) O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?

A minha família respeita e conhece as todas diferenças de pessoas, não tem preconceito delas. Meu marido tem pouco preconceito, é gay.

54) Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

Já sofri preconceito, primeiro é escola que fui bullyng. Na rua, eu ando e pessoas me olham rindo por eu ser surda e sinais. No ônibus, eu e minha amiga ouvinte

sentamos e conversamos em libras, as duas pessoas sentam atrás de nos surdas (elas achavam era) rindo por causa surdas e Libras. Uma não é surda e ouviu, ficou brava e gritou para duas, e falou: “não sou surda, cuidado! Vai ter próximo problema do seu futuro”, elas ficaram quietas. No trabalho, normal.

55) Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

Falou tudo na pergunta 54

56) O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

Só vi meninas agredidas pelas mães na rua perto de minha casa. Para mim, continua igual todo ano distante, claro mulheres sofrem mais e homens menos. Vejo notícias ruins, a mãe foi para trabalhar e não viu o pai estupra a pequeninha filha, outros dias passando a mãe desconfiando e depois descobrindo denunciou para polícia que prendeu o pai. Muitas mulheres estupradas, que dó. A paz ainda não existe!

57) Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

Se algumas pessoas são inteligentes / conhecem mais e eu não, precisa me ajudar ensinar. Me sinto pouco triste, mas é assim, normal.

58) Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

Tinha 18 anos de idade, usava aparelho auditivo (AASI), me incomodei barulhos, som de moto e o de carro, me dava a dor de cabeça e os tirei. Até hoje, não uso mais.

59) O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

Não quero implante, mas implante não melhorou e nem é ótimo, vai ter problema do seu futuro.

60) Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

Sei sim. SUS em Sarandi não tem, não consegui achar. Eu e o meu pai fomos para o SUS em São Paulo de carro, três vezes de ida e volta, ganhei dois novos aparelhos auditivos gratuitos. É sim usar aparelho é importante, mas tem que ir

precisamente para fono toda semanalmente/todos dias para treinar a falar. Eu participei e desisti.

61) O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

Vejo e gosto de usar Libras, também gosto de pessoas surdas usarem em Libras. Tem alguns surdos que são português-sinalizado, são poucos. Para mim, normal. Uso mais libras, nenhum errado, normal.

62) Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

A escola de surdos melhorando, mas depende surdos faltam muito. A interprete, melhorou um pouco mais ou menos por falta de interprete que estiver ocupado/não tem. Preciso mais interprete para ajudar, difícil. A família de outros surdos são péssimos problemas, é falta de comunicação. A escola inclusiva, CEEBJA em Sarandi, ouvintes são ótimos e esforçaram aprender libras para comunicar nos surdos. A sociedade, lojas eu fico mais difícil é comunicação oral que não entendi bem o que vendedores falam, chamo o meu marido ir junto comigo e ele sabe falar um pouco, não tem interprete, so oral, que DIFÍCIL! Não tem cursos de Libras em Sarandi, acho a cidade é fraca. Me sinto que a sociedade tem metade é melhorando, e metade piorando .

Questionário do Silvano

1 - Qual é o seu nome completo e data de nascimento? Quantos anos você tem?

R: Silvano. 48 anos.

2 - Qual o seu Estado Civil? Seu (sua) marido/esposa é surda?

R: Casado. Sim é surda.

3 - Você tem filhos? Eles são surdos ou ouvintes?

R: Sim. Duas são ouvintes e um surdo.

4 - Você é oralizado? Usa aparelho? Onde aprendeu a falar?

R: Não. Não uso aparelho.

5 - Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?

R: Ensino Médio em formação.

6 - Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?

R: Sim. Ensino Fundamental.

7 - Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?

Minha esposa tem pós graduação. Ensino fundamental. Sem escolaridade. Minha filha mais velha pós graduação em formação, minha filha do meio está cursando a graduação e meu filho caçula está no ensino fundamental.

8 - Você é fluente em Libras? Onde e como aprendeu Libras?

R: Sim. Associação de Surdos de Maringá, em contato com outros surdos.

9 - Sabe ler e escrever em Português? De zero a dez, que nota você dá para sua capacidade de ler em Português? E para sua escrita?

R: Sim. Para leitura 7. Escrita 5.

10 - Onde e como você aprendeu ler e escrever em Português?

R: Na escola, nas séries iniciais.

11 - Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo? Quem?

R: Apenas minha irmã mais velha. Meu sobrinho que atualmente é filho adotivo.

12 - Se você tem algum parente surdo, você tem contato com ele? Como se comunicam?

R: Sim. Por meio da LIBRAS.

13 - Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança? Como era essa comunicação? Qual pessoa da sua família se comunicava melhor com você?

R: Não. Por meio de gestos próprios e mímicas. Ninguém.

14 - Alguém da sua família é fluente em Libras?

R: Minha esposa, meus filhos, minha cunhada, meus sobrinhos e minha irmã.

15 - Sua família participa da comunidade surda? Em quais situações?

R: Sim. Em palestras, associações.

16 - Sua família respeita a Libras e a pessoa surda? Como é o relacionamento entre vocês?

R: Sim. Meus pais não sabem libras, porém não deixam de conversar.

17 - Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?

R: Não. Havia comunicação com gestos.

18 - Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

R: Trabalho de pedreiro.

19 - O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)?

R: Saímos para comer. Com todos que moram em minha casa.

20 - Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?

R: Não.

21 - Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?

R: Não.

22 - Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?

R: Sim. Gostaria de conhecer Fortaleza. O outro país seria Estados Unidos.

23 - Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?

R: Sim. Alguns surdos são, outros não.

24 - Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?

R: Sim, através da Libras ou gestos.

25 - Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistarias e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?

R: Não.

26 - Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor ?

R: Sim. A bilíngue é a melhor.

27- Os professores bilíngues e inclusivas aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc.?

R: Sim aceitam.

28 - Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade?

R: Sim, a dificuldade na comunicação.

29 - Você teve professores particulares?

R: Não.

30 - Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?

R: Sim. Não, em alguns momentos, durante a aula, as interpretes conversavam entre si sobre assuntos aleatórios. Ajudam. Não, é melhor com interpretes.

31 - Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

R: Não, a situação financeira da minha família era precária.

32 - Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

R: Não.

33 - Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

R: Atualmente sim.

34 - Você tem acesso a internet? Desde que idade?

R: Sim. Há uns 2 anos.

35 - Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

R: Sim, sempre.

36 - Qual o site você acessa mais?

R: Redes sociais.

37 - Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

R: Sim. Com minha família, com a professora para atividades escolares e colegas.

38 - E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

R: Não.

39 - Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?

R: Atualmente é indispensável.

40 - Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

R: As vezes. Dificuldade para entender algumas imagens.

41 - Qual sua preferência em relação á programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa ? Quais? (Na infância e atualmente)

R: Gosto de assistir os jornais. Sim, noticiários.

42 - Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, *facebook*, ente outros?

R: Prefiro o facebook.

43 - Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

R: Sim, alguns. Acredito em Deus. Não, eles me respeitam.

44 - Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê?

R: Mudei. Por me sentir melhor.

45 - Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?

R: Sim, conversam e aconselham. Não concordo com tudo, em algumas coisas discordo no modo de pensar.

46 - Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?

R: Casa própria. Moram seis pessoas.

47 - Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?

R: Sim. Televisão, computador, notebook, celular..., etc.

48 - Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, media, alta e muito alta)?

R: Classe média.

49 - Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

R: Sim trabalho. Consigo, mas minha esposa me ajuda. Sou funcionário da UEM.

50 - Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?

R: Tranquila. Não. Sim tenho. Não nenhum deles sabe Libras.

51 - O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?

R: Infelizmente é uma situação muito comum no Brasil. Existem mais pessoas pobres. Pela falta de oportunidades.

52 - O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?

R: Nenhuma, somos todos iguais.

53 - O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?

R: A comunidade LGBT não é privilegiada.

54 - Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

R: Sim. Por ser surdo. Sofri preconceito na escola, dentro de ônibus..., etc.

55 - Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

R: Não.

56 - O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

R: Acho que estão no lugar que merecem, pois lutaram para conquistar.

57 - Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

R: Sim. Porque algumas pessoas tiveram oportunidade, no meu caso por exemplo, eu não tive.

58 - Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

R: Não uso.

59 - O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

R: Não gosto e não gostaria de fazer.

60 - Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

R: Sim.

61 - O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

R: Essencial, pois é a língua do surdo. A oralização é importante para comunicação com as pessoas que não sabem Libras.

62 - Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

R: Sim, temos a tecnologia a favor, o reconhecimento da Libras como uma língua oficial brasileira, e as pessoas não são tão preconceituosas como antes.

Questionário do grupo dos colaboradores do Ensino Superior

Questionário do Alfredo

1. Alfredo, e 32 anos.
2. Casado e esposa ouvinte.
3. Uma filha ouvinte.
4. Oralizado básico, sem uso aparelho e Aprendi na escola e fonoaudiologia.
5. Superior completo Administração e Letras/Libras. Especialização em Libras, Educação especial e TGD.
6. Sim e Superiores completos.
7. Esposa – Especialização,

Irmão1 – Especialização

Irmão2 – Ensino médio

8. Sim fluente em Libras. E no colégio bilíngue contato entre comunidade surda.
9. Sim ler e escrever bom, nota 9 de ler em português e 7 de escrita.
10. Aprendi ler e escrever no colégio bilíngue e também redes sociais.
11. Tinha tiavó moderna surda.
12. Difícil contato com ela era falava e escutava bem.
13. Quando eu era criança que, a minha família comunicação bom gesto com oralizado e principalmente mãe e irmãos melhores comunicação.
14. Todos são básico.
15. Difícil participava.
16. Sim respeita a Libras e pessoa surda. Relacionamento bom, mas tem problema não presta atenção visual.
17. Minha família ensinava pouco, maioria sozinho no colégio bilíngue.
18. Ensinaram alguns função do trabalho na empresa da família.
19. A família costumava negócio e ficaram de funerária numa família. E Aprendi coisa negócio, depois fiz negócio antônimo no anúncio pela internet.
20. Me levava no parque, e praia. Me dava dinheiro que irei para brinquedo de parque, comida no shopping. Sim deixava sair de casa na cidade de Marialva, depois cresci fui sair para outras cidades.
21. Na praia com a família e viajava nas cidades para entregar as urnas funerários.
22. Gosto de viajar na praia, fazer as compras no Paraguai. Queria conhecer na Alemanha e praias de nordeste.
23. A maioria dos surdos usam são fluentes em Libras.
24. Sim pouco, conhece uso gesto de sinais.
25. Frequentei quase tudo lugares, prefiro ir no barzinho com surdos, e a maioria dos surdos vão encontro de narguilé, mas não participei.
26. Fui na escola bilíngue é melhor relacionamento entre a comunidade surda e ajuda informação e conhecimento.
27. Os professores bilíngues aceitam Libras, depende os professores inclusivas não aceitar ou aceitar material e falta de conhecimento sobre cultura surda e não sabem sinais para ensinar.

28. Sim, teve problema com os professores de faculdade, não aceitava e entendendo escrita próprio surdo e não conhecimento sobre cultura surda.
29. Nunca
30. Sim, na faculdade teve problema. Depende interpretes têm éticas e não. Já vi outro surdo falou que interprete passava cola na prova e sabe proposta me dar (acertou e errou). Se sem interprete na sala de aula é prejuízo aprender informação.
31. Investia em brinquedos, livros (só olhava as imagem nem ler), e televisão com legenda.
32. Pouco, meus pais precisavam que eu terminar ensino médio e fiz sozinho na faculdade, eles ajudam.
33. Celular, computador, televisão e aplicativo.
34. 13 anos
35. Todos os dias, buscando os informação na internet.
36. Facebook e gmail.
37. Esposa, amigos e alguns grupos.
38. Lojas, e compras.
39. Antes, sempre dependência a minha mãe que, pedir para ligar e agora pego aplicativo de comida, comunicação, interprete (ICOM, Central de Libras, iFood, etc.) Cidade pequena com 4 mil de população, que sem aplicativos para pessoa surda, e pedir para esposa ligar.
40. Sempre assisto com legenda. Quando sem legenda, pedir a família que me explicar resumido. Atualmente, não assisto mais TV, e leio as informação na internet.
41. Assisto no grupo de curtido e participado do facebook.
42. Prefiro webcam e escrever. depende pessoa tem dificuldade ler, mas eu postar vídeo.
43. A minha família é católica, e me levava para pastoral surdos de Maringá, e fui conhecer nas outras igrejas.
44. Não tenho religião, nem sentimento católica, e acredito em Deus.
45. Sim, as vezes. Menos o meu pai xingava.
46. Casa alugada e 3 pessoas na casa.
47. Tenho tudo.
48. Classe C.

49. Nunca tive sozinho, sempre ficava com a família, quando casei e sai de casa dela.
50. Sim, entrei no trabalho de cotas, cargo inferior, nunca dava oportunidade carreira, e pessoas de ouvintes conseguiram cargos melhor.
51. Principalmente, não valorizado e preconceito as pessoas com deficiência.
52. Respeito das pessoas com características diferente.
53. Maioria respeito que, tem conhecimento e menos desrespeito.
54. Sim, dificuldade entre o trabalho com PCD no mercado; sempre dava trabalho, cargo inferior e salário muito baixado. Exemplo: o surdo trabalha igual função do ouvinte ganhar mais que ele.
55. Depende lugares teve preconceito.
56. Influência da história de mulheres inferiores na história. Não penso que mulheres não são inferiores, sim capacidade igual dois e solucionar o sociedade.
57. Pouquinho incomodado, quem escrever com palavras chiques (surdos não conhecem as palavras significado) e alguns surdos têm mais conhecimento que eu, não me dava informação e outro dar.
58. Não gosto, porque sou surdo profundo, não dá escutar as palavras certo só faça barulho.
59. Não, porque vi alguns os surdos com implante Coclear, deu funcionado pouco e maioria não.
60. Logico, o SUS oferece gratuitamente.
61. Respeito nem contra alguns habilidade falar com oralização dos surdos. Minha opinião, importante os surdos tratam oralização básico no fonoaudiologia e ouvintes também aprendem a Libras.
62. Alguns tem vantagens e desvantagens.
- Sociedade: melhorando para comunidade surdos, porque disciplina de LIBRAS divulgando sobre cultura e respeito.
- Escola inclusiva processando aprender é demora e falta de relação com língua na comunidade surda.
- Escola bilíngue ótimo educação para surdos, relação entre professores e surdos na escola, processando aprender rápido. Precisa mudar método.
- Famílias procuram ao médico, querem filho surdo comunicar falar sem Libras. E falta de sociedade inclusivo.

Questionário da Felícia

O seu nome completo é Felícia, tem 32 anos, Casada, seu marido é surdo e sem filhos. É oralizada, aprendeu a falar com fonoaudiológica. Antes sim, hoje não utilizo aparelho auditivo.

Graduada de Artes Visuais e Letras Libras, e fez Pós-Graduação: Especialista em Educação Bilingues: Libras/Português e mestre de educação. Sim, seu pai completou o ensino médio e a mãe completou no ensino fundamental. Seu marido é graduado de administração. Sua Irmã formou de Marketing e o seu irmão concluiu de Ensino Médio, formação técnico mecânico de elétrico no SENAI. Seus avós: sem escolaridade.

Ela é fluente em Libras, seu primeiro contato foi a surda que encontrou ela por isso aprendeu a comunidade surda.

A nota de sua capacidade de ler é 8, e a de capacidade de escrever é 6, a Felícia aprendeu em português escrito pela escola.

Não, nenhum parente surdo.

Todas famílias são iguais, a Felícia é mais proximidade é o pai porque ele tem o mais paciência de conversa e explicação. Nenhuma família é fluente e também não participa a comunidade surda, mas respeita a Libras e a ser pessoa surda...

Nenhuma família ajudava, o pai dela paga pedagoga particular para incentiva o estudo. Com a família em casa, sempre sentava junto e assistiam na televisão. Dificilmente eles conversam abertamente e conta as novidades. Em visitam na casa dos avós, mesma coisa que a Felícia ficava na sala de tv e assistindo na televisão, os meus pais e irmãos conversam com a família)irmãos e cunhados, sobrinhos e primo veem visitar). Com seu marido, saio bastante com ele, ir na igreja, restaurante e visita na casa dos amigos nosso.

A família deixava ela sair de casa depois 16 anos para conhece amigos surdos, é difícil de dar dinheiro para Felícia comprar cartinha na escola. No máximo 2 reais por mês para ela poder comprar doce, não tinha mesada.

Depende da viagem. Sempre visitava para Maringá, rever família e amigos. Gostaria de conhecer todos os Brasil, inclusivamente as praias do nordeste e Minas Gerais. Deseja conhecer os países da américa latinas e Europa.

Maioria de amigos surdos é fluente Libras, e tem amigos ouvintes que utilizam em Libras. Se o ouvinte não sabe em Libras, ela tenta comunicar sinais icônicos, também fala porque é oralizada sim, prefere eles (ouvintes) aprender a língua de sinais.

Adora cinema, livrarias e museu. Gosta de ir com marido ou amigos. As vezes gosta de ir sozinha na livraria. Qualquer lugar que ela vai vou, não tem preferência.

Já estudou inclusiva e bilingue. A melhor escola é bilingue com os colegas surdos, pois tem duas línguas: Libras e Português. A Inclusiva que ela já estudou e não tinha intérprete e ne sabia que existe essa língua de Libras.

Os professores (bilingue e inclusiva) respeitam sim, mas alguns professores não respeitam porque os professores sabem que tenho direito de estuda por igualdade do ouvinte.

Maior problema é a escola inclusiva, por ser tratado como a Felícia é diferente do que os outros (alunos ouvintes), por exemplo, professores falam os textos e os alunos copiam no caderno, também professores falavam na costa. Na faculdade, não estive problema porque tinha a intérprete na sala de aula.

Sim, pedagoga, português e inglês em particular.

Na escola inclusiva não tinha intérprete. Na faculdade sim, nunca passou a cola, e ela não deixava para passar a cola, quer ver como é a nota para ver o que ela aprendeu e se estudou durante das aulas. Alguns deles não tinham ética para desabafar dos outros colegas.

31 - Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

Só pagava pedagoga. Brinquedos me dava as datas especiais, exemplo, aniversario e dia das crianças. Os livros que eu ganhei foi que o trabalho do meu pai que ganhou.

32 - Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

Não, porque eu sou dedicada de estudo.

33 - Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

Em vida todas em televisão, só depois o computador para aprender a usar e o final da semana usa internet, no celular foi ao 16 anos para comunicar a

mensagem com o amigo meu e meus pais não tinha. Notebook para usa o trabalho final do curso da faculdade.

34 - Você tem acesso a internet? Desde que idade?

Primeiro acesso a internet aos 14 anos, só final da semana.

35 - Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

Todas semanas entre segunda a sexta feira. Sábado e domingo as vezes.

36 - Qual o site você acessa mais?

Globo, Youtube e EaD/UFGD.

37 - Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

Uso sempre celular para enviar mensagem e também receber, uso dele como o contato pessoal, trabalho, pedi comida e também marca agendamento da consulta de médico.

38 - E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

Ao trabalho e pessoal.

39 - Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?

Vai falta comunicação sim. Como nós surdos vão saber a informação da família e trabalho? Se fosse assim, sempre os surdos sabem a última informação.

40 - Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

Sempre tem legenda. Se não tem legenda, eu mundo outro canal se tem legenda.

41 - Qual sua preferência em relação á programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa? Quais? (Na infância e atualmente)

Assisto educativa no youtube. Informação só se estive jornal com legenda.

42 - Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, *facebook*, ente outros?

Depende da webcam e digitar o texto. Se for no e-mail e ter que ser digitar o texto. Eu prefiro a webcam para esclarecer melhor da comunicação.

43 - Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

Minha família nunca me obrigou ir à igreja, pois que eles não são muito religiosos. Só o meu marido sim, pois se acostumou a mãe dele.

44 - Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê?

Nunca mudei a religião.

45 - Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por quê?

Depende da minha família, meus pais não conta os problemas deles, só eu falo o meu problema e eles me aconselha. Tem alguns que eu não concordo, pais quer manter a tradicional. Por exemplo, estudar fora da cidade e eles não aceita, quero crescer, para eles já está bom.

Meu esposo, converso com ele mais abertamente do que meus pais, ele me compreende e me der o maior apoio o que quero estudar e trabalhar.

46 - Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?

Tenho apartamento própria e fico outro apartamento alugada. Eu e o marido.

47 - Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?

Um TV, dois notebooks e dois celulares.

48 - Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, média, alta e muito alta)?

Meus pais é média e a minha classe é média.

49 - Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

Sim, vivo com meu marido e consigo pagar a conta sozinha. Sou professora na universidade federal.

50 - Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?

Colegas do meu trabalho, maioria sabe em Libras e os dois não sabe. Sou ótima relação como pesquisa e reuniões de estudos.

51 - O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?

Ainda não chegou a igualdade da classe e também diversidade. Acredito a mais população pobre do que rico, depende o pobre se torna o costume e que se gosta de simples e trabalho deles já é suficiente. Os outros pobres gosta de estudar e crescer a classe, depende o objetivo dele consegue se atingir ou não.

52 - O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?

Tenho todos os respeitos da diversidade, eu olho mais a minoria do que maioria. Pois que minoria é a mais resistência e mais respeitada do que a pessoa normal.

53 - O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?

Depende a opinião dos meus pais e eles não é a mente abertamente da opinião, por exemplo, não aceita LGBTQI+ mas não toca o assunto para conversar. Quer ser manter a tradicional.

54 - Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

Muitas vezes, prefiro não lembrar. Preconceito não vale a pena de carregar o passado.

55 - Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

Na minha família sim (primos). Preconceito não vale a pena de carregar o passado.

56 - O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas têm salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

Sim, mulher merece se igualdade salário do homem se o cargo for igual como o "Engenharia Civil, advogada e entres os outros". Se a mulher quer trabalhar fora ou dentro de casa e a escolha dela o que ela se sinta bem.

57 - Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

Não sinto. Cada um tem o conhecimento diferente e não pode comparar. Dependendo a pessoa tem capacidade de ler e escrever. O importa não comparar.

58 - Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

Não uso e não usaria.

59 - O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

Jamais varia isso. Amo se não ouvir.

60 - Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

Sim, eu sei. Clínico terapêutico, ouvintismo está manipulado para acabar a comunidade surda.

61 - O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

Se os surdos se sintam bem a comunicação em Libras e o outro que usa a oralização. Por exemplo a oralização, não vejo errado deles que se utiliza oral, pode ser que eles perderam audição enquanto era criança ou adulto e já está consumada a fala, por que proibir? Se nasceu surdo ou perdeu audição muito cedo e sou contra a obrigação de oralizar. O importante é deixar a escolha dele se quer oralizar ou a língua de sinais.

62 - Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

Hoje no século XXII, primeiramente eu agradeço ao povo surdo que se manter a resistência da língua de sinais ao longo dos anos. Nessa língua de sinais se abriu a barreira para nós surdos. Escola inclusiva deveria melhorar o acesso direito linguístico do surdo e respeita a cultura surda. Escola bilíngue não existe aqui no Brasil, por quê? Todas as escolas não possuem em língua de sinais, principalmente a secretaria, cozinheira e zeladora. Teve professores não sabe em Libras, entra na escola bilíngue para trabalhar e no recreio os

professores ouvintes não usa em Libras para que os alunos e professores surdos se vê as conversas.

Minha família continua o mesmo que se comunica oral, meu irmão aprendeu o curso em Libras, ele esqueceu quase todas e eu falei com ele, eu de ensino e não quis continuar.

A única que comunico em Libras de casa é o meu marido!!!

Questionário da Francisca

Nome = Francisca

Idade =tenho 36 anos

Estado civil= casado somos surdos sim

Não tenho filhos

Uso oralizado so pela minha família , Não usei aparelhos , aprendi falar na escola Anpacin

Já terminei na escola na segundo grau na Anpacin e formei duas faculdade Curso Pedagogia no Unicesumar e outro Letras Libras na Eficaz. E já fez pos graduação Educação especial na Instituto educacional de paranaense .

Meu marido formou administração em São Paulo , meu irmão formou Imobiliaria no Unicesumar , meus avos não estudava so trabalhava agricultor, e não tenho filhos.

Sim sou fluente, aprendi libras e na Anpacin.

Consigo ler e escrever português sim, depende texto q consigo entender e outro não porque tem as palavras que eu não conheço pode aptar pra entender so. Mas consigo escrever alguns texto .

Aprendi na escola Anpacin.

Meus pais e um irmão são ouvintes. E tenho uma minha prima surda e Karen.

Tenho uma so prima surda , mas não tenho muito contado ela e mora longe daqui. So comunico ela pela celular

Minha família já entender tudo o q eu falo bem comunicar quase normal. Quando eu era criança usava mimica mas minha mae ensinava muito pra eu aprender falar nem mimica ate hoje minha família já entender tudo bem o q eu falo. Qual seria melhor pra mim comunicar bem e da minha mae, tbm meu irmão e uma prima Juliana.

Minha família não usar muito Libras so pouco .

Minha família não participar nenhuma comunidade .

Minha família respeitar as pessoas surdas usar libras sim porque e uma cultura . pra mim conversar com minha família so oralizado e pra surdos eu uso libras. Se surdas próximos minha família eu ajudarem pra interpretar o que elas estão falando.

Única minha mae sempre ajudava muito quando eu era criança estudava ler, escrever e falar.

Minha tia ensinar sobre dobradura de papel coisas artes e brincadeira e jogos.

Minha família sempre costumar sair comigo so passear, trabalhar casa, quando precisar ela ajudar so fazer o trabalho . sempre saio com meu irmão pra passear .

Eu sempre sair pra passear sozinha ou junto meu irmão, e já tenho próprio meu salario.

Na férias eu não viajo e so ficar casa e so visitar casa da amiga e tias.

Eu gosto de viajar so principalmente nordeste e outros pais Nova York e lindo demais , mas não gosto muito viajar estrada porque pra mim faz mal estomago e tortura.

Tenho meus amigos surdos maioria encontro surdos fluente.

Tenho pouco ouvinte e comunico elas so oralizado.

Eu frequentado sim Biblioteca pra pesquisar, loterias, banco, e gosto mais lugar e shopping. Ir junto meu irmão e namorada dela.

Já estudei na escola bilingue e muito melhor porque e importante comunicação.

No começo na escola bilíngue vários professores diferente aceitar eu usa libras e outro professora que eu costumava não concordam usa libras e pensei era não capaz.

Eu já tiver particular outra escola quando eu era criança so ouvinte e não aprendo as coisas por faltar de informação a aprendi muito atrasado.

Depende interpretes na escola tem ética e outra não tem ética, e já aconteceu comigo q pessoa passou cola pra mim porque tem vários conteúdos que eu não conheci ..pra mim e importante interprete porque ajudar pra entender o que os professores explicar o tempo tudo.

Minha família não comprava gibis, livros etc... so comprava mercado , roupa, lençol.

Minha família preocupou comigo pela formação sim , porque e importante eu trabalhar profissão .

Tenho as coisas tecnologias so celular, televisão, notebook.

Comecei usar internet quando eu tinha 22 anos.

Quase todo dias eu uso internet pela celular .

Uso mais google pra pesquisar sobre as duvidas e tbm facebook e youtube.

Uso celular pra te avisar meus alunos na UEM sobre greve, trabalho, sempre comunico com whatts com família .

Uso email pra ver o que meus alunos mandaram trabalhos e atestado, concurso e video .

Quando eu sem comunicar do celular , eu faria visitar casa dos meus amigos surdos pra bate papo, por que e ruim ficar parada sem fazer nada.

Eu sempre uso legenda de tv filme, novela, jornal etc.. se não tem legenda sempre conversar com minha família .

Pra mim duas q eu uso mas não muito ..

Eu uso a todas quando eu precisava sempre usa.

Minha família e CCB e nunca obrigou de mim na religião . minha família já ensinou pra evitar as coisas errado ou certa so mas na religião e nunca mandar. Sempre respeitar .

Eu mudei na igreja Batista pq CCB não tinha interprete .

Minha família sempre ajudar problema que eu fez errado e já aconselhou e aprendi e não faz de novo, depende pessoa concordar ou não concordar, mas sempre consertei de minha cabeça.

Minha família tem casa própria e eu moro junto com minha família.

Minha casa não tem tecnologias de eletrônicos.

Minha família e media .

Eu trabalho sim como professora, e trabalho fora sozinha nem família.

Vou contar pouco minha historia do meu trabalho, minha experiência trabalho no Unicesumar quando comecei trabalhar tem pessoas do trabalho me deu vontade de aprender libras ate alguns aprendeu libras e já comunicava bem , e ensinava as coisas do trabalho e respeitada muito. Meu salario foi pouco promovido quando trabalhei no Unicesumar.

Pra mim não penso se for diferente desigualdade e rica apenas cada um trabalho.

Tenho respeito cada um os seres humanos e não tenho nada de contrar cada um...

Meus pais tem respeitos sim .

Já sofri preconceito quando as pessoas ouvinte rir muito quando eu começar falar porque minha voz e diferente. Já sentir muito ruim por falta elas precisar respeitar.

Depende cada um inferior e cada um superior mas pra mim e normal.

Não sinto incomodando as pessoas seria melhor do que eu , porque tem as pessoas surdas superdotado ,mas tem como pessoa procurar buscar coisas conhecimentos muitas vontade de reforçar.

Faz tempo que eu usava aparelho e agora não uso mais.

Nunca pensei pra usar implante coclear, porque sou capaz e não preciso mesmo.

Já recebi sus q mandou que eu precisava usar implante coclear, mas eu nunca quis.

Tenho respeito as duas libras e oralizado, porque depende família obrigar filhos surdos usar libras e oralizado e tbm importante o que eles sentir bem .

Antes escola bilíngue era melhor muitas informação e agora pouco informação porque tem pouco surdos.. E precisava melhorar atual pra desenvolver .

Questionário do Jorge

1 – Qual é o seu nome completo e data de nascimento? Quantos anos você tem?

Jorge. 31 ANOS

2 - Qual o seu Estado Civil? Seu (sua) marido/esposa é surda?

namorado, meu namorado é ouvnte.

3 – Você tem filhos? Eles são surdos ou ouvintes?

não tenho filhos.

4 – Você é oralizado? Usa aparelho? Onde aprendeu a falar?

não sou muito oralizado, não uso aparelho. Aprendi com minha família um pouco.

5 – Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?

Doutorando. Graduado Letras Libras.

6 – Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?

meus pais sabem ler e escrever. são ensino médio.

7 – Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?

meu namorado é graduando pedagogia.

8 – Você é fluente em Libras? Onde e como aprendeu Libras?

Sou fluente em Libras, aprendi com minha irma e minha mae na casa quando eu era bebe depois contatos surdos associação e escola surda que eu tinha 4-7 anos.

9 - Sabe ler e escrever em Português? De zero a dez, que nota você dá para sua capacidade de ler em Português? E para sua escrita?

sei ler e escrever em português. Ler nota 8 e escrever nota 6-7.

10 – Onde e como você aprendeu ler e escrever em Português?

aprendi na escola surda.

11 – Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo? Quem?

tenho uma irma surda.

12 – Se você tem algum parente surdo, você tem contato com ele? Como se comunicam?

eu e minha irma conversar a sinalizado.

13 – Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança? Como era essa comunicação? Qual pessoa da sua família se comunicava melhor com você?

minha família me comunica mais ou menos as vezes dificuldade a comunicar, chamar meu irmão pra interpretar, mais só meu irmão caçula e irma surda conversamos bem sinalizados.

14 – Alguém da sua família é fluente em Libras?

Irmao caçula e irma.

15 – Sua família participa da comunidade surda? Em quais situações?

antes minha mae participava muito lugares comunidade surda tipo associação, escola, ajuda algo coisa direitos pra surdos como faculdade precisa interprete, etc. meu irmão também participado pra encontros surdos, conversar, festas no associação e algo coisa.

16 - Sua família respeita a Libras e a pessoa surda? Como é o relacionamento entre vocês?

eles respeitas a libras e pessoa surda, só as vezes esquecem que sou Surdo.

17 - Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?

meus pais e irmão caçula sempre me ajuda pra estudos, principal é português.

18 – Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

meus pais me ensinaram pra aprender serrar madeira, construir coisas bem simples e base tipo montar mesa, armário, etc. também cozinha e comidas. Minha mae me ensinava aprende português e libras.

19 – O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)?

sempre juntos assistimos novelas, filmes quando nos estávamos na casa.

20 – Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?

sempre me leva pra churrasco na restaurante outros cidades, junto passear shopping, as vezes visitar amigos deles pra festas, também sempre sair sozinho pra encontros amigos.

21 – Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?

nos acostumávamos viajar na praias na santa catarina.

22 – Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?

não gosto muito de viajar. Mas claro um dia quero viajar no japão.

23 – Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?

tenho amigos fluentes em Libras, tem alguns são oralizados.

24 – Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?

tenho amigos ouvintes, alguns sabe Libras e comunicamos, alguns pouco não sabem libras ou sabe so alfabeto manual, as vezes conversamos pelo celular.

25 – Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistas e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?

frequento mais Cinemas, livrarias, jogos online e bancas, livrarias eu mais gosto saraiva e catarinense sempre ir pra comprar livros, etc.

26 – Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor ?

estudei na escola bilingue e faculdade “inclusiva”, prefiro bilingue.

27 – Os professores bilíngues e inclusivas aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc. ?

professores bilingues aceitaram mais do que professores inclusivas ficam meio estranhos e mais pouco me excluído.

28 – Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade?

tinha dificuldade e problema relação entre eu e professores na faculdade porque muito professores não sabem como ensina e atendimentos os surdos.

29 – Você teve professores particulares?

tinha professores particulares inglês, japonês e português.

30 – Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?

so faculdade tinha interpretes, não sei se eles tem ou não, porque eu era adolescente não sei nada sobre ética sem perceber, melhor com interpretes na sala de aula na FACULDADE, mas escola não porque todos professores sabe Libras como bilingue.

31 – Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

sim comprava vários.

32 – Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

sim sempre preocupava comigo pra meu futuro, eles não querem que eu ia trabalho vende adesivos na rua, querer eu estudo bem, minhas formações, trabalho bem e independente.

33 – Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

tenho acesso a recursos tecnológicos, mas eu era criança so tinha computador e televisão.

34 – Você tem acesso a internet? Desde que idade?

tenho acesso a internet comecei 8 anos, era telefone internet e muito caro.

35 – Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

todos os dias.

36 - Qual o site você acessa mais?

vivo a google, google é meu melhor amigo pra posso pesquisar vários.

37 – Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

uso celular pra enviar e recebe mensagens sempre, trabalhos, famílias, amigos, coisas resolver banco, lojas, etc.

38 – E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

e-mail é mais coisa formal tipo trabalhos, receber compras lojas, notícias, guarda coisa anexos que preciso.

39 – Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria? é MORTE. Não consigo viver sem msg celular e e-mail, já sofri muito por causa de surdez, celular e e-mail ajudar surdos conseguir comunicar qualquer atrás a mensagem.

40 – Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

assisto televisão com legenda, se sem legenda e eu não assisto.

41 – Qual sua preferência em relação á programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa ? Quais? (Na infância e atualmente)?

na infância eu sempre assisto animação e desenhos sem legendados, meu irmão sempre interpretava comigo. Agora maioria tem legendados, graça Deus. Na infância mais globo e sbt. Agora mais Netflix, prime amazona, youtube, etc.

42 - Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, *facebook*, ente outros?

depende de situação, se eu comunicar alguém sabe bem português e ok direto escrever em português, as vezes não consigo entender bem e peço ligar cam. Também as vezes quero conversar como confrontar e ligo cam mais porque sinalizado mais esclarecer do que português.

43 – Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

minha família é religiosa, não me obriga nada, so me ensina pra conhecer, que é certo e errado, eu é quem escolher e acreditar.

44 – Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê? mudei vários religiões, conheci, não gostei e mudei.

45 – Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?

minha família conversa comigo sobre problemas, etc. depende de situação que eu concordo e não concordo a minha família, maioria concordo sempre foi meu irmão caçula porque eu e ele sempre parecido tudo opiniões e ideias iguais, também somos pertinho idade, diferente um ano mesmo geração.

46 – Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa?
meu apto é próprio meu, moro sozinho

47 - Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais?

celular, filmadora, notebook, CPU, ipad etc.

48 - Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, media, alta e muito alta)?

media

49 – Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha?

eu trabalho, consigo se mantendo a sozinho. Sou professor de Libras.

50 – Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras?

eu e minhas colegas do trabalhos somos relações bem, todos sabem Libras so departamento, fora de departamento alguns sabem Libras e tem interpretes, trabalho na UFSC.

51 – O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece?
neutro

52 – O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros?

neutro

53 – O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?

neutro

54 – Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

já sofri dois preconceitos por Surdo e Gay. Comunidade surda me ver como sou surdo mas sou GAY aiiii. Comunidade lgbs me ver que sou gay mas sou SURDO aiiiiiii. Pessoa me ver surdo e da medo, pessoas me ver gay e da medo.

55 – Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

mesmo resposta 54, principal é surdo que pessoas não sabem como conversar, as vezes conversar bate-papo no internet quando eu conto que sou Surdo e me bloqueado ou sumido.

56 – O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

neutro

57 – - Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

não sinto incomodado, fiquei feliz que ele conseguiu ser melhor, existe esta diferença por família estimula, escola boa e depende de situação que conseguir desenvolver bem.

58 – Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

já usava que eu tinha 2 ate 8 anos, detesto e me da dor de cabeça. não quero usar novamente, não preciso.

59 – O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

nada contra IC. Respeito pessoa se usa IC. Só sou contra pessoas obrigado usa IC tipo bebe ate 17 anos pra obrigatório usa IC, eles não tem escolher porque família MANDA e OBRIGATORIO, não é vontade deles.

60 – Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

sim sei.

61 – O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

eu prefiro todos surdos devem aprender Libras, depois pessoa sabe se quer continua Libras ou não, so oralização ok, pra descobrir quem sou eu, ser Surdo.

62 – Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje essa pergunta é SIM e NÃO. Misturas séculos, tem lugar que século hoje e tem lugares séculos atrás, muito variável.

Questionário do Renê

01) Qual é o seu nome completo e data de nascimento? Quantos anos você tem?

Renê, tenho 35 anos

02) Qual o seu Estado Civil? Seu (sua) marido/esposa é surda?

Casado, minha esposa é surda

03) Você tem filhos? Eles são surdos ou ouvintes?

Nenhum, quero filhos em breve kkkk

04) Você é oralizado? Usa aparelho? Onde aprendeu a falar?

Nenhum

05) Qual a sua Escolaridade? Qual o curso de graduação você fez?

Cesumar, Artes visuais

06) Seus pais sabem ler e escrever? Qual escolaridade deles?

Sim, Escola Cenecista Dulce Oliveira em Perdoes Minas Gerais

07) Qual a escolaridade de seu marido/esposa? E irmãos? E avós? E dos seus filhos?

Minha esposa ex estudante na Escolaridade Supcliy em Francisco Beltrão

08) Você é fluente em Libras? Onde e como aprendeu Libras?

Sim, meu amigos e escola ANPACIN

09) Sabe ler e escrever em Português? De zero a dez, que nota você dá para sua capacidade de ler em Português? E para sua escrita?

Compreende bem, depende lê bem, escreve razoavelmente

Onde e como você aprendeu ler e escrever em Português?

Minha família me ensinam e professor de Português

10) Seus pais ou irmãos são surdos? Tem algum parente surdo? Quem?

Nenhum

11) Se você tem algum parente surdo, você tem contato com ele? Como se comunicam?

Nenhum

12) Sua família conseguia se comunicar bem com você quando era criança? Como era essa comunicação? Qual pessoa da sua família se comunicava melhor com você?

Depende difícil comunicação com meu pais, mais tinha que comunicar melhor com minha irma

13) Alguém da sua família é fluente em Libras?

Primeiro minha irma

14) Sua família participa da comunidade surda? Em quais situações?

Sim, nenhum situação

15) Sua família respeita a Libras e a pessoa surda? Como é o relacionamento entre vocês?

Sim, depende.

16) Seus pais/avós/irmãos costumavam ajudar você em seus estudos quando era criança? Como era a comunicação entre vocês?

Sim, eles conseguem costumar os gestuais e oralizado e infelizmente sem LIBRAS.

17) Seus pais/avós/irmãos ensinaram algum tipo de trabalho ou de arte para você?

Não minha família, meu tio e minha tia e meu amigos me ensinaram desenhos e pintura e outros artes pois é

18) O que você e sua família costumam fazer juntos? (Estudar, trabalhar, passear, etc...) Com quem você faz mais coisas junto? (pais, marido/esposa, irmãos, avós, etc...)

Mais junto minha esposa

19) Sua família levava você para passear? Onde? Sua família dava dinheiro para você passear? Ela deixava você sair sozinho de casa?

Primeiro minha família me sempre levavam, escola e outros cidades, as vezes pedi os dinheiros pra eu passeava, eu aprendi passear coisas lugares e depois eles deixavam tinha 12 anos.

20) Nas férias, vocês costumavam viajar? Para onde iam?

Sim, quando eu era criança sempre viajei, mais são Paulo e minas gerais e depois maiores cidades e turismo agora

21) Você gosta de viajar? Você gostaria de conhecer qual cidade no Brasil? E outro país?

Gosto de mais de viajar para mundo, conheço quase todos Brasil

22) Você tem amigos surdos? Eles são oralizados ou fluentes em Libras?

Tenho amigos surdos, maiores fluentes em Libras do que alguns pouco oralizados.

23) Você tem amigos ouvintes? Como você se comunica com eles?

Tenho amigos ouvintes, se agora difícil e depois depende acostumei sempre comunica.

24) Você frequenta bibliotecas, bancas, livrarias, cinema, shows, jogos esportivos, teatro, museu, revistas e outros? Quem sempre acompanha você? Você sabe o que tem nesses lugares? Você já foi a algum desses lugares? Qual? Quais lugares você gosta mais?

Todos, depende sempre acompanha famílias e amigos, gosto todos.

25) Você já estudou na escola inclusiva e bilíngue? Qual é o melhor ?

Sim, estudei, é melhor bilíngue e depois inclusivo graduação e pos graduação é algum difícil

26) Os professores bilíngues e inclusivas aceitam você (por exemplo, surdo (a), fluente de Libras) etc.

Depende difícil bilíngues, oportunidade os professores precisam fluente de Libras

27) Teve dificuldade/problema a relação entre você e os professores na escola e na faculdade??

Nenhum escola, Depende dificuldade e depois acostumei entendi com relação aulas, trabalhos e provas com professores na faculdade

28) Você teve professores particulares?

Nenhum

29) Tem interpretes nas escolas você estudou? Eles têm éticas? Ajuda ou passa cola você desenvolver seus estudos? Melhor sem interpretes na sala de aula na escola?

Nenhum interpretes nas escolas, têm ética e motivo já tem bilíngue

30) Sua família comprava/investia em brinquedos, gibis, jogos, cursos, livros, atividades esportivas?

Mais jogos, cursos e livros

31) Seus pais se preocupavam com sua formação escolar? Como? Por quê?

Infelizmente Não Lembro

32) Você teve/tem acesso a recursos tecnológicos como celular, computador, notebook, televisão, entre outros?

Tinha mais acesso a recursos celular e computador

33) Você tem acesso a internet? Desde que idade?

12 anos

34) Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca?

Todos os dias

35) Qual o site você acessa mais?

Mais facebook, youtube e google

36) Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações?

Sempre envio e receber mensagens normal e não lembro

37) E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações?

Infelizmente não lembro

38) Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria?

Depende, não lembro

39) Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria?

No passado eu não entendi assisti e depois acostumei entender legenda, esforcei precisar entender legenda.

40) Qual sua preferência em relação à programação? Já assistiu ou assiste programação educativa e ou informativa? Quais? (Na infância e atualmente)

Mais animes, depende educativa e também canal cultura

41) Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar no webcam, por exemplo, viável, Skype, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, *facebook*, ente outros?

Depende usei webcam ou escrever qualquer

42) Sua família é religiosa? Você é religioso(a)? Sua família ensina ou obriga você a seguir a mesma religião dela?

Minha família são Presbiterianismo, eu sou religioso catolicismo e Johrei, sim, no passado eles me ensinam sempre normalmente

44) Você mudou de religião ou segue religião diferente da sua família? Por quê? eu junto família eram catolicismo e depois minha familia mudam e mas eu continuo religião catolicismo com acessível em Libras e também tenho interesse johrei é uma imposição de mãos e Luz de DEUS as pessoas, é importante DEUS é único.

45) Sua família conversa com você sobre seus problemas? Aconselha? Mostra seus erros? Você concorda com tudo que sua família pensa? Em que você discorda? Qual a pessoa você concorda mais e qual você discorda mais? Por que?

Depende conversávamos com comigo, já aconselhava, depende concordo com alguns, por que precisei entender coisas minha vida e consciência.

46) Sua casa é própria ou alugada? Quantas pessoas moram na sua casa? Ainda alugo minha casa e eu e minha esposa cachorra

47) Você tem aparelhos eletro/eletrônicos em sua casa? Quais? Nenhum, não tenho

48) Em qual a classe econômica você situaria sua família (baixa, media, alta e muito alta)? alta

49) Você trabalha? Consegue se manter/manter sua família sozinho? Em que você trabalha? Tenho que trabalho. Gentes me ensinam meu trabalho e depois acostumei consegui sozinho.

50) Como é a relação entre você e os colegas do trabalho? Você já foi promovido alguma vez? Você tem estabilidade no trabalho? Algum de seus colegas de trabalho sabe Libras? Depende relação relação os colegas do trabalho, não lembro hehe

51) O que você pensa sobre a desigualdade social? Existem mais pessoas pobres do que ricas ou da classe média. Por que você acha que isso acontece? Estou pensando sobre a desigualdade social, mais muito situações economias ou crises, oportunidade desenvolvimento igualmente é demora

52) O que você pensa a respeito das diferenças entre os seres humanos, por exemplo, ateu x crente; homem x mulher; hetero x homo; negro x branco; gordo x magro; letrado x iletrado; surdo x ouvinte, dentre outros

Já pensei a respeito todos diferenças normais

53) O que seus pais, amigos, irmãos e outros pensam a respeito?

Depende pensamos a respeito e mas um ponto não judaísmo

54) Você já sofreu algum tipo de preconceito? Qual? Como?

Já sofri, preconceito surdos e libras no passado

55) Já sentiu preconceito em relação a alguém? Em que situação?

Já senti pouco alguns e situação afastamento difícil comunicação com alguns ouvintes.

56) O que você pensa da situação da mulher na sociedade hoje? Muitas tem salários inferiores, são agredidas pelos companheiros, tem que trabalhar fora e em casa, etc?

Já pensei depende situação da mulher, alguns existem preconceito trabalhos e machismo, é importante consciência, igualmente é positivos.

57) Você se sente incomodado em ver que existem surdos que lêem e escrevem melhor do que você? Que possuem mais conhecimento? Por que você acha que existe esta diferença?

Sim, muito difícil e Depende alguns escrevemos melhor, por que no passado eu não entendi, depende surdos fazem errado e diferença, alguns falta de informação e conhecimentos e alguns professores e família

58) Você usa AASI- Aparelho de Amplificação Sonora Individual? Gostaria de usar?

Nenhum

59) O que você pensa sobre o Implante Coclear? Gostaria de fazer?

Não pensei nada, não tenho interesse e porque é natural

60) Você sabe que o SUS oferece gratuitamente tanto o AASI como o Implante Coclear?

Sim

61) O que você pensa a respeito do uso da Libras pelo surdo? E da oralização do surdo?

Aceitei respeito uso da Libras e oralização normal

62) Hoje o Século XXII, sociedade, escola inclusiva, escola bilíngue, família de outro surdo, sua família tudo o que você envolvendo e vendo, as coisas estão avançando ou não? Melhorou ou não? Conte o que sente o século hoje.

Acho que sim está melhorando cada vez mais, demora um pouco mas sim,

As pessoas começam a se preocupar fazendo políticas públicas.

BATERIAS

Baterias do grupo de colaboradores de Ensino Médio

Entrevista com o Anderson

M: Olá! Agora eu vou fazer a entrevista cuja temática são as baterias com ele, qual é o seu nome?

A: Meu nome é ANDERSON.

M: Qual o seu sinal?

A: Meu sinal é assim

M: Você é surdo?

A: Sou surdo, sim.

Bateria 1

M: Beleza, vamos começar agora a bateria um e imagem um: o que você vê nessa imagem?

A: Vejo uma casa/escola

M: Isso, uma casa, o que você sente ou imagina mostre em seus sinais.

A: Consigo imaginar que nunca fui a uma escola como essa, é lugar alegre, bom para estudar, desenvolver o estudo, um lugar legal, eu gostaria de vê-lo, de visitar, gostaria sim, gostei.

M: Você acha que é uma escola? Você acha que essa imagem é uma escola ou é uma casa?

A: É uma escola.

M: Essa escola da imagem é igual essa daqui que nós estamos

A: Não é diferente, essa daqui é um prédio.

M: Tem vontade de ir em uma escola como essa da imagem?

A: Sim, às vezes, eu tenho vontade sim.

M: O que mais?

A: Tenho vontade de estudar cada vez mais porque é muito importante sempre continuar na escola, mesmo que demore anos, não tem problema, isso é normal e eu quero continuar estudando.

M: Muito bem, o que mais?

A: Já estou há bastante tempo estudando em Sarandi, estou acostumado, tenho afinidade.

M: Você gosta de Sarandi?

A: Gosto, eu sei que é longe do trabalho, mas não tem escola perto, então eu continuo estudando em Sarandi, já faz 10 anos.

M: Aqui!

A: sim.

M: Que bom, o que mais?

A: Só isso, só.

M: Agora, imagem dois da bateria um: o que você vê nessa imagem?

A: Vejo dois carros, motoristas preocupados porque bateram

M: Bateram, o que mais?

A: Eu acho...

M: Você já sofreu acidente?

A: Eu nunca

M: Nunca aconteceu acidente com você de bater o carro?

A: Não, eu só vi acidente, já vi muitos acidentes, capotamentos, aqui em Maringá, mas em Sarandi é pior, é bem perigoso, mas tomo cuidado, vejo sempre na televisão, que Sarandi tem acidente e é muito perigoso, então, vou direto para casa.

M: Você dirige?

A: Não, eu vou a pé ou de bicicleta.

M: De bicicleta, você já viu acidente como o da imagem? O que aconteceu? O que você acha?

A: Acho que o homem está errado

M: Qual que é o homem do carro amarelo ou do carro vermelho?

A: A mulher, acho que os dois carros, não sei. A mulher está certa, se conversar dialogar com os dois, dará para perceber que os dois estarão errados, eu acho, eu acho que são os dois

M: O que mais?

A: Não sei.

M: Tudo bem, vamos passar para o próximo, agora, bateria um e imagem três: que é?

A: É uma maçã

M: Uma maçã, o que mais?

A: Há muito tempo, quando eu era pequeno, eu acho que tinha uns 5 anos eu vi uma macieira uma mulher conhecida que já me conhecia é3min54 me viu pegando uma maçã, depois eu fiquei muito viciado naquela fruta eu ia lá todo dia fiquei apaixonado por que é muito boa para a saúde ela ajuda a emagrecer é muito boa

M: Você gosta?

A: Gosto, sempre gostei.

M: Você gosta de comer desde pequeno, cresceu comendo maçã?

A: Gosto de comer sempre, todo dia, depende, às vezes, alterna os dias.

M: Legal, mais alguma coisa?

A: ah, a maçã, é muito boa para bater com leite no liquidificador, fica bem gostoso colocar aveia também, é bom gostoso, faz muito bem para a saúde, eu amo e sempre faço várias coisas, faz muito bem para a saúde, às vezes, eu levo frutas comigo, coloco na bicicleta e vou trabalhar e como lá porque faz muito bem à saúde, ajuda na saúde deixa mais confortável.

M: muito bem, mais alguma coisa?

A: Não, só.

Bateria 2

M: Segunda bateria, o que você vê?

A: Uma cachoeira.

M: Isso, é uma cachoeira, o que você sente ao ver essa imagem?

A: Nada, não sinto nada.

M: Não sente nada?!

A: Não sinto nada.

M: Uma emoção, nada?

A: Nada, zero. Nunca fui em uma cachoeira, não sinto segurança

M: Por quê?

A: Por que a minha mãe sempre me segurou perto, sempre me protegeu, me deu banho na bacia.

M: que sinal é esse que você fez?

A: É o sinal de dar banho na bacia

M: A água na bacia desde pequeno

A: Isso, a minha mãe sempre me deu banho ali na bacia e eu me senti bem seguro, então, em uma cachoeira não me sinto seguro.

M: Você não tem vontade de ir?

A: Não, minha vontade já passou, quando tinha 10 anos de idade tinha muita vontade de viajar, fazer várias viagens, mas já passou, não consegui ir pela primeira vez na cachoeira .

M: Mas você não se sente atraído pela imagem da cachoeira?

A: Tá, me sinto atraído, mas não dá vontade de viajar mais, lembro também que não é bom ficar pensando em viajar porque isso me deixa ansioso, pedindo para minha mãe sem parar: por favor, vamos viajar, vamos! Mas ela fala que não dá, me deixa no quarto com a porta fechada e eu fico nervoso e bato a cabeça na porta até fazer um galo na testa, minha mãe era muito mandona sempre mandava que eu fizesse um comportamento diferente.

M: Mais alguma coisa?

A: Não.

M: Beleza, bateria dois e imagem dois: o que você percebe?

A: É uma construção

M: Você acha parece?

A: Não, parece...não sei. É, eu nunca fui

M: Água da barragem caiu sobre a cidade e destruiu as casas

A: Não sei, nada.

M: Não sabe nada?

A: Não sei nada, nunca vi sobre isso

M: Você não viu na televisão?

A: Eu não vi, com 1 ano eu não sabia nada. Pode ser que eu tenha visto, mas eu não sei de nada. Talvez minha mãe me ensinou, porque ela me ensinava quando eu era pequeno, quando tinha 1 ano de idade, estava acostumado com isso. Minha mãe quando vê as coisas vai me falando, até coisas de muito tempo atrás, mas com 1 ano não contava nada.

M: Sobre essa imagem?

A: Sim, sobre isso.

M: Onde aconteceu isso?

A: Não sei.

M: Mais alguma coisa?

A: Não.

M: Ok, ótimo! Agora, bateria dois e imagem três: o que você percebe?

A: O planeta Terra

M: O mundo, isso!

A: Deve ser muito frio, eu acho, é bem frio.

M: O que é isso aqui na imagem (M aponta algo na tela)

A: É um homem, eu acho.

M: Não sei, está de capacete com uma roupa grossa flutuando no espaço

A: Flutuando no espaço. Eu vi, na televisão, e fiquei imaginando o foguete indo para o espaço, eu já vi sobre isso.

M: E você tem vontade de ir para o espaço? O que você sente? Sente alguma emoção?

A: Tenho vontade, tenho mais vontade para adquirir experiência. Não quero ficar imaginando (em libras NUNCA MAIS IMAGINAR) é difícil, muito difícil porque tem que se preparar muito, estudar também é muito importante, precisa ser muito inteligente, isso não dá

M: Mais alguma coisa?

A: Não

Bateria 3

M: Terceira bateria e primeira imagem: o que você vê?

A: É uma mãe há muito tempo.

M: Uma mãe. É um desenho ou é uma pintura em tela?

A: Um desenho, não sei.

M: Olha, aqui e aqui (M aponta a imagem na tela) o que é?

A: Eu não sei.

M: O que você percebe?

A: Eu nunca, nunca.

M: O que você vê lá?

A: Eu nunca vi igual

M: Você não percebe nada?

A: Nada.

M: Não percebe e não sente nenhuma emoção?

A: Eu sinto que, eu vejo que é uma imagem do passado, que faz muito tempo e está até hoje, imagem está ótima

M: Você não vê nenhuma tristeza, nada?

A: É... parece que tem uma tristeza ou nervosismo ou uma preocupação

M: Por quê?

A: Eu não sei, talvez, ele está mandando e ela está com medo

M: O que mais?

A: Não sei

M: Beleza, bateria três e imagem dois

A: O mundo desenhado, o que é isso?

M: Não sei, o que que você percebe? É para você perceber, para você descobrir

A: São estrelas, é só isso mesmo, é

M: Que sinal é este que utilizou?

A: À noite pequeno brilha: estrelas

M: Estrelas, não sei

A: Não sei

M: É? Se expresse, o que você vê? O que você pensa?

A: Eu nunca, nunca vi as estrelas desse jeito

M: O que mais?

A: Mais nada.

M: Vamos para a próxima pergunta

A: Sim, pode ser.

M: Última imagem: o que é?

A: Uma cidade

M: Uma cidade, por que é uma cidade?

A: Eu acho, deixe-me ver, eu acho que é um boi

M: Por quê?

A: Eu acho que é um boi

M: Como?

A: Um boi com as patas correndo na cidade

M: Que cidade?

A: Acho que em Maringá

M: Você não conhece?

A: Não, não conheço.

M: Essa imagem é antiga ou é de agora?

A: Aqui é Sarandi, mas a imagem ela é antiga, essa imagem antiga é de Maringá

M: Ela é de Sarandi ou de Maringá?

A: Não sei, não conheço.

M: Beleza, acabamos. Muito obrigada. Tchou, tchau!

A: Tchou

Entrevista com o Breno

M: OI, AGORA EU ENTREVISTA EL@. SEU SINAL

B: SINAL "R" TOCA NO LADO DE PESCOÇO.

M: NOME SEU?

B: B-R-E-N-O

M: JOIA. É BATERIAS (SOLETRAÇÃO) 1 , 2 , 3. COMEÇAR ENTREVISTA JOIA. (CLICANDO SLIDE) . BATERIA 1 E 1 (IMAGEM). O QUE VOCE VÊ ESSE?

B: CASA

M: É CASA, CONTE QUALQUER VC PENSA/IMAGINA SOBRE ESSA CASA.

B: CASA PINTURA , TELHADO VERMELH@ BONIT@ SÓ

M: CASA BONIT@ SÓ?

B: SÓ

M: ESSA CASA (IMAGEM) É IGUAL SUA CASA?

B: MAIS OU MENOS IGUAL , TELHADO MAIS OU MENOS IGUAL TRIANGULO (0:50)

M: TELHADO TRIANGULO IGUAL MAIS OU MENOS?

B: SIM MAIS OU MENOS IGUAL.

M: (TENTANDO PUXAR INFORMAÇÕES DO BRUNO) CASA TELHADO TRIANGULO FOLHAGEM CIMA IGUAL?

B: SÓ TELHADO, ARVORE GRAMA SÓ FLORES SÓ . SÓ

M: MAIS ALGUMA COISA?

B: SÓ. NÃO TEM RUA , FUNDO CASA EDICULA , ARVORE GRAMA (1:04), GRADE DO PORTÃO SÓ.

M: TER VONTADE CASA PROPRIA?

B: MAMAE FAMILIA ME DEU CASA. SÓ.

M: HUM . MAIS ALGUMA COISA?

B: SÓ

M: TA BOM, AGORA 1 (BATERIA) 2 (IMAGEM) (CLICANDO SLIDE). O QUE VOCE VE?

B: OBSERVANDO. ACIDENTE.

M: ACIDENTE?

B: SIM ACIDENTE, PRECISA MUITA ATENÇÃO.

M: POR QUE? COMO ACONTECEU?

B: OLHANDO CELULAR DISTRAIR, ASSUSTOU BATEU DOIS CARROS FRENTE SOZINHO, É SUSTO. SÓ

M: VOCÊ JÁ ACIDENTE?

B: NUNCA DIRIJO .

M: NUNCA DIRIGIU?

B: VENDI CARRO FAZ TEMPO, MINHA CASA EU ANDAVA VOLTA CARRO E VENDI. PORQUE VENDI CARRO CONSTRUIR CASA MAMAE AJUDAR DIVIDIR MAMAE CASA CONSTRUIR SÓ. SEMPRE ANDO A PE E DE BICICLETA .

M: SEMPRE ANDA A PE?

B: BICICLETA E PE SÓ. EU TRABALHO, CARRO NÃO. SÓ POUCO TEMPO MENOS UMA SEMANA VENDI CARRO.

M: ENTÃO, NUNCA TIVE ACIDENTE?

B: NUNCA.

M: AH TA. O QUE VOCÊ ACHA QUEM ESTÁ ERRADO HOMEM OU MULHER (APONTAÇÃO IMAGEM)?

B: ACHO MULHER ERRAD@. ACHO

M: É? POR QUE MULHER?

B: HOMEM ERRADO, ACHO.

M: HUMEM? HOMEM OU MULHER CERTO? MULHER?

B: SIM MULHER CERTO, MULHER SUSTO CARRO VINDO BATEU ELA. OU MULHER BEBADA OU SONO. SEI LA´

M: HUM. MAIS ALGUMA COISA?

B: AS VEZES HOMEM AS VEZES MULHER JOIA (CERTA) AS VEZES MULHER SONO CANSADA HORA PRESSA, CARRO BATEU SUSTO. BALADA, CARRO BATEU. HORA PRESSA, CARRO BATEU DEPENDE. DEPENDE PESSOA. SIM.

M: HUM. MAIS ALGUMA COISA?

B: EXISTE ACIDENTE MUITO. TAMBÉM CASA, PESSOAS ANDANDO O CARRO ATROPELOU TAMBÉM CARRO E CARRO BATERAM.

M: É? É MESMO. E MAIS?

B: SÓ

M: HUM, JOIA. AGORA 2 PARA 3 (BATERIA), OPA DESCULPA 1 (BATERIA) E 3 (IMAGEM). (CLICANDO SLIDE). O QUE VOCE VE O QUE ESSA? O QUE É ISSO?

B: (OBSERVANDO). É MAÇÃ. MAÇÃ PEQUENINHA PARA MAÇÃ GRANDE (ESSA IMAGEM). ENCONTRA ELA NO MERCADO, VONTADE COMER. DAR POUCO P FILH@ VONTADE. É GOSTOSO MAÇA. PORQUE TAMBÉM MAÇA BATIDA LIQUIDIFICADOR BEBER TAMBÉM COM LEITE MISTURA BEBER, TAMBÉM JUNTO BANANA JUNTO MAÇA LIQUIDIFICADOR GOSTOSO BEBER GOSTOSO. AS VEZES PARO EU POUCO AS VVEZES POUCO DIFICIL COMER. MAIS PARA FILHO EU COMPRO DOU FILHO MAIS. EU TOMO POUCO A POUCO DE CADA VEZ. SIM

M: POR QUE?

B: EU SOZINHO AUTOMATICO NÃO TER VONTADE . ELE (FILHO) SE VONTADE, EU COMPRO DAR ELE . É BOM MAIS P ELE IMPORTANTE FILHO COMER MAÇA IMPORTANTE SÓ. EU SO RARO UM DE CADA VEZ POUCO (RARAMENTE). MUITO NÃO. POUCO A POUCO SIM. DIFICIL.

M: VOCE TEM SENTIR GOSTO?

B: SIM É GOSTOSO MAÇA SAUDE BOM SIM, IMPORTANTE FILHO FALAR, EU COMPRAR MAÇA QUANDO ELE APONTAR (MAÇA) TAMBÉM APONTAR BANANA . UM DIA GOSTOSO SÓ. É RARO POUCO A POUCO, NÃO É AGORA COMPRAR. SÓ POUCO. DEPENDE ENJOAR MAÇA FILHO CRESCER ENJOAR. ANTES PEQUENINHO COME BEM, CRESCER PAROU VONTADE. PAROU COMER . É AS VEZES RARO . SÓ

M: HUM, MAIS ALGUMA COISA?

B: SÓ.

M: SÓ? CERTO (CABEÇA BALANÇOU), AGORA 2 (BATERIA) CLICANDO SLIDE. O QUE ESTÁ VENDENDO?

B: FOTO

M: FOTO?

B: CACHOEIRA CAINDO

M: CACHOEIRA, ISSO MESMO.

B: RIO, PASSEIO, NADAR BONITO SÓ. É FOZ DO IGUAÇU.

M: É FOZ DO IGUAÇU?

B: É FOZ DO IGUAÇU SIM

M: PARECE FOZ.

B: É FOZ. PERTO PARAGUAI CONHEÇO

M: TEM CERTEZA?

B: SIM. PERTO MAIS OU MENOS PARAGUAI. ESSA IMAGEM, FOZ DO IGUAÇU FICA ATRAS . JÁ ANTEI PONTE E SUBINDO ESCADA JÁ (CATARATAS)

M: JÁ? COMO É?

B: É SENTIR FRIO, FRESCO VENTO , PERIGOSO NÃO PULAR NÃO PODE. VENTO É GOSTOSO SIM. FUI TRES VEZES.

M: TRES VEZES!?

B: PQ FIQUEI SABENDO IRMAO DIZIA COMPRAR TELEFONE COISAS COMPRAR LÁ . EU COMPREI ROUPA SAPATO COISAS, E FALAR (IRMAO) VAMOS CACHOEIRA LÁ. ONDE, FOMOS JUNTOS EU PRIMEIRA VEZ DEPOIS SEGUNDA E TERCEIRA VEZ, GOSTOSO PASSEAR GOSTOSO, VENTO FORTE GOSTOSO.

M: VOCE JUNTO QUEM?

B: MEU IRMÃO

M: HUM IRMÃO HOMEM

B: SIM IRMAO HOMEM, GOSTOSO VENTO CHEIRO SAUDE, TEM OUTROS RIOS CACHOEIRAS MAIS OUMENOS, LÁ VERDADEIRO GOSTOSO CACHOEIRA FOZ IGUAÇU VERDADE OTIMO GOSTOSO NOSSA SIM. EMOÇÃO FUI TRÊS VEZES, GOSTOSO OTIMO (PUXA ORELHA).

M: HUM, LINDA (FOTO CACHOEIRA)

B: SIM LINDA MAIS GRANDE RIO FRONTEIRA , MEU IRMÃO FALOU PERIGOSO ANDAR BARCO ANTES FRONTEIRA PQ CACHOEIRA ATACA O CORPO SOME, PELE SOME MORRA. ELE FALOU, TAMBEM FALOU CUIDADO E FICA ATRAS NÃO FRENTE. BARCO SO PASSA ANTES FRENTE CACHOEIRA PQ CACHOEIRA É FUNDO, CORPO SOME MORRE (REPETIU). SIM ISSO É PERIGOSO. ME FALOU MORREU 6 PESSOAS NÃO SABIA.

M: 6 PESSOAS?

B: 6 SIM MORTAS, EU IA PASSAR, MEU IRMAO FALOU NÃO VEM PARA ATRAS . O CAPITAO BARCO PASSOU E DESVIOU PQ TEM PLACA

AMARELA “NÃO PODE PASSAR FRONTEIRA” E TEM CERCA PROIDIDO, BARCO VIROU, SIM NÃO PODE.

M: VIXI. MAIS ALGUMA COISA?

B: SÓ SÓ. MAS É LINDA CACHOEIRA RIO COISA NATUREZA LINDA, TEM AVES VARIAS, MACACO VARIAS EU OBSERVEI ATENÇÃO . ISSO OTIMO . EU TRÊS VEZES CAI QUEIXO, BONITO MESMO. OTIMO

M: É MESMO . VERDADE. MAIS ALGUMA COISA?

B: SÓ.

M: AGORA BATERIA 2 IMAGEM 2 (CLICANDO). O QUE É ESSA (FOTO)?

B: LIXO (NÃO ENTENDI, 7:57). É CHUVA AGUA PÓ TERRA DESMORONOU CHUVA MUITA, TERRA FICOU LIQUIDO DESMORONOU. PQ ANTES LIXO JOGADO ESGOTO BAIXO, CIMA CIMENTO CERTO, MUITA CHUVA TERRA MOLHADO MOLE CAIU DESMORONOU SIM. MUITA PESSOAS MORRERAM . É MINAS GERAIS.

M: É MINAS GERAIS? É MESMO.

B: MAS FALTA HOMEM DEPRESSA CONSTRUIR BARRAGEM (MURO) CHUVA MUITO AGUA CHÃO SUBINDO CADA VEZ E DERRUBOU BARRAGEM DESMORONOU. PORQUE AGUA PESADA FORTE MUITA CHUVA AGUA BARRAGEM FRACO DESMORONOU. MORRERAM. CASAS DESTRUIDAS TODAS . FICO DÓ MORRERAM. É MINAS GERAIS, PERTO CIDADE PEQUENINHA . CONHECO SEI ISSO. MAS CASA CONSTRUIDA CERTO, MAS TERRA FRACA MOLE NÃO TEM PLANTAÇÃO (ARVORE), TERRA MOLE FRACA MUITA CHUVA TERRA FICA LIQUIDA MOLE ESCORRENDO BARRAGEM NÃO É FORTE, FRACO MESMO. SIM.

M: É. MAIS ALGUMA COISA?

B: NÃO, SÓ.

M: CERTO. AGORA BATERIA 2 IMAGEM 3 (CLICANDO). OLHE ESSE.

B: (OBSERVANDO), É MUNDO, FOGUETE.

M: É MUNDO, FOGUETE, ISSO MESMO

B: PORQUE O MUNDO, O FOGUETE PARA ACHAR/ENCONTRAR MUNDO OUTRO CADA MUNDO. TERRA, M-U-N-D-O (SOLETROU), MUNDO (SINAL) CERTO?

M: SIM CERTO.

B: MUNDO MUNDO PEQUENO, SOL, PEDRA SOLTA, OUTRO FOGO, OUTRO PEDRA, OUTRO ETC. SABE? DIFERENTE. PQ FOGUETE PESQUISAR ENCONTRAR MUNDO OUTRO MUNDO. MUNDO REDONDO (NÃO ENTENDI 10:02), EVITAR METEORO PASSAR DESTRUIR MUNDO, MUNDO OK, OUTRO MUNDO ORBITA PASSANDO DE CADA VEZ, HORARIO PASSA, ORBITA PASSA , NOITE E DIA, OUTRO NOITE E DIA É ORBITA PASSANDO CADA VEZ, PORQUE FOGUETE VER DESCOBRIR ESTRELAS, FOGO PLANETA, PORQUE VER COMETA (METEORO) PASSANDO NO CÉU E PODE ATACAR CHÃO, É DIFERENTE A TERRA. PORQUE FOGUETE LÁ NÃO TEM AR MORRE, É PERIGOSO. FOGUETE PASSANDO E SEM AR, PERIGOSO.

M: VOCÊ TEM EMOÇÃO? VONTADE DE IR LÁ?

B: NÃO, NUNCA. COMO? SÓ VEJO TELEVISÃO SOBRE ESSE ASSUNTO (FOGUETE).

M: SÓ TELEVISÃO?

B: SÓ. NUNCA FUI LÁ CIMA, NUNCA.

M: CERTO. BOM! MAIS ALGUMA COISA?

B: SÓ

M: JOIA. CLICANDO, BATERIA 3 IMAGEM 1

B: OBSERVANDO. BONITO.

M: BONITO ESSA?

B: HOMEM....MULHER... OBSERVANDO IMAGEM. É PINTURA.

M: PINTURA? É PINTURA.

B: DESENHO UMA CASA, CASAL EM PÉ DISTANCIADO (AFASTADO), ESSE DESENHO DENTRO DE CASA, É PINTURA.

M: POR QUE PINTOR OU PINTORA TANTO FAZ DESENHO PINTOU ESSE QUADRO ? O QUE É ISSO ESSE? APONTANDO (COM CANETA) NO QUADRO NA TELA DE NOTEBOOK.

B: ESTOU VENDO. MULHER CHORANDO, PARECE ARRUMOU MALA E FOI EMBORA DO DESENHO.

M: POR QUE?

B: ACHO.

M: ACHA?

B: *HOMEM ENCOSTADO EM PE E MÃOS NOS BOLSOS NA CALÇA, TALVEZ BRIGARAM DENTRO DE CASA, ELE/ELA COLOCARAM ROUPA MALA POR CAUSA BRIGA, EMBORA. MULHER CHORANDO NERVOSA. SEI LA (GESTO DO BRUNO). ACHO.*

M: *ESSE QUADRO É TRISTE OU?*

B: *ACHO TRISTE ACHO SIM. ACHO TRISTE NERVOSO ANGUSTIA E PASSANDO ESQUECER (PAZ).*

M: *HUM. MAIS ALGUMA COISA?*

B: *SÓ. SÓ*

M: *BATERIA 2, OPA NÃO, É BATERIA 3 IMAGEM 2.*

B: *(EXPRESSOU OBSERVANDO COM DIFICULDADE DE ENTENDER IMAGEM ABSTRATO). XADREZ, QUADRO, DESENHO COM SETAS VARIAS, MUNDO.*

M: *EXPLICA.*

B: *ESTOU VENDO. É PINTURA DO QUADRO.*

M: *É PINTURA.*

B: *DESENHO, JORNAL, DESENHO BAGUNÇADO LIVRE ESPAÇO. É SO COLOCAR QUADRO DESENHO (FICA BONITO) SÓ.*

M: *SÓ? MAIS ALGUMA COISA?*

B: *NÃO*

M: *VOCE SENTE NÃO ESSE QUADRO?*

B: *NÃO.*

M: *NÃO SABE?*

B: *NÃO. NÃO CONHECO COMO ESSE QUADRO.*

M: *NÃO CONHECE?*

B: *NÃO.*

M: *MAIS ALGUMA COISA?*

B: *SÓ.*

M: *BATERIA 3 IMAGEM 3 CLICANDO. O QUE É ISSO ESSE?*

B: *BOI.*

M: *BOI? POR QUE ISSO? CONHECE ISSO?*

B: *DESENHO*

M: *DESENHO?*

B: *É PEDRA NA PAREDE, É;*

M: PEDRA NA PAREDE. COMO É?

B: É ANTIGO HISTORIA. EU PEQUENO CABEÇA ZERO, NASCI CABEÇA ZERO CRESCI . É DESENHO ANTIGO.

M: VOCÊ ERA PEQUENINHO?

B: NASCI CABEÇA ZERO , NASCI. PORQUE MUITO ANTIGO A PESSOAS NÃO TINHA E PEQUENINHAS . INDIOS DESENHAM FAZ TEMPO ANTIGO SIM.

M: INDIOS DESENHARAM?

B: SIM (COM DUVIDA). BOI COR VERMELHO É BOI. É PEDRA NA PAREDE RELEVO;

M: O QUE VOCÊ PENSA ISSO?

B: SEI LA (GESTO CABEÇA), ANTIGO HOMEM QUE FEZ DESENHO.

M: POR QUE DESENHOU (TENTANDO PUXAR INFORMAÇÃO DO BRUNO)

B: SEI LA (CABEÇA E OMBRO BALANÇAM). EU NASCI CABEÇA ZERO NÃO VI CABEÇA ZERO (INOCENTE) FIQUEI ESTRANHO FEZ DESENHO PEDRA PAREDE CAVERNA DESENHO, CHUVAMUITO, DENTRO DE CAVERNA NÃO TINHA CASA, NÃO TINHA LUZ, BOI... BOI E BOI ATARACAM FRENTE CHIFRES, DESENHO HOMEM PEQUENO BARBUDO VELHO DESENHO. ACHO. DESENHO CAVALO TAMBÉM E BOI SÓ. OBSERVANDO, RASCURA PAREDE (IMAGEM). SÓ BOI MESMO.

M: SÓ?

B: SÓ SIM

M: MAIS ALGUMA COISA?

B: SÓ. SÓ

M: JOIA. AGORA VONTADE QUER FALAR ALGUMA COISA?

B: NÃO. SÓ. JOIA.

M: ACHOU LEGAL?

B: BOM.

M: AGORA TERMINAMOS. BEIJOS XAU.

B: JOIA.

Entrevista do Dirceu

M: Olá, qual o seu nome?

D: Meu nome é Ditmar.

M: Qual seu sinal?

D: Este é meu sinal (Configuração de mão em L na testa).

M: Agora, vamos começar a entrevista das imagens. As imagens são separadas em 3 grupos, já expliquei como funciona a ele. Cada bateria terá três imagens. Beleza? Vamos começar, torcer. O que você vê na imagem?

D: Uma casa.

M: Uma casa, o que você sente?

D: Uma casa, é difícil pensar como ela é, mas parece ser boa, não tem problema, mas não sei do futuro. Eu não tenho casa ainda, já estou velho e nada. Durante todos esses anos, trabalhei muito, mas não tenho pessoas que me ajude, minha família não dá esse suporte, maioria gasta o dinheiro. Muito difícil, precisa ser persistente, muito difícil porque o salário é pouco, não consigo. Eu quero uma casa, muito triste, mas Deus sabe, como será no futuro eu não sei, eu quero, mas talvez seja melhor não. Eu gosto de ter uma casa bonita, mas pago aluguel, paciência, não tenho nenhuma ajuda, tudo fruto do meu trabalho e sacrifício. Não guardo dinheiro porque precisa comprar comida, gasto normal, não vou reclamar

M: Entendi.

D: Por exemplo, se acontecer de sonhar com uma casa, o desejo e sonho persistir preciso tirá-lo da cabeça, antes preciso do dinheiro depois sonhar com a casa. Já aconteceu, mas o valor das casas são altos, já pensei emprestar dinheiro do banco, mas meu nome está sujo infelizmente. Então, não sei quando será que terei a casa. Entregue a Deus.

M: Entendi. Mais?

D: Mais? Deixa-me ver, bom a família é difícil, como será no futuro casa e comida, não sei, se acontecer alguém morrer, não quero me preocupar com dinheiro e prejuízos, ok, só. Desculpe, irmã morrer ou irmão morrer e aceitarem vender casa, eu não aceito, minha mãe pode vender, mas para quê? Por causa de lucro? Eu sozinho trabalho há anos desculpa eu não aceito. Falaram também de vender e comprar carro me dar, estou esperando, trabalhando bastante, mas nada!

M: Certo.

D: Só, ok.

M: Vamos para a outra imagem: bateria um e imagem dois. O que é?

D: Os carros bateram.

M: Como aconteceu o acidente, como bateram? O que você sente ao ver a imagem?

D: Vejo e lembro de um exemplo que aconteceu no passado de verdade, não foi só um carro que bateu, mas foram vários carros que bateram em um. O porquê das batidas não sei, que se “exploda”, não queria ficar me preocupando com carro depois e tendo estresse, vendi o carro, não tive mais acidente, faz tempo. No trem é bom, dá pra ver as árvores tranquilo. Quando o carro passat bateu rodopiou, não morri, caiu galhos de árvore em mim, mas não morri, fiquei bem, mas mudei de ideia e decidi não dirigir mais. As pessoas vieram ver o carro no acidente e pensaram que o motorista havia morrido, mas estava bem, até saí andando, mesmo com a ambulância e as pessoas perto. Agradeço muito a Deus. Vendi o carro e fiquei livre. Depois, você lembra que eu tinha um

M: O que é

D: Moto igual a sua, Chevrolet.

M: Ah, celta, lembro.

D: Comprei ele novo, paguei parcelado, tomava muito cuidado. Não bati nenhuma vez, foi uma paz! Eu fiz no nome igual o seu, tomava cuidado, quando pedi para trocar o nome para continuar pagando ela disse que não e que pegaria o carro. Eu ficaria sem nada? Estava cheio de dívida, mas continuaria pagando, mesmo sendo de mais idade.

M: Difícil.

D: Outro carro da Renault vendi, o volkswagen vendi também (06:40) aí fiquei limpo, e tenho o Renault que está no nome dele. Não dá pra trocar o nome porque a empresa bloqueia a troca. Também não posso vender. Como eu fico? Sem nada. Não tenho culpa, não fiz nada, aconteceram as coisas, não tive controle. Não fico me preocupando prefiro cuidar da minha saúde e ficar bem, já tenho 61 anos de idade. Se ficar preocupado ficarei doente, só agradeço a Deus. Ok. Abraço.

M: Muito bom. Parabéns. Podemos passar a imagem?

D: Sim, pode passar.

M: O que é essa aqui?

D: Só um pouquinho. (lendo slide). É uma maçã.

M: Isso, uma maçã.

D: Maçã da história do passado de Adão e Eva?

M: O que você sentir.

D: Conheço a história de quando surgiu a maçã. No passado Adão e Eva tiveram uma ordem de Deus. Poderiam todas as árvores, mas essa principal não, nela tinha uma cobra. Adão e Eva andavam nus e não tinham vergonha. A cobra começou a dizer várias coisas e seduziu Eva com a maçã. Ela inocente, comeu e já se arrependeu. Mudou toda a história, começou o sofrimento, que desenvolveu e parece que está até hoje. Tem pessoa que não acredita, que o perder e o sofrer é influência deste erro lá do passado da árvore e da cobra. Olha a maçã e lembra que Deus e Jesus fizeram várias árvores, mas não a maçã, os passarinhos, que ajudaram na distribuição de sementes. E o eu? E a pessoa? Também, uma semente que cresceu.09:34 Entendeu? E depois com o tempo nasceu um homem, só um homem, faltava uma mulher, fez do filho assoprar e surgiu a mulher. A mamãe Maria também, nasceu igual. Por isso a história do mundo foi acontecendo muito sofrimento até que veio Maria teve o filho Jesus, que anunciou a salvação. Antes os animais eram mais calmos e mansos podia se fazer carinho, não mordiam, todos os animais eram bons, mas com a mudança foi tudo piorando, porque não temos cuidado, e o animal acaba sendo o predador. Até a abelha faz mal para algumas pessoas. Pessoas precisam pensar mais em outras pessoas, mais amor, para que tudo melhore e se cure. Só. As pessoas, até amigos, que falam alguma coisa que não é boa, me desculpem, mas melhor afastar. O passado era bom e era diferente, agora pessoas falsas escondidas e Deus não gosta disso. O mais importante é o amor, amar as pessoas. Deus abençoa e tudo, a maçã nos afastou de Deus.

M: Certo, legal.

D: Ok, obrigado, tchau.

M: Primeira bateria encerrada. Bateria dois imagem um: pouco difícil, o que você vê?

D: Só um pouco (lendo as informações) Ah, água. O mundo no passado, não só Brasil, não todos os continentes eram um só, depois com a água foram separados e espalhados pela água. Depois disso que foram ter as árvores, as cachoeiras, as chuvas, e foi Deus que criou tudo isso. Como saber que foi Deus quem fez? Primeiro Deus fez a Terra, essa separação depois fez as pessoas. É sim, os rios são bonitos, as árvores ajudam na respiração e purificação do ar, ele

nos faz bem assim como a água limpa que ingerimos e tomamos banho. Faz bem para a saúde tomar água e não guarana e cerveja, estes só pensam em vender, a água é própria de Deus. Pensa bem, Jesus abençoou o vinho, faz bem para a saúde por muitos anos. O corpo do ser humano precisa de água, muita água para ficar limpo. Se não existir água, morremos. Muito tempo sem chuva, sabemos o que acontece, a seca. Pode perceber, algumas pessoas ignoram a água, mas não dá, precisa agradecer pela água, porque é importante. Não podemos poluir os rios precisamos cuidar, deixá-los limpos. É muito triste, nós já sabemos disso e por que fazemos? Eu gosto de ver a natureza, ver os rios, lagos, enche os olhos de beleza, ajuda no pensamento, dá uma sensação de tranquilidade, com isso não ficamos doentes. Evitamos as idas aos hospitais, precisamos nos conscientizar e ajudar a natureza, cuidar dos animais, ajudar a manter tudo limpo. Entende? Ok. Beleza, obrigado.

M: Muito bem. Segunda bateria e segunda imagem: conhece? Conhece essa imagem?

D: Joga lixo? (lendo slide) Ah! A barragem que se rompeu. Antes da imagem, no passado, foram feitas escavações a procura de minério(ferro) para vender e deixaram esses montes em volta da cidade. Para que? Depois esses montes desmancharam e estragaram tudo. Muito triste porque agora deve ser um lugar com mal cheiro, porque morreram pessoas e animais, muito sofrimento, dor, choro. Um absurdo! O rio bonito que havia ali, desapareceu, acabou. O que vai ser feito agora? Precisamos pensar, como os agricultores da região vão ficar agora? Acabou tudo rio, terra. Deus não vai mandar uma chuva e arrumar tudo nós precisamos aprender criar novos costumes. Ficar pensando só em dinheiro e mais dinheiro? Não! Desculpe-me. Cadê a comida para estas pessoas? O Brasil está quebrado, e nós continuamos com costumes ruins, jogando lixo nas ruas. Vamos cuidar do lixo, manter a natureza limpa e bonita, será bom para nós. Cortar muitas árvores, no passado foi bom, ajudou, mas e hoje, porque ainda continua em grande quantidade? Beleza, obrigado.

M: Certo. Próxima!

D: (lendo slide) Um astronauta fora do Planeta Terra.

M: Sim! Um astronauta com seu capacete.. isso.

D: O foguete é enviado no espaço para fazer e arrumar câmeras (satélites) não ficam preocupados, pois é uma forma de ganhar dinheiro de controlar telefones,

mas e a saúde das pessoas? Porque isso pode fazer mal para a saúde por causa do imã, é perigoso. É verdade, por exemplo, se pessoa está no mundo em um polo negativo e tem o polo positivo, se a pessoa é negativa e por causa dessa onda do satélite tiver contato com o positivo, pronto: perdeu! Entende? Certo. Percebe 20:05 até 20:12 – não entendi -. As pessoas querem conhecer outro mundo, tem salário bom, mas e as outras pessoas da Terra, podemos ignorá-las? Não podemos. O mundo não é de uma única pessoa, me desculpe. Deus criou o mundo, a água, tudo que nele há. Essas idas ao espaço quebram a camada externa da Terra que é de vidro, verdade.

M: De vidro?

D: Olha (aponta na imagem) sim, é de vidro. Essa camada protege da luz do sol, se quebrar aí nos queimamos. É como o óculos que protege o olho, com ele o olho está protegido, mas se a lente quebra machuca o olho. Lançar foguete quebra a camada, faz vários buracos e isso aquece a água e a diminui. É isso, ok, entendeu claro?

M: Parabéns! Entendi, certo.

D; Eu lembro quando me explicaram sobre isso, eu não sabia, tinha uma venda em meus olhos, mas depois que soube entendi. E eles não divulgam porque só pensam no dinheiro e no lucro. Nós gostamos do mundo, da natureza, trabalhamos muito, devemos cuidar de tudo e esquecer o espaço e o estrago que faz ir atrás dele. Obrigado, espero que tenha entendido de forma clara.

M: Muito bem. A terceira bateria e última. O que é isso?

D: (lendo slide) ah, sobre bater? Conheço, isso é triste. Olha, tem ordem.

M: Como?

D: É difícil, filho e pai.

M: O do lado de lá (esquerdo) é o pai?

D: Sim, o pai. Ele é mal, bravo, dá muitas ordens. No passado era bem pior, hoje está mais ou menos, ainda, difícil, acho que aconteceu alguma coisa, não sei.

M: E essa mulher (aponta imagem)?

D: Mulher? É homem. É um homem mesmo. Na imagem são pai e filho. O filho está triste, magoado porque o pai só manda nele, muitas ordens, ele não consegue se expressar, seu pensamento não evolui, isso precisa ser evitado. Pai precisa ter paciência, sou pai, eu sei, precisa ter paciência, ter carinho, para que o filho tenha alegria, ânimo, cresça carinhoso, com pensamento saudável e

melhor. Um pai que só dá ordens motiva pensamentos fracos e depressivos, não consegue aprender na escola, causa um trauma por toda a vida do filho. Mas professores no passado batiam nas mãos com força, era horrível, hoje é melhor tem a lei que nos assegura, que permite o desenvolvimento do pensamento, a tecnologia que contribui de forma veloz. O passado foi ruim, teve muito sofrimento, hoje melhorou, precisa aproveitar isso. Hoje pai não pode bater, precisa ficar quieto, tem lei e ele tem medo de ficar preso. Foi criando uma consciência e melhorou um pouco. No passado eu sofri muito, meu pai era mandão igual na imagem, lembro que era assim. Eu não entendia porque brigava tanto, porque tantas ordens, achava que eu tinha problemas cognitivos, meu rendimento em português era muito baixo, e a culpa era dele. Minha mãe falava: não, não briga, evita fazer assim. Minha mãe avisava, sabia que surdo era diferente, já meu pai falava que não, que eu que não entendia nada, que era um idiota. Minha mãe chorou, mas nunca se arrependeu. Hoje faço as coisas, tenho cultura meu pai sente vergonha pelo que fez e falou. Eu o ajudo, eu o perdoo pelo que já falou, digo que precisa ser legal, ajudar. Entendeu? Por isso é igual essa imagem, eu a vi e lembrei, das histórias. Sabia que meu pai já bateu no meu rosto? Foi tão forte que meu óculos quebrou. Nossa, eu fiquei tão triste, quieto, não briguei com ele, não fiz nada. Minha mãe também não fez nada, ficou quieta. Ele ficou angustiado, se remoendo pelo que fez e foi pedir desculpas para mim, que sentia muito. Mas não pode fazer uma coisa dessa. Eu agradeço a Deus por ter ficado quieto e peço para tirar essas lembranças de mim. Eu com meu filho sou muito carinhoso, dou muito carinho, não sou de dar ordens, gosto de dialogar, que ele entenda. Hoje ele é adulto e tem mais amor por mim, porque fui carinhoso com ele. O carinho é importante, não entendo quando não tem, percebo entendo a diferença. Obrigada, abraço, tchau.

M: Muito bem. Agora a terceira bateria e segunda imagem: tudo misturado.

D: (analisando) Parece que está desenhado um ovo, olha (aponta na tela) é um ovo!

M: Não sei,

D: Aqui também (aponta na tela) é difícil, muito difícil.

M: Difícil? a segunda e terceira imagem são mais difíceis. Próxima.

D: Ah, conheço, é um boi.

M: É um boi? Terceira imagem da terceira bateria.

D: (analisando imagem) é um boi lá da África.

M: Da África?

D: sim, de lá.

M: Mas como?

D: Foi lá que surgiu há muito tempo atrás. Também, como sinaliza? O fogo! Os desenhos na parede, é lembrei que isso é de muito tempo atrás. No passado, quando esse boi foi desenhado na parede, o homem tinha cabelo comprido, usava ferramentas de pedra, por isso o desenho, eles sabiam fazer mesmo sem estudar, olhavam e copiavam no formato certo do animal e ficava bonito. Sei que são pessoas faziam e foram desenvolvendo seu pensamento com isso. Criaram um jeito de produzir fogo dentro da caverna para dormirem. Não tinham casas, viviam em cavernas, por isso os desenhos em cavernas. Os registros do passado, mostram que eram espertos e aprendiam as coisas. Beleza, ok, obrigado, ok, acabei.

M: Já! Parabéns! Muito obrigada! Tchau. Tchau?

D: Tchau!

Entrevista com a Flora

M: Vamos começar a entrevista agora, como é o seu nome?

FL: Meu nome é Fora

M: Você é surda?

FL: Sim, sou surda.

M: Você faz o Ensino Médio?

FL: Sim, faço o Ensino Médio.

M: Está cursando agora, certo?

FL: Sim, certo.

M: Vamos começar, serão três baterias. Agora a primeira bateria com a primeira imagem. O que você vê nesta casa?

FL: Vejo uma casa.

M: Uma casa. O que você sente ao vê-la ou o que acha dela?

FL: observa. Sobre o que na casa?

M: Olhe a imagem da casa, o que você sente ao vê-la ou que vem a sua mente ao olhar a imagem, pode ser um pensamento, um sonho, uma lembrança.

FL: Quando vejo esta casa, por exemplo, penso em minha casa própria, no fim dos meus estudos, porque eu falto pouco, quando falto é porque estou cansada do trabalho, mas eu vou estudar, as vezes é o professor que falta por causa de greve. Fico um pouco incomodada porque eu preciso me formar, terminar o Ensino Médio logo. Mas esperar, né.

M: Certo, mais alguma coisa?

FL: Só.

M: Só? Essa casa é igual a essa escola aqui?

FL: Só a casa, só.

M: Essa imagem é diferente da escola que estamos?

FL: Sim, é diferente.

M: Como é essa diferença?

FL: Por exemplo, na casa imagino/lembro minha família que não faz nada, minha mãe e outras pessoas conversam oralmente e não conversam comigo, eu só fico quieta e depressiva, sempre fico quieta. Converso pouco com Elton.

M: Quem é essa pessoa com sinal E DESIZANTE BOCHECHA CIMA P BAIXO?

FL: Este é o sinal do meu marido, nós conversamos pouco porque chamam ele para viajar, jogar bola, sair e eu tenho dozinha dele e paciência com ele.

M: Complicado, mas jóia, mais alguma coisa?

FL: só.

M: Certo, agora bateria um e segunda imagem.

FL: hum...

M: é um acidente

FL: sim, um acidente.

M: Observe a imagem o que é?

FL: Sim, sim, é um acidente.

M: Um acidente, mas como aconteceu este acidente?

FL: Sim, aconteceu um ano passado, em 2019, em setembro, era perto das 17h30 quando estava indo embora do trabalho. Meu marido foi me buscar, entramos no carro e colocamos o cinto, sempre colocamos o cinto de segurança. Estávamos na avenida colombo, paramos no semáforo o carro da frente parou e o de trás também. Só que o carro que estava mais atrás não diminuiu continuou rápido, meu marido percebeu eu não percebi, pois estava distraída. Ele me disse "Vai acontecer um acidente". Eu só segurei e senti a batida no carro atrás, ficamos bem. Foi só uma batida atrás do carro. Ficamos bem, só ficamos com a coluna dolorida, por causa pancada, meu marido com um pouco de dor na perna, mas melhoramos rápido.

M: Mais alguma coisa?

FL: só.

M: Só mesmo?

FL: Sim, só.

M: troca slide

FL: observa.... Várias frutas.

M: Isso mesmo, várias frutas.

FL: Várias frutas

M: Continue, o que mais?

FL: Eu gosto de várias frutas, faz bem à saúde, gosto de banana, maçã, todas. Só que tenho diabetes.

M: Como assim?

FL: Há uns 2 anos eu estava gorda pesando 67 quilos, me olhei bem, mas o tempo foi passando. acho que entrei em depressão. queria que meu trabalho passasse rápido e pensava no dinheiro que precisava. M: Nossa, como diminuiu!

FL: Sim, minha mãe tentou me levar ao médico, começou a fazer o teste de diabete, viu que estava com 500, minha mãe não pode fazer mais nada. Eu parei de comer maçã, não posso mais, só posso comer coisas básicas.

M: A maçã?

FL: Sim, o hormônio não combina com maçã e preciso comer a cada 3 horas, é bem difícil.

M: Você precisa comer de 3h em 3h ?

FL: sim, isso.

M: Ah!

FL: Até hoje é assim.

M: Vixi, entendi, mais alguma coisa?

FL: só.

M: Jóia, legal, a bateria um terminamos. Agora vamos começar a segunda bateria a primeira imagem, olha que bonita:

FL: Bonita mesmo! Muito top, dá pra imaginar e dá vontade de ir.

M: Deu vontade em você de ir?

FL: Sim, deu vontade

M: Nunca foi a esse lugar?

FL: Nunca

M: reflita na imagem imagine o que quiser sobre o que vê e diga com a sua língua - Libras

FL: Vontade viajar para outra cidade é difícil porque é difícil economizar dinheiro, a minha família não ajuda com dinheiro, eu tento, tento, tento, sonho! Tenho vontade de conhecer Foz do Iguaçu, de visitar.

M: Hum, legal! Mais alguma coisa?

FL: só

M: Agora a segunda imagem da segunda bateria.

FL: observa

M: Você conhece essa?

FL: O que é, casa?

M: Teve chuva e a barragem desmoronou sob as casas e todas foram destruídas

FL: LEMBRO SIM .

FL: Me lembro sim.

M: você viu na TV?

FL: Sim, deu muita dó, não lembro a cidade. Foi em Minas Gerais, é?

M: Certo.

FL: É Minas Gerais mesmo, trabalhei o dia todo e não fiquei sabendo, nem na hora do almoço eu vi, só quando cheguei em casa vi na televisão, que as águas invadiram a cidade e famílias morreram, outras estavam preocupadas com pessoas que estavam lá.

M: é?

FL: sim

M: lá em Minas Gerais?

FL: Sim, muito difícil para eles, muita dó das famílias.

M: É triste. Mais alguma coisa?

FL: não, só isso.

M: Jóia, agora a terceira imagem da segunda bateria. O que você percebe nessa imagem?

FL: É a NASA?

M: Parece?

FL: é um foguete

M: talvez pareça, sente alguma emoção ou imagina alguma coisa?

FL: eu imagino um foguete da NASA e que no futuro o mundo vai acabar, será?

M: Mas o foguete vai para onde?

FL: EUA - Estados Unidos

M: Se a terra será destruída, para onde o foguete irá? no espaço, para onde irá?

FL: Acho que para a lua.

M: Para a lua?

FL: Fico na dúvida, mas acho que sim.

M: Olhe essa imagem, veja a terra redonda e uma pessoa flutuando, viu? (aponta na imagem)

FL: Sim, ela está trabalhando.

M: A pessoa que está flutuando está trabalhando?

FL: Sim, ela está olhando a terra e cuidando dela, da energia, cuidando para que no futuro ela não seja destruída, ela está cuidando bem.

M: Hum, mesmo. Mais alguma coisa?

FL: só.

M: Jóia, muito bem, agora segunda bateria e terceira imagem. Opa! desculpe! Já é a terceira bateria e a primeira imagem. Essa bateria é difícil.

FL: observa. Sobre o que é?

M: Essa imagem é o desenho de um quadro, desenho de um pintor em quadro para colocar na parede, olhe (aponta para a imagem) O que você sente ao vê-la? Você sente algo bom ou ruim? Ou sente algo triste ou tortura ou outra coisa? Observe a imagem e diga o que descobre sobre o quadro.

FL: Parece sexo.

M: hum, é mesmo?

FL: é parece sexo.

M: mas por que parece sexo?

FL: Acho que a mulher é inocente, mas o homem está com vontade de ter relações sexuais e pensa no estupro, e a família dela não vê isso. Isso pode acontecer.

M: Por que o homem está desse jeito?

FL: Não parece, casa sozinha.

M: Essa foto ou o desenho?

FL: Nenhum, não parece.

M: Esse homem está bravo?

FL: acho que sim.

M: Mais alguma coisa?

FL: Parece que a mulher está quieta e o homem muito sério e bravo, mas tenho dúvida, não sei.

M: mais alguma coisa?

FL: só

M: Só? agora a segunda imagem da terceira bateria, pode olhar, refletir e imaginar, à vontade sinalizar.

FL: Vixi, difícil!

M: o que está sentindo ao vê-la? fique calma.

FL: observa. Difícil, não parece nada, não consigo.

M: Não consegue? Nada? Tudo bem, podemos pular, quer pular?

FL: Sim pode ser.

M: Jóia, ok, agora é a terceira imagem da terceira bateria.

FL: É um desenho antigo?

M: Sim, isso mesmo, pode falar se solte.

FL: Essa imagem é antiga, parece época macaco - idade da pedra -.

M: sim.

FL: Eu não vivi na época do desenho, eu não o vi.

M: então, o que é esse desenho?

FL: homem tem roupa diferente, não come nada, desenhou na parede porque inventou isso, ele parece ser pobre. Só. É difícil.

M: o que é isso? (aponta para imagem)

FL: parece um boi.

M: por que parece um boi?

FL: muito difícil, desculpe, não sei.

M: não sabe?

FL: não (agindo um pouco nervosa)

M: tudo bem, acabamos nossa entrevista sobre as imagens. muito obrigada Flaviane.

FL: por nada.

Entrevista com o Silvano

M: Espera só um pouco. Começando: casa homem, que cortou o que estava sinalizando.

S: Vejo uma casa construída com tijolos, com duas colunas, jeito diferente, novo e bonito. Casa com telhado triangular é coisa do passado, agora com a tecnologia é mais bonita. Gostei desse formato quadrado.

M: A casa é de madeira ou não?

S: A casa de tijolo (sinal no dente) todas as paredes e colunas de tijolo, duras. Você viu? Bonita.

M: Essa casa é igual a sua?

S: Não é igual, é diferente.

M: Como é a sua casa?

S: Minha casa é antiga, mas é difícil de trocar por questões financeiras. Eu tinha vontade de ter uma casa quadrada, grande com um andar em cima com banheiro, bem bonito, chique.

M: Legal!

S: Essa da imagem é bonita, está moderna com tecnologia, bonita, chique.

M: Mas como assim, tecnologia?

S: Quem construiu, de onde e quem copiou, não sei.

M: Hum, legal.

S: Você nunca viu uma casa assim quadrada desse jeito? Eu vou te mostrar qualquer dia. Aqui tem algumas, tem bastante dessas construções novas.

M: S, você pode ir um pouquinho mais para trás e para o lado direito? Ótimo. Mais alguma coisa? Não? Próxima imagem:

S: Só, perdi o raciocínio.

M: Não tem problema.

S: Ah! Eu amo as casas da Alemanha, com aqueles telhados grandes, amo, acho muito bonito. Lá em Santa Catarina tem, é muito bonito.

M: Verdade eu já fui lá é bem chique as casas de estilo alemão.

S: É tem sótão, nesses modelos. Bem bonito. Beleza.

M: Beleza. Agora outra imagem: o que você vê?

S: Outra imagem. Ok.

M: Você pode apertar a seta para passar a imagem

S: Qual? (olha no teclado), essa assim? (mostra em sinal com mão esquerda e direita)

M: Sim, pode apertar

S: Não sei, se eu errar? Vou chamar a S pode? Sou muito caipira.

M: Nada a ver, mas pode, pode sim.

S: (Desculpa) Ok apertado.

M: Qual imagem que você vê?

S: Espera um pouco, não consegui. (filha arruma a imagem) é a maçã?

M: Não, é um acidente.

S: Errada a imagem, já foi, calma vou olhar, culpa maçã pecado da Eva. (A imagem é a do carro e acidente) (filha arruma imagem)

M: Acidente, certo?

S: Certo, acidente.

M: Tem o carro amarelo e o carro vermelho, como você acha que aconteceu esse acidente?

S: Espera um pouco. O home está errado,

M: Por quê?

S: Pode ser que estava dirigindo e falando no celular,

M: Pode ser...

S: Ou com a cabeça longe, pensando em ou imaginando muitas coisas, ou depressão. Pode ser um desses três motivos.

M: No acidente o homem está errado, isso?

S: Isso, ele está errado. Pode ter acontecido também que uma mulher bonita passou e ele virou para olhar e bateu.

M: pode ser... você é engraçado. Já aconteceu acidente com você?

S: Já, já aconteceu de olhar para o lado e em seguida bater. Já aconteceu.

M: Quantas vezes?

S: Uma vez, o culto na igreja tinha acabado, saindo do estacionamento não consegui ver o carro atrás, dei ré e bateu. Eu tinha olhado no retrovisor, mas não vi, faltou atenção. Primeira coisa que precisa fazer ao ligar o carro: olhar no retrovisor, para evitar acidentes. . Estávamos em um estacionamento que um carro fica do lado do outro, sabe? Dois carros saíram ao mesmo tempo, eu e outro, ao dar ré bati. Duas vezes isso aconteceu.

M: Precisa ter cuidado. Mais alguma vez se envolveu em acidente?

S: Não, eu estava certo, o homem estava errado, ele bateu em mim, e precisou pagar o prejuízo. Já uma mulher também bateu na lateral, precisou pagar, já aconteceu assim três vezes.

M: Nas três vezes você está certo?

S: Sim, nas três vezes estava certo. Eu vou de carro para o CEEBJA, estaciono ali no cachorrão por volta das 18h. Foi ali que a mulher esbarrou no meu carro, passou estragando meu carro. Desci e perguntei o que foi isso? Ela estava apavorada, chorando. Avisei que era surdo, mais apavorada, ligou para o pai ou namorado, não sei. Eu chamei uma intérprete, vc conhece, essa (fez sinal). O carro foi para a funilaria, mas não ficou bem feito, ficou um pouco diferente a cor. Infelizmente.

M: Mais?

S: espera um pouco, eu com o fusca zero, não tinha nenhuma marca, nenhuma batida,

M: Que ano era o fusca?

s: Quando tinha um bebê, NÃO ENTENDI A NUMERAÇÃO fiquei bem triste quando vendi, o motor era 1.6 andava muito bem. Pegava subidas, era muito bom.

M: Nossa, que legal!

S: O conserto era barato, agora o gol? O conserto é caro, gasta muito.

M: Paciência

S: O meu fusca era 1976.

M: E o gol, qual ano?

S: O gol é 2005. Estou com ele há 12 anos. Vou vender e desisto. Muito difícil ele colou.

M: legal! Agora mais alguma coisa ou vamos para a próxima imagem? Clica para ir para a próxima que é a maçã.

S: (aperta o botão mas não consegue, a filha aparece e ajuda) beleza, maçã.

M: Uma maçã, o que você vê na maçã?

S: Eva?

M: Pode ser, me explica.

S: Adão estava sozinho e triste, Deus viu, Adão via os animais em pares, juntos. Deus fez Adão dormir tirou uma costela dele e fez a Eva. Os dois se encontraram e conversaram. Em uma árvore tinha uma cobra que ficou na cabeça de Eva. Eva não queria, mas a cobra persistiu que abriria sua mente, Eva aceitou e mordeu a maçã. Os olhos se abriram que ela viu que estava nua. Eva foi oferecer a Adão, mas ele não queria, até que Eva também o convenceu e ele também

mordeu a maçã. Deus chamou Eva, Adão e eles não apareceram, por isso desconfiou: eles pecaram. E assim começou o sofrimento.

M: Be legal, história da Bíblia.

S: Isso.

M: E você gosta de maçã?

S: Sim, gosto. Faz bem para a saúde, mas o médico me disse que posso comer só meia maçã. Sabe por que? Porque sou ressecado, aí o médico disse que não posso comer uma inteira. Entende.

M: Nossa! Entendi. Mais alguma coisa? Tem mais imagens ainda.

S: É gostoso bater maçã no liquidificador com leite, banana, mamão, é muito bom, bem gostoso.

M: Não acrescenta o açúcar?

S: Sim, um pouquinho de açúcar. Ou pode ser maçã com aquele doce vermelho que coloca no palito e fica duro, sabe?

M: Ah, aquele de criança?

S: É, esse mesmo. Não lembro o nome, sempre vejo, mas o nome, não lembro. Ou ainda pode deixar os bichinhos da maçã para adoçar, o que acha? Depende, aceita?

M: Verdade, melhor tirar.

S: Ah, tem um país Argentina, as maçãs argentinas são deliciosas, vermelha que enche os olhos, uma delícia e é mais cara. No mercado cidade canção fui comprar, mas não pude, porque estava muito caro. As macieiras na Argentina são bem famosas, um amigo meu disse que já foi visitar e pegou direto do pé.

M: Legal!

S: Você já comeu maçã argentina?

M: Já, mas não tirada do pé na hora.

S: Entendi. Eu nunca fui lá.

M: Eu já, lá é bem parecido com aqui, é mais ou menos. Agora vamos continuar

S: desculpa te cortar ...

M: não tem problema nenhum. Aperta a seta para baixo agora.

S: (não consegui, espera que ela vai colocar)

M: é a foto de uma cachoeira

S: calma. É lindo, limpo. (você viu que bonito?) Onde é essa cachoeira? É em outro país?

M: Não sei...

S: Dá vontade de ir lá mergulhar e nadar, eu quero!

M: O que você sente ou imagina com essa imagem?

S: É uma água natural, relaxa corpo e mente, uma delícia, muito bom. Também sentir essa queda d'água é como sentir uma massagem no ombro. É uma água limpa.

M: Dá para beber essa água?

S: Dá? Não sei, nunca fui. Quero mudar minha casa para este lugar, que alívio que seria! Delícia.

M: Que chique, legal!

M: Mais alguma coisa ou pode passar

S: Mais? É um lugar bom para passear com a família em um fim de semana mais a trilha para chegar até ela. Eu amo, sou bem curioso. Mas pode ter cobra, ou outro animal como onça, pode ser, porco do mato. Nas árvores verdes com folhas caídas podem ter cobra escondida, camufladas porque a cor é da mesma cor da árvore e é fácil confundir. Pode ter macaquinhos bonitinhos, papagaios, araras, de várias cores, muito bonito.

M: que legal! Você imagina assim?

S: Sim, ah, será que tem jacaré? Não sei.

M: Acho que tem

S: Será? Não sei. Amo, adoro! A água pode ser bem funda, eu sei nadar, mas não muito bem. Consigo até onde a água bate no meu peito, acima da cabeça já não consigo.

M: Entendi. Mais alguma coisa?

S: Pode passear de barco a remo, caiaque, gosto também, ver a paisagem bonita. Sou bem curioso. Você já foi em Foz? Lá tem esse passeio.

M: Já fui em Foz,

S: Só um pouco... dá para colocar uma rede, fazer um churrasco. Cachoeira é legal, bom para passear, mas a noite tenho medo. Só com a lanterna. Dá pra fazer vigília de oração, com fogueira. Muito bonito.

M: Próxima imagem

S: Só apertar? (filha ajuda) é em Minas?

M: Não sei.

S: tem como abrir e deixar a imagem maior? Espera um pouco. Choveu e aconteceu uma enchente.

M: Minas está certo.

S: Pode começar? Aconteceu muita chuva e a água subiu o nível, invadindo as casas e destruindo tudo, muitas casas foram destruídas. Pode ter acontecido por causa do lixo jogado nos rios, precisa jogar no lugar certo e manter limpo. Ou pode ser o que aconteceu em Minas, que a água subiu e a construção da empresa quebrou e a água foi destruindo a cidade, casas destruídas, muitas pessoas mortas. Ficaram soterradas pela lama, não foi possível encontrá-las, procuraram, para o resgata, mas nada. Isso aconteceu duas vezes. Erro de alguém, na construção, na estrutura no ferro(mineradora), mas não lembro.

M: Ferro como assim?

S: É terra que mistura com um material cinza, é uma fábrica. Não lembro o nome certo.

M: Triste isso. De forma resumida, mais alguma coisa?

S: Não lembro, só lembro o que sinalizei. Vou ver sobre e decorar depois te explico mais, ok?

M: Ok. Próxima imagem, você viu?

S: é a água em um círculo...

M: Não, é o mundo e uma pessoa fora...

S: não é água? Tenho que apertar para baixo, deu problema, espera aí...(vai chamar filha) Nossa! O mundo enorme e a pessoa pequenina. Beleza. O homem foi para o espaço com um foguete para consertar satélite, que envia sinal de telefone, televisão para toda a Terra. Entendeu?

M: Você tem vontade de ir lá igual ele?

S: Eu não! Tenho medo,

M: Por quê?

S: Porque tenho medo, medo de cair de lá do espaço. O salário é bom,

M: sim, o salário é bom,

S: Mas eu não consigo. E você, M tem coragem?

M: Lá longe, no espaço... não.

S: Eu também, lá não tem ar

M: Eu estou fora. O que mais?

S: eu lembro que vi no jornal que um foguete na hora do lançamento explodiu. Faz tempo isso, não lembro, mas acho que cinco pessoas morreram.

M: Nossa. Mais alguma coisa?

S: Sei que fora da Terra não tem gravidade, fica igual amortecedor do carro pra cima e pra baixo, (26:29 – 26:31). Dá para pensar em várias, mas... eu não sei quantos dias os astronautas ficam no espaço, não sei.

M: Parece que são meses... não sei

S: certo.. nossa! A Terra grande impressiona.

M: Ok, passamos a imagem ou tem mais dessa?

S: Tem mais, só um pouco. Meteoros vem do espaço, penso que seja frio. Nos Estados Unidos tem surdo que trabalha com conserto de naves, a V me contou. O sinal dele era assim (igual de feijão) era de idade e já morreu.

M: Nossa que difícil! Consertar é difícil.

S: Sim é difícil, ele era muito inteligente. Depois quando você encontrar a V ela te explica.

M: Ok! Vamos para a próxima imagem. Falta só um pouco. Conseguiu?

S: Ainda não, espera (sai chamar a filha) é uma menina?

M: Isso, o que você sente e vê?

S: Vou ler o que está do lado da imagem. O homem estuprou ela?

M: Não sei, o que você acha?

S: Acho que sim,

M: O que você imagina, vem a sua mente? Sinaliza se sente alguma emoção ou não,

S: O homem é mau só queria ereto, introduzir o pênis(sinal do tempo 30:10 – 30:15) e gozar para sentir alívio, usou a violência para isso.

M: Por isso a mulher está abaixada em silêncio?

S: A mulher é bonita, está com medo, o homem está ali a vigiá-la, eu acho que é isso. Qual a sua opinião?

M: Eu não posso opinar, é só você, você reflete e sinaliza.

S: ah! Ele bateu nela, eu estou lendo o texto para ver se me ajuda, mas parece que não. Olha o homem, ele está com a mão no pênis, (aponta na imagem)

M: O que mais?

S: A maioria dos homens comete violência sexual, porque o homem tem essa necessidade de ejaculação e a relaciona com o alívio, e quando não consegue

usa da violência para conseguir, igual na imagem. Essa ejaculação é igual matar, igual. Muitos homens por aí fazem isso, eles têm doença mental, são tarados.

M: O que mais?

S: Estou pensando, ah! A mulher quando vai no centro não pode usar uma roupa com decote porque isso chama a atenção dos homens, e eles podem pegá-las. Também melhor evitar usar roupa curta, por causa dos tarados. Precisa tomar cuidado, roupas discretas, porque é muito perigoso. Melhor usar roupa discreta do que ser pega, colocada num carro e levada. Mulher não pode andar sozinha na rua, porque homem pode pegá-la, bom andar sempre em grupo. Sozinha não porque é muito perigoso. Homem é violento.

M: Muito bem, vamos passar a imagem.

S: Vamos passar, só um pouco que estou pensando.. as mulheres têm medo, depressão, quando um homem se aproxima fica com medo, fico arrepiado, essas mulheres precisam de ajuda psicológica, tratamento. As mulheres têm começar a treinar artes marciais como defesa pessoal, quando um vierem se defende, ou ter porte de arma. Assim elas podem sair tranquilas. A mulher é mais fraca e o homem é forte, por isso se aproveita. Antes não havia tanto, agora está pior. Não é bom usar decote, melhor evitar. Não é bom usar calcinha fio dental e calça marcando, melhor evitar. Porque os homens olham e ficam fissurados. Começa seguir igual um cachorro no cio.

M: Verdade, vamos para a outra imagem. Falta essa e mais uma só, depois acabamos. Clica pra passar

S: Ok. (saiu chamar filha)

M: Está vendo uma imagem toda abstrata?

S: Sim, estranha.

M: A maioria não consegue essa, ela é muito difícil. Tenta sinalizar alguma coisa.

S: É um desenho? Não dá pra entender, difícil. É um mundo, com os seus países. É o movimento de translação da Terra. Não sei mais.

M: É difícil, tranquilo, vamos para a última.

S: Eu aperto aqui, você sabe mexer bem?

M: Mais ou menos, conseguiu?

S: Beleza, (saiu chamar a filha) desculpa eu erro.

M: Não tem problema, o que você vê na imagem?

S: Vejo terra

M: Como? Não vê um boi?

S: Ah! Verdade não tinha percebido! É o desenho de um boi. Acho que é um boi da África, não sei mais,

M: Por que esse desenho do boi?

S: Ah! É desenho na pedra?

M: Sim...

S: Ah, está esculpido, eu pensei que era na terra, mas é na parede.

M: Em que época foi isso, passado ou há muito tempo?

S: Há muito tempo, não sei, acho que é sim.

M: Como foi feito esse desenho?

S: As pessoas do mundo, o povo desenhava sobre o que vivia árvores, comida, terra, acho que isso foi na África há muito tempo ou foi feito pelos indígenas,

M: Pode ser...

S: Pode ser? Então, pode...como fizeram um desenho tão profissional? Já vi em jornais mas não lembro, em que país? Na Bolívia acho que tem desses desenhos. Só.

M: Muito obrigada!

S: Por nada.